

*Colônia de Férias
de Torres - R.G. Sul -
1956*



*Lembrança de Torres -
Setembro 1956*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Colônia de Férias de Torres
Rio Grande do Sul 1956



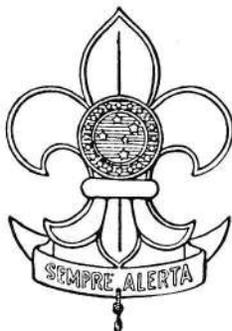
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Rio Grande do Sul
Colônia de Férias de Itai
1946/1947



UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

PADRÕES DE ACAMPAMENTO



RIO DE JANEIRO
— 1960 —

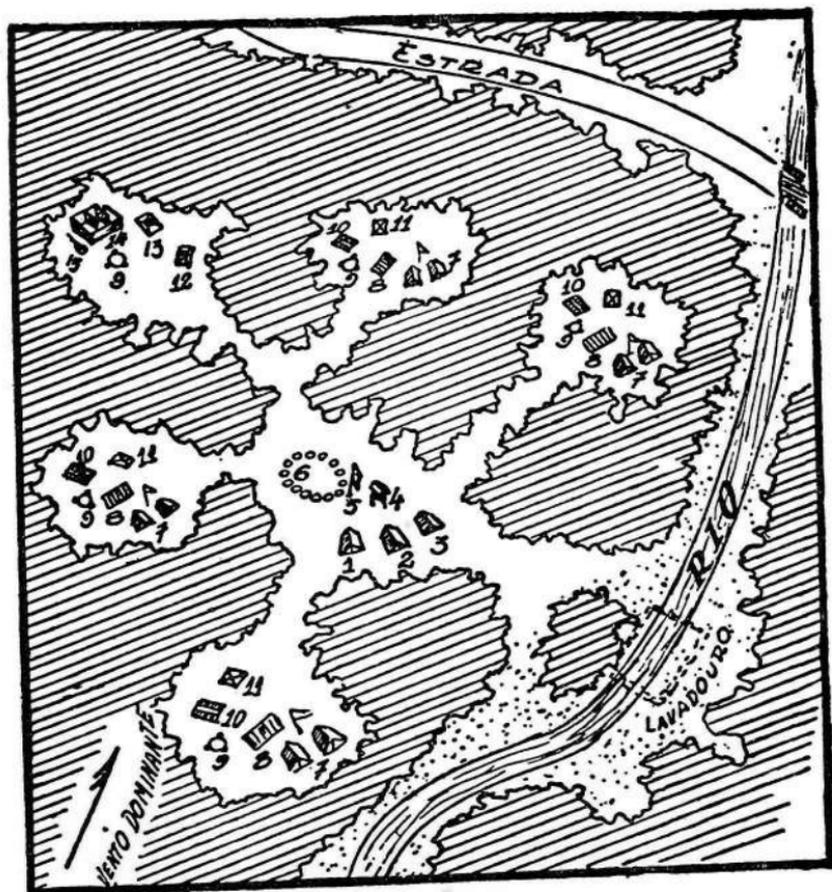
PADRÕES DE ACAMPAMENTO



Traduzido do folheto "Standard Camping"
da "The Boy Scouts Association"

EDITORA ESCOTEIRA

2.ª EDIÇÃO — 5.000 EXEMPLARES



- | | |
|--------------------------------|-------------------------|
| 1 — Barraca-Enfermaria. | 8 — Refeitório. |
| 2 — Barraca do Chefe. | 9 — Bacia. |
| 3 — Barraca-Intendência. | 10 — Cozinha. |
| 4 — Quadro de avisos. | 11 — Fossa de gorduras. |
| 5 — Bandeira. | 12 — Fossa. |
| 6 — Bancos — Fogo do Conselho. | 13 — Incinerador. |
| 7 — Barracas das Patrulhas. | 14 — Latrina. |
| | 15 — Mictório. |

PARA OS CHEFES

Leia êste folheto cuidadosamente. Nêle você encontrará só o essencial sôbre um bom acampamento escoteiro. O assunto não fica, pois, esgotado. Por leituras mais amplas e pela experiência, você poderá completar e, possivelmente, modificar alguma coisa, desde que tenha sempre o cuidado de não deixar baixar os padrões estabelecidos.

Êste folheto é um incentivo e um convite para alcançar os padrões desejados. Procure dirigir o seu próximo acampamento de acôrdo com estas diretrizes.

PARA OS COMISSÁRIOS

Quando visitar um acampamento procure verificar se êstes padrões foram alcançados. Mostre, particularmente, ao Chefe suas falhas e recomende as diretrizes dêste folheto.

PADRÕES DE ACAMPAMENTO

I — ANTES DO ACAMPAMENTO

1 — **Adestramento** — Nenhum Chefe deve dirigir um acampamento sem ter tido antes alguma forma de adestramento. Êste adestramento pode ser conseguido tomando parte num bom acampamento, dirigido por um Chefe experimentado ou freqüentando um acampamento do Curso de Insígnia de Madeira. Deve, no entanto, ser completado pela leitura de bons livros sôbre o assunto, pela conversa com outros Chefes, sôbre suas experiências e pela freqüência a tôdas as reuniões e conferências, sôbre acampamentos, que forem realizadas em sua Região ou Conselho Local.

Também os escoteiros precisam de ter algum adestramento antes de acampar. Esta preparação deve ser iniciada o mais cedo possível. As provas de Segunda Classe, de Primeiros Socorros, Fogueira e Cozinha, são o princípio dêste adestramento. Nas reuniões de sede e nas épocas de menor atividade devem ser praticados os seguintes assuntos: cozinha, lavagem e limpeza do material de mesa e cozinha, como preparar o leito, como cuidar das barracas, armar e desarmar barracas, saúde e higiene no acampamento, qual o material individual e como cuidar dêle.

NUNCA SERÁ EXCESSIVA A IMPORTÂNCIA QUE DERMOS A ÊSTE ADESTRAMENTO PRELIMINAR. Não vá para um acampamento sem ter feito esta preparação técnica cuidadosa de todos os acampadores.

2 — **Adestramento Progressivo** — Quando todos estiverem safos nos assuntos mencionados no item anterior, pode-

remos começar a prática do acampamento. Primeiro, um acampamento de fim de semana dos graduados, sob a direção do Chefe. Depois, um acampamento de fim de semana de toda a tropa. Depois, cada Patrulha fará um ou dois acampamentos de fim de semana, sozinho. Cada escoteiro, portanto, deve ter acampado três vezes e cada monitor, quatro vezes, antes do grande acampamento anual. É claro que nenhum destes acampamentos de fim de semana deve ser realizado sem o conhecimento e completa aprovação dos pais, e nos Grupos pertencentes a igrejas ou outras entidades patrocinadoras, sem a aprovação do Vigário ou autoridade controladora.

3 — Tipo de Acampamento — Um acampamento escoteiro é alguma coisa mais do que umas férias agradáveis. B. P. dizia ser "a grande oportunidade de Chefe". Para que? **Para fazer escotismo.** Para pôr em prática todas as coisas compreendidas pela palavra Escotismo. "Acampamentos grandes", dizia B. P., "são maus sob o ponto de vista do adestramento escoteiro". O acampamento escoteiro ideal é feito por patrulha. Cada Patrulha é uma unidade separada: acampa sozinho, faz sua própria comida e basta-se a si mesma. Quando se trata do primeiro acampamento de tropa, pode ser aconselhável ter uma cozinha central, tendo cada patrulha seu dia de trabalho, mas o ideal a atingir é o acampamento de tropa por Patrulha.

Não é, de forma nenhuma, aconselhável realizar acampamentos mixtos de Lobinhos e Escoteiros ou de Escoteiros e Pioneiros. **Só em casos excepcionais e com o consentimento especial do Comissário Distrital, será permitido aos lobinhos acampar com escoteiros.** Quanto aos Pioneiros, só será permitida sua presença em acampamentos de Escoteiros, se tiverem definidos encargos de trabalho a realizar, cuidando-se, sempre, para que eles não se encarreguem de responsabilidades que são parte do adestramento dos Monitores.

4 — **P. O. R.** — Antes de qualquer providência para o seu grande acampamento anual, leia e releia as regras do P. O. R., transcritas no apêndice H. Estas regras devem ser rigorosamente cumpridas como parte importante do Grande Jogo Escoteiro, o Jogo de Acampar. Estas regras tratam de **Segurança e Cortesia**. Converse sôbre o assunto com o Comissário e outros Chefes experimentados.

5 — **Assistente** — Procure saber desde já, com o seu Sub-Chefe, com os Pioneiros ou com antigos Escoteiros do Grupo, se você poderá contar com o auxílio dêles, para a direção do acampamento que está sendo organizado. **Nenhum Chefe deve acampar sem o auxílio de um adulto.** Para que o Chefe possa cuidar do bem estar geral do acampamento é preciso que os seguintes encargos fiquem sob a responsabilidade de outras pessoas:

Intendente — Comprar os gêneros, verificá-los, fornecê-los às Patrulhas, cuidar da limpeza da barraca da intendência, cobrir ou embrulhar os alimentos armazenados, etc.

Enfermeiro — Se o Chefe não é perito em primeiros socorros, deve haver alguém com essa qualificação.

Sanitarista — Para supervisionar tôdas as construções e precauções sanitárias, como latrinas, locais de lavagem, fossas, etc.

6 — **Local** — Dependendo naturalmente dos fundos obtidos para custeá-lo, o local do acampamento deve ser o mais distante possível da sede. Mas é necessário que o acampamento fique em local cujos aspectos, condições e ambiente sejam diferentes dos habituais e próximos da sede (Longe, diferente e desconhecido, é igual a aventura e romance). Procure o campo aberto onde haja bastante terreno para a prática do Escotismo. Evite as praias de frequência popular e locais muito visitados. O mar não é uma necessidade, mas se a tropa não tem próximo à sede as

facilidades necessárias para a aprendizagem da natação, então o acampamento deve prever estas facilidades (leia de novo as regras do P. O. R.). O local previsto deve satisfazer as seguintes condições:

I — **Água** — bem próxima e abundante, para beber e para a limpeza.

II — **Solo** — Evite o barro, que é impermeável, para que as águas e a urina possam se infiltrar com facilidade. Evite a areia solta que não dá segurança às construções. Evite os solos muito duros ou enredados de raízes grossas, onde cavar fossas seja um trabalho penoso.

III — **Situação** — É desejável boa proteção contra os ventos dominantes. Não acampar muito perto das árvores. Evitar as palmeiras, coqueiros e outras árvores que possam desprender, inesperadamente, galhos, frutos pesados ou folhas lenhosas. Que o local seja batido pelo sol parte do tempo.

IV — **Lenha** — Escolha um local onde haja, se possível, grande quantidade de lenha, não só para a cozinha, como para os trabalhos de pioneira e construções de campo.

V — **Alimentos** — Verifique, previamente, se os gêneros alimentícios podem ser obtidos com facilidade, principalmente quanto ao leite, ovos, manteiga, frutas, legumes, etc.

Visite você mesmo, antes, o local. Não se fie em opiniões de segunda mão. Durante a sua visita observe os seguintes pontos:

I — IMAGINE COMO O LOCAL PODE FICAR SOB AS PIORES CONDIÇÕES DE TEMPO.

II — Procure o fazendeiro ou o proprietário das terras, para pedir a necessária permissão. Ele pode também informar sobre o transporte e a alimentação que são obtidos no

local. Verifique com cuidado se na época do acampamento o local não vai ser usado por outras pessoas ou por animais.

III — Apanhe o endereço do médico, das lojas, etc. da vila mais próxima.

IV — Procure e peça, se possível, a opinião do Comissário ou do Chefe local sobre o lugar escolhido. Se isto não fôr possível, escreva para o Comissário pedindo sua opinião, antes de escolher definitivamente, o local do acampamento. O HOMEM DO LUGAR SABE MAIS DO QUE VOCÊ SOBRE O LOCAL, PONTOS QUE OFERECEM SEGURANÇA PARA BANHOS, ETC.

V — Faça um **croquis** do local e ponha-o no quadro de avisos da tropa, para facilitar o planejamento da "planta" do acampamento.

VI — Estude um bom mapa da região para vêr as possibilidades existentes para a realização de excursões, explorações, grandes jogos, etc. Quanto mais informações você puder obter sobre o local e seus arredores, melhor será planejado o acampamento.

7 — **Material** — O material a preparar pode ser classificado em quatro grupos.

1.º — Material geral de acampamento, material de cozinha, barracas, etc.

2.º — Material pessoal do escoteiro.

3.º — Material pessoal do chefe.

4.º — Material para adestramento escoteiro.

Nos apêndices dêste folheto damos as listas dêsse material, para lembrança e verificação.

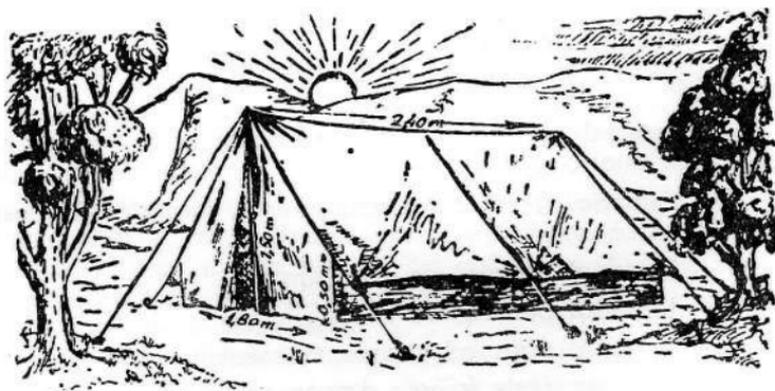
Não deixe chegar o último momento para reunir todo o material. Aproveite os períodos de menor atividade para começar a juntar ou a renovar o seu equipamento.

O artigo mais caro é a barraca. Provavelmente, no início, você poderá pedi-las emprestadas, mas tenha como objetivo

comprar suas próprias barracas, até ter o número suficiente para toda a tropa.

Trabalhe à base de patrulhas de modo que cada uma delas possa ter o próprio equipamento, pelo qual será responsável. Isto simplificará, também, os acampamentos de patrulha.

As melhores barracas são as de capacidade para quatro escoteiros (meia patrulha), com mais de quatro metros quadrados de área coberta, paredes de quarenta e cinco centímetros, tetos em duas águas em ângulo e abas passando as paredes, com a altura central de pelo menos um metro e quarenta. Se se acrescentar um segundo teto, acima e separado do primeiro, a barraca poderá agüentar qualquer espécie de tempo. É bom lembrar que cada escoteiro precisa de um metro e oitenta por sessenta centímetros de área da barraca.



Também será necessária uma barraca para os Chefes. Nenhum Chefe deve dormir na barraca de escoteiros e vice-versa.

Deverá haver, também, uma barraca de intendência, para os gêneros e uma barraca-enfermaria, para os escoteiros que adoecem e precisam repousar.

Procure acampar onde houver um celeiro ou galpão, utilizável nos dias de mau tempo. Se isto não fôr possível, então é aconselhável ter uma grande barraca onde todos os acampadores possam se reunir.

Antes de ir acampar faça com que seus escoteiros aprendam e pratiquem o armar e desarmar barracas e dê alguns conselhos sôbre como cuidar delas.

Dê-lhes, também, bastante prática sôbre como fazer o leito e como arrumar a mochila. Ensine, também, como limpar e levar as panelas, etc. As listas de material encontradas no apêndice, mostram o que é necessário no acampamento além das barracas. Deve-se tomar o cuidado de verificar se todo o material necessário já foi conseguido antes do acampamento e se está cuidadosamente guardado. Periódicamente, os Monitores devem fazer um inventário e ver quais os consertos e reparos necessários. Muita atenção com as barracas e panelas. Os consertos correntes, como substituição de cabos, etc., devem ser incluídos como parte da reunião de sede.

8 — Pais — Assim que os arranjos sôbre o local estiverem terminados e tôdas as permissões necessárias conseguidas, deve ser enviada uma carta aos pais dando completas informações sôbre o acampamento.

Esta carta deve incluir as seguintes informações: locais, datas, lista do equipamento necessário e quota individual.

Calcule a quota por escoteiro incluindo a quantia para dar boa e abundante alimentação. Adicione o custo dos transportes (pessoal e equipamento), mais as despesas necessárias para qualquer excursão e uma pequena soma para despesas eventuais.

A carta deve, também, incluir um impresso para ser preenchido pelos pais, declarando que o rapaz goza boa saúde e juntando, no espaço vago, qualquer informação especial que julguem necessário trazer ao conhecimento do Chefe. Uma visita pessoal aos pais é excelente, principal-

mente quando o escoteiro vai acampar pela primeira vez. Assim todos os problemas e dificuldades podem ser discutidos e a confiança será ganha.

9 — **Transportes** — As Estradas de Ferro costumam oferecer descontos para grupos de excursionistas ou acampadores. Em regra geral é necessário solicitar êsse desconto por ofício ou requerimento, sendo bom pedir com um mês de antecedência. Não deixe isto para última semana. Naturalmente quanto mais informações você puder dar sôbre sua viagem (número de pessoas, volume de carga a ser despachada, estação em que pretende saltar, etc.), melhor será o serviço que a Estrada de Ferro poderá oferecer. Se o local do acampamento é distante da estação, será necessário arranjar uma carroça ou caminhão para levar o equipamento pesado. É bom que isto já tenha sido combinado na sua visita ao local. Não deixe isto para o último minuto. Talvez seja possível despachar os volumes mais pesados com antecedência. Isto poderá evitar dificuldades e diminuir as despesas.

10 — **Refeições** — O cardápio das refeições do acampamento deve ser preparado com antecedência, assim como as listas dos gêneros com as quantidades a comprar, para que se não perca tempo com êste assunto durante o acampamento, (veja apêndices **F** e **G**). Procure ter uma enorme variedade de alimentos e tanto leite, frutas e verduras quanto fôr possível. Evite alimentos enlatados. Se houver bastante adestramento sôbre cozinha nas atividades anteriores, não haverá dificuldades em conseguir excelentes e saborosas refeições. Lembre-se que deve haver não só variedade de alimentos como também variedade na maneira de prepará-los. Deve haver em cada acampamento uma oportunidade para que cada escoteiro prepare sua refeição à moda mateira.

11 — **Programas** — É importante que um completo esquema das atividades de **cada dia** seja preparado **antes** do acampamento. Isto deve ser feito em reunião de Monitores. Tenha como objetivo dar a cada escoteiro acampado a oportunidade de subir, ao menos, um degrau no seu Escotismo antes do fim do acampamento.

Programas a escolher

A

- 6,30 — Os cozinheiros de dia se levantam.
- 7,00 — Alvorada e higiene matinal.
- 7,30 — 1.^a refeição (pequeno almoço ou café reforçado).
- 8,00 — Hastecamento da Bandeira — Preces — Avisos.
- 8,15 — Limpeza do material — Limpeza das barracas e do chão, arrumação do material individual, arejamento do leito e cobertores.
- 9,00 — Inspeção.
- 9,15 — Atividades escoteiras.
- 11,30 — Tempo livre — Almoço — Limpeza do material de mesa e cozinha e descanso obrigatório.
- 14,30 — Grandes jogos.
- 17,00 — Tempo livre — Jantar — Limpeza do material de mesa e cozinha e descanso. (Às 18 horas a patrulha de serviço faz o arriamento da Bandeira).
- 20,00 — Fogo do Conselho — Uma hora já é duração bastante. Uma boa palestra pode substituir as canções e coros habituais.
- 21,00 — Bebida quente — Deitar.
- 21,30 — Apagar as luzes e silêncio.

NOTA: — Depois de apagadas as luzes deve haver silêncio e em nenhuma hipótese deve haver qualquer ruído depois das 22 horas.

B

- 6,30 — Os cozinheiros de dia se levantam.
- 7,00 — Alvorada e higiene matinal.
- 7,30 — 1.^a refeição (pequeno almoço ou café reforçado).
- 8,00 — Hasteamento da Bandeira — Preces — Avisos.
- 8,15 — Limpeza do material — Limpeza das barracas e do chão, arrumação do material individual, arejamento do leito e cobertores.
- 9,00 — Inspeção.
- 9,15 — Tempo livre — Almoço — Limpeza do material de mesa e de cozinha, descanso obrigatório.
- 12,30 — Excursão — Grandes jogos ou trabalho de pioneria (levar merenda).
- 17,00 — Tempo livre — Jantar — Limpeza do material de mesa e cozinha, descanso. (Às 18 horas arriamento da Bandeira).
- 20,00 — Fogo do Conselho.
- 21,00 — Bebida quente — Deitar.
- 21,30 — Apagar as luzes e silêncio.

O programa **B** deve ser escolhido quando queremos realizar atividades à tarde, de maior duração (12,30 às 17 horas), em lugar dos dois períodos de atividade escoteira do programa **A**. Esses programas podem ser variados de acôrdo com a conveniência e as atividades programadas, podendo ter períodos mais longos de atividades pela manhã ou mesmo excursões ou jogos escoteiros que durem o dia inteiro. Quando fizer programas dêsse tipo pense bem sôbre o problema das refeições, de modo que o escoteiro esteja sempre bem alimentado. Limpeza do chão, arejamento do leito e limpeza do material de mesa e de cozinha **imediatamente** após as refeições, são padrões tão importantes quanto o hasteamento da Bandeira, e a inspeção não deve ser eliminada do programa sem uma razão muito forte. Quando fizer modificações num dia, sôbre o horário da alvorada ou

do silêncio, faça, também, a compensação no horário do dia anterior ou posterior, de modo que haja sempre 9 horas para o sono.

O acampamento é o lugar ideal para o treinamento da Primeira Classe e só no preparo destas provas haverá uma grande variedade de atividades à disposição. As Especialidades podem, também, concorrer para a realização de outras atividades: Acampador — Pontoneiro — Salva-Vidas — Seguidor de Pistas — Naturalista — Astrônomo — Guarda Florestal — Etc.

OS ESCOTEIROS DESEJAM PRATICAR ESCOTISMO E NÃO REPOUSAR. LOGO VOCÊ DEVE ENCHER TODO O TEMPO DE ACAMPAMENTO COM MUITAS, VARIADAS E REAIS ATIVIDADES ESCOTEIRAS.

Deixe, também, certo tempo para que os escoteiros explorem à sua vontade as proximidades do local do acampamento.

PREPARE-SE PARA OS DIAS DE CHUVA E MAU TEMPO. Tenha **prontos** alguns programas substitutos para que o mau tempo não pegue você desprevenido.

Quando os programas estiverem prontos, faça uma lista do material necessário para as atividades programadas, reúna este material e não se esqueça de mandá-lo, também, para o acampamento.

12 — **Instruções Finais** — Quinze dias antes do acampamento mande aos pais dos escoteiros já inscritos, as informações finais completas e necessárias: o endereço do acampamento, ponto de reunião, local e hora da partida, combinações para a alimentação durante a viagem, hora provável da volta e uma cópia do regulamento do acampamento. Este regulamento deve ser simples, incluindo assuntos como: precauções sobre porteiras e cercas, regras sobre banhos de mar ou rio, aviso ao Chefe antes de sair do acampamento, uso do uniforme fora da área definida etc.

SUMÁRIO

- 1 — Preparar-se e preparar os escoteiros durante os meses de menor atividade.
- 2 — Realizar **acampamentos de fim de semana** preparatórios.
- 3 — Objetivar o acampamento pelo **Sistema de Patrulhas**.
- 4 — Conhecer as **regras do P. O. R. sôbre acampamento** e aferrar-se a elas.
- 5 — Conseguir o auxílio de **adultos**.
- 6 — Visitar o **local** e tomar informações.
- 7 — Reunir o **material** necessário.
- 8 — Obter **tôdas as permissões** necessárias e o consentimento **escrito** dos pais.
- 9 — Arranjar os **transportes**.
- 10 — Preparar os **cardápios**.
- 11 — Preparar os programas de **atividades** para o **bom e mau tempo**.
- 12 — Dar tôdas as **informações** aos pais.

II — NO ACAMPAMENTO

1 — **Planta de instalação do acampamento** — Quanto mais cedo puder chegar ao local com os acampantes, mais fácil será a instalação de um acampamento confortável. Não recomendamos o hábito de mandar alguns previamente para instalar o acampamento, porque desta maneira os escoteiros perdem uma parte preciosa de seu adestramento. A planta de instalação do acampamento pode ser previamente traçada pelo mapa ou **croquis** feito na visita ao local e as tarefas e encargos distribuídos antes da partida.

Ao fazer a planta do acampamento tenha em mente os seguintes pontos principais:

I — Cada Patrulha acampa como uma unidade. Cada acampamento de Patrulha deve ficar, se possível, fóra das vistas dos outros e não muito próximo de qualquer dêles.

II — Barraca do Chefe no centro, com o mastro para a Bandeira e o Quadro de Avisos do acampamento nas proximidades.

III — Cada cozinha próxima do acampamento da mesma patrulha. (Veja ponto 3 a seguir). O local da cozinha deve ter de 4 a 5 metros quadrados e cercado por um cabo.

IV — Latrinas e fossas, nos lugares mais convenientes, a favor do vento e no máximo a cerca de cem metros do acampamento. (Veja ponto 2 a seguir). Poderá ser usada à noite, uma lanterna se, bem protegida, fôr conservada acesa, principalmente nas noites mais escuras.

V — Barraca-Enfermaria e Barraca-Intendência, na sombra, próximo da barraca da Chefia.

VI — Incinerador principal a favor do vento. (Veja ponto 4 a seguir).

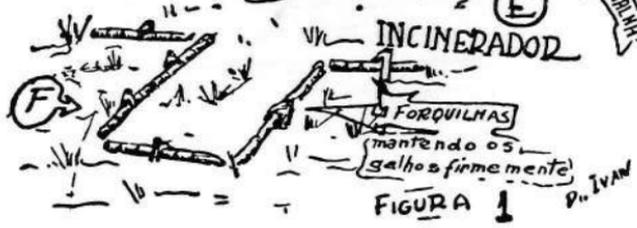
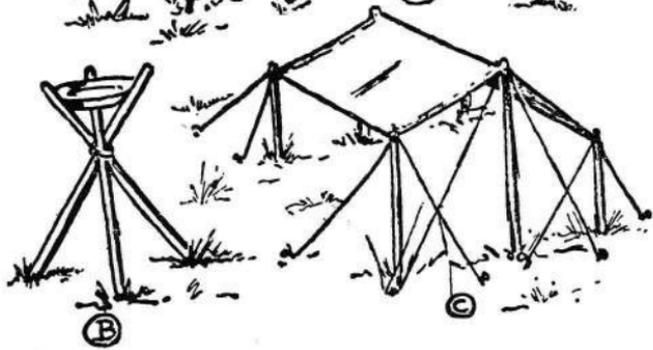
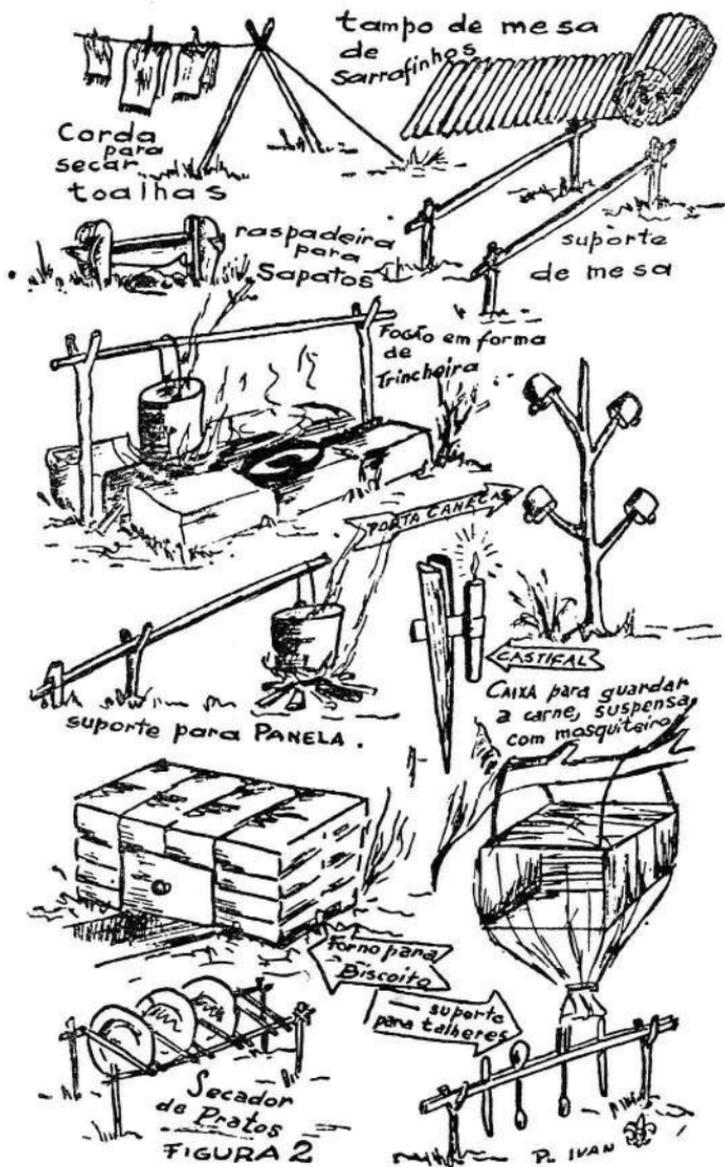


FIGURA 1 P. IVAN



VII — Local de lavagem do material e água para beber tão próximos do acampamento quanto possível.

Distribuição de encargos para armar o acampamento.

1 — Cada Patrulha arma suas próprias barracas. Os Chefes armam suas barracas e a barraca-enfermaria.

2 — Uma Patrulha para cada uma das seguintes tarefas:

a) cavar as latrinas e armar as paredes de lona;

b) cavar a fossa de detritos e fazer o incinerador;

c) fixar e melhorar o local de lavagem (lavadouro) e armar o mastro para bandeira;

d) armar a barraca de intendência e armazenar os gêneros, sob a direção do Intendente.

3 — O Chefe e seus auxiliares supervisionam estas tarefas.

4 — Terminadas as tarefas do item 2, todos devem reunir e arrumar o material nas barracas, apanhar lenha, preparar as cozinhas etc.

2 — Latrinas e Lavadouros — É da maior importância a instalação de latrinas adequadas e higiênicas. A forma mais higiênica de latrina é a da figura 1-A. Consiste em vários fossos ou valas com cerca de um metro de comprimento, 30 centímetros de largura e 60 centímetros de profundidade. Não são necessários suportes ou bancos porque é possível ficar de cócoras, com um pé de cada lado da vala. A terra retirada é amontoadada atrás de cada vala e uma pá fica à disposição para lançar terra na vala após o uso. As paredes (de algodãozinho ou lona velha), devem começar 10 centímetros acima do chão e ir até 1,80 metro de altura. Divisões idênticas entre as diversas valas são necessárias para que cada uma fique isolada e reservada. O papel higiênico é colocado em cada reservado numa caixa com tampa para protegê-lo em caso de mau tempo.

Uma bacia com água, sabão e toalha estão junto à porta, para lembrar a necessidade de lavar as mãos. Em geral o conjunto não tem cobertura para melhor arejamento, mas, em caso de chuva persistente, pode ser coberto por um tóldo, desde que este fique suspenso 50 centímetros acima da parte superior das paredes. Tendo em vista o número de componentes, devemos ter uma vala para cada 10 rapazes durante dois dias; depois, aterram-se estas e cavam-se outras mais adiante. SE ÊSTE MÉTODO FÔR SEGUIDO, NÃO TEREMOS ODORES DESAGRADÁVEIS, NEM SERÁ NECESSÁRIO O USO DE DESINFETANTES. Maus odores e uso de desinfetante significa má higiene.

O mictório separado deve ser feito junto da latrina; um buraco pouco profundo, revestido de pedras, com uma valeta de saída é o suficiente. Tome bastante cuidado em verificar se as infiltrações das latrinas e do mictório não vão poluir as águas de uso no acampamento.

O lavadouro precisa de um cuidadoso arranjo para que a terra em tômo não se transforme em lamaçal. Os cuidados necessários para conseguir este objetivo dependem muito do local utilizado, sendo útil lembrar: a fabricação de uma bica com bambu ou tronco ôco, o calçamento do local com pedras, o recolhimento da água num tanque ou fosso revestido de pedras com uma valeta de saída, etc. Lembre-se do número de pessoas que procurarão este local ao mesmo tempo, de manhã, para a higiene matinal e após cada refeição, para lavar o material de mesa e cozinha. Lembre-se da necessidade de um local para ensaboar e esfregar vigorosamente as panelas, antes de enxaguar. Lembre-se que trabalhar de pé cansa menos do que trabalhar curvado.

Para a higiene pessoal podem ser improvisadas pias com bacias e suportes simples mostrados na figura 1-B. As águas servidas ou com detritos devem ser despejadas numa fossa longe do lavadouro.

3 — **Cozinha** — A área da cozinha deve ser cercada. O fogão de campo mais usado é o tipo trincheira, mostrado

na figura 2. Antes de fazer o fogão retire a relva com terra suficiente — uma área um pouco maior do que aquela que o fogão vai tomar — e ponha-a num canto, para refazer o relvado no fim do acampamento. Regue esta relva de vez em quando.

Junto ao fogão deve haver um depósito coberto para guardar a lenha sêca. Métodos de pendurar panelas e outros utensílios de cozinha são mostrados na figura 2. Um tóldo para a cozinha e um tóldo para o refeitório devem ser armados nos dias de chuva. Veja um dos métodos de fazê-lo na figura 1-C. Mesas rústicas podem ser armadas da maneira indicada pela figura 2. O tampo da mesa é feito de sarrafinhos usados pelos carpinteiros. Uma bacia para lavar as mãos deve ser colocada na cozinha para lembrar aos cozinheiros a necessidade de ter as mãos limpas. Também junto à cozinha deve haver uma fossa para gorduras. Um buraco é cavado no chão, do tamanho de um balde grande. (Veja figura 1-D); a abertura é vedada por um entrançado de gravetos cobertos de capim. As águas gordurosas e com detritos são renovadas e êstes queimados no incinerador duas vezes por dia. Também os detritos secos da cozinha devem ser levados para o incinerador. (Veja figura 1-E). As latas vazias devem ser furadas, amassadas, e queimadas antes de serem enterradas num buraco profundo que deve estar próximo ao incinerador. Se o acampamento é numa fazenda, talvez o fazendeiro queira as sobras da alimentação para o chiqueiro.

Lembre-se que é muito importante trazer à mesa os diferentes pratos de uma refeição, separados em travessas, com uma apresentação bonita e apetitosa, tal como fazemos habitualmente em casa.

Ao servir a refeição, devemos deixar sôbre o fogão, panelas ou chaleiras com bastante água quente, para poder lavar facilmente as panelas, utensílios de cozinha, pratos e talheres engordurados, **imediatamente após a refeição.**

4 — **Barraca de Intendência** — O intendente tem uma das tarefas mais importantes do acampamento. Além de encomendar os gêneros alimentícios e distribuí-los, êle deve ter grande cuidado com o que está, no momento, armazenado. Não deve haver nem moscas nem formigas na barraca da intendência!

Excelentes armários para armazenar os gêneros podem ser feitos com caixotes pedidos ao fornecedor. Mosquiteiros de filó, papel impermeável ou celofane, em quantidade suficiente, servem para cobrir ou embrulhar os gêneros, não deixando que fiquem expostos. Vidros ou latas abertas devem estar sempre cobertos e com o lado externo bem limpo. A carne deve ser guardada num lugar fresco. (Veja a maneira segura e improvisada da figura 2). Não encomende carne além da estritamente necessária para o dia. O leite deve ser guardado numa vasilha ou jarro de boca larga e bem coberta. O jarro ou vasilha deve ser lavado e escaldado antes de receber novo leite. Cada Patrulha deve receber apenas o leite necessário para uma refeição. Suas leiteiras ou vasilhames, também, devem ser escaldados antes de receber cada nova porção. A manteiga deve ser guardada num recipiente com água ou em água corrente. Também não deve ser encomendada uma quantidade maior do que a necessária de cada vez.

5 — **Saúde e limpeza** — Essas duas coisas andam juntas. **A limpeza é assegurada pelo uso apropriado do incinerador e das fossas de detritos, pelas latrinas bem construídas e pelo cuidado diário com a área do acampamento que deve estar sempre, absolutamente, sem um detrito ou lixo.**

Cada patrulha deve ter uma caixa, lata ou saco de lixo que periodicamente é esvaziada no incinerador.

Quanto à limpeza individual, é muito importante o exemplo dos Chefes. Se os escoteiros vêm os Chefes lavando-se freqüentemente êles seguirão o exemplo.

A inspeção diária deve chamar a atenção para os dentes, pés e limpeza geral. O **ar puro** é tão necessário à noite

como de dia. Verifique se durante a noite cada barraca tem, pelo menos, uma porta aberta, e, se possível, tôdas as portas. A **luz do sol** é saudável, mas é preciso cuidado para que o sol não dê queimaduras desagradáveis. Conserve o pescoço e os ombros dos escoteiros cobertos durante o sol quente nos primeiros dias.

Permita que os escoteiros fiquem sem meias, mas não descalços. Devem usar alparcatas, sapatos de tênis, sapatos de corda e lona ou tamancos. Algumas palestras aos escoteiros sôbre os assuntos encontrados no livro "Escotismo para Rapazes" — conversas 18 e 19 — (Hábitos saudáveis e prevenção de doenças), farão com que todos assumam a atitude que desejamos quanto à saúde e à limpeza.

A alimentação é outro importante fator na conservação da saúde. Frutas e verduras são essenciais à alimentação.

Enfermidades menores, como constipação (prisão de ventre) podem ser tratadas no próprio acampamento. Mas, **SE HÁ ALGUMA DÚVIDA, CHAME O MÉDICO, E NÃO CORRA RISCOS.**

Todos os ferimentos, contusões, etc., devem ser imediatamente levados ao conhecimento do Chefe. A inspeção diária é o grande momento para verificar se o acampamento está limpo e se todos os escoteiros estão de boa saúde.

6 — Rotina e Programa — Como tudo deve estar programado previamente, não deve haver dificuldades em realizar muitas e saudáveis atividades escoteiras. Os Chefes e Monitores devem se reunir uma vez por dia para estudar o programa do dia seguinte e determinar a maneira de realizá-lo.

7 — Práticas Religiosas — Um Grupo Escoteiro com denominação religiosa deve entrar em contacto com a igreja mais próxima da mesma denominação e combinar a frequência dos escoteiros aos atos religiosos de domingo. Os Grupos com escoteiros de diferentes religiões, devem fazer o possível para que cada um dêles possa assistir as ceri-

mônias religiosas de seu próprio culto. Isto se torna, às vezes, difícil no interior do país. As preces individuais devem ser permitidas e recomendadas. Quando fôr possível, podem ser realizadas cerimônias religiosas coletivas no acampamento sob a direção de um sacerdote, para os escoteiros da mesma denominação religiosa, observando as regras previstas na Seção 3 do P. O. R. (Apêndice H).

Faça do domingo um dia diferente, com mais tempo livre. Em lugar das atividades escoteiras, aproveite êste dia para simples passeios ou para escrever cartas para casa, para atualizar o diário de patrulha ou para trabalhos de observação da natureza.

8 — **Vizinhos** — Lembre-se que um acampamento escoteiro pode criar uma boa ou má impressão nas pessoas que entram em contato com êle. Uma boa conduta nos transportes e nas vilas ou cidades, darão aos escoteiros uma boa fama. Mau procedimento prejudicará todo o Movimento.

Os escoteiros devem estar sempre uniformizados corretamente quando fora da área restrita do acampamento. Nenhum escoteiro deve sair do acampamento sem conhecimento, permissão ou inspeção do Chefe. Evite tudo que possa ofender, prejudicar ou aborrecer alguém. Se o acampamento é próximo de casas, procure saber se o barulho do fogo de conselho não perturba o descanso dos vizinhos. Em qualquer hipótese o silêncio no acampamento deve ser sempre às 22 horas.

Os escoteiros devem receber uma instrução prévia sôbre a importância de, nos campos ou fazendas, fechar as porteiças, não pular cêrcas, não tirar madeira sêca dos mourões dos cercados, saber atravessar campos plantados, etc. Seu objetivo deve ser deixar, como resultado do seu acampamento, um grupo de pessoas bem impressionadas com as coisas do escotismo e predispostas a receber alegremente outros escoteiros.

Se há um Grupo escoteiro local, entre em contato com seus Chefes para um fogo de conselho em comum e, se possível, também um grande jôgo.

SUMÁRIO

- 1 — Distribuir as **tarefas** da instalação do acampamento.
- 2 — Usar o tipo de latrina mais **higiênica**.
- 3 — Planejar bem a **cozinha** e o **refeitório**. Apresentar bem os pratos de cada refeição.
- 4 — O intendente deve cuidar dos alimentos para que fiquem **protegidos** contra môscas e sujeira.
- 5 — O Chefe é o responsável pela **saúde** e **higiene** do acampamento.
- 6 — Conversar sôbre os **programas** com os monitores.
- 7 — Lembrar-se das regras do P.O.R. sôbre **orientação religiosa**.
- 8 — Ser um bom vizinho.

III — NO FIM DO ACAMPAMENTO

1 — **Na véspera do Regresso** — Pague tôdas as contas e visite o fazendeiro ou dono das terras para saber se há qualquer despesa a indenizar.

Certifique-se dos transportes arranjados para o dia seguinte.

Comece a desinstalação distribuindo tôdas as tarefas que já possam ser executadas: aterrar tôdas as latrinas, exceto uma — limpeza geral do solo e queima de detritos; aterrar a grande fossa de detritos, abrindo uma pequena para as próximas 24 horas; empacotar o material de adestramento escoteiro e qualquer outro material que não será utilizado; limpar e empacotar parte do material de cozinha, etc.

2 — **Desarmar o Acampamento** — Tal como na instalação. tôdas as tarefas devem ser cuidadosamente distribuídas. Deixar as barracas como última tarefa para que possam secar bem.

As tarefas a serem executadas são as seguintes:

I — Desarmar os toldos da cozinha e do refeitório e empacotá-los;

II — Limpar todo o material da cozinha e, se não vai ser usado por algum tempo, passar um óleo antes de empacotar;

III — arriar a Bandeira. Desarmar e limpar a barraca-intendência. (Não desperdice gêneros. Se você não pode ou não quer trazer os gêneros, que sobraram, para casa, procure o fazendeiro ou os trabalhadores e ofereça tudo que restou);

IV — desarme e empacote a barraca da Chefia e a barraca-enfermaria;

V — aterrar e marcar o local das latrinas (veja letra **1-F**);

VI — aterrar a fossa de detritos e fossa de gorduras e repor a relva nestes locais e no local do fogão;

VII — limpeza do lavadouro. Colhêr e empilhar tôda a lenha que sobrou e os troncos usados nas construções do acampamento ou de pioneria;

VIII — desarmar as barracas de patrulha. Se estas ou outras barracas são emprestadas e têm que ser empacotadas molhadas ou úmidas, envie uma nota aos proprietários avisando essa emergência. Se são suas, não se esqueça de abri-las e arejá-las na volta o mais cedo possível;

IX — ÚLTIMA LIMPEZA DO TERRENO. A melhor maneira de executar esta tarefa é estender os escoteiros em linha e ir caminhando para frente. Verifique se está sendo feito com o máximo rigor e correção. Quando terminar o ancinho humano, faça você mesmo uma verificação do terreno;

X — convide o fazendeiro ou dono das terras para vir ver como ficou o local;

XI — LEMBRE-SE TAMBÉM DE DUAS COISAS QUE VOCÊ DEVE DEIXAR NO ACAMPAMENTO:

a) NADA;

b) SEUS AGRADECIMENTOS AO PROPRIETÁRIO DA TERRA.

SUMÁRIO

- 1 — Preparar o máximo possível **um dia antes** do regresso.
- 2 — Distribuir as tarefas pelas Patrulhas. Deixar as barracas de patrulhas até o fim. **Inspecção do proprietário.**
- 3 — Deixar **nada** e os seus agradecimentos.

IV — DEPOIS DO ACAMPAMENTO

1 — **Livro de Notas** — Durante todo o acampamento tenha sempre consigo um livro de notas e um lápis para anotar as idéias de melhoramento e modificações que possam ocorrer. Elas serão esquecidas se não forem anotadas a tempo. No próximo ano estas anotações auxiliarão você a usar e lucrar da sua própria experiência. E assim cada ano você dirigirá melhor os acampamentos.

2 — **Arquivos** — Arquive cuidadosamente as cópias de tôdas as cartas, instruções, cardápios, programas, etc. Poderá usá-las no futuro. Os Monitores devem ter feito um livro do acampamento, que guardado nos arquivos da Tropa, juntamente com uma cópia de tôdas as fotografias, terá, de ano para ano, aumentado o interêsse dos escoteiros por êle.

3 — **Agradecimentos** — Na volta, sente-se e escreva cartas de agradecimentos a todos que ajudaram você, qualquer que tenha sido a ajuda. Algumas destas cartas já devem ter sido feitas e enviadas do acampamento.

SUMÁRIO

- 1 — **Tomar notas** de tudo que ocorrer no acampamento.
- 2 — **Arquivar cópias** de todo material escrito e fotográfico do acampamento.
- 3 — **Agradecer, por escrito,** a todos que ajudaram.

APÊNDICES

A

Geral:

Barraca de Intendência.

Barraca-enfermaria.

Grande barraca, se não houver no lugar um celeiro ou galpão.

Machado para árvores.

Farmácia da Tropa (veja conteúdo no apêndice **E**).

Bandeira Nacional e da Tropa (Improvise mastro).

Pá e picareta.

Martelo e pregos (para repregar caixotes, etc.).

Fósforos, velas, sabão, sapólio.

Para cada Patrulha:

Barracas.

Tampo de mesa.

Lanternas (querosene ou vela).

Bacia.

Machadinha.

2 caldeirões.

2 panelas.

Frigideiras.

Balde de água (marcado **ÁGUA PARA BEBER**).

Vasilhame para leite.

Colher de pau.

Garfo e faca de cozinha.

Esfregões de pano e de palha de aço.

Panos de pratos e de enxugar.

Concha.
Prato grande ou travessa para servir.
Abridor de latas.
Mosquiteiros ou papel impermeável.

B

Material individual de cada escoteiro:

Uniforme escoteiro completo inclusive chapéu.
Dois cobertores.
Pijama ou roupa para noite.
Sweater.
Meias, calções e camisas para mudar.
Botinas ou sapatos para mudar.
Alparcatas, sapatos de tênis, de corda ou tamancos.
Calção de banho.
Toalha.
Sabonete, pente, escôva, escôva de dentes, (num estôjo).
Lenços.
Estôjo de costura e material para consertos.
Capa ou japonsa.
Dois pratos esmaltados ou de alumínio.
Caneca esmaltada.
Garfo, faca e colher (num estôjo).
Lona de chão.
Mochila.
Empacote num saco com o seu nome. Tôdas as coisas devem estar claramente marcadas com o seu nome.

C

Material do Chefe:

Uniforme escoteiro completo inclusive chapéu.
Barraca.
Lanterna. Um bom lampião protegido ou uma lanterna elétrica, para situações de emergência.

Lanterna elétrica com pilhas e lâmpadas sobressalentes.
Livro de preces.
Caixa ou pasta contendo envelopes, papel, selos, etc.
Mapa.
Binóculo.
Máquina fotográfica.
Fogareiro de querosene tipo Primus.
Cofre.
Estôjo de costura e consêrto; material para reparos.
Estôjo de bôlso de primeiros socorros.

D

Material para adestramento escoteiro:

Cabos de sisal ou manilha.
Cabos finos.
Bandeiras de semáforas.
Mapas para grandes jogos.
Mapas para a prova de jornada.
Bolas para jogos.
Fios de lã para "vidas" nos jogos.
Material exigido pelos programas planejados.

E

Conteúdo da Caixa de Ambulância da Tropa

Material:

Ataduras:
Triangular — 2 ou 3 para tipóia ou proteção (1,20 ×
× 1,20 × 1,70).
De gaze — De 3, de 5 e de 10 centímetros, pelo menos
4 de cada uma.
De pano — tiras de pano velho esterilizados e cuidado-
samente dobradas. Gessadas ou gomadas.
Algodão — 1 pacote pequeno.

Alfinêtes de segurança.

Esparradrapo — de 2 e de 6 centímetros de largura.

Gaze — esterilizada em pacote fechado.

Pinças para curativos.

Seringa de injeção com estôjo e agulhas.

Talas para fraturas.

Tesoura reta cirúrgica de ponta arredondada.

Termômetro clínico.

Medicamentos:

Todos os vidros devem ter escrito numa etiquêta, por médico, farmacêutico ou pessoa entendida a dose habitual e para que serve.

Uso externo:

Água oxigenada — Antisséptico.

Líquido de Dakin — Antisséptico.

Solução rósea de permanganato de Potássio — Antisséptico.

Mercúrio cromo — Antisséptico, cicatrizante.

Tintura de iôdo (nova) — Antisséptico, cáustico.

Pó de sulfanilamida — Antibiótico, antiptiogênico.

Pomadas com sulfa — Antiptiogênicas e cicatrizantes.

Vaselina esterilizada — Para queimaduras.

Solução de ácido pícrico — Para queimaduras.

Gelêia de ácido tânico — Para queimaduras.

Algínex ou algum produto com salicilato de metila, para contusões e entorses.

Água vegeto-mineral para contusões e entorses.

Amônia, para estimulante e picadas de insetos.

Álcool, estimulante e desinfetante.

Éter, estimulante e desinfetante.

Colírio Moura Brasil ou Lavolho, para os olhos.

Otalgan ou similar, para dor de ouvidos.
Colubiasol, para gargarejos e inflamação da garganta.
Uma cêra ou remédio para dor de dentes.

Uso interno:

Sal de frutas, bicarbonato de sódio ou semelhante, para dor de estômago, azia ou má digestão.

Comprimidos de cafiaspirina, melhora ou semelhante, para dores e resfriados.

Comprimidos de purgoleite ou leite de magnésia, para prisão de ventre.

Nujol ou Agareno, como purgativo oleoso.

Elixir paregórico, para cólicas e diarreia.

Comprimidos de sulfadiazina ou cibazol, para infecções agudas e pneumonia, etc.

Comprimidos de sulfamerazine, para diarreias, desintérias.

Camboacy (empolas via oral), diarreias, desintérias.

Urotropina — desinfetante urinário, dores renais.

Atroveran — dores espasmódicas, estômago, rins, fígado.

Cardiazol, para o coração, em gotas.

Coramina, para a respiração, em gotas.

Comprimidos de Atebrina ou Quinino, preventivo de malária.

Injeções.

Sôo antitetânico — Preventivo de tétano.

Sôo antiofídico — Mordeduras de cobras.

Sôo anticrotálico — Mordeduras de cobras.

Sôo botrópico — Mordeduras de cobras.

Sôo escorpionico.

Óleo canforado, para desmaios — Tonicardiaco.

Injeções antigripais de diferentes marcas.

Penicilina 400.000 unidades, para estados infecciosos.

Guarde tudo numa caixa, com divisões, e marcada com a Cruz Vermelha. Tenha no interior uma lista do conteúdo

para verificar as faltas. É bom ter, também, uma pequena lanterna elétrica, ou vela e fósforos na ambulância. Um livro de primeiros socorros, também, deve estar a mão.

F

Cardápio e Pratos

1.ª Refeição (pequeno almôço ou café reforçado).

Tipo 1 — Laranjas (ou suco) — Mingau de aveia — Pão (ou torradas) com manteiga — Leite (simples, com café ou mate).

Tipo 2 — Sanduíche de carne e alface — Abacate — Copo de Leite — Pão com manteiga — Mate ou café.

Substituições:

Sanduíches de carne e queijo — Carne e tomate — Manteiga e queijo — Manteiga, tomate e alface — Pasta (paté) de fígado, de presunto, de galinha com tomate ou alface. (Nestes sanduíches a carne pode ser: bife, carne assada, rosbife, presunto, salsichas, salame e outros tipos de frios, presuntada ou **corned-beef**. O queijo pode ser qualquer tipo ao natural, frito ou assado). Abacate por: banana, laranja, tangerina, lima, mamão.

Tipo 3 — Frutas ou suco de frutas — 1 ovo (quente, cozido, estrelado, mexido ou em omelete), com carne (assada, bife ou rosbife) presunto, bacon (tipo de toucinho entremeado de carne e servido bem frio) (salsichas, lingüiça, presuntada ou **corned-beef**). — Um cereal com leite ou mingau — Café ou mate com leite — Pão com manteiga — Geléia ou doce.

Substituições: Frutas — laranja, abacate, lima, tangerina, mamão, banana, melancia, etc. Banana assada ou cozida.

Em lugar das carnes, o ovo pode acompanhar: queijo frito, legumes cozidos, salada de agrião, tomate, alface e pepino ou batatas cozidas.

Cereal — Aveia, canjica cozida, milho, maisena, fubá, sagu, tapioca, farinha de arroz e cereais sob a forma de "flakes".

Geléia ou doce — Geléias de vários tipos e doces como goiabada, marmelada, pessegada, etc.

2.^a Refeição — Almôço:

Tipo 1 — Feijão com carne seca — Farinha — Arroz — Bife de panela ou ensopado com batatas ou legumes — Salada — Frutas ou doces.

Substituições: Feijão preto, branco, mulatinho, etc. com carne seca, lombo ou tipo feijoada completa.

Ensopado — agrião, abóbora, batata, chuchu, quiabo, repêlho, mandioca, vagens, ervilha, quando, etc., com carne fresca, carne seca, ou bacalhau.

Salada — batatas cozidas, agrião, alface, tomate, etc. Couve à mineira.

Tipo 2 — Cozido completo de carne ou bacalhau com legumes (batata, couve, abóbora, batata doce, milho verde, feijões, etc.) — Pirão de farinha de mesa ou fubá — Doce ou frutas.

Substituições: Também pode ser usado peixe fresco. Os legumes podem variar de modo extraordinário. O caldo do cozido pode ser servido no almôço ou no jantar com alguns legumes partidos ou como purê de legumes.

Tipo 3 — Carne Assada — Macarrão ou talharim — legumes cozidos ou em purê — Arroz doce.

Substituições: Carne: Almôndegas, rosbife, picadinho refogado, bifés de panela enrolados em toicinho.

Macarrão: talharim, espaguete, goela de pato, tôdas as massas pequenas usadas para sopa, ravioli, inhoque, etc. com mólho de carne, de tomates, queijo, mólho de manteiga, etc.

Legumes: espinafre, bertalha, couve, chuchu, abóbora, batata doce, aipim, batata inglêsa, etc.

Sobremesa: — Banana assada, frita ou cozida, canjica, aletria, mineiros com botas (banana, queijo e ovos batidos, fritos em conjunto e servidos com açúcar e canela). Ovos nevados (claras batidas em neve, bota-se as colheres em leite fervendo para cozinhar, tirar com escumadeira para um prato; depois adoçar o leite, já esfriado juntar as gemas batidas, mexendo sempre, essência de baunilha, levar ao fogo para engrossar e despejar sôbre as neves).

Tipo 4 — Arroz com legumes — Bife com ovos e batatas fritas — Queijo com mel ou melado — Salada de frutas.

Substituições: Variar os legumes — chuchu, repólho, vagem, ervilhas, pimentão, abóbora, etc. Variar a carne — Porco, etc. — A forma dos ovos — Omeletes, mexidos, estrelados, etc. — Batata inglêsa ou doce.

Tipo 5 — Peixe frito ou filé de peixe ou lascas de bacalhau já cozido e assado — Mólho de camarão e purê de batatas — Omelete de legumes — Doce e frutas.

Tipo 6 — Canja com arroz — Galinha ensopada com batatas — Salada de agrião, alface e tomate — Doce de leite condensado (a lata fechada durante algumas horas em água fervendo), com maçã, pêra ou banana.

Tipo 7 — Arroz à caçadora (cozinhar o arroz com carnes (verde, porco, presunto, salsichas, lingüiça, caça, aves, bacalhau ou o que tiver) e verduras (pimentão, cebolas, repôlho, cenoura, chuchu, etc.). — Frutas e doces.

Tipo 8 — Batatas assadas nas cinzas — Churrasco de carne — Lingüiça assada no espêto — Espiga de milho assada nas brasas — Pão de caçador. Frutas: Abacaxi, caju, goiabas, laranjas.

3.ª Refeição — Jantar:

Tipo 1 — Sopa — Carne assada — Salada de legumes cozidos — Doces.

Substituições: A sopa pode ser de legumes, de massas, de feijão, do caldo do cozido, etc. A carne pode ser bifés de panela, carne recheada com farofa de ovos, etc.

Tipo 2 — Purê de batatas ou de ervilhas ou de tomates (engrossar com maisena ou batatas). Picadinho de carne guisado — Chuchu — Abóbora e espinafre com mólho branco — Salada de frutas.

Tipo 3 — Papas de fubá de milho com lombo — Feijões cozidos e nabiça, couve ou bertalha — Fritada de carne — Arroz doce.

Tipo 4 — Tutu de feijão prêto — Roupa velha (carne sêca de feijão desfiada e refogada). Couve à mineira — Laranjas.

Tipo 5 — Caldo verde — Batatas cozidas e amassadas, temperadas com bastante azeite ou manteiga, são diluídas numa panela com água fervendo. Juntar bastante couve cortada em tiras bem finas. Temperar e cozinhar a couve com a panela descoberta. Migas de pão. (Fazer um refogado bem temperado, com manteiga, azeite ou banha. Juntar um

pouco d'água e deixar ferver. Juntar pão em fatias, mexendo e esmagando sempre para desfazer, até ficar um mingau grosso. Fritar bacon, presunto, chouriço, lingüiça ou salsichas, colheradas ou bolas dêsse mingau). Passas, tâmaras e ameixas.

Tipo 6 — Arroz de ôvo e manteiga. (Despejar o arroz bem lavado em água fervendo com sal. Pouca água para que o arroz fique sôlto. Quando estiver cozido juntar manteiga, mexer e tirar do fogo. Na hora de servir, misturar devagar, mexendo sempre, alguns ovos, claras e gemas, bem batidos. Levar ao fogo e servir). Pastéis ou croquetes de Carne. — Mingau de maisena com ovos batidos. Salada de frutas.

Tipo 8 — Frango assado no espêto ou peixe aberto, espalmado e pregado numa tábuca, assado nas brasas (fogo só de brasas bem vivas). Kabob, isto é, fatias de batata, quadradinhos de cebola, tomate e pimentão doce assados no espêto (enfiar numa varinha verde, sem amargo ou resina, sucessivamente um quadrado de cada espécie, juntando, se quiser, quadradinhos de carne, bacon, salsicha ou queijo. Pôr a vara entre duas forquilhas sôbre as brasas e girar constantemente). — Ovos assados no espêto (meter uma varinha fina através do ôvo) ou cozidos no barro (meter cada ôvo numa capa de barro ou tabatinga e meter nas brasas) — bananas assadas nas cinzas quentes. — Beijus feitos sôbre uma fôlha de lata ou sôbre pedras lisas bem quentes.

4.^a Refeição — Ceia:

Tipo 1 — Chocolate — Biscoitos com manteiga.

Tipo 2 — Mate ou Chá e sanduíche de doce ou geléia.

Tipo 3 — Sanduíche de carne com alface — um copo de leite quente.

Tipo 4 — Sanduíche de queijo — Café.

Tipo 5 — Café com leite — Pão com manteiga — Geléia.

Tipo 6 — Um mingau — Biscoitos.

Tipo 7 — Frutas diversas — uma laranjada ou limonada.

Nota importante — Poderá ser feita uma merenda, à tarde, igual à ceia. Cuide da variedade não tendo duas refeições iguais durante o mesmo acampamento, combinando os vários tipos e substituições possíveis. O tipo 8 de almôço e do jantar é para ser feito sem utensílios, à moda mateira (veja o item — Refeições). Em lugar de se curvar aos maus hábitos alimentares do menino brasileiro, procure ensinar a cada um a comer bem para crescer e ficar forte. Procure substituir o simples café com pão habitual de tôdas as horas por refeições mais reforçadas e variadas. Ensine a comer carne, ovos, leite, verduras, queijo, manteiga e frutas em lugar do feijão, arroz e farinha. Compre livros de arte culinária e treine, em casa ou na sede, seus escoteiros a cozinhar bem. Se necessário, peça auxílio de alguém para êsse treinamento. Todo o programa do acampamento depende da cozinha. Um dia de comida mal feita faz o insucesso de todo o acampamento.

G

A tabela seguinte dá a quantidade por Escoteiro para uma refeição; para alguns gêneros, como açúcar, banha, café, etc., a quantidade é dada por dia para cada Escoteiro.

Os temperos podem ser calculados segundo o gôsto, mas, apesar disso, a tabela fornece a quantidade diária por Escoteiro e sugere-se que não seja muito ultrapassada, para evitar-se os efeitos da super-condimentação.

Os alimentos que não constam desta tabela podem ser avaliados pelos que mais se lhes aproximam.

TABELA DE GÊNEROS

Gêneros	Quantidade p/pessoa	
	p/refeição	p/dia
Alho	3
Arroz	50 α 80	
Açúcar	150
Aveia	35	
Azeite (saladas, molhos)	10	
Banha	30
Batatas	200 α 250	
Bacalhau	150	
Café	50 α 70
Camarão	50	
Carne sêca	100	
Carne verde	150 α 200	300
Cebolas (tempêro)	100
Cebolas (alimento)	2 unid.	
Cereal (tipo flakes)	25 α 50	1 pacot. para 8
Chocolates	25
Doces (tipo goiabada)	50	
Farinha de mandioca	50	
Farinha de trigo	80	
Farinha de milho (polenta)	30	
Feijões	100	
Feijões em lata (feijoada)	120 α 240	
Frutas	1 α 2 unid.	300 g
Frutas em calda	180	
Galinha	100	
Geléias	30	
Leite	300	900
Legumes	300

TABELA DE GÊNEROS

Gêneros	quantidade p/pessoa	
	p/refeição	p/dia
Manteiga	25	75 a 100
Massas	80	
Mate	50
Milho (em grão de espiga)	80	
Mel	25	
Ovos	1 unid.	até 2 unid.
Pão	100	400
Peixe	120	
Petit-pois (latas)	120	
Presunto (bacon)	50	
Presuntada, Viandada	70 a 100	(1 lata para 4)
Pudim (em farinha)	¼ pacot.	
Queijo, queijo parmesão	50 a 80	
Sal (tempêro)	30
Salsichas, lingüiças	150	
Sardinha em lata	½ lata	
Suco de frutas	150	
Tomate (tempêro)	120
Tomate (salada)	2 unid.	
Toicinho (no feijão)	10	
Verduras	300
Vinagre	10

H

TRANSCRIÇÃO DO P. O. R.

DA SEÇÃO 3

ORIENTAÇÃO RELIGIOSA

3-1 — O Escotismo é um movimento franqueado a todos os que crêm em Deus. A U. E. B. respeita e estimula a prática da religião dos seus associados e Grupos Escoteiros, e afirma que nenhum dos seus membros pratica o Escotismo sem cumprir seus deveres para com Deus através de sua própria religião. Inclui e facilita em todos os programas de reuniões gerais, acampamentos e ajuris o culto e prática das confissões religiosas dos participantes.

3-2 — A orientação religiosa nos Grupos Escoteiros deve ser a seguinte:

a) Todo o Escoteiro deve ter uma Religião e seguir fielmente seus preceitos.

b) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros de uma mesma religião, seus Chefes devem ser obrigatoriamente da mesma religião e têm como obrigação indeclinável zelar pelas práticas e instrução religiosa do mesmo, de acôrdo com o Assistente Religioso.

c) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros pertencentes a diversas religiões, seus Chefes deverão respeitar as religiões de seus Escoteiros, verificando que cada um observe seus deveres religiosos. Nos acampamentos e reuniões tôdas as preces deverão ser de caráter simples e de assistência voluntária.

d) Nos Grupos de denominação religiosa os Escoteiros prestarão provas de religião estabelecidas pelo Assistente

Nacional Religioso do respectivo credo, como condição para ser promovido às diversas classes; nos demais Grupos deverão ser exigidas as mesmas provas de religião, desde que possam ser prestadas na forma determinada nas Regras 3-4 e 3-5.

e) Os Escoteiros têm o dever de assistir às cerimônias religiosas do seu próprio culto e o direito de isolar-se no próprio acampamento para orações coletivas e individuais, bem como para o estudo de sua religião.

f) É vedado aos Chefes tornar obrigatório o comparecimento dos Escoteiros a cerimônias religiosas que não as do seu próprio credo.

g) Quando a religião de um escoteiro proibir-lhe assistir às cerimônias ou práticas de outra religião, os Chefes devem zelar pelo estrito cumprimento dêste preceito.

P. O. R. — SEÇÃO 27 — REGRAS GERAIS

Raides, Excursões e Acampamentos

Raides

27-62 — As expedições a pé de longas distâncias por Escoteiros ou Lobinhos, sós ou acompanhados de Chefe, são proibidas.

27-63 — As viagens longas usando conduções são permitidas com autorização do Comissário Distrital.

27-64 — Aos Escoteiros Seniores e Pioneiros são permitidas expedições a longas distâncias a pé ou usando veículos desde que o plano da expedição seja aprovado pelo Comissário Distrital, verificado o exato cumprimento da Regra 27-65, devendo ser avisados os Distritos Escoteiros e Regiões que tiverem de ser percorridas.

Excursões

27-65 — É vedado a qualquer Grupo em excursão, solicitar recursos financeiros, passagens ou alimentação às auto-

ridades ou sociedades nas localidades por onde excursionarem. É, no entanto, permitido entendimento prévio com os Grupos locais para as facilidades de excursão e permanência.

Acampamentos

27-69 — Todos os acampamentos de Escoteiros dentro do próprio Distrito devem ser previamente avisados ao Comissário Distrital com a antecedência mínima de 48 horas.

27-70 — Quando o acampamento se realizar fora de seu próprio Distrito, o Escotista encarregado deve dar ao seu Comissário Distrital um aviso com pelo menos 30 dias de antecedência, para o acampamento de mais de 5 dias, ou de 8 dias de antecedência para outros acampamentos, a fim de que o C. D. possa informar ao Comissário do Distrito a ser visitado. Se o acampamento fôr em outra Região, o C. D. enviará cópias dêsse aviso ao seu próprio Comissário Regional e ao Comissário Regional da Região a ser visitada. O Comissário Distrital de qualquer Distrito em que se realize um acampamento tem os poderes da Regra 9-5, alíneas 10 e 11.

27-71 — Quando se tratar de Distritos da mesma cidade ou de cidades circunvizinhas com grande facilidade de comunicação, o aviso de acampamento pode ser dado com 48 horas de antecedência.

Permissão para excursões

27-72 — Agrupamentos de Escoteiros, Escoteiros Seniores ou Pioneiros fazendo acampamentos volantes com viaturas ou excursionando por uma ou mais Regiões devem dar avisos idênticos estabelecendo as datas aproximadas das passagens pelos vários lugares. Se Escoteiros, Escoteiros Seniores ou Pioneiros pretendem visitar freqüentemente determinado local nos fins de semana, um aviso geral deve ser dado no princípio da estação.

27-73 — Se em qualquer caso o nome e o endereço do Comissário Distrital a ser visitado não é conhecido, a comunicação das Regras anteriores deve ser enviada ao Comissário Regional da Região em causa, o qual a encaminhará.

Padrão de Acampamento

27-74 — Os Escotistas e Escoteiros encarregados de um acampamento devem ter um conhecimento preciso do folheto "Padrão de Acampamento" e seguir suas recomendações. Deve-se ter especial cuidado na escolha dos locais de acampamento, tendo em vista a salubridade do terreno, a água a ser usada para beber, cozinhar e para higiene, devendo ser previsto o problema da alimentação adequada e socorro médico.

27-75 — Nos acampamentos todos os Escoteiros devem ter o seu próprio saco de dormir ou cobertores que os habilitem a fazer para si um leito separado.

27-76 — Nos Acampamentos os Chefes devem ter obrigatoriamente uma barraca separada e nela só poderão pernoitar Chefes e Assistentes, adultos.

27-77 — Invasões e ataques a acampamentos são rigorosamente proibidos.

Acantonamentos e Acampamentos de Lobinhos

27-78 — Os Lobinhos só podem ser levados para Férias de Alcatéia quando estejam asseguradas acomodações para dormir e para os dias chuvosos na sede de um Grupo, no salão de uma igreja, numa escola, ou em outro edifício adequado.

27-79 — Nos Acantonamentos de Férias de Alcatéia e nos acampamentos de Lobinhos, além das Regras 27-69 a 27-77, devem ser observadas as seguintes normas:

a) No edifício usado para acantonamento ou imediatamente adjacente a êle deve haver abastecimento de água,

facilidades para cozinhar dentro de casa e instalações sanitárias adequadas, com cobertura;

b) para o Acampamento de Lobinhos deve haver no local um abrigo permanente, tal como depósito, galpão, telheiro, garagem, etc., que possa ser utilizado pelos Lobinhos em caso de mau tempo. Se não fôr possível obter um abrigo permanente, deve ser providenciado um tôlido impermeável, grande bastante para acomodar todos os Lobinhos. Se o tôlido fôr utilizado como galpão permanente, deve ser peça adicional e diferente das barracas em que os Lobinhos dormem;

c) deve haver nestas atividades ao menos dois Escotistas com Certificado de Nomeação, um dos quais deve ser Chefe de Lobinhos ou Assistente de Comissário Distrital Para Lobinhos. Deve haver normalmente no mínimo um adulto para cada 6 Lobinhos, excluído o Escotista encarregado;

d) em nenhuma hipótese deve ser realizado um acampamento ou acantonamento de Lobinhos sem que estejam presentes, no mínimo, duas pessoas adultas, devendo uma delas ser habilitada em enfermagem;

e) deve-se ter especial cuidado com a alimentação dos Lobinhos, não sendo permitido que passem durante o dia mais de quatro horas sem refeição;

f) o Comissário Distrital só deve dar permissão para acantonamento ou acampamento quando considere inteiramente satisfatórios os necessários conhecimentos e a experiência prática adquiridos pelo Escotista encarregado;

g) um Escotista que não tenha ainda se encarregado de um acampamento ou acantonamento de Lobinhos, ou cujo acampamento anterior tenha sido objeto de um relatório pouco satisfatório, deve obter uma permissão preliminar do Comissário Distrital, pelo menos três meses antes da data proposta para a atividade, e antes que qualquer palavra ou insinuação sôbre a mesma tenha sido dita quer aos Lobinhos, quer aos pais;

Acampamento de Lobinho

h) nenhum Lobinho com idade menor que 9 anos e meio pode ser levado para acampamento, exceto com permissão específica do Comissário Distrital.

27-80 — Só em circunstâncias excepcionais, e com o consentimento específico do Comissário Distrital, os Lobinhos podem acampar com Escoteiros, Escoteiros Seniores ou Pioneiros.

SEÇÃO 28

REGRAS DE SEGURANÇA

Marchas

28-1 — Quando em marchas e desfiles os conjuntos de Escoteiros devem ter na vanguarda e na retaguarda, pequenos grupos com a responsabilidade de guardas de tráfego.

Estes grupos, à noite, devem mostrar uma luz branca na vanguarda e uma luz vermelha na retaguarda.

Uso de Embarcações e Banhos

28-2 — Antes de permitir a qualquer membro do movimento Escoteiro que tome parte em qualquer atividade usando embarcações, inclusive usando Kayaks e canoas o Escotista ou outra pessoa encarregada deve:

1) — Ter certeza de que a embarcação está protegida por um Certificado de embarcação de acordo com a Regra 9-49 alínea "b", válido para o período e para as águas em questão; de que a embarcação leva todo o equipamento necessário; que não está sobrecarregada nem atulhada de forma a causar embaraço ao seu livre manejo a remos ou a vela.

2) — Ter certeza de que a pessoa (seja ele próprio ou outra pessoa) realmente encarregada da patroagem da em-

barcação possui um Certificado de Patrão válido (e se necessário, revalidado) de acôrdo com a Regra 9-48, alíneas "c" e "d" para o período, o tipo de embarcação e as águas em questão.

3) — Analisar cuidadosamente tôdas as circunstâncias, inclusive a idade, experiência e fidedignidade dos Escotistas em questão, e a idade, habilidade e experiência própria ou de qualquer outra pessoa encarregada de alguma parte da atividade a ser realizada.

4) — Ter certeza de que êle próprio e tôdas as demais pessoas que vão tomar parte na atividade podem nadar no mínimo 50 metros de camisa, calções, e meias; que pelo menos uma pessoa tem conhecimentos práticos dos métodos de salvamento e estará na embarcação em situação de poder dar efetiva ajuda em caso de acidente, onde com certeza não estará impedida por outros deveres.

5) — Ter certeza de que nenhum dos Escoteiros ou outras pessoas que tomem parte na atividade estará usando qualquer tipo de botinas ou botas apertadas enquanto estiver navegando.

6) — Ter certeza de que, se qualquer parte da atividade tiver de ser realizada em mar aberto, em águas com maré dos estuários ou dos rios ou em baías e lagos grandes e perigosos, uma jaqueta salva-vidas deverá estar à disposição de cada pessoa presente, e que elas serão vestidas quando a embarcação estiver encontrando tempo borrascoso ou mar grosso e ao passar por águas de arrebentação.

7) — Verificar quais (se existirem) as regras ou recomendações ou regulamentações locais para escoteiros do mar, determinadas por qualquer autoridade, aplicável a quaisquer das águas em que a atividade a ser realizada terá lugar; e assegurar um perfeito cumprimento das regras que possam ser aplicadas.

8) — Assegurar-se que em hipótese alguma serão ultrapassados os limites que normalmente são atribuídos ao uso e dotação de cada tipo de embarcação.

9) — Observar, de um modo geral tôdas as precauções que seriam tomadas por um pai ajuizado e prudente; e em qualquer caso de dúvida sôbre as precauções necessárias, consultar o C. D. ou alguma pessoa com experiência, familiarizada com as águas em questão.

28-3 — O disposto na Regra 28-2 não se aplica de nenhuma forma onde as águas são de tal natureza que, tendo em vista a idade de todos os Escoteiros, não pode apresentar nenhuma possibilidade de perigo, ou quando a embarcação ou navio é reconhecidamente um meio de transporte público.

28-4 — As disposições da Regra 28-2 sôbre Certificados de Embarcações (alínea 1), Certificados de Patrão (alínea 2) e Regras locais de Escoteiros do Mar (alínea 7) não se aplicam quando a embarcação ou navio está a cargo de uma pessoa que não é membro do Movimento Escoteiro, que é o proprietário ou autorizado pelo proprietário, e que, em qualquer dos casos o Escotista tem boas razões para acreditar como tendo a necessária experiência, conhecimentos e habilidade.

28-5 — Em atividades escoteiras nenhum Lobinho, Escoteiro ou Escoteiro Senior terá permissão para tomar banho em piscinas, rios, lagoas, açudes, mar, etc., a não ser sob a supervisão pessoal do Escotista encarregado da turma ou de algum adulto responsável designado por êle para essa finalidade. Deve ser previamente verificada a segurança do lugar e tomadas tôdas as precauções razoáveis, inclusive:

a) a existência de um cabo para salvamento de vidas;

b) a vigilância de uma guarda de dois bons nadadores, de preferência que tenham as insígnias de Guarda-Vidas ou de Salva-Vidas, que devem estar de serviço com calção,

numa embarcação ou nas margens, como exigir as circunstâncias, prontas para ajudar qualquer rapaz em dificuldades. Os Guardas não se poderão banhar até que os rapazes tenham deixado a água.

28-6 — No caso de grande número de banhistas, deve ser adotado o uso do Sistema de Duplas, que consiste na formação de pares de Escoteiros, com a obrigação de estarem os dois sempre juntos e de se mostrarem com as mãos dadas quando soar o apito para fiscalização.

28-7 — As Regras 28-5 e 28-6 não se aplicam aos locais onde há banhos devidamente supervisionados. As precauções determinadas por essas Regras também podem ser modificadas numa extensão razoável, quando o Escotista encarregado se certificou previamente, sem a menor dúvida, que tôdas as águas são pouco profundas e que nenhum possível perigo existe ou pode existir.

28-8 — Os Pioneiros devem tomar tôdas as precauções razoáveis quer em embarcações, quer em banhos, e quando um certo número de Pioneiros está tomando banho em conjunto, devem ser tomadas as precauções acima descritas.

Tiro

28-9 — Quando, para treinar a especialidade de Atirador, membros de uma Tropa Escoteira utilizarem ou transitarem com armas de fogo, o Chefe ou o Instrutor deve ensinar-lhes previamente as respectivas regras de segurança e só realizar exercícios em locais apropriados ao tiro e que satisfaçam todos os requisitos exigidos para tal fim. Nenhum tiro deve ser dado sem a supervisão de um adulto competente, que será responsável pelo cumprimento rigoroso das Regras da segurança para o tiro.

C H E F E S

FEDERAÇÃO
DAS BANDEIRANTES DO BRASIL

AS CHEFES DE DISTRITO

Publicando êste folheto a F.B.B. visa auxiliar as Chefes de Distrito na sua tarefa de promover a formação das Chefes de companhia dentro dos princípios bandeirantes.

Acompanhando-as com entusiasmo, dando-lhes todo apoio que fôr necessário através da gradativa ascensão das 3 etapas pelas quais as chefes deverão passar, a Chefe de Distrito estará realizando o seu ideal de servir à F.B.B. no que ela tem de mais necessário que é possuir Chefes conscientes de sua responsabilidade, firmes em seu ideal.

Algumas indicações práticas damos a seguir para orientação do julgamento que a Chefe de Distrito deve fazer sobre as candidatas à Chefes:

Conhecimento Pessoal

Ê êle indispensável e o único meio realmente eficaz de julgar o valor de uma chefe. A Chefe de Distrito deve procurar conhecer o ambiente familiar e as reações de uma chefe diante de ocorrências cotidianas, assim como as soluções que propõe aos problemas da companhia.

Os três meses em que a chefe deve dirigir a companhia, para pedir o registro, dão à Chefe de Distrito ocasião de certificar-se de que ela vem agindo com plena compreensão do espírito bandeirante e dentro dos métodos e princípios idealizados por Banden-Powell, embora ainda lhe falte experiência.

As reuniões de chefes, as do Conselho de Distrito e os acampamentos, são ocasiões valiosas para a Chefe de Distrito

adquirir êsse conhecimento e ir formando gradativamente as chefes.

Reunião de Companhia

Ao visitar uma companhia, a chefe de Distrito deve levar em conta o natural nervosismo da chefe novata, que poderá prejudicar um pouco o bom andamento da reunião.

Pontos a observar na companhia: atuação das monitoras, espírito com que entram as patrulhas nos jogos (julgam mais importante “jogar o jôgo” com lealdade ou vencê-lo a todo custo?) garbo dos uniformes, programa bem equilibrado, ambiente de alegria e interêsse.

Numa companhia de fadas, verificar se o encantamento está bem feito e se a idéia central que êle encerra está sendo bem aproveitada na elaboração do programa.

Análise das Respostas ao Questionário

As respostas ao questionário por si só não constituem um meio suficiente para avaliar a capacidade de uma chefe, pois algumas, sendo boas chefes na prática, sentem dificuldade em se exprimir por escrito.

Entretanto o questionário é útil, pois obriga a chefe a pensar em determinados pontos e a formar sôbre êles uma opinião.

E, embora por si só insuficientes, contribuem para que a Chefe de Distrito compreenda melhor as chefes e possa assim guiá-las com maior eficiência.

Ficha de Chefe

A Chefe de Distrito deve acompanhar o desenvolvimento

gradativo das Chefes através das anotações da Ficha de Chefe (mod. 51) a qual, para preencher sua finalidade, deverá estar sempre rigorosamente em dia.

Licença de Chefe de Acampamento

A Chefe de Distrito deve se certificar de que a chefe que aspira à licença de chefe de acampamento, compreendeu não só o valor das exigências, mas possui também capacidade técnica para realizá-las.

REGISTRO DE CHEFE

1.^a ETAPA: Chefe

Condições:

- 1 — ser brasileira, católica;
- 2 — ter 18 anos no mínimo, 21 para chefe de guias;
- 3 — ter personalidade e formação moral que garantam sua influência educativa;
- 4 — ter espírito de continuidade necessário para dedicar-se ao bandeirantismo com entusiasmo e perseverança;
- 5 — poder dedicar ao bandeirantismo, no mínimo, 3 horas por semana, 1 dia por mês para excursão, 10 dias por ano para acampamento;
- 6 — ter saúde compatível com a vida ao ar livre;
- 7 — conhecer o método bandeirante como foi idealizado por Baden Powell;
- 8 — ter os livros técnicos editados pela F.B.B. e assinar seu órgão oficial, a revista BANDEIRANTES;
- 9 — satisfazer a **uma** das seguintes condições técnicas:
 - a) ter completado o curso de cadetes;
 - b) ter feito um curso de chefes, sendo válido o curso de chefes por correspondência, somente onde não houver outro curso organizado;
 - c) ter organizado uma patrulha sob a orientação das autoridades da F.B.B. (dirigindo-a no mínimo durante três meses) e tendo adquirido

- simultaneamente os conhecimentos técnicos das provas de classe;
- d) ter sido autorizada pela chefe de Distrito a acompanhar e auxiliar a direção de uma companhia (no mínimo durante três meses) e possuir os conhecimentos técnicos das provas de classe;
- 10 — ter possibilidade de conseguir um local para as reuniões da companhia, si fôr necessário;
- 11 — dirigir uma companhia durante três meses consecutivos, no mínimo, satisfazendo as exigências técnicas da F.B.B. (ver folheto Companhias).

O Conselho Executivo da F.B.B. é a única autoridade para resolver casos de exceção a essas condições, como por exemplo o caso de chefes de outras nacionalidades ou religião.

Para obter o registro, a candidata juntamente com a ficha de Chefe (mod. 51) preenche o talão de pedido (modelo 56) em três vias, enviando-as, ao Conselho Executivo da F.B.B.; concedido o registro, duas das vias, assinadas pela Bandeirante-Chefe, são devolvidas, respectivamente ao Distrito e à Região. A terceira via fica arquivada no Conselho Central. A chefe registrada recebe um certificado assinado pela Presidente da F.B.B. e pela Bandeirante Chefe.

O pedido de registro deve ser renovado anualmente por meio do talão (mod. 57) e pagamento da quota de Cr\$ 10,00. A chefe cujo registro foi renovado recebe um sêlo para colar no certificado.

O Registro de Chefe é exigido para comparecimento das chefes às concentrações nacionais.

Distintivo de Chefe: gravata da côr do ramo, broche bandeirante no chapéu e uniforme com casaco.

Cerimônia de entrega dos distintivos: a Chefe de distrito pode organizar uma cerimônia para entrega dos distintivos à chefe. É de uso nessa ocasião a chefe que vai receber o distintivo declarar: "Prometo sob minha palavra de honra ser leal à Federação das Bandeirantes do Brasil e na qualidade de chefe ajudar com o meu trabalho e exemplo as bandeirantes a compreenderem e seguirem a Promessa e o Código Bandeirante."

2.^a ETAPA: Chefe Especializada

Condições:

- 1 — ter o registro de chefe;
- 2 — conhecer o livro “Girl Guiding” de Baden-Powell ou o “Scouting for Boys” também do fundador;
- 3 — ter a licença de Chefe de Acampamento (ver página 13);
- 4 — ter auxiliado a organização de uma concentração de Distrito;
- 5 — responder ao seguinte questionário especializado, de acôrdo com o ramo a que pertencer;

Para Corujas:

- a) que espécie de jogos considera mais útil às fadas?
- b) que gênero de histórias contaria às fadas e quais evitaria?
- c) como impregnar de imaginação o programa das reuniões?
- d) qual a diferença entre o sistema de patrulha bandeirante e o que se aplica às sextilhas?
- e) deve-se exigir disciplina das fadas? caso afirmativo, como obtê-la?
- f) como assegurar as relações e a colaboração de uma companhia com:

a instituição da qual ela depende para local de reunião;

os pais;

os colaboradores em geral.

- g) expor como deve ser feita a organização do trabalho em uma companhia: instrução, provas, administração, correspondência, serviços, etc. Como devem ser distribuídas as tarefas pela chefe e auxiliares.

Para Chefes de Bandeirantes:

- a) que qualidades de caráter considera importantes? De que maneira o bandeirantismo pode desenvolvê-las numa menina?
- b) qual é, no seu entender, o melhor meio de ensinar o Código Bandeirante e torná-lo uma realidade na vida das bandeirantes?
- c) como praticar o sistema de patrulha: conselho de companhia, côrte-de-honra, etc.
- d) como escolher as monitoras? que qualidades devem elas ter?
- e) descrever como funciona o conselho de companhia, **em sua companhia**;
- f) que fazer para inculcir nas bandeirantes o ideal de estar "Semper Parata" para auxiliar o próximo em tôdas as ocasiões;
- g) que atitude tomar em face das seguintes situações:
- bandeirantes que habitualmente não respeitaram a ordem de alerta, o silêncio;
 - rivalidade exagerada entre as patrulhas, em prejuízo da cordialidade bandeirante;
- h) descrever dois jogos próprios para a idade bandeirante, dando as razões da escolha;

- i) como interessar as bandeirantes no estudo da natureza e trabalhos de campo?
- j) que fazer para desenvolver os programas de campo num ambiente de aventura e idealismo?
- k) como assegurar as relações e a colaboração da companhia com:
 - a instituição da qual ela depende para local de reunião.
 - os pais.
 - os colaboradores em geral.
- l) expor como deve ser feita a organização do trabalho em uma companhia: instrução, provas, administração, correspondência, encargos, etc. Dizer como devem ser distribuídas essas tarefas.

Para Chefes de Guias:

- a) descrever os fins e idéias que se deseja desenvolver num clan e em que diferem dos de uma companhia bandeirante;
- b) como estimular e desenvolver nas guias um sentimento de entusiasmo e responsabilidade em face de sua promessa de guia?
- c) quais os maiores problemas das jovens em idade de guia? de que maneira podem as atividades do clan contribuir para resolvê-los?
- d) quais são as suas idéias a respeito das relações entre moças e rapazes?
- e) como funciona o sistema de patrulha entre as guias?
- f) como assegurar as relações e a colaboração de clan com:
 - a instituição da qual êle depende para local da reunião.

— os pais:

— os colaboradores em geral.

- g) expor como deve ser feita a organização do trabalho em uma companhia: instrução, provas, administração, correspondência, serviços, etc. Como devem ser distribuídas as tarefas pelas chefes e auxiliares.

Distintivo de Chefe Especializada: círculo de feltro da côr do ramo sob o broche bandeirante no chapéu.

3.^a ETAPA: Chefe Diplomada

Condições:

- 1 — ter o registro de Chefe Especializada.
- 2 — conhecer os seguintes livros:
 - a) “Guia do Chefe Escoteiro” de Baden-Powell.
 - b) “La Route du Succès” de Baden-Powell.
- 3 — ter participado de uma atividade nacional da F.B.B.
- 4 — ter demonstrado capacidade de direção, ocupando um cargo de chefia numa concentração regional.
- 5 — projetar e organizar, de acordo com a chefe de Distrito, uma atividade de Distrito para as companhias do ramo a que pertencer;
- 6 — Responder ao seguinte questionário:
 - a) exponha sumariamente os processos educativos do bandeirantismo, ressaltando a diferença que há entre êle e métodos empregados em escolas sociedades esportivas ou culturais.
 - b) quais os principais defeitos que observa na formação da mocidade? Como pode o Bandei-

rantismo contribuir para a solução dessas falhas?

- c) que atitude tomar em face de meninas que sistematicamente venham demonstrando:
falta de assimilação do espírito bandeirante.
defeito grave de caráter.
temperamento difícil.
Exemplificar com um ou mais casos reais.
-

Distintivo de Chefe Diplomada: frizo azul e amarelo em volta da fita do chapéu.

LICENÇA DE CHEFE DE ACAMPAMENTO

Grande é a responsabilidade das chefes num acampamento. Por isso as exigências da F.B.B. e as regras a seguir num acampamento são severas, porque visam um máximo de segurança.

Por sua formação moral e preparo técnico, as chefes devem vencer os imprevistos, manter a disciplina e a eficiência num acampamento.

Para obter licença de dirigir um acampamento as chefes devem passar pelas seguintes provas:

1. ter acampado 4 vezes no mínimo;
2. ter auxiliado a direção de 2 acampamentos;
3. ter organizado e chefiado acampamento sob a responsabilidade de uma Chefe licenciada;
4. ter organizado e chefiado 1 acampamento, recebendo a visita de inspeção.

Conhecimentos necessários à realização de um bom acampamento:

— saber escolher um local para acampamento que satisfaça as condições de fácil acesso, salubridade, segurança, proximidade de socorro e abastecimento;

— saber armar barracas de diferentes modelos, construir fossas e abrigos, instalar a cozinha de campo armazenagem de mantimentos e acessórios de campo;

— ter conhecimentos sobre higiene de acampamento, ali

mentação, abastecimento, primeiros socorros, salvamento de banhistas e proteção contra fogo;

- saber organizar uma lista do material necessário;
- ter capacidade para providenciar meios de condução de ida e volta ao acampamento;
- saber fazer o orçamento e estabelecer a cota individual;
- saber organizar o programa de atividades bandeirantes num acampamento;
- saber distribuir o trabalho pelas patrulhas;
- saber organizar cerimônias de içamento e fogos de conselho.

Recomendações:

- as aspirantes só podem acampar com sua própria companhia;
- a proporção das que acampam pela primeira vez não deve exceder 50% sobre o total das que vão acampar;
- os acampamentos devem ser especializados para cada ramo;
- as fadas só podem acantonar;
- a chefe deve providenciar para que as bandeirantes vivam o preceito da Missa, ou outras obrigações religiosas. O Assistente Eclesiástico resolverá no caso de impossibilidade de cumprir o preceito;
- nenhuma pessoa estranha ao movimento deve acampar com as bandeirantes, salvo quando for convidada para prestar algum serviço;
- uma bandeirante nunca deve ficar só no acampamento quando a companhia deixa o campo para excursionar;
- ninguém deve deixar o acampamento sem autorização da chefe;
- a vida no acampamento deve ser organizada de modo a evitar cansaços excessivos; o silêncio deve ser cantado no

máximo às 22 horas; as bandeirantes devem dormir no mínimo oito horas e a sesta deve durar uma hora;

— o atestado médico deve ser preenchido 48 horas antes da partida;

— a vida do acampamento não deve perturbar em nada a vida local e os hábitos das pessoas que hospedam as bandeirantes;

— as bandeirantes devem zelar cuidadosamente pela propriedade em que acampam;

— as chefes de bandeirantes devem promover acampamentos com suas monitoras;

— os programas de acampamento devem ser projetados no Conselho de Companhia.

— a chefia do acampamento deve reunir-se diariamente a fim de deliberar sobre os trabalhos e ocorrências do campo, bem como analisar o trabalho realizado;

— quando o acampamento fôr de guias deve-se procurar organizar um serviço como parte do programa;

— antes de terminar o acampamento as chefes devem procurar obter a opinião de todas sobre os prós e os contras do acampamento;

— todo e qualquer acampamento só pode realizar-se com autorização da Chefe do Distrito e conhecimento do conselho;

— a chefe deve apresentar relatório do acampamento realizado (modelo 64);

— é de utilidade ter no conselho de Distrito o cargo de controladora de excursões e acampamentos, a quem as chefes deverão comunicar a partida, local, hora de chegada, notícias, etc.; os pais das bandeirantes acampadas poderão obter notícias de suas filhas, dirigindo-se à controladora.

EDITORA

Federação das Bandeirantes do Brasil

Rua Benjamin Constant, 42

RIO

A BASE DE PARIS

No espírito de melhor divulgar o que é e o que pretende a Associação Cristã de Moços, a "REVISTA ACM" empreendeu a publicação de uma série de artigos e estudos sobre objetivos, diretrizes e métodos de trabalho da A.C.M. Iniciada em nosso número anterior ("O Espírito Fundamental das A.C.M.", por Myron Clark) damos seqüência agora publicando o artigo de Robbins Strong, Secretário de Extensão da Aliança Mundial, sobre a Base de Paris, que constitui a carta magna do movimento acemista.

Por 100 anos a fio, a Base de Paris tem se saído bem à prova do tempo, ajudando a orientar a Aliança Mundial das A.C.M., através de épocas de tensão e de emergência e garantindo sempre às A.C.M. a sua unidade e liberdade, o seu significado cristão e a sua obrigação de transmitir à juventude de todo o mundo as "boas novas".

TEXTO INTEGRAL

O que é a Base de Paris? Uma vez que geralmente só aparece ela em parte, vale a pena agora apresentá-la integralmente aos leitores:

Os delegados de várias A. C. M. da América e da Europa reunidos em Conferência em Paris, à data de 22 de agosto de 1855, sentindo serem todos um em princípio e em ação, recomendam às A. C. M. respectivas reconhecerem com eles a unidade existente entre todas elas, e a formarem, continuando a observar cada uma a completa independência dentro de sua organização e moldes de ação, uma Confederação sob o seguinte princípio fundamental, o qual seria considerado como base para a admissão à mesma de quaisquer outras Associações no futuro:

As Associações Cristãs de Moços procuram unir aqueles jovens que, considerando a Jesus Cristo como seu Deus e Salva-

dor, segundo as Sagradas Escrituras, desejem ser seus discípulos, em sua doutrina e em sua vida, e juntos estender entre os jovens o seu Reino.

Aceito esse princípio fundamental, a Conferência propõe ainda:

1 — Que qualquer diferença de opinião sobre alguma outra matéria, mesmo de importância, mas que não esteja enquadrada dentro dos desígnios específicos das Associações, não deverá nunca interferir nas relações harmo-

niosas entre as entidades confederadas.

2 — Que seja o certificado de sócio de uma determinada Associação válido em qualquer uma das outras Associações confederadas, gozando um sócio em viagem por país estrangeiro de todos os privilégios e atenções pessoais que forem dispensadas aos membros da Associação local.

3 — Que o sistema de correspondência adotado pela presente Conferência seja aplicado a todas as entidades confederadas.

CONCEITOS BASICOS

O conteúdo de tudo isso é importante, embora não tenha sido sempre reconhecido. Além dos "princípios fundamentais", aos quais deveremos nos reportar mais tarde, há dois outros conceitos básicos que também



CLEVELAND 1952 — Solenidade de abertura da Convenção Mundial das A. C. M. Compareceram a este conclave representantes de sessenta e dois países.

têm ajudado a manter a Aliança Mundial unida em algumas crises de sua história. No preâmbulo, há a afirmação que garante às Associações "completa independência dentro de sua organização e moldes de ação", enquanto conservarem-se aquelas Associações em harmonia com o espírito do princípio fundamental. Seria bastante árduo fazer uma estimativa da influência de tal preâmbulo no desenvolvimento das A.C.M. Dá êle a cada Associação local e a cada movimento nacional liberdade de adaptar-se às exigências locais e às circunstâncias, de desenvolver o tipo de Associação e de programa que melhor resultado trará no meio social onde deve ser recebido. Constitue a chave da autonomia local e assim a unidade da Aliança Mundial.

Outro conceito básico é aquêle que prevê "que qualquer diferença de opinião sobre alguma matéria, mesmo de importância, mas que não esteja enquadrada dentro dos desígnios específicos das Associações, não deverá nunca interferir nas relações harmoniosas entre as entidades confederadas." Outra vez, sãbiamente pensaram aquêles delegados acemistas. O simples ato de lembrar tal princípio já conseguiu nos presentes dias conservar por várias vèzes a unidade do movimento, quando tudo fazia crer que êle havia de se dividir. Foi um precoce reconhecimento de que honestos e sinceros cristãos podem e realmente chegam a divergir em matérias assaz importantes, embora não necessitem conseqüentemente dividir-se com isso. Foi um acôrdo tácito de que as A.C.M., nos seus programas práticos em diferentes regiões, podem tomar linhas diferentes ou mesmo às vèzes opostas; isto implicava negativamente em que os programas não são a razão primacial da existência da A.C.M., e positivamente em que os "desígnios específicos" pelos quais a A.C.M. existe es-

tavam concentrados no "princípio fundamental", isto é, difundir o Cristianismo.

Ambos os princípios acima citados, importantes como são, suplementam a afirmação central, e dela deriva o seu valor. Os três, pertencem uns aos outros, e nunca devem ser separados ao procurar-se chegar à compreensão da importância da Base de Paris.

"Considerando a Jesus Cristo como seu Deus e Salvador". Êste enunciado deve ser tomado como um mínimo, um mínimo pelo qual os cristãos podem e devem "juntar seus esforços para estender o Seu Reino através da juventude." Não deve ser compreendido como uma completa expressão da fé cristã. Não é um credo, e grande parte dos cristãos gostaria de praticá-lo em sua tentativa de expressar de uma maneira mais completa suas crenças cristãs básicas. E' mais um testemunho de fé do que uma prova da fé.

UMA CONTRIBUIÇÃO A UNIDADE CRISTA

Provavelmente, mais do que qualquer outra coisa, procura a Base de Paris dar ao movimento um caráter leigo. Contudo, isso não quer dizer que os membros religiosos sejam desconsiderados pela A.C.M. Ao contrário, a A.C.M. sempre insistiu para que os seus sócios fôssem leais membros das Igrejas de sua escolha livre. Essa norma assume o significado de unidade e cooperação entre indivíduos cristãos, sempre mais fácil do que entre entidades religiosas. Isso abriu caminho à A.C.M. para dar sua contribuição à causa da unidade cristã entre os homens.

INTERPRETAÇÃO

De que maneira tem sido aplicada a Base de Paris nos últimos 100 anos? Embora te-

nham na ocasião chegado a um acôrdo, contudo nada foi assinado então. Ficou decidido, conquanto nada conste dos anais, que qualquer adesão de Associações à Base de Paris deveria ser comunicada à A.C.M. londrina. Felizmente as implicações referentes às adesões à Base de Paris, não foram claramente definidas. Em alguns casos, havia a adesão de uma Associação local, em outros a adesão de um movimento nacional. Já por essa época, era a Base de Paris aplicada de diferentes modos. Desde a sua adoção tem sido por várias ocasiões matéria de debate e controvérsia o fato de ser a Base de Paris aplicada como "uma afirmação pessoal de fé", que deve ser assinada por quem deseja ingressar no movimento, ou uma "declaração de princípios para cada A.C.M. local", a qual deverá constar no documento de sua constituição; ou ainda aplicada primariamente como uma "base de alianças de movimentos nacionais com a Aliança Mundial das A.C.M.", deixando a cada movimento nacional a liberdade de adotar sua própria declaração de princípios.

Tais diferenças de aplicação ainda existem. A Base, contudo, permanece como um laço que une as A.C.M. em todo o mundo numa Aliança Mundial.

VALOR CENTRAL

Essas Associações podem diferir em programa e método de trabalho, mas encontram-se unidas não pelas palavras da Base, mas pelo testemunho de Deus em Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual une aos homens na extensão do Seu Reino, e do qual a Base é por si uma expressão. A Base de Paris é um testemunho da fé cristã por que e para que a A.C.M. vive.



ORESTES VOLPE

Depois de quase vinte e oito anos de serviços prestados à Associação Cristã de Moços, retira-se das funções oficiais o sr. Orestes Volpe, que ocupou até há pouco o cargo de Secretário da Junta Continental, com sede em Montevideu. No decorrer desses anos, notável foi a sua contribuição à obra acemista sulamericana, devendo, com justiça, figurar o seu nome na galeria dos pioneiros do acemismo sulamericano.

Terminado o curso no Instituto Técnico das A.C.M., em 1926, desde essa época vem distribuindo suas energias e entusiasmo às A.C.M. do continente, já como Diretor do Departamento de Educação Física em Montevideu, Secretário Geral da A.C.M. de Concepción (Chile), Diretor do Acampamento Internacional de Piriápolis, professor no Instituto Técnico, Secretário da Junta Continental ou perito organizador de campanhas financeiras.

Agora o professor Volpe se afasta do quadro de secretários da Junta Continental, mas sabemos de antemão que continuará emprestando a sua colaboração espontânea ao acemismo sulamericano com a mesma eficiência e dedicação que o caracterizou nesses 28 anos de serviços.

Curiosidades

O MAIS FAMOSO RELOGIO DO MUNDO

Londres — Com a idade de 101 anos, o Big-Ben tornou-se um inválido, e somente daqui a um ano e meio o mundialmente famoso relógio e sua torre no Palácio de Westminster voltarão à sua antiga forma. É provável que a torre do relógio seja fechada aos visitantes durante os 18 meses que durarão os trabalhos de reparos, a maior parte do qual é resultado de um estrago feito por uma bomba há 14 anos. No ano próximo, contudo, o próprio relógio sofrerá uma revisão — a primeira desde 1934, quando ficou parado durante 2 meses. É provável que desta feita fique silencioso por um período idêntico.

Calcula-se que o trabalho de restauração do mais famoso relógio do mundo custará 40.000 libras.

O relógio é conhecido em todo o mundo como Big-Ben, mas o apelido, pertence, na verdade, apenas ao grande sino que bate as horas. Através de sua longa história, o Big-Ben tem sido um centro de controvérsias. Embora tenha sido completado em 1854, só foi instalado e começou a funcionar 6 anos mais tarde.

Ao contrário do que julgam muitas pessoas que ouvem a B. B. C. no exterior, as batidas do Big-Ben não são gravadas. Há um microfone instalado na torre e o som do carrilhão é transmitido diretamente. Devido ao fato de as rádio-ondas serem mais rápidas do que as ondas sonoras, os ouvintes estrangeiros ouvem as batidas do Big-Ben numa fração de segundo antes das pessoas que no momento se acham perto da grande torre.

A ARVORE MAIS VELHA

A árvore mais velha do mundo é a «Árvore Sagrada de Bo», cujos ramos esqueléticos e torcidos desafiam o tempo na cidade de Anaraiapura, na pitoresca ilha de Ceilão. Segundo os cálculos de competentes, essa árvore conta 22 séculos de existência, antiguidade não igualada por nenhum organismo vegetal no mundo.

AVE DE RARA ESPECIE ATRAVESSA O ATLANTICO

O diretor da Sociedade Protetora de Aves Silvestres do Rio Severn, sr. Peter Scott, que visitou a América Latina fazendo experiências e estudando a fauna daquela região, informou que um pato silvestre de uma espécie pouco conhecida na Grã Bretanha, chegou a um de seus tanques para aves aquáticas, situado em Slimbridge, Gloucestershire, depois de realizar, ao que parece, um voo de 4.600 quilômetros através do Atlântico.

O pato é um exemplar macho da espécie *aythya collaris*, da mesma família do pato do mar, que habita os estados do centro e este da América do Norte e emigra para o Golfo do México. A ave já partiu, e acredita-se que regressará a seu ambiente normal. Tinha as costas pretas e visíveis manchas brancas na parte dianteira das asas. A primeira vez que um pato dessa espécie foi visto na Europa foi em 1946, em Londres, e dizem que se aclimatou nos lagos de Lincolnshire.

A Sociedade Protetora de Aves Silvestres do Rio Severn foi fundada pelo sr. Peter Scott em 1946, com o objetivo de realizar investigações científicas sobre as referidas aves. Estabeleceu-se um observatório que adquiriu grande importância cultural e científica e serviu para estudar as razões da diminuição de muitas espécies de patos, gansos e cisnes no mundo. Nos terrenos da Sociedade vivem inúmeras aves silvestres de diferentes espécies.



A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO CRISTÃO

Atualmente, somos com frequência levados a refletir sobre a crise cultural em que a humanidade se debate. Duas guerras mundiais, mais a presença de prolíferas culturas anti-cristãs, iluminaram quarenta anos de matança, destruição e caos. Estudantes, por experiência própria, tornaram-se conscientes da presente crise, no cada vez maior fracasso dos homens modernos ao pretenderem levar de roldão mesmo as mais elementares atividades humanas.

O casamento está sendo transformado numa nova espécie de instituição, quedando sobre os sentimentos de duas pessoas — uma frágil fundação quando tais sentimentos não têm sua base moral e espiritualmente constituídas. As relações entre pais e filhos, adultos e jovens, estão começando a suscitar mal entendimentos, hostilidades e conflitos de cada vez maiores proporções. Torna-se patética a situação das pessoas mais idosas, numa sociedade que insiste em glorificar a mocidade, por sentirem-se as mes-

mas desprezadas e não mais prestativas. Quando homens e mulheres não podem convolar matrimônio, crescem as crianças sem aquele estável sistema de compreensão, e todo aspecto da vida torna-se-lhes incerto.

Nos dias atuais já não existe aquele primitivo otimismo dos velhos tempos, quando os líderes religiosos confidencialmente indicavam soluções cristãs para todos os problemas sociais. Em seu lugar, há uma nova busca de compreensão na teologia e na realidade da adoração. Até agora tais interesses nascentes na teologia e adoração não têm sido praticados incisivamente com vistas aos problemas racionais, políticos, econômicos e culturais de nossos tempos.

Imaginemos um acidente numa estrada. Chega um cristão à cena. Seu amor ao próximo imediatamente o fará proporcionar os primeiros socorros aos feridos. Devemos encarar tal fato como sendo uma ação *remediadora*, que é sempre uma primária e indesculpável

obrigação cristã. Mas isto não é tudo o que se pretende de um amor cristão sensitivo e inteligente. O amor cristão deve igualmente compreender uma ação *preventiva*. O que se poderia fazer com referência àquela curva perigosa da estrada, de um modo prático, para poder evitar-se novos acidentes? Poderíamos ao menos fazer com que decrescessem as probabilidades de acidentes futuros? Em toda a área social onde se perceber algo desajustado, ali cabe não só a ação *remediadora* como também a *preventiva* do amor ao próximo. Acredito que as quatro seguintes bases fornecerão ao cristão tanto uma ação *remediadora* como também uma *preventiva*.

por PRENTISS L. PEMBERTON,
Diretor Associado da Fundação
Danforth, em St. Louis e ex-
professor de Ética Cristã em Andover-
Newton, E. U. A.

(Copyright de "Intercollegian", especial para "Revista ACM").

1 — Atos de gratidão.

O comportamento cristão e uma resposta de arrependimento, de obediência para com a graça divina de redenção dos pecadores, chamando-os a Si. Tal ação, não é o belo gesto de um nobre homem; é ela o gesto cheio de amor de um homem agradecido. A fórmula, não é “ações para a salvação”, mas sim “frutos para a salvação”.

Um texto-chave podemos encontrar nas palavras de Cristo, em João: “Se você me ama, siga os meus mandamentos.” Tal regra não implica uma obrigação moral; tudo gira em torno de uma resposta do amor cristão. Aqui, nos lembraremos dos grandes instrutores do atletismo que induzem seus pupilos a esforços sobrenaturais, não pela força, mas pela evocação do afeto e da lealdade.

2 — Agir sem prevenção ou sentimentalismo.

O amor cristão encontra expressão quer nas ações entre vários pecadores arrependidos, quer quando temos um pecador arrependido e outro não. Tais ações, não são sentimentais, e nunca se deve esperar “muito” do próximo, nem chegar à desilusão ao receber uma resposta depreciativa ou mesmo hostil. Desde que tudo consiste na gratidão que o indivíduo sente para com Deus, no tocante à sua própria felicidade, não podemos ter por base qualquer cálculo de resultados pragmáticos. O cristão ama ao próximo porque Cristo o amou primeiro, e porque ele crê nas potencialidades divinas dos outros entes humanos.

3 — Realismo e equilíbrio de forças.

A ação cristã dá o devido valor à divina importância das instituições sociais. Há uma razão pela qual tal ação torna-se preventiva tão bem como remediadora. E' pela reforma

de certas instituições, ou mesmo desenvolvendo outras inteiramente novas que poderemos chegar à reforma de determinado trecho de estrada. A tradição bíblica tem explicitamente observado que instituições tais como a família, a propriedade e o governo pertencem a uma ordenação divina.

Nós devemos cuidadosamente notar uma única interpretação que se tem desenvolvido na teologia cristã, e que concerne a tais instituições sociais. Nos primeiros séculos de nossa era, os líderes religiosos, quase que totalmente de comum acôrdo, chegaram à conclusão de que tais instituições sociais haviam sido estabelecidas por Deus como consequência do pecado humano. No Paraíso, não teria havido a necessidade de instituições tais como a propriedade e o governo, embora muitos vejam a família como originária da própria criação. Isso é muito diferente da noção aristotélica de que as instituições cresceram das experiências humanas de um modo tão natural como de uma bolota nasce um carvalho. Este conceito cristão é profundamente realístico. Ele não glorifica qualquer instituição como sendo boa em sua própria essência; fixa ele que são as instituições boas para os homens principalmente devido às debilidades dos mesmos.

O realismo cristão no que concerne às instituições sociais, leva à conclusão de que o poder deve ser equilibrado dentro de todas as instituições. O homem pecador, quando líder, deve ser restringido por uma limitada autoridade. Nos primeiros tempos, isso significava que Deus, como juiz final, estaria sobre todos os chefes políticos e os grandes homens de posse. Durante a idade medieval foi largamente debatido o tema de que Deus poderia estabelecer uma limitação de autoridade aqui mesmo na terra. João de Salisbury ensinava que caso um rei fôsse tirano poderia ser exterminado pelos seus próprios

suditos. Os poderes políticos e econômicos não podem nunca tornar-se quer arbitrários, quer absolutos.

Tal realismo cristão e a necessidade de contrabalançar o poder em todas as instituições tem sido uma força significativa tutelando o desenvolvimento da democracia e da justiça econômica.

4 — Conceber todas as atividades humanas nos termos da ação divina na história.

É através da Bíblia que o homem reconhece suas atividades políticas, sociais e econômicas. Torna-se urgente hoje em dia que os cristãos procurem esta ampla visão de tudo quanto se passa em nossos tempos.

Tomemos a moderna tecnologia, por exemplo. O que estará Deus fazendo no ramo da tecnologia? Acredito firmemente que Ele está oferecendo à humanidade oportunidade de contar com bem estar físico e enriquecimento cultural, e isto em geral, não somente a um número limitado de membros de classes mais elevadas.

Sugestões práticas.

Com base nos quatro pontos anteriores, aqui estão algumas sugestões práticas para as táticas cristãs:

1 — Como cristãos que somos, devemos iniciar a nossa ação com uma prece. Somente quando, como o filho pródigo, formos de tal maneira tomados por Deus, “voltando-nos a nós mesmos”, teremos conseguido aquêle espírito humilde, cheio de amor, de dedicação, tão necessário para poder-se afirmar, levantar a voz e estar pronto a aceitar outros pontos de vista válidos. Tudo isso é necessário para uma ação social criadora.

2 — Como cristãos, devemos disciplinar-nos a fim de estudar problemas sobre os quais queremos realizar algo. Amor e boa vontade não podem ser substituídos por cultura e compreensão.

3 — Como cristãos ainda, devemos humilde mais firmemente aceitar padrões de trabalho. O estudo não pode resolver plenamente toda a confusão que há em torno de complexas matérias. Devemos ainda ter a coragem de adotar padrões mesmo à luz dos melhores conhecimentos que formos capaz de adquirir.

4 — Como cristãos, devemos permanecer acessíveis às novas verdades, desde que haja possibilidade de se alterar os mencionados padrões ou de substituí-los por outros novos: Quanto mais estudo os conflitos sociais, mais me convenço de que as lealdades cegas e inflexíveis constituem o maior bloco de obstrução às ações construtivas. Certamente, nossas bases cristãs, como pecadores arrependidos, começando pela oração, deverão dar-nos poder necessário para uma mais eficiente obra social, quer no interior de partidos políticos, quer em movimentos que visem a favorecer as classes mais pobres, quer em meio a outras ações diversas, não como dogmatistas mas como estudiosos.

A crise cultural mencionada no primeiro parágrafo, pode ser superada, creio, somente ao encontrarem as Igrejas Cristãs bases e táticas para uma ação social. Quer meus propósitos contribuam ou não para tais propósitos, eu desafio cada um de vós a dedicar-se a esse objetivo.

AOS LEITORES

Devido às restrições impostas pelo Banco do Brasil à importação de papel para imprensa, Revista ACM viu-se na necessidade de reduzir seu número de páginas. Pedimos desculpas aos nossos leitores por essa ocorrência e esperamos voltar ao normal, tão logo tenhamos regularizada a situação.



O PRIMEIRO CABO TELEFÔNICO TRANSATLÂNTICO

LONDRES (B.N.S.) — Em princípios de julho, o Monarch, navio instalador de cabos submarinos, o maior do mundo, iniciou o seu trabalho de ligar pela primeira vez a América do Norte e a Grã-Bretanha por cabos telefônicos submarinos.

Existe um cabo telegráfico através do Atlântico desde 1866 e uma ligação radio-telefônica desde 1927, mas o primeiro não pode transmitir a palavra falada e a segunda sofre as incertezas da atmosfera e da ionosfera. O novo cabo estabelecerá ligações telefônicas de primeira classe e seguras.

A criação de ligação telefônica transatlântica que, segundo se espera, entrará em funcionamento nos fins de 1956, é uma iniciativa conjunta de entidades particulares e governamentais dos E.U.A., Canadá e Grã-Bretanha.

Os cabos necessitarão em sua manufatura de 2.700 toneladas de cobre, 1.400 toneladas de polietileno (para isolamento), 11.000 toneladas de fio de aço, 1.800 toneladas de fio de juta e ... 2.400.000 jardas de tecido de algodão, para revestimento.

Os repetidores (equipamento amplificador) serão inseridos nos cabos em intervalos determinados. Serão colocados em profundidades de duas milhas e estarão sujeitos a pressões de 2.5 toneladas por polegada quadrada. Ao todo, 400 válvulas e 10.000 componentes elétricos aproximadamente serão instalados sob o oceano. Esse material foi projetado para servir durante 20 anos.

A ELETRÔNICA NA CRIAÇÃO DAS ABELHAS

LONDRES (B.N.S.) — Está sendo experimentado em mais de 10.000 colméias no Reino Unido um novo aparelho para a apicultura. Conhecido como "Apidictor", foi ideado pelo sr. E. F. Woods, engenheiro electricista que trabalha há mais de 25 anos na BBC. Segundo o sr. Woods, o emprêgo de tal aparelho — que foi patenteado em todo o mundo — diminuirá o número de horas de trabalho perigoso para os apicultores, evitando perturbar o trabalho das abelhas e permitindo ao mesmo tempo que elas produzam mais mel.

O sr. Woods, que cria abelhas há mais de 16 anos como um passatempo, tem observado as diversas fases do comportamento desses insetos e gravado os diferentes sons emitidos pelos mesmos.

Quando as abelhas-mestras mais jovens estão produzindo alimento para a rainha e para as jovens larvas, conhecido como Geléia Real e proveniente das glândulas existentes na parte posterior de seus olhos, elas, juntamente com outras abelhas, emitem um som constante que se assemelha a um La Bemol. Quando surge uma agitação qualquer que impeça a postura da rainha, o consumo de Geléia Real, diminui; a reação das abelhas-mestras a essa paralização é notada em uma variação de sons que oscilam entre o Dó maior e o Sol maior.

O "Apidictor" é uma peça minúscula de equipamento eletrônico, com um pequeno microfone na extremidade de um bastão e um par sensível de fones instalados no mesmo. Quando o microfone é introduzido na abertura, na frente da colméia, amplia qualquer som emitido pelas abelhas-mestras e esses sons podem ser ouvidos através de fones. Comprovada a interrupção na postura da abelha rainha, pode ser feita a colheita do mel.

A ARTE COMO VOCAÇÃO

por Oliver O'Connor Barrett, copyright de "INTERCOLLEGIAN" especial para "REVISTA ACM".

POR QUE ESCOLHI A ARTE RELIGIOSA

Esta é uma questão pessoal, e merece uma resposta pessoal. Fui criado na Inglaterra por pais que levavam a religião a sério. Sem ser demasiadamente impressionado, considerei a religião sempre como parte de minha vida. Aos seis anos de idade, posso lembrar de mim mesmo pensando no Criador e com Ele assumindo compromissos, os quais fui levando tão mais a sério à medida que iam passando os anos. A capacidade de meditação de uma criança é muito subestimada, juntamente com o seu discernimento em saber quando é dada uma resposta hipócrita a uma pergunta honesta.

O folclore e histórias sobre o Antigo Testamento muito me impressionaram em criança, e agora, adulto, o Novo Testamento é para mim a principal fonte de inspiração. Tendem os artistas a trazer à realidade as suas impressões mais precoces, principalmente se considerarmos os conceitos tidos na infância como dos mais vívidos e que tal setor da memória nos proporciona um encontro entre o consciente e o subconsciente. E' da escuridão ou semi-escuridão que nascem as nossas idéias mais brilhantes.

Um acontecimento que exerceu sobre mim razoável impressão, durante minha infância, foi o encarceramento de meu pai por ser pacifista, durante a primeira guerra mundial. A minha própria situação numa

escola com tendências militaristas, requereu de mim certa dose de meditação e me influenciou de certa maneira no meu modo de encarar os fatos. Presentemente, adotei as convicções pacifistas de meu pai, embora isso não se desse antes de muita ponderação e conseqüentes provas. Com tal fundamento, a religião nunca pôde transformar-se em matéria meramente acadêmica para mim.

O desejo de chegar à raiz das coisas fez-me estudar o Novo Testamento, e rebelo-me contra o conceito de Cristianismo comumente empregado pela Igreja. Certamente, nunca chegarei a ser um cristão ortodoxo! Minha fé atual baseia-se numa vasta capacidade de dúvida. Se nós não podemos levantar perguntas, como conseguiremos as respostas? Se não somos livres em rejeitar algo, como poderemos conscientemente aceitar alguma coisa? Ainda tenho fé, e estou sempre pronto a comunicá-la a alguém.

A arte religiosa é para mim a expressão natural de uma fé pessoal, e o ato de expressá-la, a forma mais ativa e mais profunda de adoração. E' também o desejo intenso de transmiti-la ao meu próximo, especialmente àquelas pessoas que como eu sentem a necessidade de uma base religiosa à sociedade. Tendo encontrado um terreno firme onde construir, muito simplesmente desejo repartir minha tarefa com os outros. Sendo um artista, o



Gravura em relêvo, de Oliver Barrett (Série «Hino à Criação»).

principal modo pelo qual poderei levar isso à prática, será a arte. Creio ter a mesma uma função mágica, e o amor pelo qual chega ela à realidade transborda da obra artística e vai alcançar qualquer um que esteja apto a recebê-lo.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE A MINHA OBRA RELIGIOSA E AQUELA QUE NÃO É?

O dr. Paul Tillich declarou certa vez que toda a arte é religiosa. Isso é verdade, pois a criação de uma obra artística é sempre o resultado de um ato de fé. Uma arte que não essencialmente arte, nunca poderá ser religiosa em sua essência. Entretanto, cumpre aqui limitar o significado de "arte religiosa". Arte religiosa é a arte concebida como tendo trazido à realidade um assunto religioso e adaptada para o emprego na decoração de uma Igreja.

Minha intenção é levar avante o desenvolvimento de uma grande tradição. Isso não significa plagiar o passado. Uma

tradição é considerada como tal somente em virtude da continuidade de sua vida e de seu desenvolvimento. Muitos religiosos convictos sentem que a arte religiosa para ser boa necessita ser do estilo gótico. Tais indivíduos quedar-se-iam assombrados se lhes ultimássemos considerar sua religião como existente somente no passado e não continuando pelo presente. A arte gótica produzida no século vinte está muito atrasada. Há alguns exemplos sombrios de tal arte em New York. Quando desejamos reproduzir os sentimentos de coisas já passadas, tudo que podemos fazer é só reduzi-las ao sentimentalismo. Ou, quando é essa intenção reproduzir o estilo das mesmas, a nossa obra será alguma coisa torneada, meramente acadêmica, morta. Para o estilo é um fator intrínseco o sentimento imediato e a experiência.

O estilo é igualmente condicionado pela época e pela finalidade. Meu propósito pode ser aquilo que é às vezes considerado "desejo de dizer algo". E' mais no sentido da parábola, tão universal que difícil se torna dizer a época de seu aparecimento. Outra coisa, a abstração de estilo não quer significar abstração de conteúdo. O Criador, por exemplo, não é uma abstração, senão algo cheio de vida, um poder dinâmico

cuja satisfação é fazê-lo visível e tangível a todos os homens.

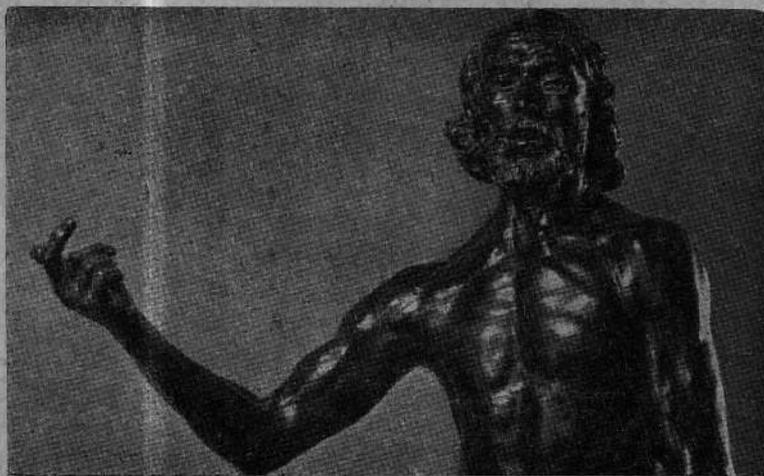
Jesus Cristo, artista que foi, sempre se pronunciou em imagens concretas. Era certamente parte de sua compaixão fazer-se sempre entendido por todos usando imagens e linguagem simples. Foi o mestre das parábolas, e a sua habilidade em pronunciar verdades universais por meio de simples parábolas, muito me influenciou com relação à arte.

E' minha convicção que a arte religiosa que não chega a nos influenciar, não só não seja arte religiosa, como nem arte sequer. Meu desejo é pois comunicar-me de uma maneira simples e direta, o mais possível, e num estilo que tenha qualidades permanentes.

EM CONCLUSÃO

Meu propósito na arte religiosa é criar obras cuja mensagem possa alcançar qualquer tipo de pessoas, tanto sofisticadas como insofisticadas. A estética, eu a encaro como tarefa exclusiva do artista. O significado da obra, pode vir à luz claramente, para ser visto e sentido sem alguma interferência mental. Toda a técnica que posso desenvolver é no sentido que a arte seja transparente, mas que seja visível a fonte de sua inspiração.

«São João Pregando», de Rodin



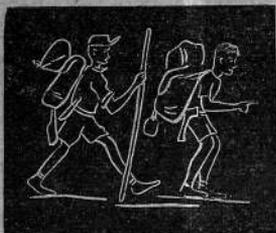
O APARECIMENTO DO RELÓGIO

A forma antiga mais conhecida do relógio foi a clepsidra, movida a água pelo escoamento através de um orifício. O fluxo era mantido com uniformidade e o tempo registrado num mostrador. Consta ter sido inventada pelos egípcios, possuindo os gregos formas próprias e, ao que parece, uma das mais complicadas acredita-se ter sido inventada por Platão ou, segundo outros, por Ctesíbio. Da Grécia passou para Roma, onde foi introduzida em 159 A. C.

A idéia de substituir a água da clepsidra por um pêso, que acionasse o mostrador, foi engendrada e realizada pelo gênio inventivo de Arquimedes. Todavia, tornava-se necessário um dispositivo que regulasse a descida do pêso com maior precisão, o que determinou a invenção do escape e do pêndulo, cuja forma mais tosca foi confeccionada por Gerbert de Auvergne.

Em velhos relatos vem declarado que Carlos Magno recebeu de presente, em 809, enviado por Harum-al-Raxid, um relógio com campainhas e um cavaleiro que, ao chegar das doze horas, surgia e desaparecia por uma portinhola. Hoje, quer-nos parecer que êsse relógio tenha sido uma clepsidra, munida de campainhas agitadas ao fim de cada hora.

No século XII os relógios foram empregados nos mosteiros e anunciavam o fim das horas por meio de um sino acionado por uma roda. Dêsse costume é que provém a expressão bater as horas.



EDUCANDO ATRAVÉS DA NATUREZA

A maioria das coisas que um garoto aprecia em geral são mal encaradas por seus pais e mentores, e a maior parte daquilo que estes desejam que um garoto pratique não está muito de acordo com os desejos do menor.

O acampamento constitui uma exceção.

Tanto um garoto gosta de ir a um acampamento, como seus pais gostam de enviá-lo para aquele local. É claro que os adultos agem visando a uma finalidade e o menor a uma outra, mas todas elas conduzem a uma excursão absorvente e a um pouco de aventura; e, sendo assim, quem iria incomodar-se com objetivos?

Nós é que temos que nos preocupar com eles. Aquêles de nós que têm por responsabilidade elaborar o programa de um acampamento, que se deseje seja bem sucedido, têm por encargo conciliar os mais variados propósitos do menor, com os de seus pais, conselheiros e diretores do acampamento. Porque se não contentarmos a todos... para o ano que vem não teremos acampamento.

Um garoto costuma acampar para divertir-se; para estar em meio a seus amigos e travar novas relações; para adquirir novas habilidades em natação, remo, trabalhos manuais, etc.; para estar ao ar livre e dar expansão a seu instinto natural de liberdade. Os objetivos que os pais buscam com maior insistência, e que podem ser como melhorar a etiqueta, a polidez, a obediência, etc., são como regra, postos de lado por um garoto.

A tarefa do acampamento consiste em cuidar que ele receba tais benefícios; mas toda aquela parte mais árdua do desenvolvimento do caráter deve sempre vir acompanhada das distrações sadias de um programa de acampamento.

Aqui estão algumas qualidades que um garoto pode adquirir num acampamento, quer o aprecie ou não... e geralmente éle o aprecia:

1 — Amor à vida ao ar livre, à naturalidade e simplicidade da vida nas florestas em contraste à artificialidade e complexidade da vida nas cidades.

2 — Um melhor uso das horas de lazer, aprendendo a desenvolver dentro de si mesmo fontes criadoras de jogos e recreações.



3 — Um aperfeiçoamento de sua imaginação e senso de apreciação. O estímulo das experiências aventurosas nas florestas, sobre as águas e sob o leito de estrelas do céu.

4 — Noções de cidadania. A intimidade da vida no acampamento ensina as necessidades e o valor da cooperação entre os acampantes.

5 — Disciplina, especialmente através da pressão que sobre éle exercerá o grupo de acampantes de sua própria idade, no sentido de dominar os gestos impulsivos.

6 — Independência. Uma emancipação da indulgência e do domínio excessivo dos pais muito chegados.

7 — Admiração e emulação de líderes e conselheiros.

Há mais algumas coisas que um jovem leva para casa, e que são difíceis de se expressar por palavras... uma fogueira ao luar... meditações espirituais... canções de camaradagem... as palavras do líder da barraca ou de um companheiro do acampamento... a proximidade das estrelas e Daquela que está por sobre elas.

A natureza é quem faz a pré-dica no acampamento e os seus sermões nunca são demasiadamente longos.



CAMPANHA FINANCEIRA

Durante os meses de junho, julho e parte de agosto, a A. C. M. esteve empenhada no levantamento de fundos para custear a conclusão da nova sede. 7.393.397 cruzeiros foram conseguidos graças ao esforço e dedicação daquelas pessoas amigas da A. C. M. que não poupam esforços para ver a A. C. M. crescer com São Paulo. A campanha foi clausurada no dia 10 de agosto, com a entrega de medalhas aos colaboradores que mais se destacaram.



Medalha cunhada especialmente para homenagear aqueles colaboradores que mais se destacaram na campanha financeira.

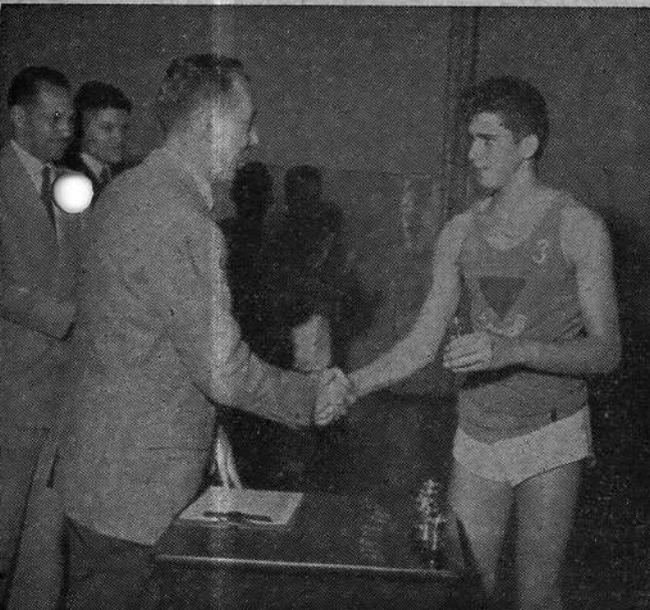
ACEMISTAS PAULISTAS EM PARIS

Dada a importância das comemorações do Centenário da Aliança Mundial das A. C. M., partiu com destino a Paris no dia 25 de julho último a delegação paulista que deverá representar a nossa A. C. M. naquêlê conclave. Liderava a caravana o sr. Julian Haranczyk, secretário de Extensão.



ADMINISTRAÇÃO DE NEGÓCIOS

Aspecto de uma aula do Curso de Administração de Negócios, mantidos pelo Depto. Cultural da A. C. M.



O dr. Edgar Caldas Barbosa, presidente do Conselho do Departamento de Educação Física e patrono da equipe vencedora, faz a entrega dos prêmios aos vencedores do Campeonato de Bola ao Cesto recém clausurado.

CAMPEONATO DE BOLA AO CESTO

Realizou-se no mês de julho o tradicional Campeonato de Bola ao Cesto, organizado pelo Departamento de Educação Física. Como sempre, interesse e entusiasmo não faltaram.

MYLES MOYNA

De passagem para Paris, onde participará das celebrações do Centenário da Aliança Mundial, esteve em São Paulo o sr. Myles Moyna, secretário geral da A. C. M. de Montevidéu, Uruguai.

MÁUS TEMPOS

Não estás cansado de ouvir esta eterna cantilena de «os máus tempos», hoje, ontem e há dez, vinte, cinqüenta e mais anos atrás? Não é verdade que há pessoas para quem é permanente esta suposta situação de mal estar do país, nos negócios em geral e nos seus em particular?

Os máus tempos é uma frase gravada nos lábios de todos os fracassados, os ineptos e os pusilânimes; supremo recurso dos que não têm em suas convicções, nem ânimo para lutar, e que, de antemão, estão vencidos. Esses são os que gemem constantemente e de quem ouvimos estas lamentações: Não se pode viver. Os negócios, tal como estão as coisas, não dão para nada. Estamos atravessando uma época muito ruim...

Um industrial espanhol que, por sua energia, sua atividade e perseverança, conseguiu abrir caminho na vida e alcançar uma situação de relêvo nas indústrias, conta que se tivesse acreditado nessa lenda de máus tempos, nunca teria saído da obscuridade e da miséria na qual vivia.

Quando veio de sua aldeia, próxima à Madrid, no ano de 1898, era ainda um rapazola. Seu primeiro trabalho foi o de aprendiz de alfaiate e a primeira coisa que ouviu dos lábios dos que iam ser seus companheiros de profissão, foram estas: «Rapaz, como te atreves vir a Madrid? Os bons tempos já se passaram!»

Quinze anos mais tarde, tendo feito algumas economias, pensou em estabelecer-se. Não faltaram amigos e companheiros que lhe dissessem o mesmo: «Como tens coragem de te estabeleceres com tão máus tempos?»

Passaram-se alguns anos. Já estabelecido e consolidado o seu negócio, não sem sacrifícios, trabalho e privações, decidiu-se casar. E ouviu a mesma cantilena: «Que audácia! Casar-se numa época destas!»

E sempre tem sido o mesmo, desde que existe o homem sobre a terra. Os que não servem para coisa alguma, os pessimistas, os inúteis tratam de desculpar sua própria inaptidão com o recurso dos máus tempos. A verdade é que não há máus tempos, nem bons tempos. Estes são o que nós queremos que eles sejam. De nós depende, na maioria das vezes, que os tempos sejam bons ou máus.

SABEDORIA DOS SÉCULOS

por HUBERTO ROHDEN

Tôdas as coisas, mesmo as mais pequeninas, são grandes, quando feitas com grandeza de alma.

Livra-me, senhor, da soberba mesquinhez de querer ser servido — ensina-me a humilde grandeza de querer servir!

Sou cidadão do universo; aqui na terra sou apenas imigrante temporário — por isto, quero cumprir com a máxima perfeição e alegria o meu estágio telúrico.

Nunca farei depender a minha felicidade de algo que não dependa de mim.

Não maldirei as trevas do ódio que me cercam — acenderei no meu interior a luz do amor.

Guia-me, Luz Divina, por teus caminhos, para que nenhuma ingratidão me faça ingrato, nenhuma amargura me faça amargo, nenhuma maldade me faça mau — que eu queira antes sofrer tôdas as injustiças que cometer uma só.

ÚTIL E PRÁTICO

* Escolhendo para as comidas, verduras e legumes da estação, obtém-se enorme vantagem, pois eles são consumidos mais frescos e obtidos por menos preço.

* Logo que se perde uma chave, não se deve esperar que aconteça o mesmo com a duplicata. Pense-se que isto pode acontecer e será necessário recorrer a um serralheiro para entrar em casa ou arrombar um móvel para abri-lo. Faça em seguida uma réplica da chave perdida.

* Para se conservar melhor as côres nas pinturas e quadros, deve-se submergi-los em água com sal. Para a limpeza dos móveis, nada melhor do que água e sal, usando-se uma escôva.



QUESTAO DE TEMPO

Esposa — Se fizer bom tempo hoje sairei a fazer compras. Que diz o almanaque para hoje?

Esposo (apressadamente) — diz chuva, nevoeiro, neve e trovoadas.

PRIVILÉGIO

No portão do cemitério de certa vila andou por algum tempo afixado o seguinte aviso:

“Neste cemitério só serão enterrados os mortos que viveram na povoação”.

NÃO ESTAVA CHUPANDO BALAS...

— Apanhei-te, Pedrinho! Confessa que estavas a chupar balas na classe.

— Confesso, mas...

— Mas o que?

— Não estava propriamente chupando balas; guardei-a na boca porque no bolso, com o calor, ela se desmanchava...

GRANDE PULO...

— Acredite, papai, sou capaz de dar um pulo maior do que as tôrres da igreja — disse Carlos aos irmãos.

— Não sejas tolo, meu filho!

— Pois olha — replica o Carlitos, pulando — eu dou um pulo assim e as tôrres não são capazes de dar nenhum...

A MEDIDA DO VIDRO

João encontra o seu amigo Carlos, na rua, com os braços estendidos para a frente.

— Que tem você? Está com os braços engessados?

— Não. Esta é a medida de um vidro que quebrei lá em casa, e vou agora comprá-lo!



ORGANIZACION DE LOS ESTADOS AMERICANOS

Consejo Interamericano Cultural

CAC-E-10
17 junio 1954

M. 1076
P. 1
EX. B. 19
UNIPER

COMITE DE ACCION CULTURAL

Comisión Permanente del Consejo
Interamericano Cultural

ESTUDIO SOBRE COLONIAS ESTUDIANTILES DE VACACIONES

(Resolución XXXII de la Primera Reunión
del Consejo Interamericano Cultural)

1954

Departamento de Asuntos Culturales
UNION PANAMERICANA · WASHINGTON, D. C.



ORGANIZACION DE LOS ESTADOS AMERICANOS
Consejo Interamericano Cultural

CAC-E-10
17 junio 1954

COMITE DE ACCION CULTURAL

**Comisión Permanente del Consejo
Interamericano Cultural**

ESTUDIO SOBRE COLONIAS ESTUDIANTILES DE VACACIONES

**(Resolución XXXII de la Primera Reunión
del Consejo Interamericano Cultural)**

1954

Departamento de Asuntos Culturales
UNION PANAMERICANA · WASHINGTON, D. C.

NOTA DE LA SECRETARIA

De acuerdo con las funciones del Departamento de Asuntos Culturales de la Unión Panamericana, como Secretaria del Consejo Interamericano Cultural, tengo el honor de transmitir a los Representantes de los Estados Miembros ante dicho Consejo el dictamen definitivo del Comité de Acción Cultural sobre "Colonias Estudiantiles de Vacaciones" (Resolución XXXII de la Primera Reunión del Consejo Interamericano Cultural).

Érico Veríssimo
Secretario Ejecutivo del
Consejo Interamericano Cultural

Washington, D.C.
Agosto de 1954

I N D I C E

	pág.
Nota preliminar.....	1
I. <u>Alcance y beneficios de las Colonias Estudiantiles de Vacaciones.....</u>	2
II. <u>Experiencias obtenidas en el plano internacional.....</u>	4
III. <u>Posibilidades concretas de extensión de estas experiencias al campo interamericano.....</u>	7
IV. <u>Recomendaciones del Comité de Acción Cultural.....</u>	9
<u>Anexo: bibliografía sobre Colonias Estudiantiles de Vacaciones y campamentos escolares.....</u>	13
Información de la Sra. Marie P. Trego sobre el Centro Mundial de Girl Guides y Girl Scouts de Cuernavaca, México.....	22

NOTA PRELIMINAR

En su Primera Reunión, celebrada en México, D.F., del 10 al 25 de septiembre de 1951, el Consejo Interamericano Cultural resolvió encomendar al Comité de Acción Cultural "un estudio que contenga las recomendaciones adecuadas y destaque los alcances y los beneficios de estas instituciones [las Colonias Estudiantiles de Vacaciones], así como las experiencias obtenidas en el plano internacional, señalando las posibilidades concretas de su extensión al campo interamericano" (Resolución XXXII).

A fin de contar con los antecedentes pertinentes para el presente estudio, el Comité de Acción Cultural encomendó a su Secretaría local la reunión de todo el material de trabajo relativo a la organización y funcionamiento de las colonias de vacaciones en Europa y en América, sus fundamentos, objetivos y rendimiento práctico, así como los medios para dar a estas colonias un alcance interamericano.

Siguiendo estrictamente los términos de la Res. XXXII del CIC, el Comité decidió metodizar el presente estudio dividiéndolo en cuatro partes principales:

- I. Alcance y beneficios de las Colonias Estudiantiles de Vacaciones;
- II. Experiencias obtenidas en el plano internacional;
- III. Posibilidades concretas de extensión de estas experiencias al campo interamericano; y
- IV. Recomendaciones del Comité de Acción Cultural.

México, D.F., a 17 de junio de 1954.

Vianna Moog,
Delegado de Brasil,
PRESIDENTE

Robert G. Caldwell
Delegado de Estados Unidos

Jean Duvigneaud
Delegado de Haití

Luis Guillermo Piazza,
Secretario del CAC.

Víctor Adib
Investigador.

I. ALCANCE Y BENEFICIOS DE LAS COLONIAS ESTUDIANTILES DE VACACIONES

Las Colonias Estudiantiles de Vacaciones son instituciones pedagógicas y de higiene preventiva, que ofrecen temporariamente a los educandos los beneficios de una educación práctica en contacto con la naturaleza y los de una vida higiénica, comunitaria, que permiten tanto el desarrollo de la personalidad individual y el espíritu de iniciativa propia como el sentido de responsabilidad social*.

Debidamente organizadas, las Colonias Estudiantiles de Vacaciones constituyen una continuidad de la función educadora de la escuela, la que sigue ejerciéndose mediante una relación más directa con el ambiente natural y el mejor conocimiento de los educandos facilitado por su convivencia con los maestros.

Los principales objetivos de las Colonias Estudiantiles de Vacaciones pueden sintetizarse de la manera siguiente:

1) Dotar a los estudiantes de centros educativos en donde se les ofrezca un ambiente higiénico y condiciones apropiadas a su bienestar físico;

2) Fomentar en los estudiantes el espíritu de colaboración social y el desenvolvimiento de la personalidad individual, a través de la vida en común en un grupo social distinto del familiar;

3) Ofrecer a los estudiantes las experiencias educativas que surgen del contacto directo con la naturaleza;

4) Facilitar el intercambio de estudiantes entre diferentes regiones de un mismo país, enriqueciendo de un modo práctico sus conocimientos geográficos, históricos, económicos y sociales;

5) Desarrollar el conocimiento psicopedagógico de los estudiantes por la investigación directa y experimental de su comportamiento en un medio diferente al estrictamente escolar.

* Véase Dantón Canut Martorell, Las colonias escolares de vacaciones, en "Revista del Instituto Nacional de Pedagogía", México, D.F., año III, octubre de 1949, núm. 12.

Las Colonias Estudiantiles de Vacaciones pueden ser de distintos tipos: por su duración, temporarias (de verano o invierno) o permanentes; por su situación, de montaña, interiores o marítimas; por su sostenimiento, oficiales, privadas o de aportes combinados; por su administración, colonias por contrato o por administración directa; por sus integrantes, de varones, niñas o mixtas.

Por todos los beneficios señalados aparece impostergable el deber de la sociedad de fomentar las Colonias de Vacaciones. Es un concepto de justicia social prevalente en el mundo actual, el que los fuertes y normales tienen la obligación de atender a los débiles y más necesitados. Pero este precepto debe ampliarse mucho más en sus consecuencias prácticas. El Estado se ha comprometido a proporcionar educación universal y obligatoria y, por tanto, ha asumido la responsabilidad de velar por el desarrollo físico de los escolares dentro de su formación integral. A este respecto, las Colonias de Vacaciones constituyen uno de los medios preventivos más eficaces, no sólo para contrarrestar los efectos perjudiciales de hogares inadecuados, sino también para compensar las condiciones deficientes de ciertos ambientes escolares: edificios anticuados, pupitres mal diseñados, escasez de luz, salas poco ventiladas y sin o con demasiada calefacción, horarios excesivos, etc.

Por otra parte, el Estado y los particulares interesados deben también intervenir para contrarrestar los efectos de la industrialización y de la creciente concentración urbana. En este sentido, aunque los hogares sean adecuados, parece evidente la necesidad de brindarles a los escolares ambientes diferentes a los de las ciudades contemporáneas. En otras épocas esto no hubiera constituido un problema en América, por el alto índice de población rural o las posibilidades de una gran mayoría de alternar la vida ciudadana con la campestre. En la actualidad, las condiciones han variado totalmente, como lo indican los índices de industrialización y de distribución de población urbana y rural.

Por todos los motivos señalados, la Resolución XXXII del Consejo Interamericano Cultural es no sólo importante en sus aspectos generales sino particularmente oportuna al trasladar al campo interamericano la intensificación de las Colonias Estudiantiles de Vacaciones.

II. EXPERIENCIAS OBTENIDAS EN EL PLANO INTERNACIONAL

Las Colonias Estudiantiles de Vacaciones propiamente dichas se establecieron por primera vez en Zurich, Suiza, en 1876. La eficacia de estas instituciones quedó demostrada en la práctica gracias a los esfuerzos de su creador, el pastor protestante M. W. Bion, y su éxito tuvo tales alcances que a escasos siete años de realizado el primer experimento se establecieron en todos los Cantones suizos con resultados muy satisfactorios. Después del ensayo suizo, Alemania las organizó en 1878, y ya en 1885 gozaban de sus beneficios más de diez mil niños. En Austria se establecieron hacia 1880; en Rusia, en 1882; en Francia, el año siguiente; en Italia, en 1893; y en España, en 1887.

Desde su establecimiento en Suiza en 1876 hasta el presente, las Colonias Estudiantiles de Vacaciones se han desarrollado en todo el mundo, pudiéndose afirmar que en la actualidad la mayor parte de los países europeos y muchos de los americanos las tienen establecidas. Los gobiernos nacionales, estatales o municipales, así como algunos de sus organismos autárquicos, tienen destinadas diversas partidas presupuestarias para este fin específico, y con la ayuda también de la iniciativa privada cientos de miles de estudiantes reciben anualmente los beneficios de estas instituciones.

Parece evidente que las Colonias de Vacaciones han tenido un desarrollo mucho mayor en los países anglosajones, dado su espíritu comunitario, de servicio social, más acendrado que el de los países latinos, en donde perdura un tipo de vida más individualista, con preponderancia de la familia como núcleo social más vigoroso. Esto es particularmente observable en nuestro Continente, en donde las Colonias de Vacaciones de los Estados Unidos —que generalmente tienen el carácter de Campamentos de Verano ("Summer Camps")— han tenido un desarrollo incomparablemente mayor que en los países latinos.

Los Campamentos de Verano constituyen de verdad una institución típicamente norteamericana. Estos campamentos, con sus características peculiares, se establecieron por primera vez en 1860, y en la actualidad se cuentan ya de cinco a seis mil que acogen anualmente a dos millones de niños aproximadamente en los Estados Unidos y en el Canadá. Durante el período de 1910 a 1930, el "Camping" tuvo su más grande expansión en los Estados Unidos. Muchos factores influyeron en el súbito crecimiento durante este período de 20 años, entre ellos: 1) la organización de muchas agencias de servicio para la juventud, tales como los

"Boy Scouts" de América, las "Girl Scouts", las "Camp Fire Girls" y otras; 2) la mecanización de la industria, que redujo la demanda de trabajo de los menores; 3) la opinión pública contra el trabajo de menores; 4) los exámenes físicos hechos durante la primera guerra mundial, que revelaron la necesidad de mejorar las condiciones físicas de la juventud; 5) el reconocimiento de la necesidad de recreación en una civilización moderna rápidamente cambiante; 6) el reconocimiento de que los campamentos organizados constituyen una agencia educacional así como de salud y recreativa; 7) el fuerte desarrollo económico del país; 8) la industrialización y la creciente urbanización.

Si bien originariamente los objetivos del "camping" eran procurarles a los niños unas vacaciones entretenidas, las razones por las que los padres han seguido mandando a los niños a los campamentos han pasado por un período de transición. Mientras los padres aún consideran importantes la recreación y el mejoramiento de la salud, han tomado en cuenta como factor decisivo el hecho de que los campamentos pueden servir también como un factor de continuidad en el desarrollo educacional de los escolares. Los campamentos tienen muchas ventajas peculiares desde el punto de vista educativo. En este nuevo ambiente los escolares están en contacto directo y constante con sus consejeros o maestros. El programa no está estandarizado, ni es tan formalista como en la mayoría de las escuelas; puede adaptarse rápidamente a los intereses y necesidades individuales de los grupos escolares. En vez de solamente "prepararlos" para la vida, los campamentos les ofrecen una experiencia actual de vida, que permite el desarrollo integral de la personalidad*.

De la bibliografía especializada en esta materia se desprende que han habido 32 tipos distintos de organización de campamentos. En general, pueden dividirse en dos grandes grupos: los patrocinados por particulares, y conocidos como campamentos "privados"; y los patrocinados por organizaciones e instituciones, llamados campamentos "institucionales". La estadía en los campamentos privados es de unas ocho semanas como término medio y los escolares deben abonar determinadas cuotas. En los campos institucionales la estadía es mucho más breve —de una a dos semanas— y las cuotas son también menores.

* Parece haber un acuerdo definitivo entre los educadores contemporáneos de los Estados Unidos de que los campamentos constituyen una institución educativa de gran potencialidad. Muchos educadores participan de la opinión del Dr. Charles W. Eliot, antiguo Presidente de la Universidad de Harvard, en el sentido de que "los campos organizados de verano constituyen el paso más importante en la educación que Estados Unidos haya ofrecido al mundo".

Además de los tipos tradicionales de campamentos, existen los "coeducativos", "familiares", "móviles", "de granja", "de salud" (para casos de niños cardíacos, desnutridos, inválidos, etc.), "de tutela", "marinos" (en barcos), "de trabajo" y muchos otros*.

Por lo que respecta a los países latinos de América, Argentina, Brasil y Uruguay parecen ser aquéllos en donde las Colonias de Vacaciones han alcanzado mayor y peculiar desarrollo. Favorecidas principalmente por el Estado y con la colaboración substancial de la iniciativa privada, estas colonias se han desarrollado en tal forma que puede hoy afirmarse que una parte sustancial de la población escolar disfruta de los beneficios de las mismas. El carácter distintivo de estas colonias en Argentina, consiste principalmente en que, en muchas ocasiones, no sólo participan en ellas los escolares sino también las familias de éstos. A este fin se han organizado hoteles especiales, con capacidad para unas 650 personas cada uno, que cuentan con las comodidades más esenciales y son accesibles aun a las familias más modestas. Estos tipos de hoteles se complementan con colonias constituidas por casitas individuales, así como casas de descanso de propiedad de gremios, asociaciones y empresas particulares que contribuyen de este modo al bienestar de los empleados y de sus hijos en edad escolar.

* Véase The Encyclopedia Americana, vol. 5, ed. 1948, New York, U.S.A.

III. POSIBILIDADES CONCRETAS DE EXTENSION DE ESTAS

EXPERIENCIAS AL CAMPO INTERAMERICANO

Como se ha visto, la institución de las Colonias de Vacaciones ha podido alcanzar un notable desarrollo en aquellos países en donde se ha contado con las circunstancias propicias y un espíritu público favorable, manifiestos en el apoyo del Estado y la colaboración de la iniciativa privada.

Teniendo en cuenta los beneficios señalados de estas colonias en materia de educación y de salud, el Comité de Acción Cultural considera que debería fomentarse dicho espíritu público mediante la acción de organizaciones gubernamentales o de empresas privadas.

El desarrollo económico y social de la mayoría de los países americanos permite ya la extensión de los beneficios de experiencias como las señaladas. En cada país, el Estado podría, a través del Ministerio de Educación respectivo, destinar partidas especiales para el fomento de estas colonias que, como se ha visto, constituyen una verdadera continuidad en el proceso educativo. Al mismo tiempo, las empresas privadas podrían colaborar en esta tarea nacional organizando colonias de vacaciones para sus empleados y familiares, ya sea en forma individual por parte de cada empresa o a través de patronatos especialmente creados para ello. A tales fines, tanto los organismos estatales como las empresas privadas deberían favorecer la creación y mantenimiento de un cuerpo especializado de maestros y técnicos, para que organicen debidamente, dirijan y administren las diversas colonias.

En cuanto a la extensión de estas experiencias al campo internacional de nuestro Continente —aspecto de nuestro estudio que solicita específicamente la Resolución XXXII de la Primera Reunión del Consejo Interamericano Cultural— el Comité de Acción Cultural cree conveniente destacar en toda su importancia los beneficios que derivarían de un intercambio sistematizado y constante de escolares entre los diferentes países americanos. No sólo podría así promoverse de un modo práctico y activo el conocimiento geográfico, histórico y social de América, sino que a través de la convivencia de colonos de dos o más países se podrá estimular la comprensión y amistad interamericana.

Se ha señalado que en nuestro Continente ya existen, con mayor o menor grado de desarrollo según los países, diversos tipos de colonias de vacaciones. Pero ahora se trataría de implantar un nuevo tipo —la colonia interamericana— que tras -

cendería los límites nacionales extendiendo los beneficios de estas instituciones a los escolares de más de un país.

Parece evidente que este ideal podrá realizarse más fácilmente entre países limítrofes. A tal efecto podrían firmarse acuerdos bilaterales que fijen las condiciones del intercambio, transporte, cantidad y calidad de escolares, zonas de establecimiento, duración, periodicidad, etc.

Cuando sea factible el intercambio de escolares entre más de dos países, o sea el establecimiento de colonias de vacaciones propiamente interamericanas, podrán celebrarse convenios multilaterales que contemplen los mismos aspectos señalados, en la escala más amplia correspondiente.

En todo caso, parece aconsejable que cada país, por intermedio de su Ministerio de Educación o dependencia apropiada, designe un Comité honorario, con funcionarios y particulares, a través del cual pueda disponerse de los datos más amplios y actuales posibles acerca de las distintas colonias de vacaciones o campamentos existentes en cada país de América, las facilidades ofrecidas a escolares de otros países, las normas de funcionamiento, los recursos, ubicación, duración, etc. Estos Comités nacionales deberían suministrar todos los datos a la Unión Panamericana, a fin de que ésta actúe como agencia coordinadora y de intercambio de información.

IV. RECOMENDACIONES DEL COMITE DE ACCION CULTURAL

A fin de lograr la mayor extensión posible de los beneficios de las Colonias Estudiantiles de Vacaciones al Continente, el Comité de Acción Cultural, en cumplimiento de la Res. XXXII del CIC, presenta las siguientes recomendaciones sobre la forma de promover el desarrollo y establecimiento de las Colonias, los medios para incrementar el alcance de sus beneficios y las prácticas más adecuadas para su organización y administración internas:

A. Recomendaciones de carácter interno:

- 1) Que las Colonias Estudiantiles de Vacaciones se organicen con tiempo suficiente, a fin de poder funcionar en las épocas de receso del trabajo escolar habitual, conforme a los distintos calendarios escolares;
- 2) Que se instalen en regiones saludables y atractivas por su paisaje, medio físico, etc.;
- 3) Que su duración sea lo suficientemente amplia (uno o dos meses, de ser posible), para permitir un verdadero adelanto en la formación física y espiritual de los escolares;
- 4) Que la selección de los colonos esté a cargo de pedagogos especializados y de médicos, y se haga sobre la base de la edad, las condiciones físicas y la situación económica, eligiendo en primer término a los más necesitados;
- 5) Que se lleve un registro detallado de cada uno de los colonos, a fin de comprobar debidamente los progresos alcanzados durante la estadía en la Colonia de Vacaciones;
- 6) Que la "Casa-Colonia" reúna todas las condiciones indispensables (de higiene, servicios, personal, etc.) para poder llevar a feliz término los objetivos perseguidos;
- 7) Que el programa de actividades de las Colonias se planifique adecuadamente a fin de asegurar el restablecimiento físico y la educación de los escolares, evitando toda actividad formalista de instrucción y procurando las mayores recreaciones y distracciones a fin de evitar la monotonía y el tedio —sin una

programación excesiva que absorba todo el tiempo e impida la iniciativa personal—;

- 8) Que se haga la debida selección del personal para la dirección y administración de las Colonias, así como para los servicios pedagógicos, médicos, etc.

B. Recomendaciones de carácter general:

- 1) Que se fomente el espíritu público favorable a la creación y funcionamiento de las Colonias de Vacaciones, por medio de organizaciones gubernamentales o de empresas privadas;
- 2) Que los Ministerios de Educación o dependencias apropiadas de los respectivos países americanos consagren partidas presupuestarias específicamente para el financiamiento de Colonias de Vacaciones, tomando en cuenta que son una continuación del proceso educativo;
- 3) Que las empresas privadas y los organismos autárquicos colaboren en esta tareas organizando Colonias de Vacaciones para sus empleados y familiares, ya sea en forma individual por parte de cada empresa, ya a través de patronatos especiales;
- 4) Que los organismos estatales correspondientes, los autárquicos y las empresas privadas favorezcan la creación y el mantenimiento de un cuerpo especializado de maestros y técnicos que organicen debidamente, dirijan y administren las diversas colonias;
- 5) Que los Gobiernos suscriban acuerdos bilaterales o multilaterales, a fin de realizar un intercambio sistematizado de escolares entre los diversos países del Continente, con miras a lograr verdaderas "Colonias Interamericanas";
- 6) Que, a tales fines, se organice en cada país, por intermedio del Ministerio de Educación o agencia apropiada, un Comité especial u organismo promotor de las Colonias de Vacaciones, con la participación de funcionarios y particulares, y con los siguientes objetivos:
 - a) Promover el desarrollo de las Colonias de Vacaciones en cada país;
 - b) Recoger toda la información posible sobre las colonias de cada país;

- c) Someter esta información a la Unión Panamericana para favorecer el desarrollo de Colonias Interamericanas de Vacaciones*.

* El Comité de Acción Cultural estima aconsejable la creación de un solo Comité en cada país con los tres fines mencionados, para evitar cualquier dispersión o duplicación de esfuerzo. También se permite recomendar que dicho Comité especial esté limitado a unos cinco integrantes.

- 12 -

A N E X O

BIBLIOGRAFIA SOBRE
COLONIAS ESTUDIANTILES DE VACACIONES Y
CAMPAMENTOS ESCOLARES

Gran Bretaña

GREAT BRITAIN. Central Office of Information. Organized camping. London, H.M. Stationery Office, 1948. 59p. bibliography. (Great Britain. Ministry of Education. Pamphlet no. 11).

Maker Heights: school holiday camp at Plymouth. (Times Educational Supplement, London, 1900:749, September 28, 1951).

PAUL, Leslie Allen. The republic of children; a handbook for teachers of working-class children... London, G. Allen & Unwin, Ltd., 1938.

Schools with green shutters; character training and community living. (Times Educational Supplement, London, 1790:569, August 19, 1949).

SYMINGTON, J.N. National camp schools. (Journal of Education, London, 81:452-3, 502, August-September 1949).

Dinamarca

De unges idreet. Haandbog i sommerarbejde; lejrporten i D.U.L.; lejrteknik, hygiejne, lejrmed, beskaeftigelser i sommerlejren. Vordingborg, 1947. 124p.

Francia

BERTIER, G., mlle. et DUMESNIL, Eck, dr. ... La colonie de vacances éducative. Paris, Edition Sociale Française, 1942. 254p. (Centre de Formation de Moniteurs des Cadres de Loisiers Educatifs).

HUBBACK, J. French children on holiday: colonies de vacances. (Times Educational Supplement, London, 1766:669, September 30, 1949).

Alemania

OTT, E. World democracy through camping. (Camping Magazine, Chicago, 21:14-16, March 1949).

Reichszentrale Landaufenthalt für Stadtkinder e.V.
Richtlinien zur Durchführung der Jugenderholungspflege.
Berlin, 1937. 68p.

India

HART, H.G. Alchemy of camping. (Camping Magazine, Chicago, 22:18, January 1950).

Italia

MAZZA, Mario. Rifare la vita; consigli pratici per l'organizzazione, la direzione delle colonie estive e per l'assistenza dei bambini. Regolamento delle colonie della Pontificia Commissione d'Assistenza. Erezcia, La Scuola, 1947. 212p.

Los Países Bajos

ESGAIN, E. ... De ploegleider ...; handboek voor ploegleiders van spellpleinen en vakantieheemen. Leuven, S.v. de Pyl, 1944, 116p. (Kinderen in vakantie, nr 4)

VISSER, F. W. A. Holland's delinquent youth: short-term camp schools. (Times Educational Supplement, London, 1799:722, October 21, 1949)

Suiza

SVENSK. Socialdepartement. Befolkningsutredningen, 1941... Betänkande om åtgärder för beredande av vila och rekreation åt mödrar och barn, avgivet av 1941 ars befolkningsutredning. Stockholm, K.L. Beckmans Boktrycker, 1945. 173p. (Statens offentliga utredningar 1945:55)

Estados Unidos

Bibliography of recent books on camping and related subjects. (Camping Magazine, Chicago, 21:15-17, November 1949).

Bibliography on camping with handicapped children. rev.ed. Chicago 3, Illinois, National Society for Crippled Children and Adults, 1949. An author-subject index including articles with 123 references to camping for all types of physically handicapped children.

- BLOCKSMA, D. D. and BOOZER, R. How camping helps save children. Bibliography. (Michigan Education Journal, Lansing, Mich., 29:458-60, April 1952).
- BROCKMAN, M.L., comp. Annotated bibliography. (National Association of Secondary School Principals Bulletin, Washington, D. C. 31:132-6, May 1947).
- BURNES, G.P. Short history of camping and the American Camping Magazine, Chicago, 21:14-55, February; 17-19, March 24-April 1949).
- CALIFORNIA. Department of Education. Camping and outdoor education in California. Sacramento, 1952. 49p. Bibliography. (Bulletin of the California State Department of Education, v. 21, no. 3).
- _____. Department of Social Welfare. Camps for children in California a survey of organized camping for children in California during the 1951 camping season. Sacramento, 1952. lv.
- Camping comes of age: reporting the 21st annual convention of the American Camping Association. St. Louis, Mo., February 15-18, 1950. (Camping Magazine, Chicago, 22:9, April 1950).
- CARROLL, J.S. Camping education can vitalize the entire school program. Bibliography. (Nations Schools, Chicago, 45:28-31, June 1950).
- _____. comp. References on camping education. (California Journal of Secondary Education, Berkeley, California, 23: 111, February 1948).
- CLARKE, James Mitchell. The Cuyamaca story: a record in pictures of San Diego's City-County School Camp. Commission, 1948.
A pamphlet to help the public to understand the purposes, procedures, and values of this school camp.
- _____. Public school camping: California's pilot project in outdoor education. Stanford, California, Stanford University Press, 1951. 184p.
In this volume the City and County of San Diego have recorded the purposes, techniques, and results of California's pilot school camping program.
- DEWITT, R.T. An experiment in camping education. Nashville, Tenn., George Peabody College for Teachers, n. d.
Detailed report of a one-week program carried out in the spring of 1948 to provide suggestions to those desiring to start school camping.

- DONALDSON, George W. School camping. New York, Association Press, 1952. 140p. Bibliography.
Intpretation of role of school camping in the modern educational scene. Discusses educational values, social understanding, human development. Illustrates how school camps contribute to each.
- ELLIOTT, E.S. and SMITH, J.W. Michigan program in action. (National Association of Secondary School Principals Bulletin, Washington, D.C., 31:60-74, May 1947).
- Extending education through camping: report of the school camps experiment. New York, Life Camps, Inc., 1948.
Tells the story of the New York City school camp experiment. Interesting section on evaluation.
- FREEBERG, W.H. and HEFFINGTON, C. State laws and regulations affecting camps. (Camping Magazine, Chicago, 23:13-15, March 1951).
- GEORGE PEABODY COLLEGE FOR TEACHERS, Nashville. Division of Surveys and Field Services. The all-year school of Nashville, Tennessee. Nashville, 1931. 60p. (George Peabody College for Teachers, Field Studies, no. 3).
- GILLILAND, John Wesley. School camping, a frontier of curriculum improvement; a pamphlet prepared for the Association for Supervision and Curriculum Development. Washington, D.C., 1954. 58p.
- HARDING, M.W. and HAMILTON, V. Camping is part of our program. (National Elementary Principal, Washington, D.C., 33:31-2, April 1954).
- HARTFORD, M.E. Intercultural and interracial relations in camping. National Conference of Social Work Proceedings 1951: 295-303.
- ILLINOIS. Western Illinois State College. Laboratory School. Day-Camp programs in the Western Illinois State College Laboratory School. Macomb, Illinois, The School, 1953.
- IRWIN, Frank Lewis. Camping education; a book dealing with the educational aspects of camping. Ann Arbor, University Microfilms, 1949. (University Microfilms, Ann Arbor, Michigan, Publication no. 1129).
- LAMBERT, Clara and other staff members of the Play School Association. School's out; child care through play schools. New York, Harper and Bros., 1944. 225p. Bibliography.

- LUCK, Juanita and HUSE, Betty. Camps for children with and without physical handicaps. (The child, Washington, D.C., December 1945).
- MACKINTOSH, Helen K. Camping and outdoor experiences in the school program. Washington, D.C., Superintendent of Documents, 1947. 41p. (U.S. Federal Security Agency. Office of Education. Bulletin 1947, no. 4).
- MacMILLAN, Dorothy Lou and WALKER, Laurence A. School camping; a guide based on an experiment in the University of Wyoming Elementary School. Laramie, Bureau of Educational Research and Service, College of Education, University of Wyoming, 1951. 68p. (Bureau of Educational Research and Service, College of Education, University of Wyoming. Bulletin v. 9, no. 2).
- MANLEY, H. and DRURY, M.F. Education through school camping. St. Louis, The C.V. Mosby Co., 1952. 348p.
First five chapters offer information on problems in school camping and their solution; guides in planning camp facilities, personnel, program, administration, leadership training. Chapters 6, 7, & 8 give detailed curriculum in school camping and its improvement. Appendix gives tentative program schedule.
- MARGOLIN, L. For more rewarding summer recreation a city health department provides consultation services to day camps. (The Child, Washington, D.C., 17:162-5, June 1953).
- National Elementary School Principal, Washington, D.C., Vol. XXVIII, no. 4, February 1949.
This issue has reports about several school camps. The specific information given is helpful in answering the how.
- NATIONAL FEDERATION OF SETTLEMENTS. Summer in the city, New York, 1942. 38p.
An adaptation of the Handbook on play schools for group leaders and teachers prepared by the Play Schools Association.
- NEW YORK (City). Department of Health. For the well-being of children in city day camps. (The child, Washington, D.C., 16:20-4, October 1951).
- NEW YORK (State). Department of Commerce. Children's camps New York State, 1950. Albany, State of New York, Department of Commerce, 1950.
- OGREN, Ellen M. Connecticut sends handicapped children to camp. (The Child, Washington, D.C., July 1949).
- PAXSON, C.G. Your camp and the world's children. (Camping Magazine, Chicago, 26:34, April 1954).

PHILLIPS, Sam and GOODMAN, Philip, eds. The home camp in the Jewish center. New York, National Jewish Welfare Board, 1947. 99p. Bibliography.

PIKE, K. V. Long Beach public school camp. (National Elementary Principal, Washington, D.C., 28:24-8, February 1949).

_____. School camping has come to stay. (Journal of the American Association of Health, Physical Education and Recreation, Washington, D.C., June, 1951).

The place of camping in education. Report of the Committee on Camps in Education. (Journal of the American Association of Health, Physical Education, and Recreation, Washington D.C., January 1950).

Policies and procedures of operating the community school camps. (National Association of Secondary School Principals)

REHAGE, K.J. and SINCOCK, W.R. School camps. (Elementary School Journal, Chicago, 54:128-31, November 1953).

REILEY, C.C. Our common heritage. (Camping Magazine, Chicago, 26:19-January 1954).

SELVERSTONE, A. W. Cooperative aspects of school camping. (Journal of Educational Sociology, New York, 23:548-54, May 1950).

SHARP, L. B. and PARTRIDGE, E. DeAlton. Camping and outdoor education. (National Association of Secondary School Principals Bulletin, Washington, D.C., May 1947).
Leading authorities in the fields of camping and outdoor education present their views and describe experiences. Valuable annotated bibliography.

_____. Some historical backgrounds of camping. (National Association of Secondary School Principals Bulletin, Washington, D.C., 31:15-20, May, 1947).

SOLOMON, B. Some international aspects of school camping. (Education, Boston, 73:17-21, September 1952).

SMITH, Julian W. Overview of school camping in Michigan. (National Elementary School Principal, Washington, D.C., 28:6-10, February 1949).

SNYDER P. H. School camping and character. (National Elementary Principal, Washington, D.C., 27:196-200, September 1947).

Status of organized camping in America. Result of comprehensive study; statistical information included. Summary. (Journal of the American Association of Health, Physical Education and Recreation, Washington, March 1953).
Full report issued by American Camping Association, Chicago, Illinois.

- STUDEBAKER, J.W. Camping in education and education in camping. (School Life, Washington, D.C., 30:2-3, July 1948).
- SYMINGTON, J.N. Camping and education in America. (Journal of Education, London, England, 82:212-. April 50).
- WASHINGTON (State). State Parks and Recreation Commission. Recreation Division. Organized camping in the State of Washington, 1950.
- WYLIE, J.A., ed. Camping education number. (Education, Boston, 73:1-74, September 1952).

Australia

- GIESE, H.C. Australia adopts school camping. (Journal of the American Association of Health, Physical Education and Recreation, Washington, D.C., 23:16-18, November 1952).

España

- COMAS, Juan y CORREAS, Dionisio. Cantinas y colonias escolares. Madrid, Revista de Pedagogía, 1935. 109p. (Publicaciones de la Revista de Pedagogía. La Nueva Educación. XXXVIII)

LATINOAMERICA

- CORDOBA. Consejo General de Educación... Cómo se protege al escolar en la Provincia de Córdoba, comedores escolares, colonias de vacaciones, jardines de infantes, la encuesta social. Córdoba, Talleres Gráficos E. Litvack, 1939. 137p.
- SOTO DE FERNANDEZ FLORES, Graciela. ... Los camps infantiles de Norteamérica y las colonias infantiles de Cuba... La Habana, 1936. 17p. (Patronato Nacional de Colonias Infantiles).
- MEXICO. Secretaría de Educación Pública. Memoria de la Secretaría de Educación Pública que presenta al H. Congreso de la Unión el titular de la misma C. Lic. Manuel Gual Vidal. 1950-1951. México, D.F., Talleres Gráficos de la Secretaría de Educación Pública, 1952. 586p.
Incluye: Síntesis del informe del ensayo experimental realizado sobre colonias escolares de vacaciones, p.249-251.
- URUGUAY. Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal.... Campamentos escolares del Uruguay. Montevideo, Imprenta Nacional, 1940. 70p.

- MOURIGAN, Héctor. Escuelas al aire libre; condiciones actuales, selección, ingreso y egreso de alumnos. (Boletín del Instituto Internacional Americano de Protección a la Infancia, Montevideo, 27:161-178, junio de 1953).
- BERRUTTI, J. J. Educar al soberano, contribución a la obra de la educación del pueblo. B.A., Juan Perrotti, 1936. 345p.
Contains information on vacation schools.
- CANUT MARTORELL, Dantón. Las colonias escolares de vacaciones; proyecto para su organización. (Rev. del Instituto Nacional de Pedagogía, México, 3 (12):1-14, oct. 1949).
- La colonia de vacaciones para estudiantes secundarios. (Rev. de la Cámara Argentina de Comercio, B.A., 238:42, feb. 1949).
- ESPINOSA, Luis H. Colonias de vacaciones estudiantiles. (Horizontes, Quito, p. 175-178, mayo 1948).
- JUNTA DE BENEFICENCIA ESCOLAR, Santiago. Memoria del año. Santiago, Chile.
The Library of the Pan American Union has the annual reports: 1950-1951.
- LOPEZ MUÑOZ, Olga. "Las colonias escolares y su misión higiénico social". Concepción, 1948. 99, [4]p. illus.
Thesis. Bibliography: p.101.
- MUJICA, Carlos. Instituto "post-labores", para la educación complementaria científica, artística y social de los artesanos y obreros [Callao, Perú, "La Industria", 1932. 3 leaves.
- SARMIENTO, Argentina. Asociación Protectora de Niños, Pájaros y Plantas. Escuela de recreo en la isla Sarmiento en el Delta del Paraná. B.A., Tall. Gráf y Casa Edit. Juan Perrotti.
The Library of the Pan American Union has reports: 1917-1918.
- SOCIEDAD COLONIAS ESCOLARES "DOMINGO VILLALOBOS", Memoria anual. Santiago, Sociedad, Impr. y Lit. Universo [etc.].
The Library of the Pan American Union has annual reports. 15(1925), 16(1926), and 26(1936).
- URIARTE, Beatriz Gaibisso de. Colonias de Vacaciones en Europa. (Anales de instrucción primaria, Montevideo, ep. 2a., 13 (5):60-67, mayo 1950).

URUGUAY. Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal. Servicios de Previsión y Alimentación de Escolares. Síntesis de la obra realizada en el período 18 junio 1943 a 31 diciembre 1946. Montevideo, [Impr. Nacional, 1947]. 63p.

Includes chapter on: Colonias de vacaciones, p.40-52.

VERDESIO, Emilio. La enseñanza especial en el Uruguay. Montevideo, Impr. Nacional, 1934. 261p.

Contains information on open air schools, school colonies and camps in the chapter on: Escuelas para débiles e inválidos: p. 73-105.

VIGNATTI, Juan C. Primera colonia de vacaciones para niños débiles. B.A., 1920. 36p.

_____. Informe de la colonia de vacaciones para niños débiles del Parque Avellaneda, Temporada 1920-1921. B.A., 1921. 39p.

YANUZZI, Eugenia S. Colonia escolar de vacaciones de Miramar, año 1945. (Anales de instrucción primaria, Montevideo, ep. 2a., 9(3/4); 212-328, sept/dic. 1946).

A solicitud del Comité de Acción Cultural, la señora Marie P. Trego, de la Asociación Mundial de Girl Guides y Girl Scouts, proporcionó la información que a continuación se reproduce, sobre una colonia internacional de vacaciones que están construyendo en la ciudad de Cuernavaca (Morelos) México.

LA CABAÑA

La Asociación Mundial (World Association"), que está compuesta de las organizaciones de Girl Guides y de Girl Scouts de 32 países, está construyendo un centro mundial en Cuernavaca, Morelos, México. Los fines, tal como formulados en su Carta otorgada por el Gobierno mexicano, son los siguientes:

"Establecer uno o más centros internacionales para las Girl Guides y Girl Scouts cuyas organizaciones estén afiliadas a la Asociación Mundial de las mismas; promover la comprensión y la amistad internacional por medio de la activación de los fines, ideales y programas del movimiento mundial de Girl Guides y Girl Scouts, tal como formulados por el fundador, Lord Baden-Powell; construir y establecer campos recreativos o de entrenamiento de primera categoría y de carácter internacional, con todos los edificios y servicios requeridos para el programa de educación del carácter para las jóvenes mexicanas y la juventud femenina del mundo, incluyendo los principios de disciplina, lealtad y patriotismo y el desarrollo del hábito de observación, inspirando en tales jóvenes el conocimiento de sí mismas y al mismo tiempo promoviendo su propio desarrollo físico y moral; así como también cualquier otra actividad relacionada con éstas y requerida para el cumplimiento de los propósitos mencionados".

Se espera que el centro llamado Nuestra Cabaña estará en funcionamiento dentro del próximo año.

Creemos que los fines de Nuestra Cabaña son particularmente interesantes para el Comité de Acción Cultural de la OEA por la índole de algunos de sus estudios.

El movimiento de Girl Guides está establecido en los siguientes países del Hemisferio: Brasil, Canadá, Costa

Rica, Estados Unidos, Haití, México y Panamá. Se está desarrollando en Argentina, Bolivia, Chile, Colombia, Cuba, Ecuador, El Salvador, Honduras y Venezuela. También existe en las posesiones de Francia, Gran Bretaña y los Países Bajos.

M. 1076
P. 1
EX. B. 19
VIPER

"Última Hora" - Rio - 5-5-1957

ASSIM É A MOCIDADE ACEMISTA: PADRÃO DE SAÚDE, ALEGRIA E BELEZA

A Colônia de Férias de Araras e um Encontro Com a Natureza — Estímulos Superiores Para a Juventude — O Esporte na Formação Moral e Física (4.ª de Uma Série de Reportagens de YVONNE JEAN)

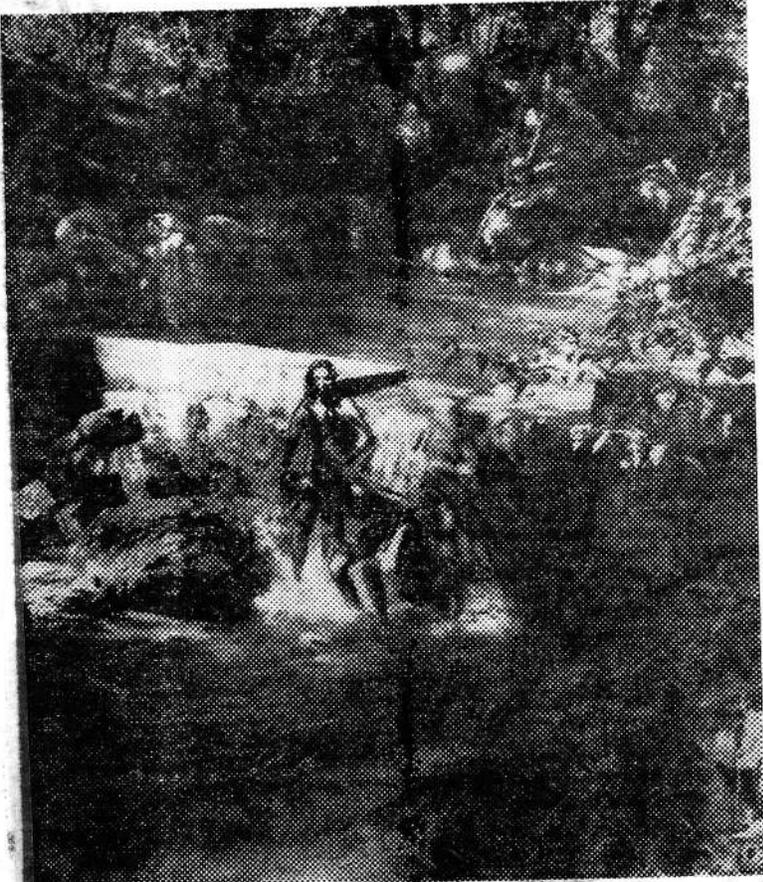
NÃO há ninguém, nesta cidade, que ignore a Associação Cristã de Moços, o grande prédio da rua da Lapa e o programa educativo, realizado através da convivência social, de ensinamentos e discussões culturais e da educação física.

Os jornais já publicaram inúmeras reportagens sobre uma obra que merece apoio e aplauso e descreveram as aulas de natação, os diversos tipos de luta (desde a grego-romana até o judo), e tudo o mais, como cursos variados que abrangem tanto a taquigrafia quanto a gaita, tanto o desenho quanto "pesquisas de mercado" ou "planejamento de vendas" para os futuros comerciantes.

Não vamos, portanto, chover no molhado e, sim, revelar alguns aspectos desconhecidos de uma instituição que não podia faltar numa série de reportagens sobre a juventude sadia, e simpática do Rio: sobre sua colônia de férias e seus acampamentos de 15 dias, em Araras.

No lindo lugar, situado entre Petrópolis e Teresópolis, existe uma magnífica piscina natural que por

si só já justificaria a existência e o êxito da colônia! Existe também uma linda casa que pode alojar 76



A vida em grupo e em meio à natureza afasta a lembrança da cidade e ensina a amar ou a reencontrar à natureza esquecida

pessoas e os terrenos destinados a receber as barracas, que o jovens preferem, geralmente, à casa.

O espírito que reina no acampamento dos jovens é parecido com o das colônias de escoteiros, porém sem a severidade das patrulhas. Assim mesmo, os jovens obedecem à orientação do «leader». É uma honra passar a prova de liderança e todos dão prova de eficiência nas atividades, de senso de responsabilidade para alcançar este posto.

O contato constante com a natureza num lugar lindíssimo em meio à camarádas traz benefícios evidentes e todos os jovens costumam dizer que reencontraram a natureza perdida no acampamento e que nele, muitas vezes, se encontram a si mesmos.

Estão ocupados durante o dia todo pelo esporte e os passeios. A noite, fazem música e cuidam até, às vezes, do seu jornal. Este jornal tem o nome de «A Voz da Onça» e é o único jornal do mundo que tira um só exemplar, sendo, entretanto lido, comentado e discutido por grande número de pessoas! O exemplar escrito à mão e à máquina está sendo lido em voz alta, emprestado, e chamado, muito seriamente de «o jornal»!

As famílias visitam os filhos uma vez durante estas férias: no segundo domingo. Já compreenderam, como o compreendi em Araras, que a convivência de moços e moças em meio à natureza é benéfica.

— Nas reuniões da cidade disse-me um dos moços, há sempre... certa como direi... certa malícia. Isto desaparece, por completo, aqui, onde só impera a camaradagem absoluta.

Outro lembra que era muito medroso.

— Durante esta minha última semana em Araras, estou encarregado, como os outros, da ronda.

— Da «ronda»?

— Sim, tomamos conta da propriedade durante a noite. Fazemos o percurso para ver se não entrou ladrão ou malandro, se tudo está em ordem, das 11 ho-

ras da noite às 5 da manhã. Uma hora cada um.

— Como os «quartos» dos marinheiros?

— Exatamente. Claro que não ia dizer aos outros que tinha medo da escuridão e da solidão. Tentei... e habituei-me à ronda e perdi o medo para sempre, o que me deu, realmente, nova confiança em mim mesmo!

O ambiente de Araras é fabuloso. Entretanto, al-

guns preferem o mar à montanha. Para estes, a Associação Cristã de Moços está acabando de construir outra colônia de férias na Praia do Saí, perto de Mangaratiba, à beira do mar.

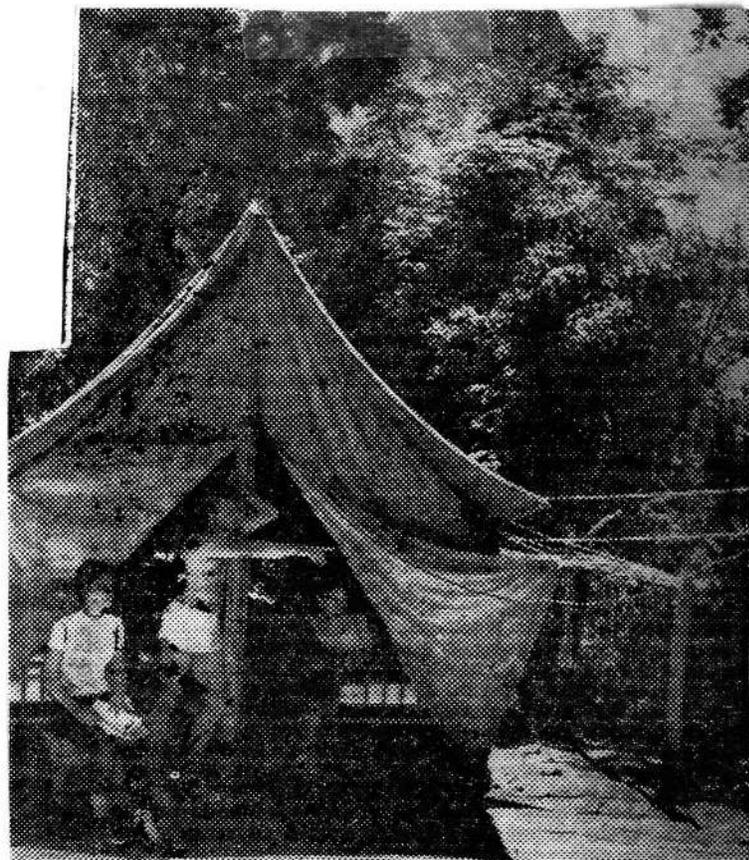
Ao renovar os contatos com alguns dos jovens de Arara, na sede da ACM, soube que no sábado que vem um grupo tenciona ir até à nova colônia para plantar 1.200 árvores.

O acampamento Myron Clark (o nome é uma homenagem ao fundador da ACM no Rio, em 1893, quando não havia associações congêneres em nenhum país latino-americano) conseguiu integrar muitos jovens à natureza. Mostrou horizontes novos a todos estes jovens, através da bela camaradagem e da vida simples. A vida de acampamento é um dos mais poderosos antídotos à vida artificial da cidade. A Associação Cristã de Moços o compreendeu, como o compreendem as Bandeirantes, cujas façanhas já descrevemos e como também o compreendem os entusiastas excursionistas e alpinistas do Rio de Janeiro que descreveremos amanhã.

Não são poucos os moços que conhecem os verdadeiros valores da vida... Os divertimentos que jovens dos meios mais diversos escolhem, bem o comprovam. Por isso, tanto nos divertimos, tanto rimos e tantas descobertas fizemos ao preparar estas reportagens que não pretendem, em absoluto, fazer um balanço da juventude que trabalha e que luta mas, simplesmente, comprovar que existem, nesta cidade, muitos jovens que preferem as diversões sadias ao vício e aos desvios. E também chamar atenção sobre agrupamentos simpáticos e atividades originais que talvez atraíem e empolguem os jovens à procura de diversões positivas.



↑ Todos os esportes e exercícios durante o dia... jogos na grande casa à noite. Eis o programa dos jovens da ACM, na colônia de férias



↑ Os jovens preferem a barraca à casa de campo. Aqui, vemos um jovem que veio visitar o setor das moças. É um "leader" e dá conselhos, explicando a melhor maneira de se instalar, para 15 dias de vida despreocupada



↑ Durante as férias em Araras, os jovens nadam na magnífica piscina natural, que pertence ao acampamento, de manhã, de tarde e às vezes à noite

Globo (Rio de Janeiro) 11-2-54

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

CRIANÇAS DEFICIENTES PASSAM FÉRIAS NUM PARAÍSO DE MUITO LEITE E FRUTAS

Duzentos e sessenta e quatro alunos Das Escolas Públicas, Sob os Cuidados de Vinte Professoras, Ganham Saúde na Ilha do Governador — Um Dia na Colônia de Férias

TOMANDO seis copos de leite por dia, banhando-se nas praias da ilha do Governador, jogando futebol, assistindo a sessões de cinema e brincando sob a vigilância de amáveis professoras, um grupo de 260 crianças matriculadas em escolas públicas da Prefeitura passa período de férias na Escola Anita Garibaldi, no Galeão. São crian-

ças subalimentadas que necessitam, sobretudo, de assistência social. Crianças pobres de famílias carentes de recursos até para a própria subsistência. Crianças magras de reduzida capacidade vital. É uma experiência que está sendo feita pelo Departamento de Educação Primária da P.D.F. com a colaboração do Departamento de Saúde Es-

colar e do Setor de Alimentação Escolar. Experiência cujos resultados ainda não se pode avaliar nestes três primeiros dias de férias dos meninos e meninas, mas da qual se pode vaticinar sucesso em breves dias.

Alimentação Balanceada

O repórter de O GLOBO passou algumas horas na colônia de férias e observou o cuidado com que o Prof. Nilson Lopes da Silva trata dos alunos e o esforço da Prof.^a Iza Marques da Costa na cozinha, preparando as refeições balanceadas. A presença do fotógrafo provocou incontida alegria da criança. Os que estavam na fila do banho, vindos da praia, logo se levantaram para uma pose. Os mais traquinas chamavam o fotógrafo e pediam — "tira uma minha, tira para mamãe me ver..." De um lado os meninos, de outro as meninas. Cada um com sua toalha, seu sabonete cheiroso. Depois do banho, almoço. Cada professora dirigia um grupo; cada grupo com seus lugares reservados no refeitório e no dormitório. Ordem na colônia.

Um Dia na Colônia

O Prof. Nilson Lopes disse para o repórter como as crianças passam o dia na colônia. As 6 horas, despertar e abluções; às 6h30m, café com pão, manteiga e leite. As 7 horas, formação para o hasteamento da Bandeira, cerimônia em que os alunos cantam o Hino Nacional, finda a qual ficam todos em atividades ao ar livre até às 9h30m, quando lhes é servido um copo de leite com vitaminas. Em seguida, cada professora dirige seu grupo para a praia. Os meninos de "short" e as meninas de "maillot", alguns com bolas de plástico para as naturais brincadeiras na água ou na areia. As 11 horas regresso da praia para o banho de chuveiro. Os alunos vão e voltam em fila ordenada, indiana. Das 11h30m ao meio-dia, almoço — feijão, arroz, carne, verduras, legumes, leite e sobremesa: doces ou frutas.

Faz-se necessário o repouso depois do almoço — prosseguiu o Prof. Nilson, que dirige a colônia de férias. O repouso vai até às 15 horas, quando as crianças recebem outro copo de leite, a que se adiciona banana, aveia ou outro alimento sadio e forte. Depois disso, atividades ao ar livre, atividades leves, porque as crianças não podem ficar cansadas de tantas brincadeiras. Geralmente assistem a uma sessão cinematográfica. As 19 horas, jantar, sempre balanceado. As 20h30m, outro copo de leite. As 21 horas todos devem estar no dormitório.

A Responsabilidade Das Professoras

São vinte abnegadas moças que trabalham das 6 às 21 horas sem

parar, cada uma tomando conta de seu grupo. E dormem duas em cada dormitório. Nunca as crianças ficam sós, sem cuidado. Mesmo quando dormem há sempre duas nos quartos para cuidar delas, para velar-lhes o sono tranqüilo.

— Eu sei que vinte professoras é um número insuficiente, mas já pedi mais ao Departamento de Educação Primária. Devo receber aqui mais umas quinze. Assim cada professora poderá cuidar melhor de um grupo de alunos — acentuou o Prof. Nilson Lopes.

Permanente Assistência

Uma vez por semana os alunos são submetidos a exame médico. Cada aluno tem sua ficha para a marcação do peso, altura e capacidade vital. O serviço abreugráfico é permanente, bem como o dentário.

— Mas Prof. Nilson, as crianças não choram com saudades de casa?

— Bem, há crianças que sentem mais que outras a falta dos pais, e é justamente para essas que se voltam as atenções das professoras. A grande maioria, porém, aceita de bom-gosto esta ambiência social — respondeu-nos o dirigente da colônia.

Passou entre o repórter e o professor um menino magérrimo, visivelmente subnutrido. Tinha uma bola plástica à mão e ria muito. Alegre, mas raquítico.

— Diz que idade tem o menino — sugeriu o professor. E o repórter, depois de olhar bem a criança, não teve dúvida em responder: uns oito anos no máximo.

— Pois tem 11 anos — retrucou o professor.

Apenas "Muito Obrigado"

As professoras nada ganham para cuidar excepcionalmente dos alunos em férias. Mas não reclamam. Uma delas estava de passagem comprada para Poços de Caldas quando foi convocada para seguir com meninos para a Ilha do Governador. Em vez das férias, trabalho. Não houve relutância. Ali na colônia, no máximo, o que as professoras esperam é um "muito obrigado" do Prefeito, um ponto de nobreza e eficiência nas suas folhas de serviço.

Até o fim do mês em curso as 260 crianças deficientes passarão férias na Escola Anita Garibaldi. É uma experiência, mas que em breve futuro, talvez já em 1958, em face do sucesso, levará o D.E.P. a criar outras colônias para o gozo de férias dos alunos das escolas públicas da Prefeitura.

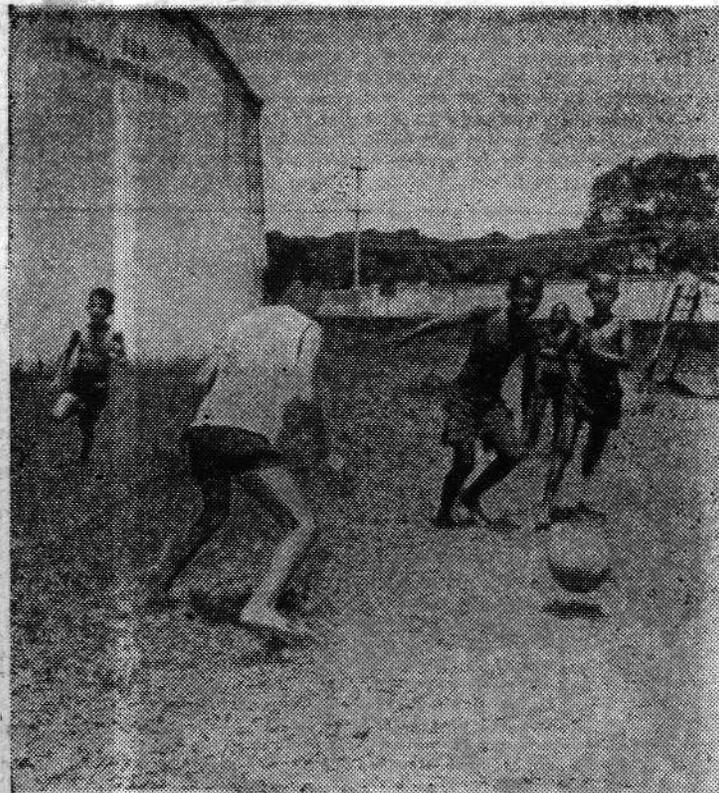


O Prof. Nilson Lopes da Silva, dirigente da colônia de férias, e a Professora Iza Marques da Costa, que se incumbem das alimentações balanceadas, cuidam dos alunos de modo excepcional. É uma experiência da Prefeitura que sem dúvida terá êxito

"O Globo"
(Rio de Janeiro)-
11-2-57



Depois do banho de mar, o banho de chuveiro. As meninas esperam em ordem, cada uma com toalha limpa e sabonete cheiroso à mão. Assim passam férias



O futebol faz parte das atividades ao ar livre dos meninos em gozo de férias promovidas pelo Departamento de Educação Primária da P.D.F. Um drible, um chute ao arco e os meninos vão vivendo nova vida social

Colônia de férias da URGS

**Lançada a pedra funda-
mental — Será inaugura-
da na próxima tempora-
da: Tramandaí**

Foi lançada no sábado que pas-
sou, a pedra fundamental da Colô-
nia de Férias da Universidade do
Rio Grande do Sul, localizada na
praia de Tramandaí. Ao ato, pre-
sido pelo Reitor Elyseu Paglioli,
compareceram: o prefeito de
Osório, sr. Osmany Veras; o sub-
prefeito, sr. Ernani Amaral; o di-
retor do Departamento de Balnea-
rios e Turismo sr. João Pereira
Souza; o presidente da Sociedade
Amigos de Tramandaí, vice-reitor
Pery Dinis; o presidente do Cen-
tro de Funcionários da Universi-
dade do Rio Grande do Sul sr.
Antonio Coelho Nunes; o presi-
dente da Federação dos Estudantes
Universitários do Rio Grande do
Sul, Edson Medeiros; além de pro-
fessores, estudantes, funcionários e
outras pessoas gradadas.

O LANÇAMENTO

Às 10,30 horas, aproximadamen-
te, foi feito o lançamento da pe-
dra fundamental pelo Reitor Pa-
glioli, e, após, o cônego Pedro
Jacobs, pároco de Tramandaí, pro-
cedeu a bênção propiciatória do em-
preendimento.

Na ocasião falaram os srs. Ed-
son Medeiros, presidente da Fede-
ração dos Estudantes Universitá-
rios do Rio Grande do Sul, em
nome dos estudantes; o sr. Anto-
nio Coelho Nunes, presidente do
Centro dos Funcionários da Univer-
sidade do Rio Grande do Sul, em
nome dos funcionários; e o pro-
fessor Marques Pereira, em nome
dos professores.

O professor Pery Pinto Dinis,
em nome do prefeito de Osório e na
qualidade de presidente da Socie-
dade Amigos de Tramandaí também
pronunciou um discurso.

Agradeceu a seguir, falou o Rei-
tor que, entre outras afirmações,
frisou ser obrigação primacial da
Universidade educar, a Colônia de
Férias, cuja pedra fundamental se
lançava, era parte desse programa
de educação; da educação moral
de seus componentes; um empre-
endimento de caráter humano, desti-
nado a auxiliar aos funcionários e
alunos que não dispuzessem de meios
para passar uma temporada em
praia de mar, e que, ali, em com-
panhia dos professores teriam es-
timulado o convívio edificador e
base do espírito Universitário.

ASSISTENCIA SOCIAL

A Colônia de Férias, cuja cons-
trução será atacada de imediato
e que deverá ser inaugurada antes
do fim do ano em curso, está lo-
calizada em terreno doado pela Mu-
nicipalidade de Osório, por inicia-
tiva do prefeito Osmany Veras.

CHURRASCO

Após a solenidade os presentes
se dirigiram a Sociedade Amigos
de Tramandaí, onde lhes foi ofere-
cido um churrasco.



Colônias de Férias, Centros de Recuperação, Colônias Climáticas, são locais situados, quase sempre, em lugares salubres e pitorescos, nas serras, praias, planícies e estâncias hidro-minerais.

O Estado do Rio Grande do Sul é a unidade da federação que, aproveitando os recursos naturais topográficos e a diversidade de climas que possui, com centenas de quilômetros de praia no Atlântico, já conta com uma rede bastante ampla destas estâncias de repouso.

Estas Colônias de Férias, em número de oito, são planejadas e administradas pela Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional, da Secretaria de Educação e Cultura, através de um serviço especializado. Cuida esse serviço da seleção dos escolares destinados às colônias, da preparação de professores recreacionistas, conservação do material, escolha de localidades para instalação de novas colônias, mudanças, etc.

Como é óbvio, a escolha do elemento que deve ser beneficiado, com um período de repouso, nas Colônias de Férias, mantidas pelo Estado, é tarefa espinhosa e difícil. A priori, os médicos selecionam as crianças mais necessitadas, subnutridas e débeis — físicos. Os assistentes sociais efetuam visitas domiciliares, a fim de verificarem as condições econômico-sociais dos pais.

Assim, pelo exposto, verifica-se que as Colônias de Férias, aqui entre nós, são destinadas a escolares de 7 a 11 anos, de preferência, os mais necessitados, quer sob o ponto de vista psico-somático ou social e econômico.

Quanto ao regime, as nossas colônias são destinadas a proporcionar um período de repouso, com alimentação farta e sadia, recreação variada, portanto, uma quinzena de "férias dirigidas", aos escolares escolhidos.

Não há espécie alguma de trabalho intelectual para os colonianos e os regulamentos são brandos de maneira que a criança não tenha a sensação de sair de uma escola e entrar num internato.

Nas diferentes colônias, a criança goza de liberdade, porém "liberdade vigiada". E isso é lógico e coerente, tendo em vista a fi-

AS COLÔNIAS DE FÉRIAS no Rio Grande do Sul

nalidade dessa assistência social e educacional ao escolar necessitado.

Apesar de termos colônias de férias em São Francisco de Paula, Flôres da Cunha e Veranópolis, em lugares pitorescos e salubres, colônias marítimas, em Tôres e Cassino, em Itai, junto às fontes hidro-minerais, não são colônias climáticas, nos moldes das existentes em São Paulo, Argentina e Uruguai.

As de planície, em Viamão e à beira-rio, em Guaíba, são meramente recreativas.

Quanto a escolas para débeis físicos, possuímos uma em Viamão, a Escola de Recuperação "D. Bosco" que, em regime de internato está em atividade todo ano, enquanto as colônias de férias, propriamente ditas, só funcionam durante os meses de férias, segunda quinzena de dezembro, janeiro e fevereiro.

Para o período de férias de 1956 estão previstas mais duas colônias de tipo acampamento, em Belém Novo e Tramandaí, respectivamente.

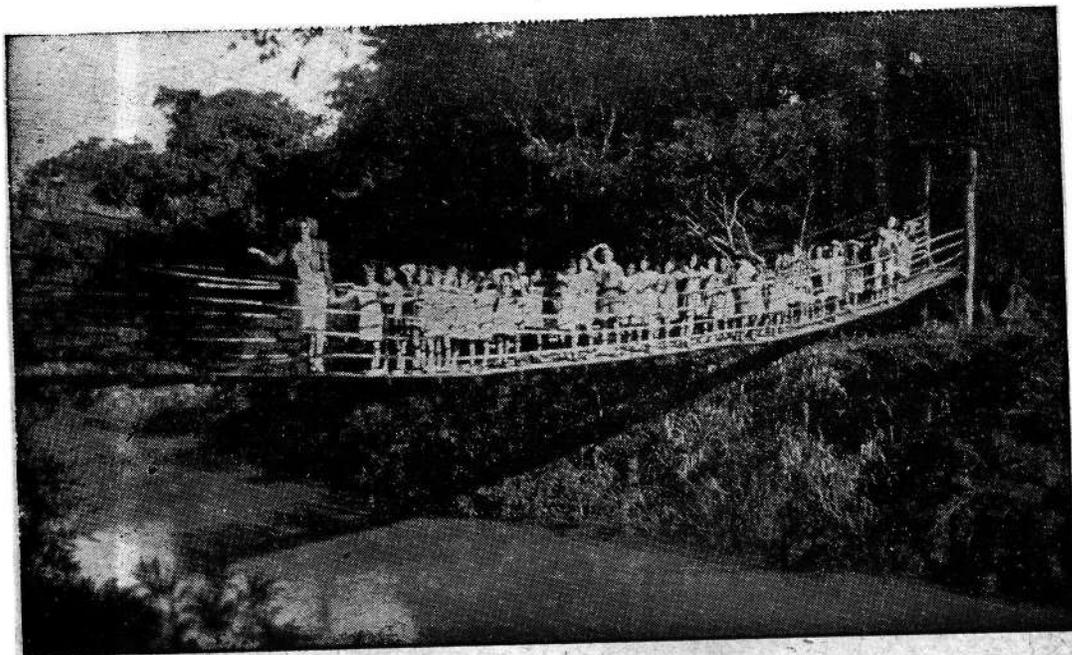
O alvo para hospedagem de crianças e adolescentes, elementos recrutados em todo o Estado, para a temporada de 1956 é de 4.500 elementos.

Até 1952, esta assistência social e educacional ao escolar, em virtude da dificuldade de transportes e outros fatores, era extensiva somente aos Grupos Escolares da Capital e arredores.

Em 1954, com a cooperação das Prefeituras e Delegacia Regionais de Ensino, foi possível estender a rede e beneficiar elevado número de crianças do interior do Estado, Cerca de 40 Prefeituras forneceram transportes aos



Na belíssima praia de Torres em local alto e confortável prédio fica situada uma das colônias de férias do R.G.S.



escolares de suas comunas e as Colônias de Férias tiveram que ser ampliadas para receber mais de 3.000 crianças, da Capital e interior, de ambos os sexos.

Graças à compreensão dos Senhores Prefeitos municipais, em 1955 4.290 escolares foram transportados de todo Estado, desde as fronteiras com a Argentina, Uruguai até a zona colonial em divisa com o Estado de Santa Catarina, diretamente para as oitos Colônias de Férias em funcionamento.

Quanto às despesas, incluindo alimentação, pagamento a funcionários e professores-recreacionistas, transportes, renovação de material, etc., durante os 70 dias de atividade, foram dispendidos Cr\$ 3.378000,00. A despesa diária para cada criança é calculada em Cr\$ 45,00 "per capita".

Levando em conta que uma das finalidades das nossas Colônias de Férias é a de restaurar as energias físicas dos escolares subnutridos são fornecidas seis refeições diárias, com cardápio escolhido e variado.

A permanência da criança nas Colônias é de 15 dias.

Nas Colônias de Férias, as crianças estão sob os cuidados de um grupo selecionado de recreacionistas, professoras dos Grupos Escolares, de Educação Física e Assistentes Sociais.

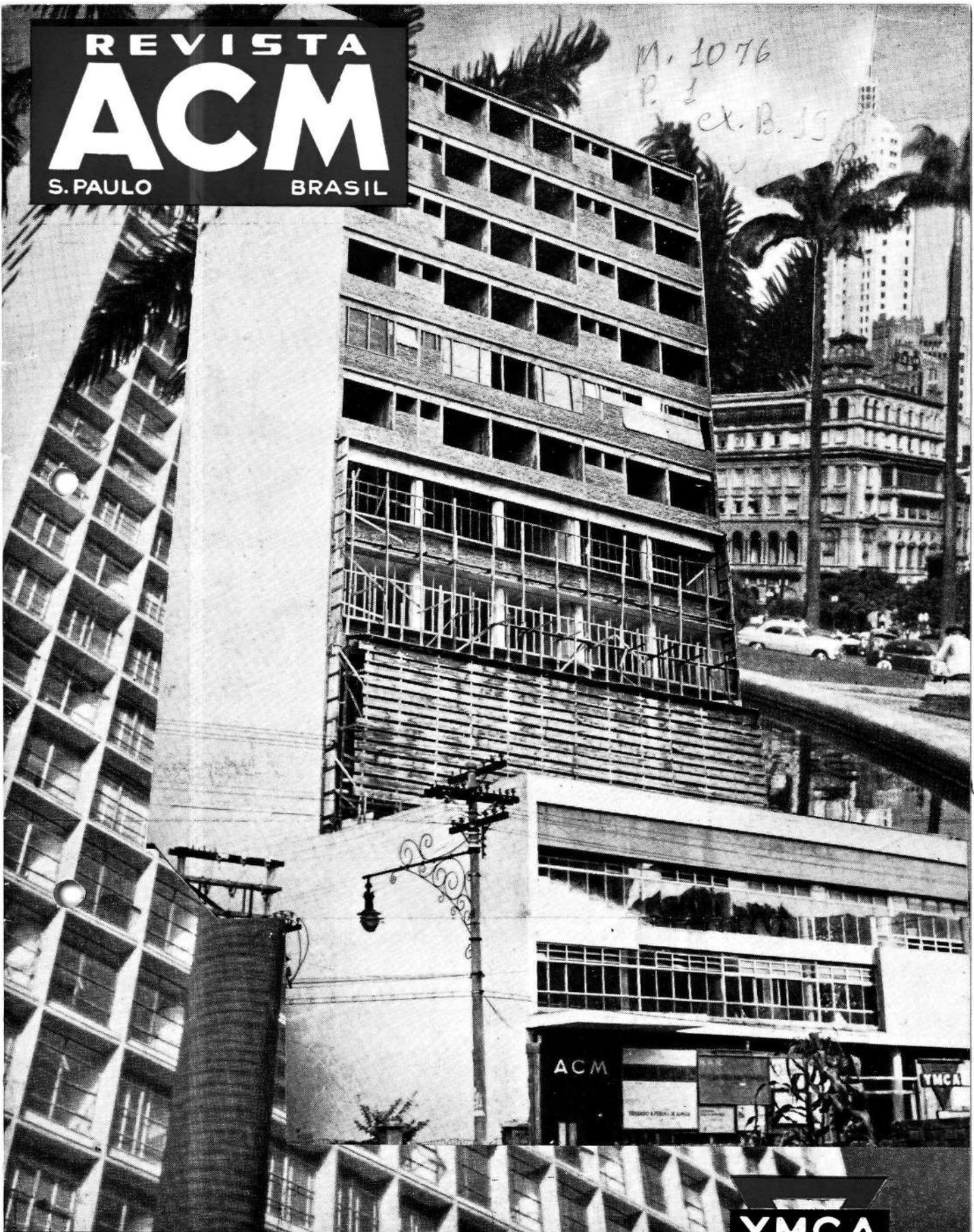
Anualmente, a Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional, em colaboração com o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, Superintendência do Ensino Artístico e Divisão de Cultura, promove um Curso de Recreação, destinado ao preparo especializado dos recreacionistas que vão servir nas Colônias de Férias.

Nesse curso, os candidatos ao título de recreacionista, recebem noções de psico-dietética, bases fisiológicas da alimentação, higiene mental, simbolismo do brinquedo, educação e recreação, organização de Colônias de Férias, canto, rodas e brinquedos cantados, teatro de sombras, fantoches e marionetes, práticas esportivas, campismo e preparação de líderes.

Nas Colônias, cada grupo de trinta crianças é assistido durante todas as atividades do dia por uma recreacionista capaz e dedicada, que aceitou essa tarefa para trabalhar durante as férias porque realmente gosta de crianças.

REVISTA
ACM
S. PAULO BRASIL

M. 1076
P. 1
ex. B. 15



ACM: 54 ANOS EM SÃO PAULO

Fora de perigo!

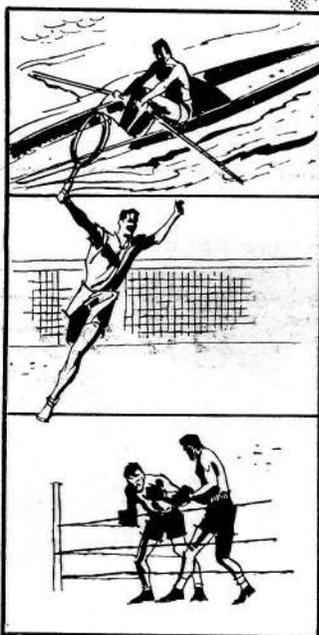
gazetex

protege o esportista

Previna-se contra torceduras e deslocamentos de pulsos, tornozelos ou juntas. Aplique

gazetex

Gazetex substitui com vantagem todos os tipos comuns de ataduras. Antes do esporte — previna-se com *Gazetex*!



Veja como é prático usar *gazetex*:

- adere somente em si mesma
- não se altera com azeite, óleo ou água
- não "pega" nos cabelos ou na pele
- pode ser aplicado com a pressão desejada
- em várias medidas e larguras

— e para proteção ainda maior,

use suporte
atlético

york

- resistente
- durável
- indeformável

produtos das *indústrias york s.a.*

produtos cirúrgicos

Caixa Postal, 8693 - Tel.: 7-1197 - São Paulo



Em 3 tamanhos:
grande, médio e pequeno

São Paulo

Diretor: Elias G. Montijo
Redator-Chefe: João Lotufo
Gerente: Arno G. Kilmar
Secretário: Edgard S. Faria
Planejamento: N. Pithan e Silva
Assinatura anual: Cr\$ 15,00
(quinze cruzeiros), numero avulso:
Cr\$ 3,00 (três cruzeiros).

REVISTA ACM, órgão de cultura integral, é publicada bimestralmente pela Associação Cristã de Moços de São Paulo.

Comissão de Publicidade da ACM. — Sr. Agenor de Camargo Filho, sr. Paulo Lotufo, dr. Pedro Ferraz do Amaral e eng.º Mário Belbusti Filho.

Diretoria da ACM para 1956
- Presidente: Prof. Nilo Andrade Amaral; vice-presidente: sr. Erhard Dolder; secretário: dr. Marigildo de Camargo Braga; tesoureiro: sr. Alberto Sentieri.

Diretores: Dr. Admir Ramos, sr. Agenor de Camargo Filho, sr. Armando Sander, dr. Bruno Heydenreich, sr. Charles E. Waddell, sr. Domingos Nazarian, dr. Edgar Caldas Barbosa, sr. Gino Bodra, sr. Italo Brasil Portieri, sr. Isaac Franco, dr. José Thomaz Sayão, dr. Luiz Dumont Villares, sr. Mário Frugiuele, dr. Mário Toledo de Moraes, sr. Moacyr Daiuto, dr. Natalino Mastrofrancisco, dr. Osvaldo Müller da Silva, sr. Paulo Warner, sr. Paulo Pires da Costa e dr. Rodolpho Ortenblad. **Junta Patrimonial:** Desembargador Manoel Carlos de Figueiredo Ferraz, presidente; dr. Roberto Shalders, vice-presidente; dr. Arrigo Boero, secretário; comendador Aristides de Arruda Camargo, prof. Flaminio Fávero e dr. Benjamin Hunnicutt.

Administração: Secretário geral, sr. João Lotufo; secretário administrativo, sr. Arno G. Kilmar; secretários do Departamento de Adultos: srs. Alfonz Z. Rencz e Elias G. Montijo; secretário do Departamento de Menores, sr. Cristiano Rosas; secretário do Departamento de Moços, sr. Alberto G. Juarez; secretário do Departamento de Extensão, sr. Julian E. Haranczyk.

54 ANOS DEPOIS



A Associação Cristã de Moços de São Paulo foi fundada em 23 de dezembro de 1902. Completa, portanto, cinquenta e quatro anos em nosso meio.

Se uma atitude de otimismo creativo, uma habilidade para ajustar-se construtivamente ao seu meio e à sua época e o esforço constante para

progredir são as características básicas da juventude em todos os tempos, então podemos declarar que a ACM continua a ser, ainda hoje, uma Associação Cristã de Moços.

Desde os primeiros dias da sua fundação a ACM nunca deixou de preocupar-se com os problemas da juventude. Como resultado dessa sua dinâmica a ACM vem dotando o nosso meio de uma série de serviços de valor inestimável. Se repassarmos a lista dos benefícios prestados a São Paulo e ao seu povo pela ACM nêsse meio século, avaliaremos então, a falta que ela faria. E essa lacuna não poderia ser sanada mui facilmente. Essa lacuna a têm sentido em suas vidas, cidades como Curitiba, Florianópolis, Santos, Recife, Salvador e outras, cujos apelos para que se funde ali a Associação Cristã de Moços são constantes.

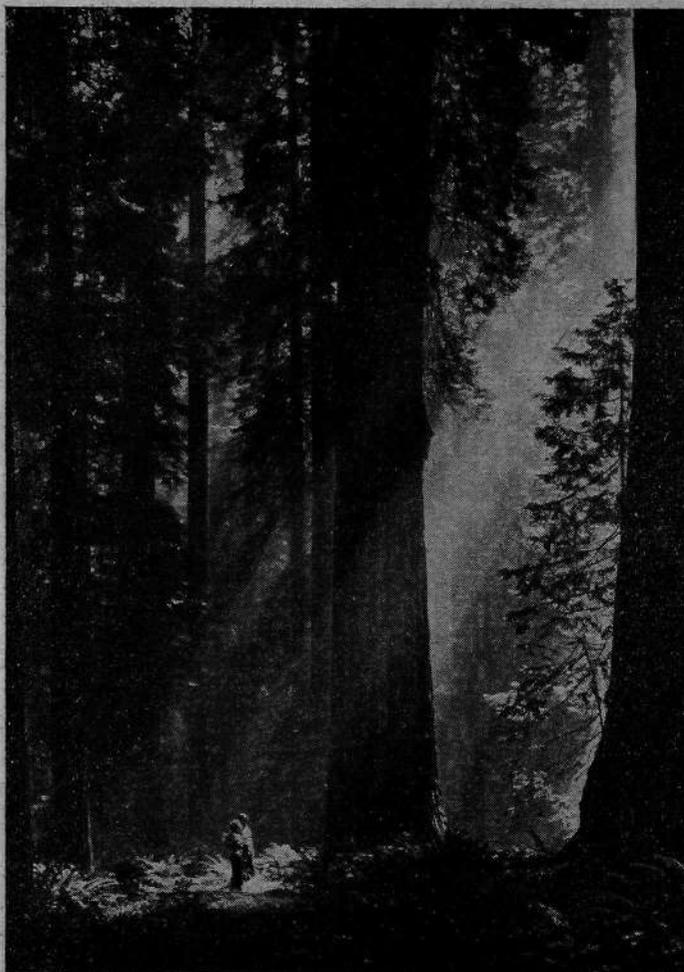
Com isto a ACM permanece tão jovem como há cinquenta e quatro anos atrás e, estamos certos, assim será nos tempos futuros.

Nêste número

Para uma comemoração mais profunda do Natal	3
Os primeiros dias da nossa ACM	4
O outro lado da medalha	6
A história maravilhosa de São Nicolau	8
Notícias várias	11
Tradições brasileiras do Natal	12
O porquê dos acampamentos	15
A regularidade das refeições	18
O suave milagre	19
O significado de ser estudante	20

O AMOR DE DEUS

James Mountain



*A terra absorve a chuva, dõce e refrescante,
e a devolve novamente em forma de flôres e frutas;
do mesmo modo recebo o amor divino, tão rico e liberal,
e retribuo com alegria e louvor ao meu Deus.
A lua recebe a luz do sol, áurea e brilhante,
e a dirige para a terra onde vai iluminar a escura noite;
assim recebo eu os raios do amor divino
e com êles tento iluminar um pouco êste mundo que a Êle pertence.
O', Senhor, ajudai-me a receber, com a graça divina,
cada vez mais e mais o seu grande amor;
e que dia após dia possa o meu coração dedicar-Lhe
cada vez um mais profundo amor e crescer constantemente.*



Para uma comemoração mais profunda do Natal

Winnifred Wygal

Mais uma vez o Natal é festejado. É esta a celebração do nascimento d'Aquêlé por meio de quem Deus manifestou o seu propósito e atividade na história. Aquêlé que tinha de sobêjo porte e sabedoria, em boas graças com Deus e com o homem — a celebração do nascimento de Deus feito homem.

Nos últimos cinquenta anos, observa-se que na civilização ocidental cada vez mais transforma-se o Natal numa festa pagã. E quando mencionamos tal fato não queremos sômente nos referir à enorme comercialização dos festejos de Natal, mas também chamar a atenção pelo fato de tantos símbolos que assinalam aquela festividade serem de origem pagã — a árvore de Natal, Papai Noel, as satisfações egoísticas dos presentes e dos banquetes exagerados. Em qualquer povo, na tradição dos festejos sempre entra uma parte recreativa e outra de distribuição de presentes. Na nossa civilização, o Natal de nada difere de uma reunião qualquer: reuniões familiares, compreensão, representações graciosas enriquecidas por vestimentas coloridas de grande beleza.

Não vai nisto nenhuma intenção de fazer com que os cristãos privem-se da necessidade que todos têm de, em certos momentos, rememorar os tempos da infância, quando brincavam à luz das velas de Natal e ao som de

música dóce e tradicional. Mas pensar que isto seja a medida e significado do Natal, equivale a uma blasfêmia.

Um falso conceito do significado do Natal que, da mesma maneira é tão perturbador quanto o paganismo da comercialização, das lendas infantis e dos oropéis, é aquêlé pelo qual o Natal não passaria de um festival da infância, sendo o *infante* Jesus todo o significado do Natal para os cristãos.

É necessário pensar cuidadosamente sôbre isso. A história do Natal já se revestiu de infinito brilho, por ser a história do comêço de uma existência única e de acontecimentos associados a uma nova fé renunciadora. Nós nos vangloriamos da incomparável beleza das lendas sôbre o nascimento de Jesus, e do alto e sagrado simbolismo por elas sugerido. Não devemos subestimar a infância como símbolo de pureza e bondade. Não devemos confundir o poder do drama que revela a salvação do homem, com o significado do nascimento de uma criança, que vem em nome de Deus e com a realização de uma profecia. O significado da Encarnação pode ser encontrado no intensamente humano e histórico acontecimento que foi o nascimento de Jesus de Nazaré. Mas, se o Natal fôr sômente um festival dedicado à criança; se o Natal relega o crescimento

de Jesus, da infância à maturidade, então devemos considerar sem estrutura e sentimental a fé que depositamos na pessoa daquele infante.

Para todos aquêles que se dirigem aos serviços religiosos na noite de Natal, para as preces elevadas ao céu ao cair da tarde no dia de Natal, para os cristãos onde quer que se encontrem, essa festa de luz e alegria é a própria festa da Vida Eterna. O Natal é o nascimento de uma existência vivida sob o signo da morte e levada às alturas da glória, pois o pecado e o mal foram tragados ao dar-se a vitória do Deus que há em Cristo.

Em síntese, a estrutura da teologia cristã não sômente toma forma definida junto ao Calvário, mas também inclui Belém. O propósito de Deus, o Criador, Juiz e Redentor, deve ser encarado tão vividamente no dia de Natal, quanto na Páscoa e Pentecostes. O propósito da vida é a união e comunhão com Deus. O propósito da vida é justamente *viver*. Mas, que significa viver? A fé cristã reza que não poderemos compreender tal até tomarmos conhecimento do pequeno e desesperado grupo ao pé do Gólgota. Viver é nascer. Viver é ter os atributos e as promessas da infância em suas formas puras e vitais. Mas, celebrar um nascimento

(Conclui na pág. 7)

Funcionários e
secretários da
ACM no ano de
1938.



Os primeiros dias da nossa ACM

Dizem os registros históricos, que a Associação Cristã de Moços de São Paulo foi fundada duas vezes. Em parte, é verdade, se considerarmos como fundação o fato de se haver reunido uma assembléia, lavrando uma ata e eleito uma diretoria. Isso foi o que aconteceu a 1.º de agosto de 1895, quando um grupo de homens idealistas se reuniu, sob a presidência do Dr. Nicolau Soares do Couto Esher. Motivos diversos tramaram contra as intenções superiores desse grupo e a primeira tentativa de fundar-se a Associação Cristã de Moços em São Paulo não foi coroada de êxito. A última referência sobre essa tentativa pode ser encontrada na ata da segunda reunião, realizada a 7 de setembro de 1896. Nada mais há registrado.

Nasce a ACM

Myron Clark, então secretário-geral da ACM do Rio, que havia presenciado a legendária reunião de agosto de 1895, volta à carga, e desta feita decidido a fundar a ACM entre nós. Reuniu um selecionado grupo de homens de ideal e realistas, os quais promoveram a fundação definitiva da ACM de São Paulo. Isso foi no dia 23 de dezembro de 1902.

Os fundadores

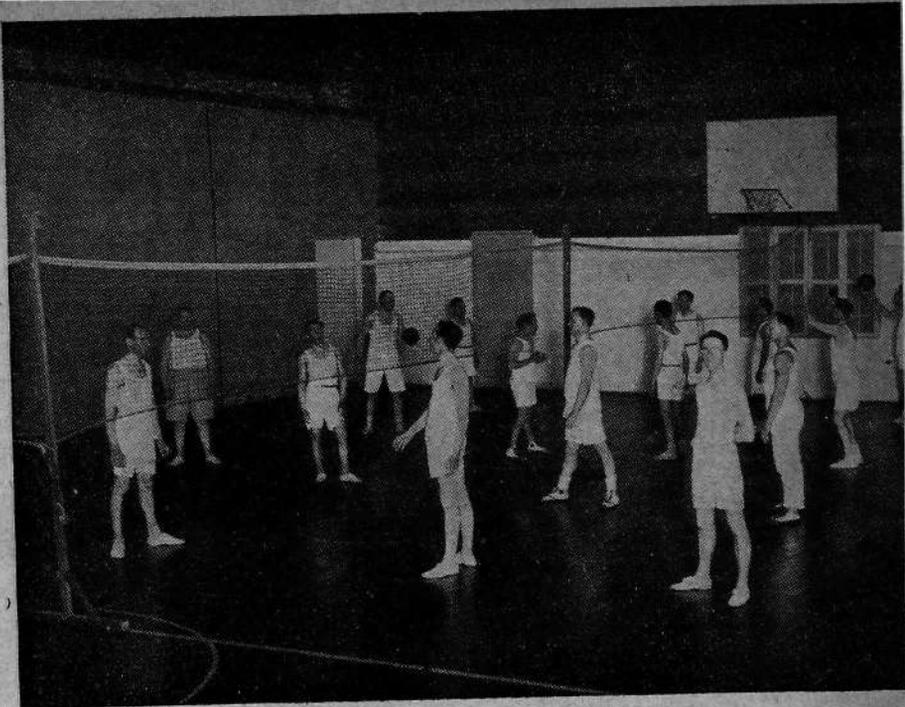
Na ata de fundação encontram-se apostas 56 assinaturas: C. G. S. Shalders, Alberto da Costa, Domingos de Oliveira, Myron A. Clark, Antônio Penasilico, Adorno Cesar, Jorge Botelho, Carlos J. Rodrigues, João

Antônio Domingues, Joaquim N. Pinheiro, Augusto Ostergen, Pedro Pinto de Souza, Remigio Cerqueira Leite, Remigio Cerqueira Leite Jr., Godofredo Cerqueira Leite, Artidoro Flexa, Vicente Losso, Andrew Pinheiro, João Severino da Costa, Sebastião T. Godoi, José Gomes Vilela, Anésio Magalhães, Davi



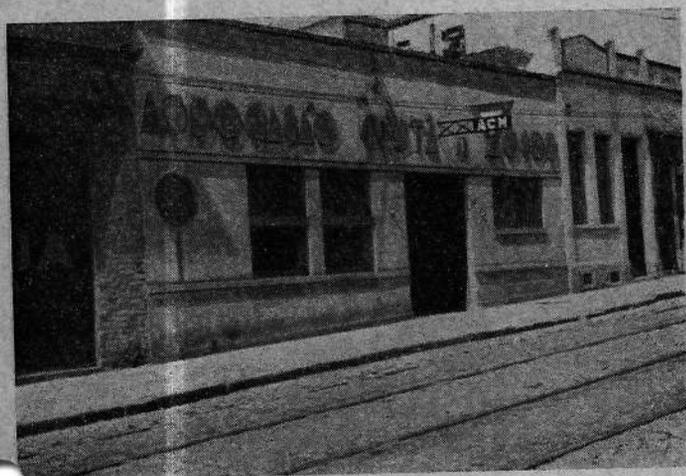
ACM: Largo do Arouche

Rois Moraes, Jonas Pereira, Dioscoro Flexa, Mário Cerqueira Leite, José C. C. Leite, Josué Bueno Manassés Pereira, Segismundo S. Pereira, Cesário Ricardo, Domingos Sbampato, Henrique Lindemberg, João Carvalho de Almeida, Tomás W. Lingle, Raul Amaral Leite, José Marcelino da Silva, Efraim Pereira, Cornélio Pires, Paulo de Carvalho, Jair Camargo, Afonso Bevilaqua, Felisbino Camargo, Eduardo Andrews, Júlio Pinheiro, Antônio E. da Silva, Berto Germano, Eduardo C. Pereira, Alexandre Neytre, J. Lionel Lopes, Dr. A. G. Silva Rodrigues, Henrique P. Ribeiro, F. M. Hodgkiss, Miguel Flexa e João Alves da Cunha.



1924: Uma partida de voleibol no ginásio da rua Santa Isabel

Rua Santo Antônio, 201. Quem não se lembra dela?



1927: Classe feminina de ginástica. Como mudam os tempos!

Primeira diretoria

Nessa mesma reunião foi eleita a primeira diretoria, com o seguinte resultado: Presidente: Dr. Carlos Gomes S. Shalders; Vice: Dr. A. G. Silva Rodrigues; Secretário-geral: Snr. Alvaro de Almeida (honorário); Secretário-Arquivista: Snr. Alberto Costa; Tesoureiro: Snr. Domingos Oliveira; Vogais: Dr. W. Strain, H. Lindemberg, M. Flexa e Horácio Rodrigues.





O outro lado da medalha

A propósito de Alberto Santos Dumont

Por N. PITHAN E SILVA
(Especial para "REVISTA ACM")

Ano "Santos Dumont". Cinquentenário do vôo do mais pesado que o ar. O fato aconteceu em Paris, dia 23 de outubro de 1906. Segundo registram documentos da época, foi esse vôo o primeiro realmente efetuado em máquina mais pesada que o ar, por um ser humano. Todavia, até hoje se desenvolve uma luta secreta, oficiosa, por parte dos norte-americanos, no sentido de conquistar para si aquela primazia, afirmando que os irmãos Wright foram os pioneiros e não Santos Dumont. Há já vista o recente número do "Time", em cujas páginas se busca ridicularizar o inventor patricio.

Mas deixemos de lado esta questiúncula e falemos de San-

tos Dumont, o inventor que tantas glórias trouxe ao nosso país.

Dizem seus contemporâneos e, recentemente, seu amigo e colaborador Gateau, que um dos traços predominantes da personalidade de Santos Dumont era sua grande ternura para com o ser humano. Tal ternura, tal simpatia para com o próximo foi, não há dúvida, o "leit-motif" que o levou a concretizar o sonho de Ícaro. Os leitores perguntar-nos-ão onde o ponto de contacto entre o invento e o homem. É fácil responder. A ternura de Alberto Santos Dumont agiu como estimulante sobre sua capacidade de inventor. Essa ternura, facilmente comprovada pelos seus repetidos gestos humanitários, doando os

prêmios que recebia aos pobres, encontra seu clímax na própria materialização do aparelho de vôo mais pesado do que o ar. Aliás, era notório seu pensamento, nos últimos dias da vida, a respeito do progresso da aviação. Afirmava ele, aos seus mais íntimos, que criara o avião como instrumento de paz, de aproximação dos povos, e transformaram-no em instrumento de guerra. A tal ponto sentiu-se responsável, ainda que inocente, das consequências de sua invenção, sendo essa uma das causas predominantes, senão a principal, do trágico fim de sua existência.

Porventura, não ocorreu o mesmo com outros inventores? Qual foi o destino da máquina a vapor e do motor a explosão? Júlio Verne havia idealizado os submersíveis como um meio de fuga do homem às injunções do ódio e da justiça humana, tão imperfeita e volúvel. Que fi-

zeram de suas idéias, ainda que a êle não coube a glória (ou inglória) de materializar seus arrojados e fantásticos sonhos? O submarino atômico é a resposta mais trágica que podemos oferecer aos nossos leitores. A energia nuclear? Os sábios buscaram-na afoitamente, pensando oferecer uma era de progresso, conforto e paz à humanidade! Em que foi transformada?

Nas comemorações do "Ano Santos Dumont" procura-se exaltar mais o inventor do que o homem. Seria muito mais construtivo que, a par de tais exaltações, bastante justas, se mostrasse mais enfaticamente o outro lado de sua personalidade. Que se oferecesse à nossa juventude, e porque não aos adultos também, a face realmente esplendorosa de Alberto Santos Dumont, que viveu pensando numa humanidade fraterna e, decepcionado do "lobo humano", trágicamente morreu.

Houvessem-no compreendido naquela época, houvessem-no interpretado, certamente, o teríamos ainda vivo, como vivo e presente está o seu invento, rasgando os ares, unindo os povos e encurtando as distâncias. A maldade humana não pode coartar, quando a bondade do Criador, usando de seu mais precioso instrumento — a criatura — deu à humanidade uma das características divinas, esta de transportar-se nos ares, pelo mundo em fora.

AO QUADRO SOCIAL DA ACM

A "Casa Fretin" oferece aos sócios da ACM os seguintes descontos em seus artigos:

15% sobre armações de óculos com suas respectivas lentes;

10% sobre artigos ortopédicos.

O interessado deverá apresentar a carteira social da ACM com o recibo em dia ao efetuar a sua compra.

Bom Humor

EXPLICAÇÃO INFANTIL

Uma criança visita a outra. Ao passar por uma porta, vê um velhote sentado numa cadeira de rodas e com uma só perna.

— Quem é aquele senhor?

— Ah! é o meu avôzinho.

— E êle tem uma perna só? Que aconteceu com a outra?

— Ah, sim! Foi para o céu...

CONTENTAMENTO

Anacleto encontra um amigo, na praça, que o abraça satisfeito...

— Estou doido de contentamento, Anacleto!

— Muito folgo... Mas por que êsse contentamento todo?

— Porque minha sogra acaba de casar de novo.

— Ora, e que tem isso?

— Muita coisa. E' que agora ela também tem sogra, e vai ver com quantos paus se faz uma canoa!

ORGULHO DA FAMILIA

Um indivíduo que estava sempre a falar dos seus antepassados, afirmou certa vez:

— Os meus avoengos remontam aos tempos das cruzadas.

— Não vá me dizer que êles também viajaram na Arca de Noé!

— Oh! não! respondeu o outro com arrogância. — Êles tinham arca própria...

O QUE ESPERAVA O SENHOR?

Dois garotos brigavam no meio da rua. Um senhor, depois de separá-los, dirige-se ao mais velho dêles:

— Você não se envergonha? Bater num garoto menor do que você...

— E o que o senhor queria que eu fizesse, por acaso? Ficasse esperando que êle crescesse?

Para uma comemoração...

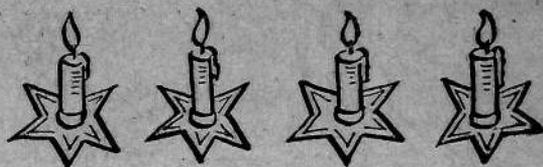
(Conclusão da pág. 3)

em termos mais de inocência que de esforços, é como que truncar o significado da vida e deturpar os mesmos. Se o propósito de nossa criação é a Vida em suas dimensões eternas, então o Natal não será somente um festival da infância. Devemos nos inteirar do drama da salvação por completo: criação, julgamento e redenção. Elas são tão iminentes no berço em Belém quanto em Pentecostes. Nossa fé será como um manto sem costuras.

Não é por nada que os homens inteligentes ajoelham-se e dão presentes, e que os pastores cantam. A criança é também o Cristo homem. Jesus na cruz é Cristo na estrada de Emaús e a visão no caminho de Damasco.

Salvai-nos, Senhor, do sentimentalismo e infantilismo. Salvai-nos da fuga. Dai profundidade às nossas vozes ao entoarmos hinos ao Menino Jesus, com os tons do exército vitorioso que lutou numa nobre causa e foi elevado com as hostes à glória, para testemunhar o triunfo do espírito divino sobre o mal e o pecado. Que os presentes que levam em suas mãos sejam mais do que brinquedos e oropéis. "Pela graça divina, possamos apresentar os nossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é a nossa adoração espiritual; que não nos conformemos com o mundo, mas transformêmo-lo, pela renovação de nossa alma, de maneira que saibamos qual seja a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito".

A história maravilhosa de São Nicolau



O santo que um costume pagão transformou em Papai Noel

Clement Borgal

Para milhões de crianças, de uma extremidade a outra do planeta, as festas de Natal significam a visita de São Nicolau, tanto quanto, ou mais, talvez, do que o nascimento de Jesus.

Em alguns países da Europa, quase não se encontra mais São Nicolau. Mas o Papai Noel assemelha-se a êle como um irmão. E' o seu sucessor, por assim dizer. Quanto aos países anglo-saxônicos, não conhecem senão êle. E' o famoso Santa Claus, a quem se escreve todos os anos, em princípios de dezembro, para quem se preparam as meias gigantes penduradas ao pé da cama e que, em Nova York ou em Amsterdã, em Glasgow ou em Copenhague, aparece às vèzes sobre um belo cavalo branco, mensageiro da indulgência, dono de tesouros sem fundo.

Ora, o personagem legendário foi também personagem histórico. São Nicolau viveu há algumas centenas de anos em um país da Ásia Menor hoje chamado Turquia. Influências inúmeras, entre as quais predomina a imaginação popular, transformaram em curiosa história a vida póstuma dêsse prelado, semelhante, sem dúvida, a tantos outros bispos, mas que um destino privilegiado preservou do tranqüilo esquecimento que de ordinário se segue à canonização.

A conquista do mundo Mediterrâneo

São Nicolau nasceu no decorrer do século IV, em Patora, pequena aldeia da atual Turquia meridional. Nomeado Bispo de Myra, não tardou a celebrar-se pela invulgar bondade e pela preocupação de suavizar as misérias de seus semelhantes. Qua-



se imediatamente após o seu martírio, a fama transformou-o em protetor dos marinheiros, das crianças, dos sábios e dos comerciantes. A Rússia foi a primeira a escolhê-lo como padroeiro. Os gregos e latinos fixaram a celebração de sua festa no dia 6 de dezembro — data tradicional de sua morte, conservada até nossos dias pelo calendário litúrgico. Mas foram precisos sete séculos, para que o

renome dêsse santo ultrapassasse as fronteiras do mundo Mediterrâneo.

Entretanto, um belo dia, marinheiros vindos do Bari, porto italiano do Adriático, infiltraram-se à noite na aldeia de Myra, guiados por infiéis, abriram o túmulo de São Nicolau e levaram o corpo para Bari como um troféu de vitória. Deu-se isso em meados da Idade Média.

A partir dêsse dia o santo ia começar sua invasão triunfal da Europa e do mundo.

Da Itália à Holanda

Logo que foram recebidos os restos mortais de São Nicolau, decidiu-se construir em Bari uma Igreja Magnífica para abrigá-los. Essa jóia só terminada no século seguinte, mas continua a existir, podendo-se ver ainda hoje o relicário de prata onde repousam os despojos do santo adorado.

Ora, produziu-se, não se sabe bem como nem em que data, uma descoberta miraculosa. Alastrou-se o rumor de que os ossos do santo exsudavam uma espécie de unguento maravilhoso, capaz de sanar as moléstias incuráveis. Nada mais foi preciso para transformar Bari num local de peregrinação famoso em toda a Europa. E os milagres tornaram-se cada vez mais numerosos.

Aquêle cujas consequências seriam as mais duradouras, chegou até nós sem nenhuma precisão de época ou de circunstâncias. Eis tudo o que sabemos.

Um homem tinha três filhas. Sua bolsa não era bem provida, e, à falta de casamentos honrosos, era grande o risco de virem as moças a ser infelizes. Mas São Nicolau velava. Presenteou clandestinamente o homem com os três dotes que lhe faltavam e as meninas fizeram bons casamentos com rapazes da sociedade.

Foi daí que nasceu o costume. Pouco a pouco, lembrando-se esse gesto benfazejo, adquiriu-se o hábito de dar presentes às ocultas nas vésperas do dia de São Nicolau, e de atribuir ao santo a iniciativa.

Ao que se acredita, outras lendas a respeito de São Nicolau nasceram na Holanda, principalmente no pôrto de Amsterdã, que adotou o santo como seu padroeiro. Os marujos que dali saíam a correr mundo não tardaram a espalhar a fama do fazedor de milagres pelas terras situadas do outro lado do oceano.

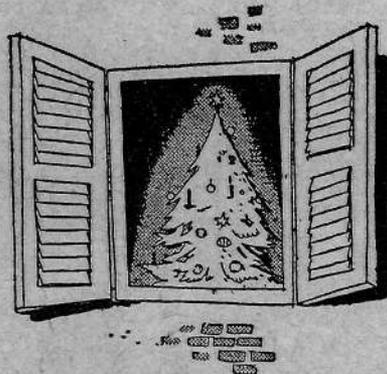
São Nicolau e Papai Noel

Na maior parte dos países estabeleceu-se logo estreita ligação entre a festa de São Nicolau e o dia de Natal. Duas circunstâncias concorreram para essa confusão. Primeiro, a proximidade das datas, depois, o costume pagão de dar presentes ao fim de ano, presentes de origem inteiramente simbólica, representados por folhas e ramagens, aos quais se dava o nome de "festas". Eis como o velho, infatigável e barbudo tornou-se entre nós o Papai Noel e por que o dia dos presentes varia, segundo as regiões, de 6 de dezembro a 6 de janeiro.

Só na Holanda persiste a distinção. Dizem as más línguas que os principais responsáveis são os comerciantes de brinquedos. E talvez tenham razão,

pois a representação de São Nicolau reveste-se de um caráter particular.

O santo é quase sempre acompanhado de um homem de pele trigueira que se conduz como uma espécie de palhaço nas exhibições excêntricas e responde pelo nome de Pedro, o Negro. Representa o servidor mouro do bispo de Myra. Os holandeses, com efeito, apesar da história, querem que São Nicolau lhes tenha vindo da Espanha. Esse país, em virtude de seu antigo comércio marítimo, permaneceu-lhes aos olhos como a terra da riqueza e fonte de todos os bens. Trata-se aí, evidentemente, de uma tradição puramente local, mas não destituída de pitoresco.



Tamancos e chaminés

Outra lenda, também de origem incerta, afirma que o bom santo de Myra tinha o hábito de viajar montado num cavalo voador. Aproximemos esse pormenor do caráter clandestino, dos presentes prodigalizados pelo santo. Aí temos provavelmente a origem do trenó tirado por parelhas de rena, figura mais apropriada do mês de dezembro, e à queda de brinquedos, doces e laranjas através da chaminé das casas.

O costume dos sapatos diante das lareiras é de certo modo uma história tocante. Pretende-se que as crianças outrora enchiam os pequenos tamancos de feno e os colocavam na entrada da chaminé na Noite de Natal, a fim de que os cavalos

alados de São Nicolau pudessem restaurar as forças antes de seguir viagem. Mas tarde, tornando-se os cavalos secundários e mesmo supérfluos, esqueceu-se o feno, mas não os sapatos.

Entretanto, as crianças inglesas e americanas de formação extremamente prática compreenderam a insuficiência do tamanho dos sapatos. Por consequência, passaram a pendurar ao pé da cama as mais longas meias que possuíam. E como essas ainda não bastassem, adotaram-se as meias especiais para esse fim, em uso ainda hoje, e cujo tamanho lembra ainda uma mochila militar.

O Senhor do Polo Norte

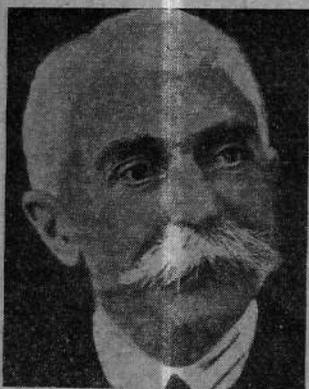
Concluirei esta série de anedotas relatando um costume tipicamente americano. Todos os anos, ao principiar o mês de dezembro, as crianças mais adiantadas dos Estados Unidos, escrevem a Papai Noel uma carta com o seguinte endereço: "Snr. Santa Claus, Polo Norte". Se tudo corre bem, elas recebem alguns meses depois um envelope com o carimbo da Groenlândia, contendo um cartão em letras douradas em que São Nicolau lhes formula os melhores votos de boas festas.

Esse mistério se explica por uma iniciativa do governo de Copenhague, ou antes, da Associação Nacional de Turismo da Dinamarca, que encontrou nessa medida um excelente meio de propaganda.

Mas não importa. A criança está certa hoje de que São Nicolau reina no Polo Norte. A idéia aliás já era sugerida pelas renas atreladas ao seu trenó. E o bom bispo de Myra, falecido mais de 1.600 anos, chega aqui ao término de suas jornadas, tendo atingido as mais longínquas regiões de nosso planeta, levado pela imaginação criadora dos povos.

(Transcrito de "O GLOBO")

MENSAGEM DA ACM AOS ESPORTISTAS OLIMPICOS



Barão de Coubertin

O Comitê Mundial das Associações Cristãs de Moços divulgou a seguinte mensagem, por ocasião da realização dos XVI Jogos Olímpicos:

Reunem-se neste momento, em Melbourne, Austrália, a maioria dos povos civilizados para reencetar uma luta iniciada há vários séculos, na milenar e legendária Grécia: a boa luta, pelo bom esporte. Luta que dignifica e confraterniza. Luta cujo prêmio se cristaliza em louros e palmas de consagração e cujas armas são a lealdade, a disciplina e a capacidade. Seus despojos são diferentes das demais lutas: amizade e colaboração entre as raças e os povos.

Justamente, quando se reúne a flor da juventude do mundo, exuberante de vida, e espírito esportivo, sombras de uma outra luta, da luta armada, tentam ofuscar o horizonte da paz universal.

A Associação Cristã de Moços, que nas próprias palavras de Coubertin, um dos seus mais destacados líderes mundiais, lhe inspirou a reconstituição dos Jogos Olímpicos, envia sua saudação de paz e fraternidade a todos os jovens reunidos em torno da chama olímpica, esperando que mais uma vez, saibam dar ao mundo o exemplo do seu espírito esportivo, demonstrando que todos os homens são iguais e a paz mais do que o resultado de soluções políticas ou ação armada, é o resultado de uma consciência individual de compreensão e amor ao próximo, como ensinava há dois mil anos, o Filho do Homem, Jesus, o Cristo. Salve a juventude olímpica!"

AS ACM SULAMERICANAS AJUDAM O CONGO BELGA

Há alguns anos atrás, por meio de um relatório de uma visita feita ao Congo Belga pelo negro norteamericano George Haynes, a Aliança Mundial das ACM tornou-se ciente das enormes possibilidades e necessidades da ACM naquela região. Atendendo a apêlo feito nesse sentido a ACM da Dinamarca enviou ao Congo Belgo um de seus melhores secretários, o sr. I. Grube Overgaard. Com base em grupos já existentes ali o sr. Overgaard iniciou em Leopoldville um trabalho que de imediato mereceu o respeito, a con-Belgo às expensas do governo.

Tão grande e importante tem sido a obra da ACM naquela região que o governo acaba de solicitar à ACM a organização de três Centros de Serviço Social. Um dos objetivos desse trabalho é promover a integração de cerca de 3.000 pessoas que mensalmente acorrem àquela moderna e industrializada cidade de Leopoldville. Para a execução dessa tarefa deixaram a Bélgica doze secretários da ACM que irão trabalhar no Congo Belgo a expensas do governo.



O sr. Hugo Grassi, do Uruguai, faz entrega de um cheque ao secretário de Extensão da Aliança Mundial para o trabalho no Congo Belga.

Convém destacar que as ACM sulamericanas têm dado a sua contribuição para o soerguimento e manutenção da ACM no Congo Belga. Agora, com o seu novo esforço, a ACM daquela região apela de novo ao nosso continente no sentido de prestar-lhe apôio nessa nova arrancada.

CURSOS DO PROGRAMA CULTURAL

Novo curso que promete empolgar

Teoria e Prática da Democracia no Brasil, Administração de Negócios, Oratória e Comercial Rápido são os cursos que iniciarão logo nos primeiros dias de janeiro próximo. Dêstes, o primeiro constitui novidade na ACM, e pela maneira como vai ministrado não deixa de ser novidade também em nosso meio. Entrando em pontos os mais variados da nossa evolução política, da maneira mais imparcial e sem fazer proselitismo, êsse curso há de representar uma verdadeira escola de educação civil. A direção estará a cargo do conhecido comentarista político do rádio e televisão, Viegas Netto.

UM CAMPEONATO SUI-GENERIS

Em setembro dêste ano as ACM sulamericanas realizaram um campeonato sui-generis: maior numero de cestas por minuto. No dia mar-

cado tôdas as ACM do continente iniciaram o campeonato. Os resultados foram remetidos à Comissão Continental de Educação Física, em Montevidéu, para apuração dos resultados finais.

São Paulo conseguiu uma ótima colocação, como se pode ver pelos resultados seguintes: Categoria de Moços: empataram em 1.º lugar Moisés de Aguiar, de São Paulo, e George Palumbo, de Montevidéu, com 37 cestas; Categoria de Adultos: classificou-se em 1.º lugar, com 40 cestas, Dirceu Menezes. Nos resultados por equipe em Adultos e Moços conseguimos o 1.º lugar, e na categoria Menores o 3.º lugar.

ACAMPAMENTO DE MENORES

O Depto. de Menores já está movimentando os famosos acampamentos de verão, que êste ano obedecerão as seguintes datas: de 12 a 26 de janeiro, menores escolares; de 26 de janeiro a 9 de fevereiro, menores ginásianos.

NOVOS SECRETARIOS

Já se encontram entre nós os dois secretários esperados: Yoshimichi Ebisawa e José Galeote. Isso significa mais ação em 57.

OS TRIANGULOS EM AÇÃO

I Torneio Inter-Triângulos

Durante o mês de novembro realizou-se o I Torneio Inter-Triângulos, cabendo à turma da Lapa o título de campeão, classificando-se em 2.º lugar o quadro de Vila Mariana. No futebol de salão a campeã foi a turma do Atlas, com Vila Mariana em 2.º lugar. No dia 15 ultimo foi feita a entrega dos prêmios e troféus com uma solenidade no auditório da sede central.

Mais um Triângulo Vermelho

Mais um Triângulo acaba de ser organizado. Êste agora no populoso bairro de Vila Prudente. Parabéns ao Prof. Renato Mamede pelos esforços dispendidos na sua organização.

NATAL

Com grande êxito a ACM iniciou êste ano uma nova programação no Natal, apresentando a peça de Guilherme Scholz, "Mensagem de Natal". A peça contou com a participação exclusiva de acemistas, sob a direção geral de Alan Hene.

ACAMPAMENTO DA ACM NA PRAIA

A ACM recebeu por doação uma quadra perto da Praia de Peruibe, onde está sendo construído um novo acampamento. Peruibe é uma vila antiga, dotada de antigas construções, mas também de inovações como bons hotéis, serviços médicos e modernos bangalôs, frutos da sua beleza natural.

Atualmente a ACM está organizando excursões a Peruibe todos os domingos, com um programa que inclui passeios às serras vizinhas, banho de mar, pesca, etc. Essa notícia vale por um convite a êsse aprazível recanto litorâneo.



Tradições brasileiras do Natal

Os festejos populares do Natal no Brasil encontram sua maior expressão nos folguedos que se realizam na região norte e nordeste do país. Ao contrário de outros povos, onde as festividades do Natal têm seu ponto alto na noite do nascimento do Menino Jesus, na tradição brasileira o Natal constitui um verdadeiro ciclo de festividades, que vai desde meados de dezembro a 6 de janeiro, numa variada gama de folguedos que inclui a “chegança dos marujos”, “pastoris”, “reisado”, “bumba meu boi”, “procissão dos navegantes”, etc.

Chegança — “Eis senão quando, aos pandeiros que arufam e aos chocalhos que tinnem, ouve-se um alarido. E’ o cordão de marinheiros que, puxando um navio, conduzindo uma âncora, um mastro, etc., anuncia nas ruas a *chegança dos marujos*.”

Caboclos, cabras, crioulos e pardavascos, lindos, ágeis, vestidos à maruja, fardados, fantasiados com propriedade, incumbem-se de seus papéis, indo desempenhar a *chegança* numa praça.

Imitando o balanço de bordo, seguidos das figuras principais, lá passam cantando uma canção que prenuncia o combate.

Figura do bumba-meu-boi segundo a tradição em São Luis do Maranhão.

...E o Patrão, o Pilôto, o Mar-de-Guerra, o Calafatinho, o Surjão, o Padre-capelão, o Gajeiro, o Guarda-marinha, o Capitão, o Rei mouro, o Embaixador, etc., ostentam-se garbosos com as suas vestimentas agaloadas, seus distintivos, seu trajar próprio.

...E vão, e vão cantando e tocando, simulando as manobras dos navios, até chegarem a seu destino — aos palanques ou casas para as quais recebem convites — representar os Marujos ou os Mouros, conforme o termo”.

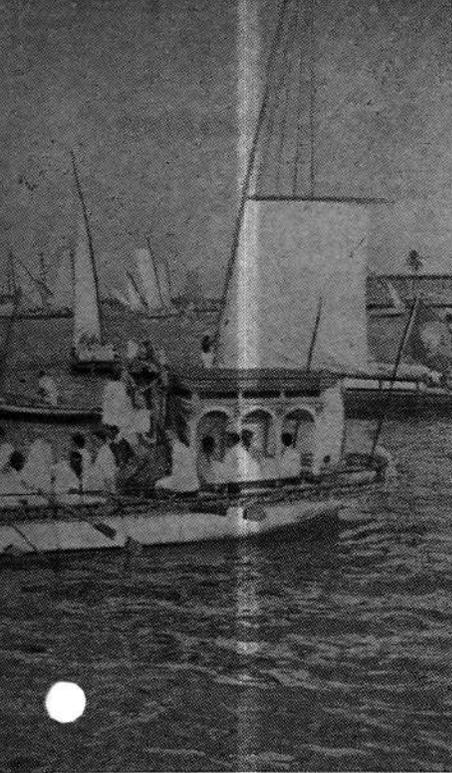
Eis como Mello Moraes Filho descreve as “*Cheganças*” em seu livro “Festas e Tradições Populares do Brasil”.



PROCISSÃO DOS NAVEGANTES — Velha tradição baiana, reatada.

Pastoris — E’ uma das mais antigas tradições conhecidas no Nordeste. Sua origem pode ser encontrada nos cantos entoados diante dos presépios, havendo adquirido, posteriormente, conteúdo e forma próprias, graças à contribuição das danças e cantos populares.





liza-se a 1.º de janeiro com grande acompanhamento de saveiros.

Os grupos vestem-se de pastores e em filas paralelas representam o câoro dos antigos dramas litúrgicos. As figuras principais são: Diana, Anjo, cigana, o velho, Zegal, estrêla do Norte, Cruzeiro do Sul. As pastoras dançam e cantam ao som de pandeiros e cavaquinhos. O desenvolvimento do auto consta de apresentação das figuras, loas ao público, despedidas e leilão de prendas, flôres, trabalhos manuais, etc. Eis alguns versos cantados nos pastoris:

Pastoras, belas pastoras,
que na relva estais deitadas,
descansais e não sabeis,
que a luz do céu é chegada?

Estais unidas a Morfeu
no gôzo da natureza?
Acordai, se estais dormindo,
vinde ver nossa grandeza.

O desejado das gentes,
o Messias prometido
a nossos pais, tantos séculos,
pois sabeí, que êle é nascido.

Em uma pobre cabana,
metido em palhinhas louras,
vós achareis reclinado
sôbre humilde mangedoura.

Hoje, pela meia noite,
veio Deus ser humanado,
descendo dos céus à terra,
para remir o pecado.

Vem também remir o mundo,
essa imensa região,
e o inferno êle aterrando
trará nossa salvação.

Reisado — O reisado ocorre no dia 5 de janeiro, dia de Reis. Consta de cantorias e pequenos atos, destacando-se no folguedo a riqueza de colorido de que os participantes lançam mão.

Bumba-meu-boi — Dentre as manifestações populares do norte esta é a mais conhecida. Câmara Cascudo assim a descreve:

“Bumba-meu-boi, Boi-Kalemba, Bumba, Boi, Reis, é auto brasileiro único em sua espécie, criação mestiça, sem igualdade e semelhança em Portugal e África, representação satírica onde convergem influências européias e negras, fundindo cantos de Pastoris, toadas populares, louvações, loas dos presépios. Aparece no ciclo do Natal até o Dia

de Reis. O número de figuras varia entre os Estados, assim como a denominação das mesmas.

E' uma série de verdadeiros “sketches”, cantados, dançados, declamados numa revivescência de auto seiscentista, pela apresentação dos personagens, “vis” cômica, intenção social de ridicularizar determinadas expressões poderosas e um rico elemento de informação etnográfica pela multidão de dados psicológicos e materiais sobreviventes ao próprio ambiente.

O Bumba-meu-Boi registrado por Mello Moraes Filho, como alguns existentes noutras paragens, está confundido com os Congos ou Congadas, tendo rei, príncipe, secretário de sala, etc., inteiramente deslocado no Boi-Kalemba típico”.

O ponto central do folguedo consiste em um boi de madeira, dentro do qual se esconde um



REISADO — Personagem do reisado alagoano que se destaca pela variedade de côres.

dos intérpretes, guardado por dois vaqueiros. Um deles, porém, mata o boi. Vem então um médico, dá-lhe um cristel (um menino agarrado no meio da assistência é passado no meio das pernas do boi), o boi ressuscita, dança e vai embora.

O auto dura a noite inteira e nele intervêm vários personagens: Bírico e Mateus, Fidélis, Bastião, Gregório, Rosa e Catarina, o cavalo-marinho, a burrinha, o gigante, corpo morto, lalaia, urubu, ema, caipora, alma de outro mundo, o padre-capelão, o sacristão, o doutor e outros.

Procissão dos Navegantes

— Referindo-se a esta festa, Jorge Amado diz:

“Realiza-se a primeiro de janeiro. Na véspera, dia 31 de dezembro, a imagem do Bom Jesus dos Navegantes é trazida da Igreja da Boa Viagem, em Itapagibe, por mar, com grande e belo acompanhamento de saveiros, barcaças, canoas e até pequenos navios da Companhia Baiana, para o cais Cairu, em frente ao Mercado. É levada para a Igreja da Conceição da Praia, onde passa a noite. No dia seguinte volta para a Boa Viagem, novamente por mar, numa das procissões marítimas mais formosas que se possa imaginar. Nos saveiros vai grande acompanhamento de mulheres vestidas de branco, levando na cabeça um chapéu de palha. À frente, segue a imagem, e as mulheres dos marítimos vestem, em honra do santo, seus vestidos brancos e cobrem as cabeças com os rústicos chapéus de palha alegres com uma fita qualquer, azul ou amarela, côr-de-rosa ou vermelha. Por vêzes uma flor, o talo atravessando a palha”.

Na generalidade das províncias do Norte estes festejos constituem os maiores dias do ano, quando o povo faz lembrar, com suas danças, cantos e autos, as tradições poéticas dos tempos coloniais.

Y's Men Club para São Paulo

Um clube de serviço dentro da ACM

Durante os últimos trinta e três anos grupos de homens acemistas da indústria, do comércio e dos mais variados misteres, formaram o que hoje é mundialmente conhecido como International Y's Men Club (Clube Internacional de Homens Acemistas). Embora em seu caráter essencial o Y's Men siga em linhas gerais outras organizações internacionais como o Rotary, Lions, etc., há, contudo, uma diferença marcante entre estas organizações e aquela: o Y's Men Club é integrado por homens da ACM.

A ACM de São Paulo é uma

das poucas ACM grandes do mundo onde ainda não existe o Y's Men; entretanto, os primeiros passos para a sua organização já foram dados, tendo à frente homens como o dr. Marigildo de Camargo Braga e Gino Bodra, sob a orientação técnica de Julian Harancyk.

Em São Paulo o Y's Men Club encontrará amplo campo de ação no Trabalho de Extensão da ACM e prevê-se a sua atuação como fator chave no desenvolvimento do Plano Metropolitano da nossa ACM.



Reunião de líderes do Y's Men Club em Paris, em agosto do ano passado, podendo ver-se na parte superior o emblema da organização.

CURIOSIDADE

O primeiro veículo não tracionado por cavalo apareceu nas ruas de Nuremberg, Alemanha, em 1649, e por muito tempo espantou aos seus habitantes pelo fato de aparentemente não ter força motora visível, sendo impulsionado por dois homens que, sentados na parte trazeira, imprimiam movimento nos eixos das rodas com uma espécie de manivela.



O porquê dos acampamentos

Por ALBERTO G. JUAREZ
(Especial para "Revista ACM")

O acampamento como instituição educativa

A prática de acampamentos e colônias de férias integrou-se em vários países do mundo aos correntes métodos educativos considerados como modernos. A educação formal, oficial, tardou em reconhecer os valores dos acampamentos estáveis, devido ao fato de serem êstes consequência de anos de experiências, boas e más, sendo que os seus resultados educativos nem sempre têm sido positivos.

O acampamento como fator educativo começou a receber atenção especial a partir de 1930, observando-se nêles as ilimitadas possibilidades para a educação do caráter e o desenvolvimento integral do indivíduo.

A estas metas, objetivos do acampamento, agregaram-se aquelas já conhecidas: saúde, aprimoramento físico e recreativo.

Existe hoje uma enorme diferença entre aquele grupinho de jovens que saíam num ônibus, sôzinhos ou dirigidos por um líder e aproveitavam o acampamento de fim de semana para beber, fumar ou dormir, e o acampamento estável, com dependências fixas, equipagem adequada, recursos próprios e, sobretudo, pessoal especializado em programas e com objetivos educacionais.

A possibilidade de adaptar a criança ou jovem aos acampamentos, a têm aproveitado todos

os países adiantados da atualidade. E também aquêles regimes totalitários que desejam inculzir sua filosofia na juventude.

Assim, nos Estados Unidos durante o regime do presidente Roosevelt, foram organizados os "C C C" (Civilian Camps Corps), que se tornaram a maior organização de acampamentos do mundo, chegando a possuir mais de 100 dêles, com acomodações para mais de 100 pessoas por acampamento. Esta organização resolvia problemas econômicos dos desempregados, oferecendo também amplas possibilidades educativas, que foram bem aproveitadas. Antes da guerra passada, a Rússia e a Alemanha tiveram também um forte desenvolvimento no setor

dos acampamentos de jovens, espalhando-se depois a muitos outros países da Europa. Na Suíça, foram organizadas múltiplas colônias de verão para os seus educandos, e, nesse setor, é o país mais adiantado do mundo.

Possibilidades dum acampamento estável

Antes de analisar detidamente algumas destas possibilidades, diremos que conta o acampamento com maiores oportunidades na educação do caráter do que a escola, embora de nenhuma maneira isso queira dizer que devemos suprimi-la. O acampamento é o complemento ideal da escola, especialmente em objetivos que esta não atinge.

A semelhança entre o acampamento e a "Escola Nova" aparece no propósito básico escolar: educar o caráter, em vez de inculzir no educando frios conhecimentos traçados num programa. Até agora têm sido os acampamentos e as colônias de férias que melhor têm aproveitado os métodos da nova educação.

Construir uma ponte, consertar uma cerca, pintar uma parede desenvolvem o espírito de trabalho em equipe.



As possibilidades educativas respondem aos métodos utilizados

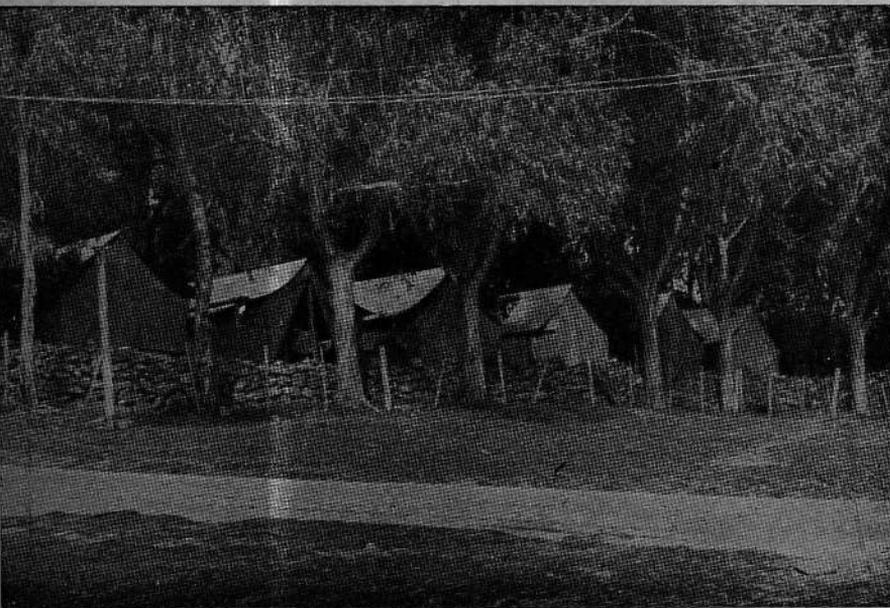
Num acampamento educativo moderno êsses métodos são os seguintes:

- a) Atenção individual e por pequenos grupos: utilização de conselheiros.
- b) Educação prática e não formal.
- c) Regime absolutamente democrático.
- d) Desenvolvimento de valores superiores com finalidades educativas.
- e) Planificação individual e

Atenção individual e por grupos

Para o desenvolvimento geral do programa dum acampamento é necessária a organização de grupos pequenos, de 4, 5 ou 6 jovens, vivendo geralmente juntos sob a direção dum conselheiro. Viver juntos significa dormir numa mesma cabana ou barraca e participar como um grupo das várias atividades.

O conselheiro deve ser um estudante de curso superior, normalista, ou um professor com experiência já de um acampamento, e um curso preparatório.



“método de trabalho por equipe”, ainda que presentemente seja utilizado por diversas instituições não especificamente educativas, como “trabalho em grupos”.

As escolas não o aplicam, ainda, em sua maioria; só mesmo algumas mais adiantadas. No acampamento, a sua aplicação é imprescindível.

Educação prática e informal

Uma tese da moderna pedagogia declara que não deve ser a escola um lugar de “preparação para a vida”, senão a vida mesma. E’ a mesma diferença que antes se fazia conceitualmente, considerando ao menos como um “pequeno adulto” em lugar de enxergá-lo como uma personalidade complexa em evolução, com necessidades, interesses e capacidades de criança que é.

A vida de acampamento reúne aspectos recreativos, de descanso, educação e valoração, e ainda de preparação, que dificilmente podem indicar quando se está ensinando e quando jogando simplesmente. O término da “lição” torna-se anacrônico no acampamento ou adquire seu significado um sentido totalmente diferente daquele que tem na escola.

Um bom acampamento educativo deveria contar entre seu pessoal com mestre especializados em temas de ciências naturais, geografia e trabalhos manuais, educação artística, esportes, etc., cujo ensinamento é feito através de “grupos de interesse”.

Regime democrático e desenvolvimento de valores superiores

Um acampamento pode ser, como a escola, o pior fator educativo na vida dum criança. Especialmente quando suas finalidades não são educativas e respondem a interesses determi-

São enormes as possibilidades do acampamento no que se refere a educação do caráter e dos sentimentos estéticos.

em grupo como processo educativo.

- f) Isolamento do meio social permanente: encontro de novas situações.

Naturalmente não são êstes todos os meios educativos do acampamento; há outros menos visíveis e importantes. Por outro lado, nem todos êstes, necessariamente, existem num acampamento qualquer. Seu encontro dependerá da organização, do pessoal especializado e dos objetivos dêsse acampamento.

Analisemos detidamente cada um dêsses aspectos.

Está o conselheiro no acampamento com a finalidade única de dedicar-se a seus dependentes: vive com êles, planeja, avalia seus trabalhos, joga com êles, traçando controle diário, testes, etc., que no fim da temporada permitirão um julgamento do progresso alcançado por cada um dos jovens em suas manifestações totais.

Evidentemente as consequências educativas dependerão, nesse aspecto, da qualidade do conselheiro e dos proveitos que logre alcançar com seus rapazes. A escola moderna chama a isto

nados por motivos políticos, ideológicos ou econômicos. Mas, caso seja um bom acampamento, com objetivos educativos, tem que ser encarada a sua organização de forma tal que proporcione autêntico regime democrático.

O acampamento educativo deve garantir um serviço igual a todos os acampamentos, sem privilégios de espécie alguma, e ainda promover acampamentos de crianças sem recursos, buscando a forma de que seus gastos sejam cobertos por instituições ou pessoas de posse.

Um acampamento com tais escopos, com ideais elevados e objetivos educativos superiores, poderá ter níveis morais, artísticos e sociais que determinarão influência permanente em cada criança, ajustes corretos em suas vidas e a revelação de aptidões e capacidades antes não descobertas.

O encontro de valores na vida diária do acampante, o aprêço à amizade, à vida ao ar livre, à admiração pela natureza; os programas culturais apropriados a suas idades, educação física, etc.; sua participação em reuniões, discussões, no planejamento de programas; a responsabilidade em pequenas tarefas miudas e em cargos de importância numa vida comum, tudo brindará um campo vastíssimo para a aplicação duma genuína vida democrática.

Planejamento individual e em grupo como processo educativo

O método de planejamento da escola nova também é utilizado no acampamento. Cada unidade (pequeno grupo) tem que escolher seu projeto para a temporada, projeto este a ser discutido em grupo, executado e depois avaliado segundo seus resultados.

A lista de projetos a realizar por cada grupo é inumerável e

vastíssima. Projetos como os seguintes são amiúde praticados: levantar uma cerca, cultivar uma horta, construir uma ponte, arranjar um quarto, pintar um muro, fazer uma cabana, desviar um rio, melhorar uma estrada, ajudar à comunidade, participar duma "enquete" ou dum "show", ensinar certas habilidades, etc. A fantasia, critério e entusiasmo que o próprio conselheiro tenha, abrirão novos pontos de vista e de interesse para os jovens.

Estes projetos individuais e de grupos ajustar-se-ão ao programa geral do acampamento. O programa é elaborado pelo diretor de programa, conselheiros, e, segundo a experiência dos acampantes, por eles mesmos.

Encontro de novas situações

O acampamento é o lugar sonhado pela criança para passar suas férias. Satisfaz às mais íntimas necessidades recreativas, de aventura, distração e liberdade, impossíveis na cidade.

Há no acampamento terreno fértil para suas experiências educativas. Está a criança em sua melhor atitude mental, com a melhor disposição para aprender e para ajustar sua conduta a novas experiências.

Esta diferença de atitudes é básica quanto a percepções educativas. Todos sabem que se aprende mais facilmente aquilo de que gostamos e em que temos interesse.

A grande dificuldade da escola racionalista consiste em "educar aos poucos", e em ter sempre uma luta mais ou menos forte com o meio ambiente "da rua", e, em muitos casos, com aquele do próprio lar.

No acampamento consegue-se superar essas situações negativas. O acampante se encontrará num meio educativo 24 horas por dia, guiado pelas normas do acampamento. E essa guia a

terá em situações vitais às quais a escola não poderia atender: horas de refeição, descanso, discussões informativas, excursões, manifestações lúdicas não impostas, etc.

E, apartados de seu ambiente normal (e artificial), a criança encontrará situações novas que afrontar e superar. Esta é a melhor contribuição do acampamento ao amadurecimento de cada acampante. Longe de casa, de seus pais, tendo que "ajustar-se socialmente", cada criança realizará grandes etapas em seu processo de amadurecimento emocional e social. Sentir-se-á ela ao regressar ao seu meio normal, mais segura e contente consigo própria, abrindo-se novos horizontes em sua vida.

Pelas mencionadas razões, e muitas ainda, estamos firmemente convencidos do valor dos acampamentos como fator educativo de primeiríssima importância.

Suas possibilidades em terrenos tais como "educação do caráter", "educação dos sentimentos estéticos", "educação dos pais através dos filhos", etc., são ainda inteiramente ignoradas. Em alguns países já se iniciaram estudos sobre o caráter do menor no acampamento e co-

Almoçar às 8 horas da manhã, jantar às 3 da tarde, nada mais comer até o dia seguinte, eis uma receita para prolongar pelo menos em dez anos a juventude de nossos órgãos e preservar a nossa aparência; tal é o pensamento de um famoso médico australiano.

Não é a primeira vez que um homem de ciência manifesta-se contra o nosso horário de refeições. De acôrdo com o Dr. Teller, de Melbourne, grande parte de nossos males psíquicos e físicos provêm, direta ou indiretamente, pelo fato de não nos alimentarmos nas horas que convêm ao nosso organismo.

(Conclui na pág. 22)

A regularidade das refeições

Um erro que não se perdoa

Nosso erro número 1 é o de ingerir nossa refeição principal poucas horas antes de deitar. E' um erro que não se perdoa. Deitar com o estômago cheio, ou antes de ter digerido a refeição por completo — digestão que requer várias horas — é preparar uma noite com insônias ou sono com pesadelos e intranquilidades.

Aos poucos, a pessoa se habitua, e ao acordar pela manhã, atribui o seu cansaço, seu mal estar, o azêdo da bôca, a seu estado normal de saúde deficiente (sem maiores perigos e não mais se preocupa).

Todavia, os resultados nefandos são numerosos: 1) diminuição de 25 a 75 por cento da recuperação pelo sono, resultando daí, por conseguinte, um cansaço acumulado que repercute sôbre todos os nossos órgãos; 2) diminue também o

bom funcionamento do fígado e do coração. Na primeira parte do cansaço, o fígado (como dizem os médicos) torna-se preguiçoso e o coração tem de fazer um esforço suplementar. Tudo isto por não se ter produzido uma recuperação indispensável proveniente de uma boa e normal noite de sono, prejudicada quando o estômago acha-se carregado.

As horas ideais das refeições

O Dr. Teller é de opinião que o horário ideal das refeições deveria ser o seguinte: meio litro de chá (de preferência) ou suco de frutas quente em jejum, com um ou dois biscoitos; uma ou duas horas após acordar, tomar a principal refeição do dia: peixe, carne, legumes, etc.; far-se-á ainda duas refeições ligeiras com intervalo de 4 horas, isto é, por volta do meio dia e às 4 horas da tarde.

Neste horário, poderá ser introduzida uma variação para certas senhoras, ou seja: 7 ou 8 horas após a primeira refeição substancial, uma outra entre 3 e quatro horas da tarde. Feita esta refeição, nada mais será ingerido até o dia seguinte, a não ser uma infusão. Evitar ainda o caldo de frutas e mais bebidas alcoólicas à noite.

— Afirmo, declarou o especialista de Melbourne, que com o sistema que preconizo, evitaremos aos nossos órgãos o esforço equivalente a pelo menos dez anos de trabalho orgânico. Significa isto que prolongaremos a nossa vida e juventude de dez anos, sem injeções, tratamentos, etc. Eis porque o esforço parece-me valer a pena.

Depois dos 18 ou 20 anos

O Dr. Teller faz naturalmente exceção para as crianças em idade de crescimento, cujo regime é especial e diferente. Mas, depois dessa idade, todos deveriam adotar o horário e os princípios das refeições controladas, a fim de conservar o mais tempo possível a beleza física e a juventude de seus órgãos.

A ACM E A ONU

A Associação Cristã de Moços colabora com as Nações Unidas, através da Aliança Mundial, sendo reconhecida como entidade consultiva do Conselho Econômico e Social, registrada na categoria B.

Ademais, muitas ACM, como movimentos locais, estão filiadas à Organização das Entidades não Governamentais (órgãos de cooperação com a ONU) em diversos países e regiões. A ACM de São Paulo está filiada à Delegacia Regional em São Paulo, daquele organismo, integrando a sua diretoria. No clichê, aspecto da última reunião das Entidades Não Governamentais, Delegacia Regional de São Paulo.



O SUAVE MILAGRE

Eça de Queiroz

Ora, entre Euganim e Cesaréia, num casebre desgarrado sumido na prega de um cerro vivia a êsse tempo uma viuva, mais desgraçada mulher que tôdas as mulheres de Israel.

O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito em que elá o criara, para os farrapos da enxêrga apodrecida, onde jazera sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença engelhara, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arncada.

E, sôbre ambos, espessamente, a miséria cresceu como o bolor sôbre cacos perdidos num êrmo. Até na lâmpada de barro vermelho, secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restara grão ou códea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves malélicas sobrava o sustento.

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu fardo com a mãe amargurada, e um momento, sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, êsse Rabi que aparecera na Galiléia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava tôdas as criaturas, e enxugava todos os cantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a côrte de Salomão.

A mulher escutava com os olhos famintos. E êsse doce Rabi, esperança dos tristes, onde é que se encontrava? O mendigo suspirou. Ah, êsse dôce Rabi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sôbre tôda a Judéia como o sol que até por sôbre qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade de seu rosto, só aquêles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por tôda a Galiléia para que procurassem Jesus, e o chamasse com promessas a Enganim; Septimus, tão soberano, destacara os seus soldados até a costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem por seu mando a Cesaréia. Errando, esmolando por tantas estradas, êle topara os servos de Obed, depois os legionários de Septimus. E todos voltavam, como derro-

tados, com as sandálias rotas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio se escondia Jesus.

A tarde caia. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou seu canto, mais vergada, mais abandonada.

E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma aza, pediu à mãe que lhe trouxesse êsse Rabi, que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— O' filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do Rabi da Galiléia? Obed é rico e tem servos, e debalde busca Jesus por areais e colinas, desde Corazim até o país de Moab. Septimus é forte e tem soldados e debalde correrá por Jesus, desde o Hebron até o mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora conosco, dentro dessas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades a êste êrmo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sôbre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— O' mãe! Jesus ama a todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe em soluços:

— O' meu filho! como te posso deixar? Longas são as estradas da Galiléia, e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta das casas. Ninguém atenderia o meu recado, e ninguém me apontaria a morada do doce Rabi. O' filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com êle para sempre morreu a esperança dos tristes.

Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus!...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou!

O significado de ser estudante

EDWARD V. STEIN

(Copyright "Intercollegian", especial para "REVISTA ACM").

Um jovem estudante buscou certa vez a opinião de um grande teatrólogo, Bernard Shaw, sobre como adquirir a técnica de escrever bem. Shaw deu-lhe a seguinte resposta: "Escreva nestes próximos cinco anos, umas mil palavras diariamente... Uma pessoa aprende a patinar, cambaleando e fazendo a si mesma de tola".

Talvez seja certo que nada importa a quantidade de artigos por você lidos; o seu amadurecimento virá depois de uma longa série de tentativas, após haver tido a coragem de "quebrar o gelo" acadêmico e tropeçar desordenadamente como um tolo. Não importa os esforços por você dispendidos para fazer tudo certo, se você dá a nítida impressão dum calouro. Então, por que não parecer natural e aproveitar as oportunidades?

A todos parecerá lógico querermos dar de nós o máximo em nossa experiência colegial. De fato, poder-se-ia medir a sanidade de um caráter, exatamente pela aferição da intensidade de tais esforços. Unamuno, disse certa vez: "A menos que aspire um homem ao impossível, o possível por ele alcançado será de escasso valor". O que, perguntamos, consistirá para nós o "impossível", em nossa vida colegial?

O porquê da vida

Se nós perguntarmos a uns poucos homens sábios reveren-



ciados pela humanidade pelas suas contribuições, obteremos algumas respostas espantosamente semelhantes. Sócrates, o velho grego que filosofava por volta do quinto século antes de Cristo, oraculou a seus discípulos: "Conheçam-se a si mesmos". Já Salomão disse: "Como um homem pensa no recôndito de seu coração, assim ele é". Shakespeare colocou nos lábios de Polônio as seguintes palavras de aviso a seu filho: "Para encontrarmos a nós mesmos, sejamos verdadeiros..."

E'-nos fácil nos dias atuais dos telescópios, instrumentos eletrônicos e vastos laboratórios, esquecer-nos de nós próprios — para pensar no misterioso universo, ou seja, "aquilo lá de fora". Certamente que a maioria dos edifícios, das bibliotecas e mesmo dos esforços científicos parecem inclinados na direção da conquista daquele universo. A consequência disso é começarmos a sentir imediatamente que é esse o caminho da realidade — do conhecimento. E'-nos fácil esquecer que por detrás de todo telescópio, olhando através dos instrumentos, levando avante cada experimentação, está um ser humano — uma pessoa como nós. Tal pessoa, caso não

esteja em contacto com o misterioso universo dentro de seu próprio coração, se desconhece para que finalidade está adquirindo conhecimentos ou levando à frente experiências, tornou-se uma espécie de autômato, um "robot" ligado à máquina. Isto é verdadeira tragédia — tornar-se uma "coisa", deixar que o mundo o comprima dentro de uma fôrma e o torne um escravo despersonalizado de uma organização. E' uma tragédia daquelas que acontecem todos os dias com estudantes que olvidam de explorar o universo dentro do qual estão, enquanto pesquisam o universo de que não fazem parte.

Uma espécie de nevrose

A escola, como muitas outras experiências, oferece muitas oportunidades para que sejamos exatamente como todos os demais. Assim, às vezes, nos abandonamos à lei do mínimo esforço, tomando a côr ambiente, a qual, na situação de estudante, significaria fazer o esforço mínimo suficiente para obter os graus necessários. Isso se alcança frequentemente lendo como um papagaio o que diz o livro de estudos ou um professor,

tendo-se o cuidado de esforçar muito pouco a massa cinzenta.

Um bom estudante gradualmente desenvolve os sulcos de seu caráter, os quais capacitam-no a separar, durante os seus estudos e experiências colegiais, aquela classe de coisas espiritualmente valorosas, aqueles elementos do saber e conhecimento que jorram luz sobre o significado de sua própria vida e da vida em geral, que o ajudam a dispor de seu tempo e energia na consecução de seus objetivos.

De onde se originarão os mencionados "sulcos"? Em que consistirão? São aquelas decisões por você tomadas, significando tudo aquilo que você deseja retirar da experiência. São as importantes questões que você acostumou a lançar aos professores e manuais; são as metas, em direção às quais você dirige seus esforços. Você talvez não demore em mudá-los, e mesmo lance alguns deles fora, mas, trabalhando com os mesmos, aprendendo a ajustá-los às circunstâncias, usá-los e deles depender, você chegará a descobrir o que o mundo dos conhecimentos e da experiência tem a lhe oferecer de rico, e também a descobrir quem você é. Em linhas gerais, você é o que você deseja vir a ser, e você virá a ser aquilo que você desejar.

Aqui está uma lista de perguntas com as quais você deverá aborrecer-se alguns minutos, em cada comêço de ano em sua experiência colegial:

O que me torna feliz?

O que mais me enraivece?

O que desejo eu mais ardentemente que pensem de mim?

O que penso de mim mesmo?

Qual minha atitude frente ao desapontamento?

E frente à crítica?

Guardarei eu ressentimentos, ou tenho facilidade em esquecê-los?

Gosto da companhia de outras pessoas, ou não?

Sou aos outros companhia agradável? Por que?

Posso suportar a solidão?

Já aprendi a tomar decisões?

O que a mim parece mais urgente na vida?

Parecerei esperançoso com respeito ao futuro? Por que?

O que penso sobre Deus?

Terei acaso medo da morte, ou compreenderei o seu significado?

Gosto de auxiliar ao próximo, ou não me incomodo muito com êle?

Sinto-me com a consciência descansada ou culpada durante a maioria do tempo?

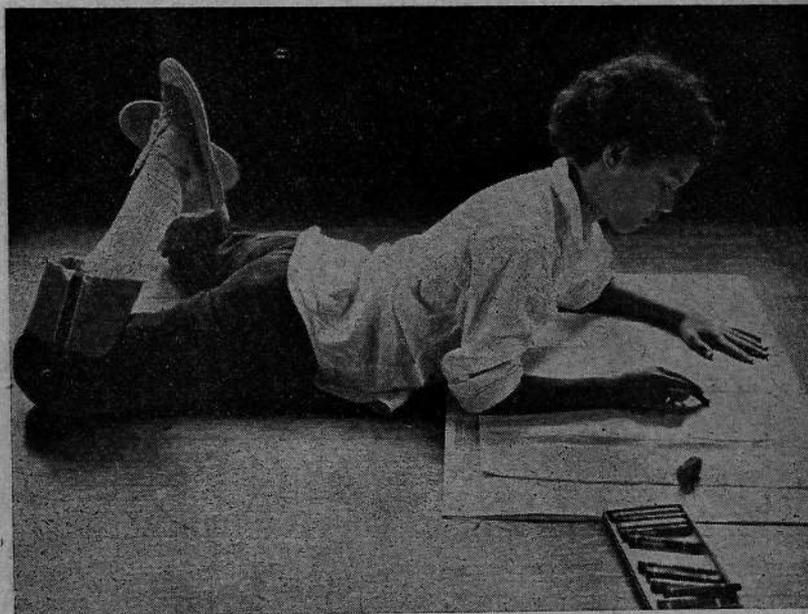
Aceito eu a mim fisicamente? Intelectualmente?

Você poderá querer formular algumas questões de sua própria autoria. Podem elas ser de bastante valia para sua auto-compreensão.

Provavelmente a maior dificuldade que um de nós encontra nessa busca está no fato que a verdade nunca aparece abertamente como tal, sempre se escondendo atrás de pequenos fatos que não têm necessariamente conexão entre si. Nasceu a universidade para auxiliar ao indivíduo a ter uma visão do mundo como um todo, o que não é fácil.

A tarefa mais dura da vida, mas também mais recompensadora, será a de aprender a juntar, na mente, os laços desfeitos da realidade como você a encontra — tanto a interior como a exterior. Aqui, a sua fé poderá ser de grande valia. Um dos significados de *religião* é "juntar de novo".

Falar de "descobrir a si mesmo", implica na crença de que



O que significa ser estudante

"Quem adora a Deus com seu pensamento, o adora no mais íntimo santuário". E' esta uma outra maneira de dizer que a vocação de estudante é uma espécie de vocação divina. Como estudante, você deve decidir de seu destino, de como deverá interpretar a história, que testemunho você dará à verdade.

há algumas potencialidades em descobrir. Isto é fé. Você não sabe exatamente quem você é até que tente ser alguém. Se você está entediado, mas senta-se à mesa com alguém alegre, pouco a pouco também se alegrará. Tudo o que você pensa, começa gradualmente a sofrer uma mudança. À medida que você emprega sua liberdade para escolher no que pensará em seguida,

estará, da maneira mais concreta, escolhendo o que você próprio será de imediato. Tal o motivo por que a busca da auto-compreensão nunca poderá ser uma simples questão de busca interna, mas será levada a efeito de maneira mais perfeita, procurando a verdade — e indo até onde ela nos conduza — dentro de nossos corações: ou fora, em meio às distantes estrêlas.

O PORQUÊ...

(Conclusão da pág. 17)

meçaram já a aparecer conclusões e estatísticas. Noutros terrenos quase nada foi feito. Nos países da América Latina estamos, em termos gerais, bastantes atrasados na aplicação de acampamentos educativos estáveis. Quase não existem, e os que temos não são reconhecidos pela educação oficial como institutos educativos.

Pode-se argumentar críticas ao acampamento, como à escola, do ponto de vista educativo. A maior delas é estar fora do alcance econômico das classes menos favorecidas. Isto não é certamente uma culpa do acampamento, senão do regime econômico atual. Os governos deveriam oferecer este precioso instrumento educativo às crianças e aos professôres de seu povo.

Até agora, pelo que temos observado na América Latina, somente a Associação Cristã de Moços realiza um extenso plano de acampamentos estáveis com finalidade educativa. Algumas outras instituições de outros objetivos, também possuem seus acampamentos, mas obedecendo a fins militares, religiosos, políticos, etc.

Em outro artigo, nos ocuparemos das diferenças que, a nosso juízo, existem e devem existir, em duas técnicas educativas que possuem múltiplos pontos de contacto e semelhança, e que, sem dúvida, têm objetivos diferentes: as chamadas colônias de férias e os acampamentos educativos.

UMA CARTA

Quase que diariamente a ACM recebe cartas de ex-sócios seus, das mais distantes partes do globo às vêzes, e que valem por verdadeiras mensagens de estímulo. Esta é do Padre Georgios Assaz, desta Capital:

“A.C.M.

Rua Nestor Pestana, 147

Não posso esquecer do benefício que recebi da Associação na minha juventude. Mande uma proposta de sócio contribuinte.

Georgios”

Levantando âncoras na Tailândia



Tudo está preparado para uma excursão à encantadora ilha de Koh Lan, por êstes membros da ACM de Bangkok, já quase no término de um de seus acampamentos. Data de 3 anos apenas esse tipo de atividade na Tailândia, da qual a ACM foi a pioneira. O sustento material daquele acampamento, tornou-se objeto das atenções da comunidade, com muitas firmas importantes de Bangkok contribu-

indo com dinheiro ou materiais. Mesmo o terreno onde está situado o acampamento é donativo de um casal da localidade, em reconhecimento àquilo que a ACM significou para eles, por ocasião de sua vida de estudos nos Estados Unidos. O ponto alto das atividades deste ano no acampamento, foram as visitas de intercâmbio entre acemistas de Burma e da Tailândia.

TELEVISÃO PARA OS PASSAGEIROS

De Londres nos vem a notícia segundo a qual seiscentos excursionistas tiveram oportunidade de apreciar um programa de televisão enquanto viajavam recentemente em dois trens de excursão de Glasgow para Oban, na Escócia.

Acredita-se que essa seja a primeira vez que um aparelho de televisão tenha sido instalado num trem.

Uma completa instalação de televisão de circuito fechado, consistindo de um vagão trans-

formado em um estúdio e dois receptores de televisão de 17 poléguas em cada um dos carros de 64 lugares.

Os programas durante a viagem duraram mais de duas horas e incluíram uma variedade de shows, víspora televisionada, cantos em conjunto e entrevistas com passageiros.

O show foi iniciado no primeiro trem um minuto antes de sua partida da estação de Queen Street, em Glasgow, com o mestre de cerimônias entrevistando o condutor do trem.

Seguiu-se a isso um programa variado televisionado do estúdio improvisado e incluindo um cantor e acordeonista. O mestre de cerimônias percorreu o trem durante a viagem entrevistando os passageiros.

Diversos passageiros foram convidados a se dirigir ao estúdio instalado no vagão do guarda a fim de ser entrevistado.

De quando em vez, a câmera televisionava o cenário campestre enquanto um comentarista chamava a atenção para os pontos de maior interesse.

Entrementes, um programa semelhante foi realizado no segundo trem. Em Oban, seus participantes trocaram de trem de modo que os passageiros puderam assistir a um novo show na viagem de volta.

Os 600 lugares dos dois trens foram vendidos nos quatro dias que se seguiram ao seu oferecimento ao público e os organizadores declararam que teriam podido encher quatro ou mais trens.

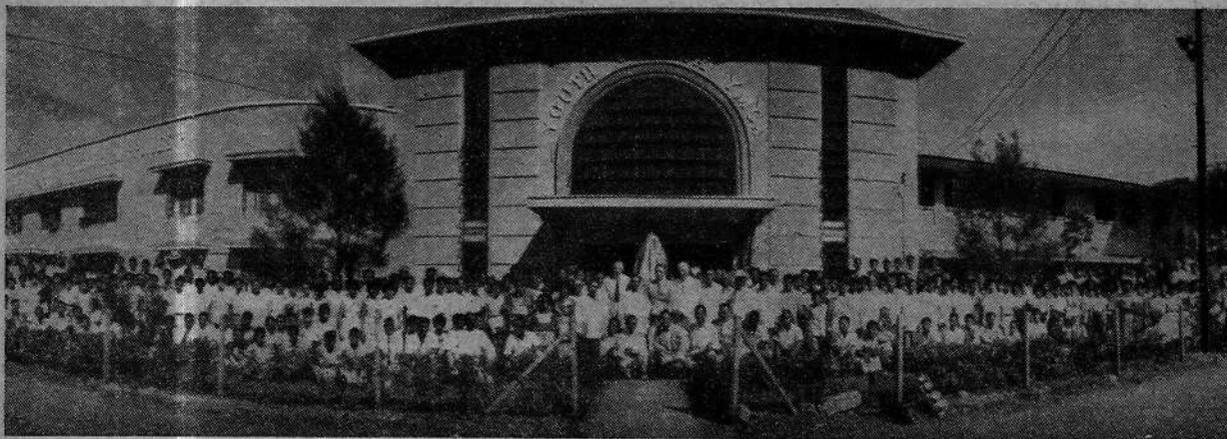
Reconstrução nas Filipinas

O total das destruições nas Filipinas durante a última guerra ascendeu à casa dos oito bilhões de dólares de prejuízos. Todas as suas cinco principais cidades foram completamente arrasadas e ainda grande dano sofreu a parte rural. Metade da região da Manilha foi reduzida a nada, sendo que oito por cento das construções e instalações perdeu-se em incêndios e bombardeios, vez que foi a parte mais progressista da região que sofreu os efeitos da guerra.

Hoje em dia, não só há completa restauração, como também uma intensa faina reconstitutiva. Além disso, os edifícios que foram reconstruídos são muito mais sólidos que os anteriores.

A ACM das Filipinas encontrou-se, após a última guerra, com nada mais que um arquivo, onde eram guardados os detalhes relativos ao movimento, desde a sua fundação na ilha, em 1911. Salvou-se o arquivo pelo fato de o haver levado para casa o secretário geral.

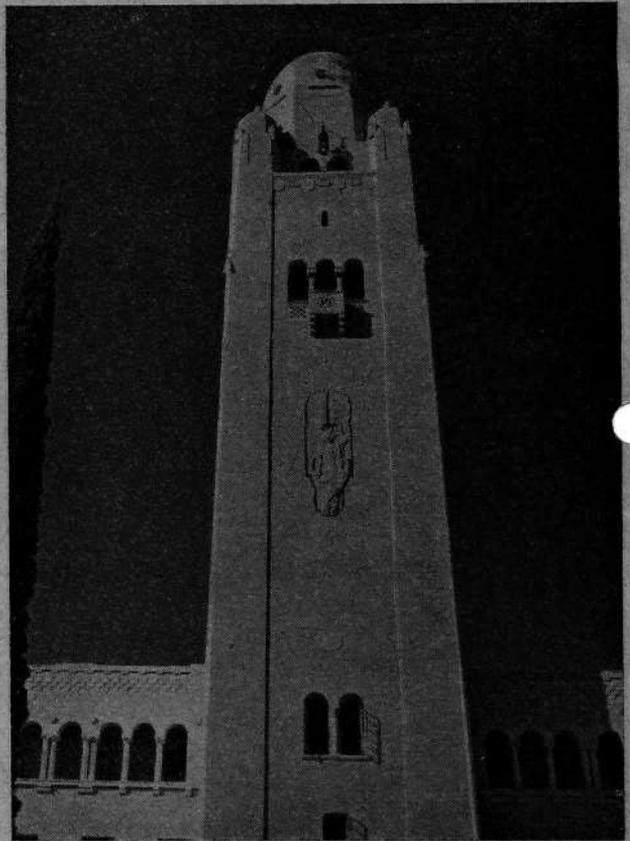
Atualmente, foram levantados 18 edifícios da ACM, completamente equipados, sendo que três mais se acham em construção. O custo das obras foi de 1 milhão e 700 mil dólares, dos quais contribuíram os Estados Unidos com cerca de 1 milhão. O restante foi levantado nas próprias Filipinas. O clichê mostra uma dessas construções, o "Centro da Juventude da ACM".



A mensagem da t rre

Por entre as linhas bizantinas do edifício sede da ACM de Jerusalém a sua t rre central sobressai como a parte mais importante do conjunto. O idealizador da constru o, dr. Harte, batizou-a com a denomina o de "T rre de Cristo".

Erguendo-se majestosamente numa altura de cinquenta metros acima do teto do edifício, proporciona ao visitante esplêndida visão panorâmica da Cidade Santa. Entretanto, o que mais caracteriza a t rre   uma figura de cêrca de cinco metros, esculpida numa de suas faces, representando os serafins da visão do profeta Isaías: "No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sôbre um alto e sublime trono e o seu séquito enchia o templo. Os serafins estavam acima dêle; cada um tinha seis asas: com duas cobriam os seus rostos, com duas cobriam os seus pés e com duas voavam. E clamavam uns para os outros, dizendo: santo, santo, santo   o Senhor dos Exércitos; tôda a terra está cheia da sua glória".



Semana de ora o



Exposi o de B blias

Como há quase noventa anos atrás, a ACM comemorou êste ano a "Semana Mundial de Ora o e Confraterniza o Universal". Além das palestras proferidas pelo Rev. Epaminondas do Amaral e Prof. Walter Schutzer, organizadas pelo Depto. de Adultos, chamou a aten o de muita gente a Exposi o de B blias organizada pelo Depto. de Menores e pertencente   cole o do Dr. Arrigo Boero. Os visitantes puderam ver no hall da ACM um comentário bíblico impresso antes da funda o de São Paulo.

Tenha sempre em casa

MARGARINA

VEGETAL

Saude



Agora muito mais gostosa... em pacotes de 400 gramas, com 4 blocos de 100 gramas, vendidos também separadamente!

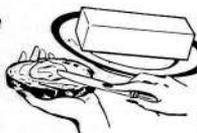
Alimenta mais...



Contendo 20.000 unidades de Vitamina "A" por quilo, Margarina Vegetal Saude é altamente nutritiva e proporciona, por isso, energias e calorias a todos da família!

Especial para passar no pão...

É a alegria da petizada... uma satisfação a mais no seu café, no almoço, no lanche e no jantar!



Pura e saborosa...

Feita de matéria-prima vegetal e leite pasteurizado, Margarina Vegetal Saude é absolutamente isenta do contato manual.



Excepcionalmente econômica...

Agora em pacotes de 400 gramas, com 4 blocos de 100 gramas, que podem ser adquiridos também separadamente, Margarina Vegetal Saude proporciona economia extra às donas de casa!



E é fresquinha...

Sim, em pacotes ou blocos, a senhora terá sempre Margarina Vegetal Saude fresquinha, recebendo um produto saboroso e nutritivo diretamente da geladeira do fornecedor para sua mesa!



MARGARINA
VEGETAL
Saude



ANDERSON, CLAYTON & CIA.
LIMITADA

O FUTURO DO SEU FILHO...

... depende em grande parte de como êle
gasta o tempo livre no dia de hoje.



AJUDE-O a vencer
no dia de amanhã
proporcionando-lhe
recreação sadia num
ambiente construtivo

A Associação Cristã de Moços, com mais
de um século de experiência mundial,
estabelece um sólido patrimônio em qua-
lidades e recursos necessários ao trabalho
de formação de menores e adolescentes.

Associação Cristã de Moços de São Paulo
Rua Nestor Pestana, 147 - Telefone 32-3146

REVISTA ACM

S. PAULO

BRASIL

M. 1076

P.

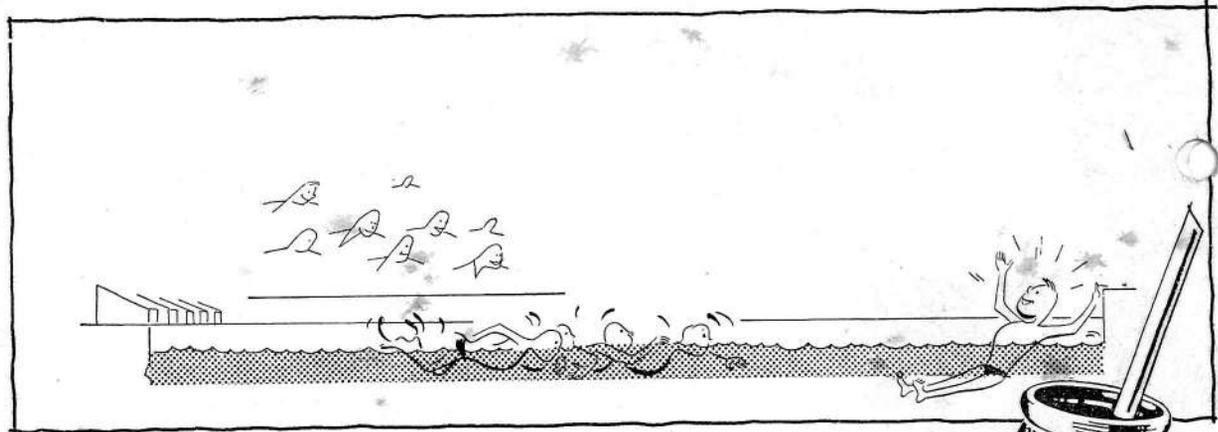
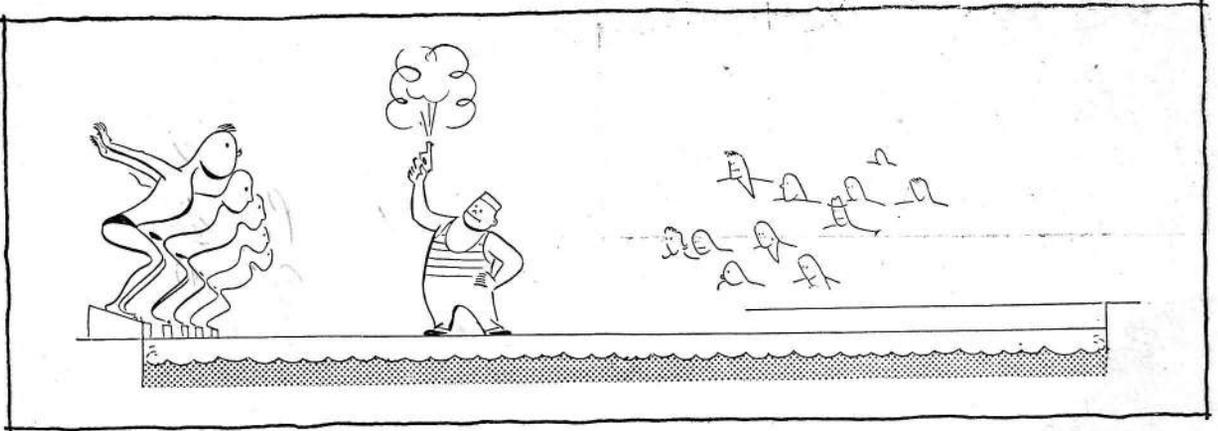
EX. B. 19

UNIPER



YMCA

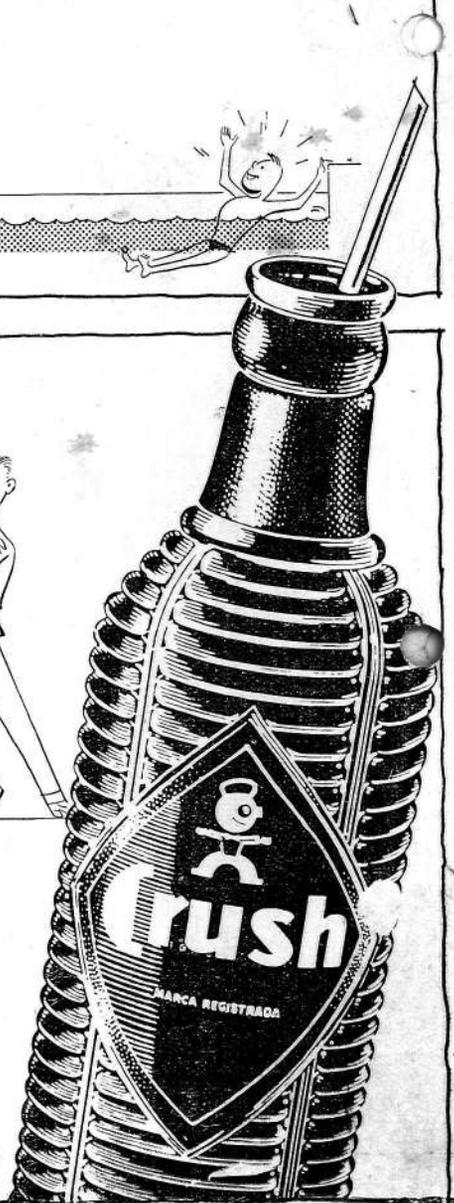
VIDA EM ABUNDÂNCIA



Antes de qualquer outro prêmio...

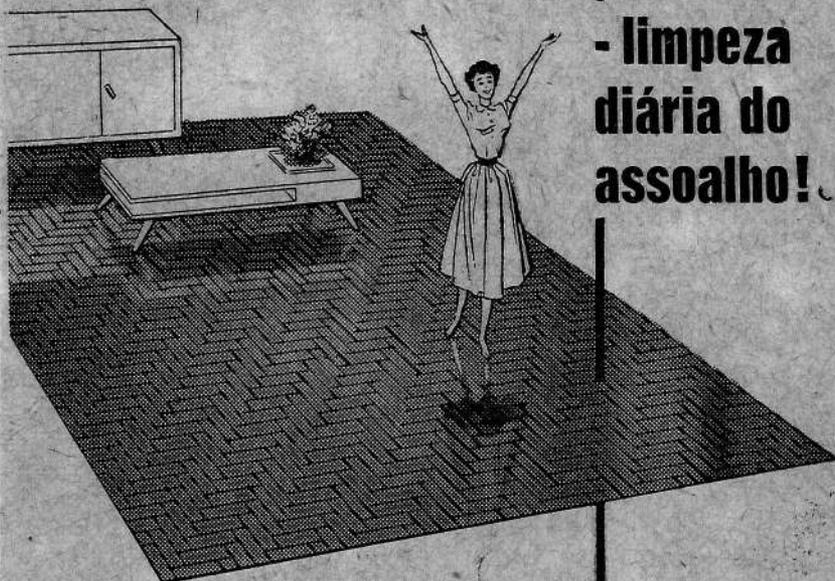
sempre **Crush**

- feito de laranjas, é puro e contém vitaminas



Livre para sempre!

...dessa obrigação incômoda e exaustiva



- limpeza
diária do
assoalho!

Já se encontra à venda no Brasil

Synteko

o maravilhoso revestimento
sueco que, aplicado uma só vez,
por técnicos especializados,

conserva até **5** anos

um belo assoalho sem trabalho!

MANDE aplicar SYNTEKO

agora mesmo, telefonando para

SYNTEKO COMERCIAL TÉCNICA IMPORTADORA LTDA.

Rua Barão de Itapetininga, 255 - 6.º andar - conj. 615
Telefone 34-2461 - Edifício Califórnia - São Paulo
Rio — Belo Horizonte — Porto Alegre — Curitiba

Tenha sempre em casa

MARGARINA

VEGETAL

Saude



Agora muito mais gostosa... em pacotes, de 400 gramas, com 4 blocos de 100 gramas, vendidos também separadamente!

Alimenta mais...



Contendo 20.000 unidades de vitamina A, por quilo, Margarina Saude é altamente nutritiva, e proporciona por isso energias e calorias a todos da família!

Especial para passar no pão...

É a alegria da pelizada... uma satisfação a mais no seu café, no almoço e no jantar... no lanche!



Pura e saborosa...

Feita de matéria-prima vegetal e leite pasteurizado, Margarina Saude é absolutamente isenta do contato manual.



Excepcionalmente econômica...

Agora em pacotes de 400 gramas, com 4 blocos de 100 gramas, que podem ser adquiridos também separadamente, Margarina Saude proporciona economia extra às donas-de-casa!



E é fresquinha...

Sim, em pacotes ou blocos, a senhora terá sempre Margarina Saude fresquinha, recebendo um produto saboroso e nutritivo diretamente da geladeira do fornecedor para sua mesa!



MARGARINA VEGETAL Saude



ANDERSON. CLAYTON & CIA. LIMITADA

Neste Número:

ACEMISMO	4
O ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE PIRIÁPOLIS	6
PODEM AS PESSOAS DE IDADE MADURA GOZAR OS ESPORTES?	11
PRINCIPIOS E DIRETRIZES DA ACM	12
A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO CRISTÃO	15
A ARTE COMO VOCAÇÃO	18

Revista da A. C. M., órgão de cultura integral, é publicada bimestralmente pela Associação Cristã de Moços de São Paulo. Declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal 24.181, de 9 de Dezembro de 1947.

Diretor: Elias G. Montijo; Redator-Chefe: João Lotufo; Secretário: Edgard de Silvio Faria; Gerente: Arno G. Kilmar; Planejamento: N. Pithan e Silva. Comissão de Publicidade da A. C. M.: Earl B. Ward, Paulo Lotufo, Pedro Ferraz do Amaral e Mário Belbusti Filho. Redação e Administração: Rua Major Diogo, 83 — Tel.: 32-3146 — Telegramas: CARACTER. Impressa nas Oficinas da Gráfica Editora Linotype, à Rua Mem de Sá, 172 — Telefone: 32-4348. Assinatura anual: Cr\$ 15,00 — Número avulso: Cr\$ 3,00.

DIRETORIA DA A. C. M. PARA 1955 — Presidente: prof. Nilo Andrade Amaral; Vice-Presidente: sr. Erhard Dolder; Secretário: dr. Edgar Caldas Barbosa; Tesoureiro: sr. Alberto Sentieri; Diretores: dr. Admlr Ramos, sr. Agenor de Camargo Filho, sr. Armando Sander, dr. Bruno Heydenreich, sr. Charles E. Waddell, sr. Domingos Nazarian, sr. Earl B. Ward, sr. Gino Bodra, sr. I. Brasil Portieri, sr. Isaac V. Franco, dr. José Thomaz Sayão, dr. Luiz Dumont Villares, sr. Mário Frugiuele, dr. Mário Toledo de Moraes, sr. Matheus Sérgio, dr. Natallno Mastrofrancisco, dr. Oswaldo Müller da Silva, sr. Paulo B. Warner, sr. Paulo P. Olsen e dr. Rodolpho Ortenblad.

JUNTA PATRIMONIAL — dr. Manoel C. F. Ferraz, Presidente; dr. Roberto Shalders, Vice-Presidente; dr. Arrigo Boero, Secretário; dr. Benjamin Hunnicutt, dr. Flaminio Fávero e sr. Aristides de A. Camargo.

ADMINISTRAÇÃO — Secretário Geral, sr. João Lotufo; Secretário Administrativo, sr. Arno G. Kilmar; Secretário Cultural, sr. Romeu P. Osório; Secretário de Menores e Moços, sr. Cristiano Rosas; Secretário de Educação Física e Acampamento, sr. Alfonz Rencz; Secretário de Extensão, sr. Julian Haranczyk.

Nossa Capa

«Vida plena ao ar livre», composição fotográfica ilustrativa da vida acampantil.

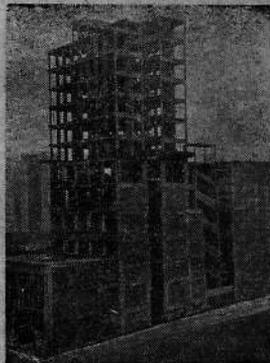
ACAMPAMENTOS

Ainda que os acampamentos e colônias de férias tenham adquirido grande popularidade, muita gente ignora que essa notável atividade teve a sua origem na Associação Cristã de Moços. Foi a ACM, como instituição mundial, que introduziu os acampamentos educativos em nosso meio há mais de 50 anos.

Cada dia que passa, a vida agitada da cidade — especialmente numa metrópole como São Paulo — exige que transformemos os nossos dias de descanso em um período de recuperação mental e física. Mas descanso não significa inércia. Descansar é, antes de tudo, realizar atividades diferentes daquelas que a nossa vida escolar ou profissional nos obriga, em forma rotineira. Com esse critério os acampamentos da ACM nos apresentam uma gama variadíssima de atividades que proporcionam descanso e recreação.

Além de divertido, um programa de acampamento da ACM é altamente educativo. É sabido que muitas vezes as horas vagas são mais importantes na formação do menor do que as horas propriamente ocupadas. Os acampamentos da ACM procuram preencher construtivamente o tempo livre. Ali o jovem aprende a colaborar com outros e a realizar tarefas específicas que ampliam seu mundo íntimo e o capacitam a entender melhor o mundo em que vive. A vida em grupo ensina o menor a respeitar e compreender o seu semelhante, desenvolvendo paralelamente um amplo sentido de compreensão da vida e responsabilidade coletiva que o conduz a uma vida mais abundante.

Um sonho
feito realidade:
o
edifício central
da
Associação
Cristã de Moços.



“ACEMISMO”

pelo prof. FLAMINIO FAVERO

A Associação Cristã de Moços deu a sigla “A.C.M.” e esta, os substantivos “acemista” e “acemismo”.

Que é acemismo? E' um sistema de tendências, de propósitos, de ações, de serviços, de ideais e até de pensamentos que a A.C.M. plasma e desenvolve.

Quem se integra na A.C.M. e fica acemista, participa logo do acemismo. Não sei, contudo, em rigor, se o acemismo é efeito ou causa, se quisermos aprofundar sua gênese. A A.C.M. cria o acemismo ou terá o condão de revelá-lo e fazê-lo frutificar? Porque, em verdade, quem se aproxima da A.C.M. e toma posição em suas fileiras, parece que vê desenvolver-se em si alguma coisa que possuía já instintivamente. E' como a semente que encontra terreno propício para germinar. Sem o terreno, a semente fica improdutiva e pode morrer. Também o terreno sem a semente é inútil. Então, o acemismo seria a semente e a A.C.M., o terreno.

O acemismo é como a vocação. Pode muita gente estudar sem a ter para a carreira que buscou. Será mal profissional. Mas, vocacionado, irá longe, desenvolvendo os pendores inatos. E' que a vocação pode ser trabalhada, melhorada, lapidada, como faz o artista transformando diamantes em brilhantes. Estes não surgirão sem aqueles, desde que se queiram gemas naturais.

Então as múltiplas vantagens da A.C.M.

Pode ela plasmar o acemismo numa personalidade apta a abrigá-lo, por sentimentos superiores e idealistas já existentes. Eram estes simples nuvem sem expressão ou, talvez, como o sal dissolvido nágua. De repente, a nuvem se condensa em chuva bonançosa para banhar as searas; e o sol, em lindos cristais cujas facetas o microscópio polarizador mostra em toda a formosura.

Outras vezes, a A.C.M. revela e dá sentido a impulsos em profusão, ainda inaproveitados, estereis, sem valia social. Seria qual aparelho receptor a sintonizar as ondas hertzianas passeando no espaço. Que harmonia! Que delícia, ouvi-la!

Também pode a A.C.M. oferecer campo asado para brotarem frutos saborosos na árvore antes nem vista por falta de trato. A A.C.M. desbasta, fertiliza, rega, protege, estimula. O rádio mal se ouvia; faltava-lhe a antena; necessário era aumentar-lhe o volume. A A.C.M. é qual garimpeiro na procura de pedras preciosas. E' o explorador que descobre os filões de ouro e os aproveita, dando-lhes destino.

E tudo isso faz a A.C.M., pregando e vivendo acemismo, ou acemismo faz tudo isso, fundando, desenvolvendo e mantendo a A.C.M. por toda a parte e dando vigor aos acemistas.

E' causa ou efeito o acemismo? Não sei dizê-lo, máxime refletindo na minha medicina em que se dá tanta ênfase ao componente constitucional na gênese das doenças físicas e mentais e de nossos atos bons ou maus. E, também, a mente posta no reino de Deus, lembrando-me da misteriosa doutrina da predestinação registrada com firme segurança por Paulo em suas insuperáveis epístolas.

Insisto, porém, na pergunta: que é acemismo?

Não é uma religião, por certo. Religião é “religação”. Pela força de adequado instinto, a criatura busca o Criador para ligar-se de novo a êle, pois antes já o era e o pecado cortara os laços dessa união.

Acemismo não é sistema religioso nem igreja. Mas como é esplêndida a religiosidade pregada e vivida pela A.C.M. que, fixada em Cristo, cuja inicial é a coluna básica de sua sigla, ensina a haurir do Eterno Filho de Deus as melhores energias espirituais de que ela carece para sua labuta quotidiana.

Não é nem sistema de moral... Quão sublimes, todavia, as virtudes apresentadas pela A.C.M. exaltando o amor a Deus, à Pátria, à Liberdade, à Família, ao Próximo, em que se compendiam todos os princípios da ética geral e particular, que o Decálogo esculpiu na consciência dos povos e o sermão do monte interpretou como feição prática de conduta e pensamento.

Não é, também, um movimento associativo como tantos, onde seus iniciados se reúnem para tertúlias científicas, literárias, filosóficas, artísticas, esportivas e outras... Quão elevado, porém, é o sentimento gregário argamassado no espírito de simpatia e companheirismo de seus membros. E' que vamos encontrar seu nascedouro lá no próprio Eden onde surgiu a primeira família, o primeiro lar, a primeira sociedade, que Deus mesmo criou. É, sim, o acemismo, uma finalidade social semelhante à existente no lar. E nisto se torna para os que não o têm.

Não é uma Escola. Entretanto, que ensinosa e lições oferece o seu método de trabalho, dando e aprofundando cultura, estimulando o aprendizado multiforme, revelando sobretudo o segrêdo da eterna mocidade. Se é de moços a Associação!

Se tem ela por mister aconchegar no regaço os moços de tôdas as idades! Quem é velho nela? E' que sua seiva é o otimismo; é o júbilo do bem-fazer; é a paz de coração; é a fé; a esperança; é o amor. Quem bebe dessas águas não as busca, por acaso, na fonte de Juventa? A A.C.M. é, sim, essa fonte bendita pelo sistema que vive. E o acemismo é a maravilhosa alquímia a transformar almas e corpos combalidos pelos desgastes da jornada, em ouro de viço e robustez indomáveis. E' a Escola cujo método objetivado pelo Divino Mestre em sua doutrina e em sua ação, dá aquela esperança a que se refere o profeta evangelista: "Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas, como águias, correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão." Que é isto, senão a imperecível juventude na disposição infundida e transfundida pelo acemismo?

Fé, esperança e amor — eu disse bem. Nessas três virtudes teológicas se enfeixa o acemismo

triumfante, como sistema de companheirismo, sob a égide inspiradora de Jesus mesmo. Porque, pela fé em suas possibilidades irrestritas, crescendo sempre, vive o acemismo. Na esperança de servir cada vez melhor, põe êle o entusiasmo contagiante de sua ação. E avança num propósito apenas: o amor, êsse amor que é o novo mandamento de Cristo mesmo, tipificando na dádiva inestimável de sua vida.

E qual será a maior dessas três virtudes? A fé, a esperança, o amor? Di-lo o apóstolo das gentes no seu hino à caridade. E' o amor que permanece para sempre. Dante, encerrando "La Divina Comedia", proclama ser "L'amor che move il sole e l'altre stelle". E tinha que ser assim mesmo, se é a essência de Deus, na palavra do apóstolo do amor! Então, não é heresia contra a verdade nem apostasia da retidão dizer eu que "acemismo" é amor.

(Discurso pronunciado no jantar da Campanha Financeira, no dia 23 de junho último).

TAREFA DE SALVAMENTO NA COREIA

O garoto todo enfaixado que aparece à direita é um dos milhares de órfãos coreanos que percorriam as ruas de Seoul. Ao ser encontrado deitado no solo, sua face era u'a máscara de sofrimento, suas mãos rachadas e sangrando e seus olhos cheios de dor. Havia estado se aquecendo ao redor de u'a pequena fogueira de galhos secos. Enfraquecido pela fome, resvalara sôbre o fogo e estava gravemente queimado.

Este garoto foi recolhido, como muitos outros sem lar o haviam sido recentemente, por um pequeno grupo de membros da A. C. M. cuja idade variava de 9 a 14 anos. Quase tôdas as noites, patrulhas acemistas percorrem as ruas da capital coreana. Carregam lanternas caseiras e pequenos pacotes de alimentos de suas próprias reservas. Todos os umbrais, a estação e os abrigos são percorridos, e neles se encontram dezenas de crianças abandonadas, umas unidas às outras, para aquecer-se.

O galpão da A. C. M. para onde eles são levados, só possui caixotes vazios forrados por velhos cobertores. Mas há nêle uma lareira e alimento, fornecido pelos jovens acemistas. Mais tarde, será tentado arranjar-lhes acomodação junto a famílias que tenham prole, na Cidade dos Jovens Acemistas ou onde quer que haja um aposento livre por intermédio dos funcionários da A. C. M.

A patrulha acemista de salvamento, constituída sômente por garotos, teve sua origem inspirada por líderes da A. C. M. — homens como Terry Osborne, representante coreano do Wold Service, ou como Hyun Dong-Won, secretário geral da A. C. M. de Seoul.

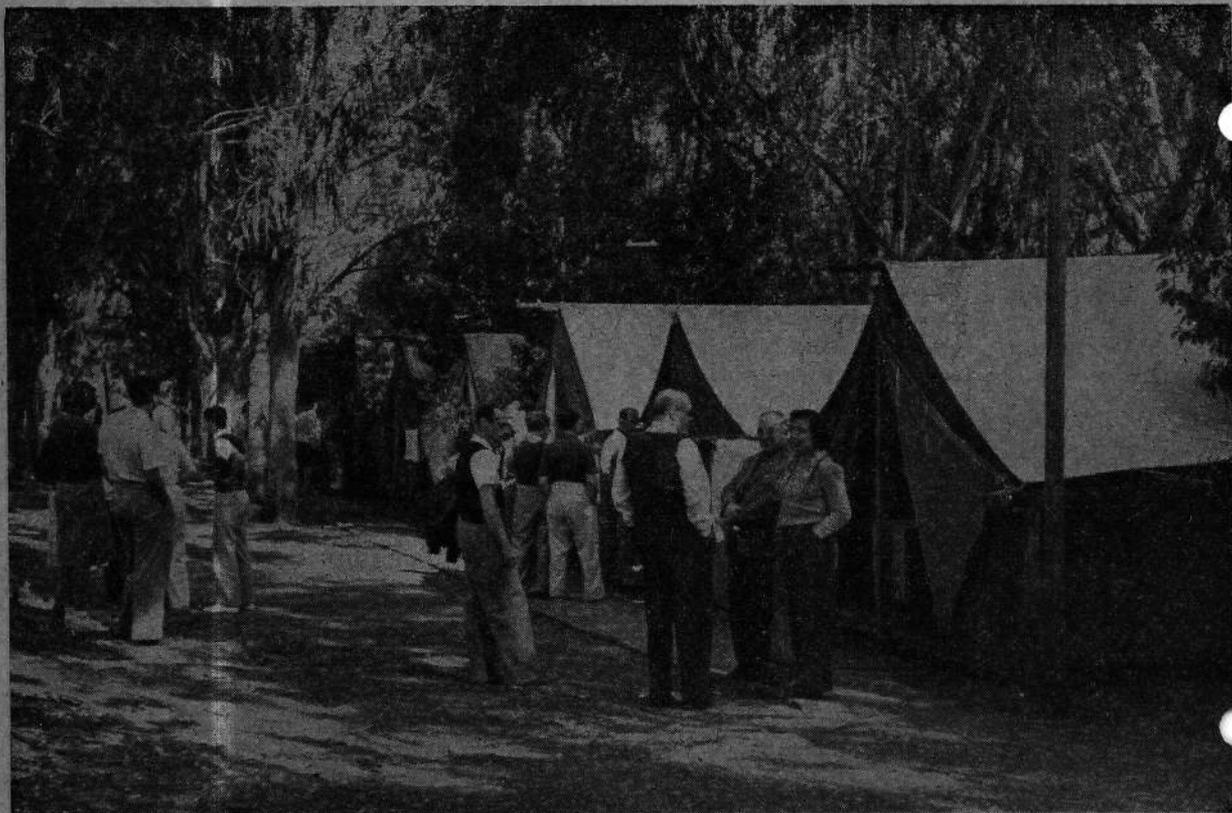
Tal A. C. M., sustenta a Cidade dos Jovens Acemistas, uma escola para 1.000 crianças pobres, uma casa para jovens abandonadas e muitos ou-



tros serviços de emergência. Proporciona também um programa esportivo e recreativo, há muito tempo negados à infância pela guerra. — (Foto W. S.)

O ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE PIRIÁPOLIS

por ORESTES VOLPE, especial
para «REVISTA ACM»



Nas fraldas do Cerro del Toro, no pitoresco balneário de Piriápolis, entre o morro e o mar, está localizado o Acampamento Internacional da Federação Sulamericana das A.C.M. Mais de mil pessoas passam por ali anualmente em busca de suas noites estreladas, seus programas típicos e uma camaradagem sadia. Eis alguns dados que darão uma idéia exata do que seja esta grande família internacional.

HISTÓRICO

No ano de 1922, a Federação Sulamericana das Associações Cristãs de Moços iniciava a segunda etapa da vida deste importante Acampamento, graças à generosidade do snr. Francisco Piria. Foram doados à A.C.M. por aquêle senhor nove hectares de terreno, o que veio tornar possível o desenvolver de tal plano. A primeira etapa,

fôra a que tivera lugar em local vizinho de 1911 a 1913.

Se bem que tenha sido no início tal Acampamento destinado à juventude universitária americana, transformou-se pouco a pouco num acampamento familiar, devido ao interesse constante demonstrado por inúmeras famílias, para tal tipo de atividade. Foi o Acampamento Internacional de Piriápolis o primeiro da América do Sul, no gênero.



O acampamento é realmente uma grande família, chegando quase a formar uma pequena população. Em seu salão social se realizam palestras, concertos e até exposições.

UMA A. C. M. PARA VERANEO

As comodidades do Acampamento são amplas e obedecem a todo o conforto necessário ao bem estar da grande família piriapolita. Dispõe de 55 barracas, 25 casas de 1, 2 ou 3 cômodos, algumas delas com banheiro; dois grandes refeitórios, cozinha, dispensa e aneques. Dispõe de modernas instalações sanitárias, luz elétrica, telefone, salões para reunião, biblioteca, quadras para vários esportes e formosa praia com água cristalina e refrescante, própria para natação. É, enfim, uma A.C.M. para veraneio, e que está ao alcance de todas as A.C.M. do continente, com o mesmo programa integral que estas possam oferecer, acolhendo em seu seio a toda uma família.

Um acampante, que pela primeira vez visitava o Acampamento, declarou: "Por que todo o bom de cada um se multiplica e aqui se torna brilhante..."

querendo dizer por que tal local tanto lhe havia agradado.

UMA GRANDE FAMILIA

O Acampamento Internacional de Piriápolis é uma grande família que se vem formando há quase quatro décadas, e que tem tratado de por em prática, na convivência diária, os ideais cristãos que são a essência da Associação Cristã de Moços. E essa família é às vezes tão numerosa, que chega a formar

uma pequena população, atingindo a 300 pessoas, alegres e felizes, tratando de encontrar o que a vida oferece de melhor, e igualmente oferecendo aos seus familiares casuais o que de melhor levam dentro de si.

PROGRAMA INTEGRAL

O Acampamento é como um retiro, onde se oferece uma oportunidade para se obter uma nova perspectiva da vida e uma



compreensão mais ampla, em meio a um mundo agitado que reclama constantemente a nossa ação. E' também um laboratório de relações humanas, onde seus propósitos e ambiente são os elementos de seleção desta grande família. Por tal motivo, aquêles que desejam um lugar fácil e superficial não se sentem felizes. Tem o Acampamento o significado de um

lar, de uma ampla residência familiar impregnada do espírito acemista, onde se busca, para cada membro da família, o máximo de oportunidade, de madurecimento integral e progresso na vida, de acôrdo com os postulados da A.C.M.

Aqui o garoto é tratado como tal, de forma que aprenda a viver nos seus múltiplos contactos com a natureza e em

suas múltiplas relações com outros garotos. Do mesmo modo, têm os jovens mil oportunidades de vida sadia, com estimulantes programas, num ambiente amistoso e fraternal, onde se estabelecem as relações em clima ideal. Por seu lado, encontram os adultos, no descanso proporcionado pelas inúmeras atividades recreativas e culturais e na contemplação da bela natureza ao seu redor, uma renovação das fôrças espirituais e, muitas vêzes, um equilíbrio na vida, difícil de obter-se na agitação de uma cidade.

Altos e frondosos eucaliptos fazem do acampamento um recanto ameno, mesmo no rigor do verão. Debaxo de suas copas, nas noites de luar, se realizam os famosos «concertos sob as estrêlas».

ACEMISTAS DE TODO O CONTINENTE

O Acampamento Internacional de Piriápolis é um modo de viver, não um local para se viver. E' uma série de princípios inspirados em fontes cristãs e postos em prática. Sômente se chega a tal compreensão, quando ao nosso coração chega a centelha sagrada que envolve, nesse lugar, os menores acontecimentos: assombrosos a disciplina nos jogos, na alimentação, no descanso; a água como única bebida à mesa, e o fato de não haver botiquins por perto; a ausência total de jogos de azar, a insistência na sã recreação dentro do Acampamento.

E' tal Acampamento uma experiência poucas vêzes igualada. Ao redor de suas barracas ou casas, e na extensão de suas trilhas, podemos encontrar famílias e sócios de todo o continente: Rio de Janeiro e Caracas, Santiago e Valparaiso, Lima e La Paz, Assunção e Belo Horizonte, Montevideu e Pôrto Alegre, Rosário e Buenos Aires, de São Paulo e outros mesmo procedentes da América do Norte e da Europa. Formam todos uma grande família acemista.



O BRINQUEDO EM SUA CONCEPÇÃO BIOLÓGICA

ARISTIDES RICARDO

Deve a criança brincar? Ou deve ser segregada do convívio social e das coisas?

Não há dúvida de que a expressão lúdica constitui uma exigência da vida de quantos apenas amanhecem para os seus destinos. Há uma realidade para a criança, assim como há uma realidade para nós outros. O brinquedo é, para ela, uma atividade criadora, pois graças a ele os seus sonhos adquirem consistência — os julgamentos se estabelecem e as suposições identificam-se com o sensível. Chega-se pois, sem dificuldade alguma, à conclusão de que o brinquedo permite à criança um mundo objetivo e que é graças a esse mundo que ela penetra no domínio de restrições e de disciplina imposto pelos adultos.



A ordem hierárquica do pensamento lógico é produto do jogo infantil — graças a cujo influxo a criança extrai das coisas externas aquilo que a sua vida íntima demanda, para a socialização e para as aderências pessoais.

O brinquedo, por mais absurdo que isso pareça à concepção do adulto, constitui para a criança uma atividade séria. Conversar com uma boneca, construir um carro, montar a cavalo num cabo de vassoura, é sentir o mundo externo e vivê-lo, atribuindo às coisas as qualidades de vida que impulsionam o animismo infantil.

Uma criança que não brinque será uma criança interiorizada, e a interiorização das crianças nada tem de útil à sua existência coletiva, ou seja, à sua participação na vida comum.

Como pode o indivíduo adquirir a noção exata dos objetos e dos seres, sem contatos com eles? As qualidades inerentes ao mundo externo só podem ser entrevistadas e percebidas mediante reações emocionais provocadas em meio dos elementos e dos homens. As qualidades anímicas dos seres vivos são apuradas pelo exame de sua atividade, em confronto com a inércia das coisas mortas.

De resto, há sempre nos brinquedos uma tonalidade prazenteira, e não convém prejudicar essa tonalidade com regras rígidas e descabidas, numa fase de inquietação e de procura.

A personalidade infantil funda-se e firma-se com a capacidade de agir por conta própria, construindo e destruindo, praticando o bem e praticando o mal, indo e vindo nas ações generosas ou perversas, mas, em todos os casos, à custa do exato conhecimento dos fatos e emoções por eles provocadas.

De resto, o brinquedo tem um fim utilitário, sendo mesmo esta a razão pela qual a criança se apraz com construir e destruir, recomeçando sempre e invariavelmente esta lida, e com ela se entretendo horas a fio.

O prazer funcional de fazer por conta própria reside em ponto grande no brinquedo, que assim se mostra benéfico em seu rendimento e em suas reações de atividade.

Dir-se-á que a criança desconhece o fim que o brinquedo representa para ela. Não importa. “Não é para atingir o fim que a criança realiza o ato, mas, ao contrário, para ter ocasião de realizar o ato cujo fim é proposto.”

O brinquedo desempenha também uma função completiva, estimulando energias ainda adormecidas e que as necessidades da vida só tardiamente colocariam em movimento.

ALEGRIA E APETITE

É um erro pensar que a inapetência pode ser corrigida com o uso de tônicos e estimulantes, dentre os quais os aperitivos alcoólicos e as conservas (pimenta, pickles, etc.) se destacam em primeira plana para muita gente. Tais substâncias, ao invés de trazer uma real vontade de comer, o que provocam é um suposto apetite obtido à custa da irritação do estômago, irritação que se torna crônica depois de algum tempo, ocasionando sérias alterações da mucosa gástrica, além de malefícios graves para outros órgãos como o fígado e o sistema nervoso.

Um dos fatores da vontade de comer é a tranquilidade do espírito. Quem está com a mente desanuviada e alegre come bem às horas de refeição. Um preceito de higiene sempre recomendado é não tomar as refeições quando acobardado e nervoso porque, nesse estado, além de não se ter apetite, os alimentos quase sempre são dificilmente digeridos e podem fazer mal.

Ao alimentar-se procure desanuviar o espírito, esquecer as preocupações e aborrecimentos e estabelecer com os companheiros de mesa conversação alegre e ligeira.



POEMA DA CRIAÇÃO

No começo, Deus fez este mundo.
Fez as rochas, os grãos de areia e o solo.
Fez os mares, os rios e regatos.
Fez os morros, os vales e também as altas montanhas...
Mas não havia nenhum ser vivente para habitar o mundo de Deus
e para amá-lo.
Não havia sequer um rato, nem mesmo uma pequena formiga ou
pulga.
Não havia ninguém para amar esse mundo.
Ninguém senão Deus.
Então, Deus fez as criaturas para amar as suas águas,
os peixes transparentes e as grandes tartarugas do mar,
os caranguejos verdes e as velozes enguias.
E todos eles amaram as águas.
Deus fez porcos para chafurdar na lama,
e eles amaram a terra.
Deus fez seres alados para amarem o ar,
pequenas borboletas para bailarem sobre as campinas.
E todas elas adoraram o ar.
Então, Deus nos fez, a você e a mim,
Ele nos fez para adorarmos o seu mundo maravilhoso.
Ele nos fez para amar
as suaves planícies e os desertos, os lugares claros e os sombrios,
as rochas e o mar, os vales e montanhas,
o céu e o ar,
os grandes elefantes e os pequenos insetos.
E Ele nos fez para amarmos uns aos outros.

De "NO PRINCÍPIO", por Alf Evers.

PODEM AS PESSOAS DE IDADE MADURA GOZAR OS ESPORTES ?

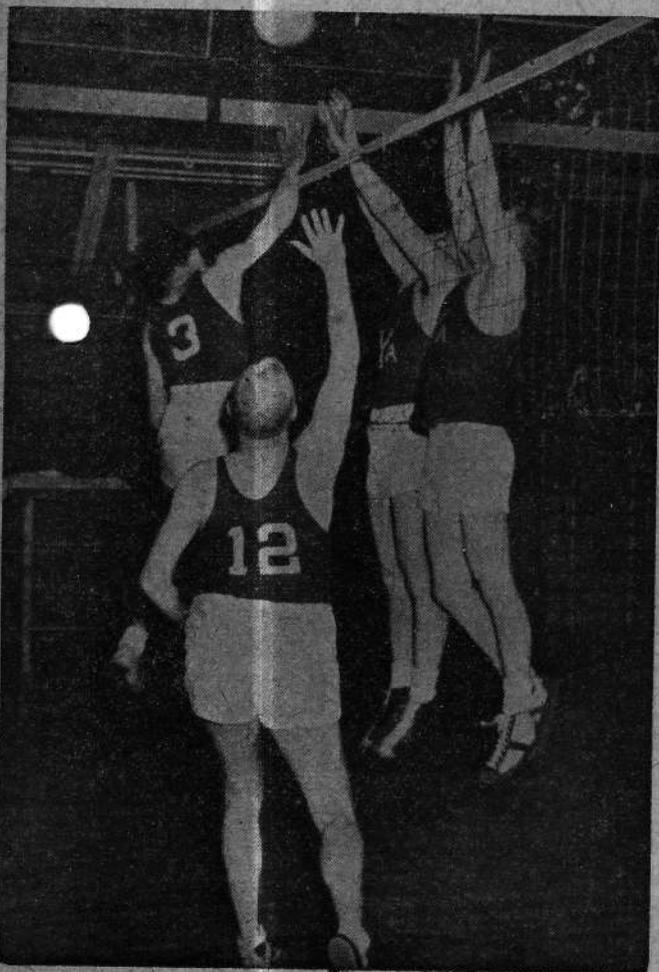
DRA. WILMA DONAHUR e
DR. ELMER D. MITCHELL

É possível, à medida que avançamos na idade, continuarmos com aquelas atividades que estávamos acostumados a gozar em idade mais jovem, caso tenhamos nós o cuidado de efetuar aquelas modificações necessárias pela mudança de nosso quociente de energia física e de nossas capacidades.

Uma pessoa de uma certa idade que participa dos esportes, tem que ter em mente que não é mais um jovem. Se já o compreende, adaptará conscientemente o seu esporte preferido à sua idade, continuando com as suas atividades costumeiras, e, a seu juízo, ficará a regulagem quantidade e intensidade de jogos.

Durante o último século, grande foi a mudança que sofreram as condições humanas: de sociedades na maior parte agrícolas-rurais, passamos, principalmente nas Américas, a sociedades urbanas industrializadas. Vivemos em casas

O volley-ball é um esporte próprio para a idade madura: mantém o vigor físico sem chegar à fadiga.



pequenas, não somos mais uma família intimamente ligada e que se basta a si mesma. À medida que a intensidade da vida se acelera através da idade da máquina e da indústria, da mesma maneira diminuem as oportunidades de encontrar exercício no próprio trabalho. Na realidade, a nossa máquina humana se desenvolveu por intermédio do exercício, e necessita dele continuamente a fim de manter-se em boas condições. Por tais razões, devemos buscá-lo e cultivá-lo, daí o interesse nos esportes. Este, atua como uma compensação do exercício e da satisfação da vida ao ar livre que em épocas passadas gozávamos.

Os esportes nos permitem olvidar o trabalho e as preocupações; ajudam-nos a diminuir de peso, quando é o caso de comermos em excesso; ajudam-nos a diminuir a pressão arterial, o que adquire especial importância entre as pessoas idosas.

Têm as pessoas de idade madura necessidade de interessar-se pelos anos que têm pela frente, pois do contrário há a tendência de viverem do passado, de "sonharem". Os higienistas mentais, unânimes, dão muita importância aos passa-tempos para as pessoas já de certa idade, porque é difícil àquele que durante toda a sua vida trabalhou intensamente, ajustar-se repentinamente a uma vida de tranquilidade; não é possível mudar-se de um golpe os hábitos de toda uma vida. De outra maneira, logo viria um sentimento de frustração, passando os velhos a pensar que para eles já terminara a vida, que são pessoas inúteis, um estorvo para a família e para a sociedade. Um interesse contínuo os ajudará a adquirir um sentimento de realização, de préstimo.

MODERAÇÃO ACIMA DE TUDO

À medida que as pessoas avançam em idade, têm menos energias e resistência. Argumenta-se que as atividades físicas e desportivas passam a ser daninhas para as pessoas de maior idade. Isso será certo, caso tais pessoas tenham qualquer incapacidade física, ou mesmo estejam fora de forma. A resposta correta, será sempre: *moderação*. Para aquelas pessoas que através dos anos não participaram de exercícios vigorosos, recomenda-se moderação. Para as pessoas que tenham sempre se exercitado com regularidade, uma certa moderação permitirá a eles fazer um esforço maior que os anteriores.

(Conclui na pág. 24)

CAMPANHA FINANCEIRA

Durante os meses de junho, julho e parte de agosto, a A. C. M. esteve empenhada no levantamento de fundos para custear a conclusão da nova sede. 7.393.397 cruzeiros foram conseguidos graças ao esforço e dedicação daquelas pessoas amigas da A. C. M. que não poupam esforços para ver a A. C. M. crescer com São Paulo. A campanha foi clausurada no dia 10 de agosto, com a entrega de medalhas aos colaboradores que mais se destacaram.



Medalha cunhada especialmente para homenagear aqueles colaboradores que mais se destacaram na campanha financeira.

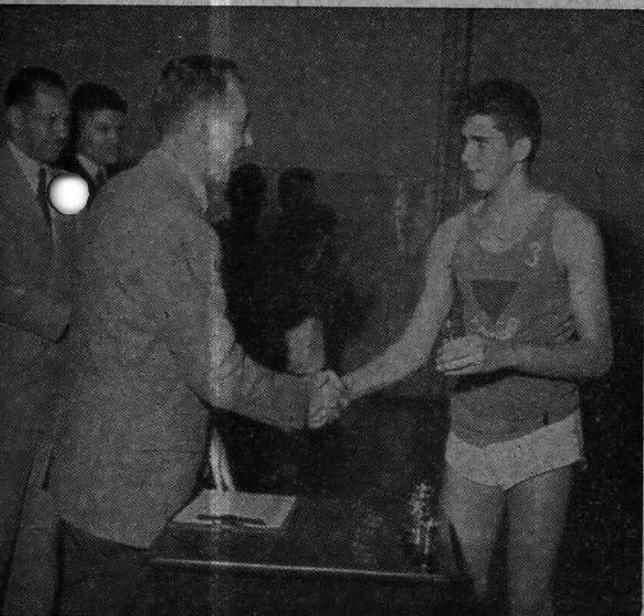
ACEMISTAS PAULISTAS EM PARIS

Dada a importância das comemorações do Centenário da Aliança Mundial das A. C. M., partiu com destino a Paris no dia 25 de julho último a delegação paulista que deverá representar a nossa A. C. M. naquêlê conclave. Liderava a caravana o sr. Julian Harancyk, secretário de Extensão.



ADMINISTRAÇÃO DE NEGÓCIOS

Aspecto de uma aula do Curso de Administração de Negócios, mantidos pelo Depto. Cultural da A. C. M.



O dr. Edgar Caldas Barbosa, presidente do Conselho do Departamento de Educação Física e patrono da equipe vencedora, faz a entrega dos prêmios aos vencedores do Campeonato de Bola ao Cesto recém clausurado.

CAMPEONATO DE BOLA AO CESTO

Realizou-se no mês de julho o tradicional Campeonato de Bola ao Cesto, organizado pelo Departamento de Educação Física. Como sempre, interesse e entusiasmo não faltaram.

MYLES MOYNA

De passagem para Paris, onde participará das celebrações do Centenário da Aliança Mundial, esteve em São Paulo o sr. Myles Moyna, secretário geral da A. C. M. de Montevideú, Uruguai.

MÁUS TEMPOS

Não estás cansado de ouvir esta eterna cantilena de «os máus tempos», hoje, ontem e há dez, vinte, cinquenta e mais anos atrás? Não é verdade que há pessoas para quem é permanente esta suposta situação de mal estar do país, nos negócios em geral e nos seus em particular?

Os máus tempos é uma frase gravada nos lábios de todos os fracassados, os ineptos e os pusilânimes; supremo recurso dos que não têm em suas convicções, nem ânimo para lutar, e que, de antemão, estão vencidos. Esses são os que gemem constantemente e de quem ouvimos estas lamentações: Não se pode viver. Os negócios, tal como estão as coisas, não dão para nada. Estamos atravessando uma época muito ruim...

Um industrial espanhol que, por sua energia, sua atividade e perseverança, conseguiu abrir caminho na vida e alcançar uma situação de relêvo nas indústrias, conta que se tivesse acreditado nessa lenda de máus tempos, nunca teria saído da obscuridade e da miséria na qual vivia.

Quando veio de sua aldeia, próxima à Madrid, no ano de 1898, era ainda um rapazola. Seu primeiro trabalho foi o de aprendiz de alfaiate e a primeira coisa que ouviu dos lábios dos que iam ser seus companheiros de profissão, foram estas: «Rapaz, como te atreves vir a Madrid? Os bons tempos já se passaram!»

Quinze anos mais tarde, tendo feito algumas economias, pensou em estabelecer-se. Não faltaram amigos e companheiros que lhe dissessem o mesmo: «Como tens coragem de te estabeleceres com tão máus tempos?»

Passaram-se alguns anos. Já estabelecido e consolidado o seu negócio, não sem sacrifícios, trabalho e privações, decidiu-se casar. E ouviu a mesma cantilena: «Que audácia! Casar-se numa época destas!»

E sempre tem sido o mesmo, desde que existe o homem sobre a terra. Os que não servem para coisa alguma, os pessimistas, os inúteis tratam de desculpar sua própria inaptidão com o recurso dos máus tempos. A verdade é que não há máus tempos, nem bons tempos. Estes são o que nós queremos que eles sejam. De nós depende, na maioria das vezes, que os tempos sejam bons ou máus.

SABEDORIA DOS SÉCULOS

por HUBERTO ROHDEN

Tôdas as coisas, mesmo as mais pequeninas, são grandes, quando feitas com grandeza de alma.

Livra-me, senhor, da soberba mesquinhez de querer ser servido — ensina-me a humilde grandeza de querer servir!

Sou cidadão do universo; aqui na terra sou apenas imigrante temporário — por isto, quero cumprir com a máxima perfeição e alegria o meu estágio telúrico.

Nunca farei depender a minha felicidade de algo que não dependa de mim.

Não maldirei as trevas do ódio que me cercam — acenderei no meu interior a luz do amor.

Guia-me, Luz Divina, por teus caminhos, para que nenhuma ingratidão me faça ingrato, nenhuma amargura me faça amargo, nenhuma maldade me faça mau — que eu queira antes sofrer tôdas as injustiças que cometer uma só.

ÚTIL E PRÁTICO

* Escolhendo para as comidas, verduras e legumes da estação, obtém-se enorme vantagem, pois eles são consumidos mais frescos e obtidos por menos preço.

* Logo que se perde uma chave, não se deve esperar que aconteça o mesmo com a duplicata. Pense-se que isto pode acontecer e será necessário recorrer a um serralheiro para entrar em casa ou arrombar um móvel para abrí-lo. Faça em seguida uma réplica da chave perdida.

* Para se conservar melhor as côres nas pinturas e quadros, deve-se submergí-los em água com sal. Para a limpeza dos móveis, nada melhor do que água e sal, usando-se uma escôva.



QUESTÃO DE TEMPO

Espôsa — Se fizer bom tempo hoje sairei a fazer compras. Que diz o almanaque para hoje?

Esposo (apressadamente) — diz chuva, nevoeiro, neve e trovoadas.

PRIVILÉGIO

No portão do cemitério de certa vila andou por algum tempo afixado o seguinte aviso:

“Neste cemitério só serão enterrados os mortos que viviam na povoação”.

NÃO ESTAVA CHUPANDO BALA...

— Apanhei-te, Pedrinho! Confessa que estavas a chupar balas na classe.

— Confesso, mas...

— Mas o que?

— Não estava propriamente chupando bala; guardei-a na boca porque no bolso, com o calor, ela se desmanchava...

GRANDE PULO...

— Acredite, papai, sou capaz de dar um pulo maior do que as tôrres da igreja — disse Carlos aos irmãos.

— Não sejas tolo, meu filho!

— Pois olha — replica o Carlitos, pulando — eu dou um pulo assim e as tôrres não são capazes de dar nenhum...

A MEDIDA DO VIDRO

João encontra o seu amigo Carlos, na rua, com os braços estendidos para a frente.

— Que tem você? Está com os braços engessados?

— Não. Esta é a medida de um vidro que quebrei lá em casa, e vou agora comprá-lo!

E' AGRADÁVEL O EFEITO DOS NARCÓTICOS?

Num jornal norteamericano Felsing e colaboradores levantaram uma questão interessante, que é a de saber se é verdadeira a idéia, tão espalhada, de que os narcóticos viciadores, como o ópio, produzem efeitos sempre agradáveis.

Tal idéia talvez tenha surgido da leitura de obras clássicas, de viciados célebres, como De Quincey, Coleridge, Baudelaire, Cocteau, que contaram maravilhas dos mundos a que os narcóticos os transportavam. A verdade, porém, é que a maioria das pessoas que experimentam tais drogas narcóticas manifestam reações muito desagradáveis e por isso logo param de usá-las.

Em vista disso, os referidos médicos procuraram saber se nas pessoas que continuam a usar as drogas e encontram então prazer nos sonhos que elas provocam, são diferentes, de alguma forma, da maioria das pessoas, que as rejeitam liminarmente. Na verdade, descobriram eles que tais pessoas, para tornar-se viciadas, precisam, não apenas de persistência, mas também de uma básica predisposição.

Quando se administra a pessoas normais a anfetamina, que é estimulante e não narcótico, obtém-se como reação um estado de alerta e uma sensação de bem-estar. Quando se lhes administra pentobarbital, que é narcótico, obtém-se torpor e bem-estar. Quando a droga administrada é a morfina obtém-se torpor e inquietação. Qualquer pessoa que responde atipicamente a uma das drogas acima, reage também atipicamente às demais.

As pessoas que manifestam reações típicas são as bem ajustadas, com poucos problemas emotivos e sexuais. Os que reagem atipicamente eram os tipos apáticos, que haviam sofrido a influência de pais dominadores e de mães excessivamente protetoras e viviam acuados pela ansiedade e pela hostilidade. Eram também os maiores beberrões. Todos os que achavam prazer na heroína e na morfina eram imaturos, impulsivos, egoístas, ansiosos e hostis, gostando de sonhar de olhos abertos e de entreter ambições fantásticas. Por aí se vê como o problema do combate ao vício das drogas é mais complexo do que pensam as autoridades que apenas se limitam a proibir o uso delas e a perseguir os que nelas encontram triste alívio para uma personalidade desajustada.

Filatelia

EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DE VALOR EXCEPCIONAL

Comemorando o Centenário de sua fundação, a famosa empresa britânica de impressões de papel-moeda e selos postais, Thomas de La Rue & Company, inaugurou em Londres, em junho último, uma exposição na qual são apresentadas pela primeira vez muitos selos raros.

Na exposição figuram selos postais, segurados por mais de 50.000 libras esterlinas, procedentes de 122 países. Além disso, são exibidas 400 páginas extraídas dos arquivos da empresa, nas quais aparecem numerosos desenhos originais e provas de impressão que nunca foram expostos ao público.

Entre os artigos de grande valor filatélico encontra-se uma folha completa de 400 selos de cinco centavos, impressa em 1862 para a Confederação dos Estados Americanos.

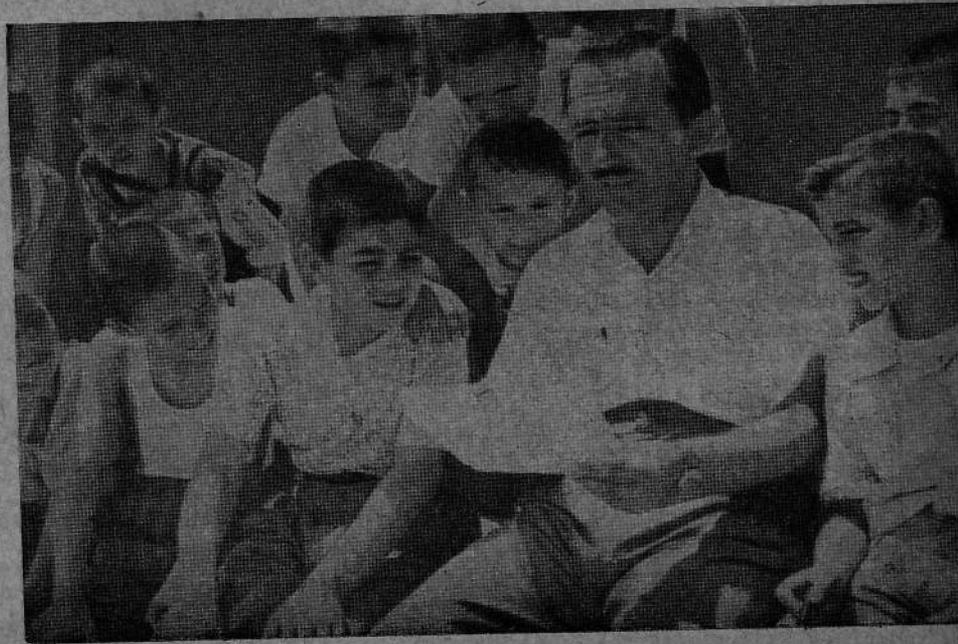
Quando o Rei Guilherme IV encomendou a impressão em ouro puro de uma cópia do Novo Testamento, Thomas de La Rue foi o impressor que triturou o ouro até convertê-lo em pó, misturando-o com verniz. Utilizando, em seguida, seu papel artificial, produziu uma obra que é ainda a única no gênero. (B.N.S.)

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE

«O futuro do mundo livre depende do que se passa com a juventude do mundo livre», escreveu Stanley High em um recente artigo no «Reader's Digest».

Dia após dia, em 78 países, cerca de 10.000 A. C. M. treinam a juventude para uma vida cristã e democrática. No clichê, aspecto típico do trabalho com menores na A. C. M. de Nea Kokkinia, Grécia. —

(Foto W. S.)



Livros

Ó APÓSTOLO, de Sholem Asch — Cia. Editora Nacional — Após a leitura dêsse impressionante livro do já famoso escritor judeu Sholem Asch, chega-se à inevitável conclusão de que o autor, planejando obra de tal fôlego, teve um objetivo final: reaproximar judeus e cristãos, ou, pelo menos, facilitar uma maior compreensão entre as duas facções separadas desde o martírio do Gólgota. Ingrata missão a que tomou sôbre si o escritor. Ingrata pela incompreensão que poderá suscitar entre os seus irmãos de crença e raça como pela reação que certos núcleos reacionários do cristianismo poderão vir a ter.

Baseado não sabemos em que fontes de informação, o autor sustentou a tese de que não havia profunda incompreensão entre os judeus mosaicos e os judeus adeptos da nova crença, isto é, do cristianismo. De acôrdo com êle, a massa, a maioria do povo judeu, estava com Cristo. Inclusive grandes autoridades religioso-políticas de Israel, tais como alguns ex-sumo sacerdotes, fariseus e líderes da sinagoga. O sumo sacerdote da época de Paulo não era autoridade que gozasse de boa reputação entre o povo escolhido, e sôbre sua conduta moral havia sérias acusações. Muitas correntes farisaias não aceitavam de pleno a autoridade do chefe máximo da religião mosaica. Por outro lado, Asch nos revela os erros crassos dos primitivos cristãos, erros que os levaram à incompreensão de que foram vítimas. Paulo foi, no ver do autor, quando ainda não convertido, protótipo da intolerância e exemplo vivo de quanto os dirigentes da época poderiam fazer quando seus interesses e vaidades estivessem em jôgo. Paulo é também o típico cristão, o qual, uma vez convertido, continua a bater-se pelas mesmas idéias com a mesma fúria e intolerância do Saulo amante do Tora. Sômente nos seus últimos dias, Paulo muda de tática, vencido pelo pêso dos anos e pela experiência tão amargamente vivida. Pedro, o apóstolo, é o elo, o elemento pacificador. Paulo plantou, mas quem regou a planta, cuidou-a com zêlo e carinho, foi Pedro. Graças a êle, a planta não feneceu. Quiçá por isso, a Pedro seja atribuída a chefia espiritual do cristianismo primitivo.

Há páginas maravilhosas nesse livro. Páginas que inspiram e elevam. Páginas que comovem e nos incitam à ação. Recomendamos a todos a sua leitura. Vale a pena.

N. P. S.

Podem as pessoas...

(Conclusão da pág. 11)

EVITANDO A ROTINA

A força e a resistência têm que ser mantidas continuamente, caso contrário se perderão. Assim, tem-se que praticar exercícios, para podermos praticá-los mais e mais. Entretanto, um programa com tal propósito e com a finalidade de nos mantermos em boas condições, pode tornar-se aborrecido, caso por detrás não haja um forte motivo de interesse.

Pode o atleta mais maduro manter-se em boas condições físicas, mesmo que a sua atuação não seja boa, devido à diminuição de sua força e resistência, ou, possivelmente, de sua visão. Devemos recordarmo-nos da veracidade do seguinte axioma: as habilidades, uma vez adquiridas, nunca se perdem, mesmo que se passem anos a fio sem utilizá-las. As pessoas maduras não fazem a jus estimativa de seu poder em aprender novas habilidades; entretanto, caso resolverem-se a tal, obterão resultados bastantes satisfatórios, por certo.

ALEGRIA, SIM! FADIGA, NÃO!

Discute-se, e acaloradamente, se têm as atividades físicas ou não o dom de prolongar a vida. Não há necessidade alguma de chegar-se a tal questão. Muitos afirmam que, apesar de não haverem nunca praticado quaisquer exercícios físicos, passaram a vida sem conhecer quase que moléstia alguma. Entretanto, devemos perguntar se o trabalho a que se dedicavam tais pessoas não requeria, já por si, certa quantidade de esforço físico.

Uma pessoa madura, que é ou não um bom esportista, um entusiasta, pode obter muita satisfação como conselheiro, junto a jovens que prometem, ou ajudando a fomentar ou organizar programas esportivos em suas comunidades.

Os exercícios devem sempre proporcionar alegrias, mas não fadigas. Quando se pressentir uma falta de alento, ou quando no dia seguinte notar-se uma certa falta de elasticidade, necessário se torna minorar o programa. *Moderação!*

PENSE EM COISAS POSITIVAS

São seus valores negativos que estragam os seus dias. Você começa com apreensões, alimentase de receios e termina com desapontamentos. A cura seria interessar-se por valores positivos. Comece dizendo «Eu sei» em lugar de «Preocupa-me saber». Pense no seu pior dia e diga resolutamente «Eu posso» em vez de «Eu espero». Enfrente todos os impossíveis dizendo «Experimentarei», em vez de conformar-se a gemer «Não vale a pena». Em lugar de orar «Ó Deus, ajuda-me», comece como Davi «O Senhor é o meu pastor e nada me faltará».

**O MELHOR PROGRAMA PARA UM
FIM DE SEMANA ESTÁ NO ACAMPA-
MENTO DA A.C.M.**

PARA OS MENORES

Vida ao ar livre, alimentação
sadia, dirigentes responsáveis.



PARA OS JOVENS

*de ambos os sexos. Camaradagem
respeitosa e espírito de compreen-
são entre moças e rapazes.*

PARA OS ADULTOS

Descanso proporcionado pelas
inúmeras atividades esportivas e
recreativas e pela contemplação
da natureza, dando um equilíbrio
na vida, difícil de obter-se no bor-
borinho das metrópoles.

DECÁLOGO DO ESPORTISTA

UM ESPORTISTA é antes de tudo, um perfeito cavalheiro; cavalheiro que por sua experiência é capaz e está acostumado a apreciar o jogo limpo nos esportes;

UM ESPORTISTA joga por tudo o que há no esporte, com entusiasmo e moderação, evitando o fanatismo;

UM ESPORTISTA joga ou compete respeitando seus contendores e as regras estabelecidas;

UM ESPORTISTA domina completamente seus impulsos, especialmente aqueles que possam ser prejudiciais;

UM ESPORTISTA é modesto. Nunca vai à competição com ares de quem vai vencer e nem exhibe falsa modéstia;

UM ESPORTISTA respeita os juizes e o próprio jogo ou competição da qual participa. É amigo dos adversários, aceitando de boa vontade as decisões das autoridades;

UM ESPORTISTA não despreza ninguém, nem demonstra má vontade. Faz todo o possível para que o jogo ou esporte que pratica, tenha boa reputação;

UM ESPORTISTA mantém-se em boas condições físicas. Não se descuida de cultivar a boa moral e os dons intelectuais;

UM ESPORTISTA não é egoísta. Joga ou luta pelas suas cores, sem reservas, e tem vivo desejo de partilhar com os demais companheiros, os triunfos e as derrotas;

UM ESPORTISTA ganha cortêsmente. Procura minorar o desgosto da derrota dos seus oponentes e jamais tripudia sobre o fracasso alheio.

M.1076

P.1

Cx.B.19

UNIPER

ACAMPAMENTO

Federação das Bandeirantes do Brasil
1959

O Principal Objetivo do Acampamento

Para que um acampamento seja realmente uma atividade educativa, deve-se, antes de tudo, ter consciência exata do que se pode proporcionar às meninas na vida de campo.

O acampamento propicia condições que re-fletem uma situação natural de vida. É o viver em comum com tudo o que isso representa de trabalho, ajustamento social, iniciativa disciplinada, desenvolvimento de recursos pessoais, saúde, progresso espiritual, espírito de liderança. Tudo isso se encontra na vida de todos os dias e o acampamento deve ser planejado para que essas condições sejam encontradas também, pelas bandeirantes, na vida do campo.

Para alcançar êsse objetivo é mister considerar primeiro o que a menina deseja e espera encontrar nessa atividade. E, dar a êsse desejo uma feição que redunde nas condições ideais.

Fazer novas amizades, estreitar as antigas, viver em espírito de aventura, conhecer coisas novas, são anseios que a juventude, consciente ou inconscientemente, leva para o acampamento. É fundamental também que cada bandeirante adquira novos conhecimentos úteis e que melhore, aplicando, aquêles que já possui. O espírito de aventura, que é tão natural na adolescente e que, muitas vezes, não tem oportunidade de expansão, deve estar na "mira" de toda chefe bandeirante, especialmente quando acampa. Que melhor ocasião para vivê-lo?

Mas, que é a aventura na vida de acampamento?

Podemos assegurar que o simples fato de dormir numa barraca, sob as estrêlas, já é por si uma esplêndida sensação de aventura para a menina. Mas a chefe deve proporcionar, também, outras ocasiões em que êsse espírito possa se expandir. Contemplar as belezas da natureza levam, nessa idade sonhadora por excelência, à quasi realização de um ideal, admirar um nascer de sol, tendo para isso feito uma vigília sob um céu de estrêlas, no silêncio da noite, no recolhimento de uma oração feita espontaneamente porque as belezas simples da natureza nos levam a Deus. Uma escalada difícil para contemplar uma vista grandiosa. Uma caminhada penosa para descobrir grandes espetáculos. Tudo isso faz parte da educação que o acampamento oferece, porque alarga horizontes e dá mais beleza à vida. Ao dizer tudo isso não pensem que elas são palavras apenas. Revejo ante os meus olhos acampamentos, excursões que me revelaram belezas como as Quedas do Iguassú, a visão do alto das Agulhas Negras, Sete Quedas, o encontro das águas no Amazonas, Vila Velha e a Lagoa Dourada, a beleza plácida do Rio Paraguai, as emoções de percorrer a Retirada da Laguna, as maravilhas arquitetônicas das cidades históricas de Minas, e quantas coisas mais eu poderia citar, lembrando-me apenas da minha vida de bandeirante.

Uma chefe no campo deve ter um pouco de poeta para compreender as meninas nos momentos de fantasia e meditação, de "farniente" que não são momentos perdidos, mas uma oportunidade para equilibrar a agitação da vida moderna.

Diz-se que uma das franquezas da vida moderna é procurar facilitar tôdas as nossas atividades o que viria "amolecer" a fibra do indivíduo prejudicando um aspecto da educação que é criar, a pessoa, por sua própria iniciativa, aquilo de que precisa. Ora, justamente essa falha, é preenchida pelo acampamento com os trabalhos de improvisação e instalação do campo.

Tudo isso exige uma chefe com equilíbrio emocional e segurança de si para julgar e decidir sobre os fatos imprevisíveis, conscientemente, de cabeça fria. Ter objetividade e habilidade para analisar situações e tomar decisões que visem alcançar os verdadeiros objetivos do acampamento. Outra qualidade indispensável à chefe é ter tato para lidar não só com as meninas como com as outras chefes, os pais e, muitas vezes, com autoridades.

É claro que a chefe precisa possuir técnica específica para poder transmitir às acampadas a alegria de realizar os trabalhos de campo bem feitos, imaginar novas instalações e, dessa forma, despertar sempre maior interesse pelos acampamentos futuros.

À chefe não cabe promover ou fazer coisas que as acampadas possam providenciar ou realizar por si. Ela deve distribuir encargos e tarefas a tôdas e estar sempre disponível para uma orientação, uma ajuda, uma conversa com chefes e meninas, quando fôr necessário. Ser parte do grupo, não só da chefia, participando das atividades e dar oportunidade para que outras chefes e monitoras dirijam também algum ponto do programa, pois dessa forma a responsabilidade de tôdas tem ocasião de se desenvolver.

O gosto por acampar baseia-se no amor à vida ao ar livre: saber apreciar o sol, o vento, a chuva, as estrêlas, que são os elementos principais da vida de campo. Para se aproveitar ao máximo êsses elementos a escolha do local é da maior importância. Não só o local deve ser saudável e oferecer segurança, mas sobretudo deve ser belo e agradável. A impressão do ambiente é meio caminho para se obter melhores resultados num acampamento.

Quanto menor o grupo melhor ambientação se pode obter. O acampamento de companhia é o ideal. Por isso as grandes concentrações são sempre divididas, reduzindo-se o conjunto a grupos de 18 a 32 bandeirantes, no máximo. Cada menina deve sentir-se parte integrante de sua patrulha (daí não se aconselhar a mistura ou troca de patrulhas) como si fôsse uma família.

Os programas devem ser projetados com as monitoras para as meninas e não enquadrar estas no programa.

Para terminar vamos resumir os pontos que julgamos essenciais no objetivo de um acampamento :

- 1 — Espírito de aventura
- 2 — Vida em comum, ajustamento social, disciplina, segurança em si, espírito de liderança
- 3 — Saúde, equilíbrio mental, progresso espiritual
- 4 — Desenvolvimento de recursos e habilidades pessoais, iniciativa.

Quando a chefe reunir êsses elementos na vida de campo ela poderá observar seus reflexos quando à noite se reunirem tôdas em volta do Fogo de Conselho e ela vir brilhar em seus olhos a alegria pela união e amizade. As fisionomias puras das meninas serão um espelho refletindo o resultado de um dia de trabalho e atividades simples mas construtivas, de participação nas responsabilidades do grupo, de consciência pura após um dia alegremente vivido na fraternidade do acampamento bandeirante.

M. L. de V.

PLANO GERAL PARA ACAMPAMENTO DE COMPANHIA

1.^a ETAPA — Providências para antes do acampamento

I — REUNIAO DO CONSELHO DE CIA.

- 1) Propostas do acampamento
- 2) Escolhá da época
- 3) Programa do acampamento
- 4) Organização das reuniões preparatórias na Cia. para o acampamento, reuniões de pais, reunião de chefes
- 5) Inscrições e determinação da cota
- 6) Pedido de autorização ao Distrito (modelo 59)

II — ESCOLHA DO LOCAL

- 1) Entendimento com os proprietários
- 2) Visita ao local
- 3) Conhecimento do centro comercial próximo para alimentação, farmácia, médico, igreja, etc.

III — DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS

- 1) Tesoureira
 - 2) Encarregada do Material
 - 3) Encarregada da Alimentação
 - 4) Encarregada da Saúde
 - 5) Escriba
 - 6) Fotógrafa
- } podem ser por Patrulha

IV — VÊSPERAS DO ACAMPAMENTO

- 1) Inspeccionar a execução dos serviços
- 2) Fichas de autorização
- 3) Atestados de saúde
- 4) Últimos avisos
- 5) Entrega da lista nominal à controladora
- 6) Entrega das cotas

2.ª ETAPA — Providências para o Primeiro dia de acampamento

I — O CAMPO — INSTALAÇÕES	<ol style="list-style-type: none"> 1) A chefe e as monitoras saem para, explorar o local. 2) Uma vez escolhido, concentrar todo o material naquele ponto. 3) Por-se à vontade para cômear a construir. 	PATRULHA DA ARRUMAÇÃO	
II — BARRACAS	<ol style="list-style-type: none"> 1) Armar a barraca com método e cuidado. 2) O lugar deve ser bem arejado e exposto ao sol. 3) Se o solo for um pouco inclinado, dormir com a cabeça do lado mais elevado. Verificar se não há formigueiros, etc. 4) Organizar rapidamente o interior da barraca, guardando todo o material. 5) Cada patrulha deverá armar sua barraca. 		
III — BANHEIROS	<ol style="list-style-type: none"> 1) O local deve ser isolado. 2) Cavar a fossa e armar um tóldo. 3) Não esquecer a lata de cal. 4) Não esquecer de construir um pequeni lavatório, caso não haja um regato por perto. 		
IV — LAVATÓRIOS	<p>Para o 1º dia, pode-se improvisar um lavatório que conste de uma bacia sustentada por um tripé, um balde cheio d'água ao lado. Nos dias seguintes, a patrulha poderá aperfeiçoar o lavatório, de acôrdo com sua imaginação.</p>		
V — VALAS	<p>São de suma importância !!! Devem ter -0 cm de profundidades. Observar o sentido do teto da barraca para fazer a vala.</p>		
VI — LAMPEÕES	<p>Enchê-los de querosene e verificar o pavio.</p>		
VII — BARRACA DE DEPÓSITO	<p>Esta barraca é indispensável para abrigar o material, em caso de chuva, e para que nada se perca.</p>		
VIII — COZINHA	<ol style="list-style-type: none"> 1) Armar um tóldo, pois em caso de chuva o fogo já ficará abrigado. 2) Construir um fogão. Pode ser provisório para não atrasar a refeição. 3) Procurar lenha para o fogo e para reserva 4) Acender o fogo e começar a preparar o jantar ou o almôço. 		PATRULHA DA COZINHA
IX — COPA	<ol style="list-style-type: none"> 1) Arrumar o material para esquentar água para a lavagem. 2) Cavar 3 fossas: uma para lixo e outra para água. 		PATRULHA DA COPA
X — FOGO DE CONSELHO	<ol style="list-style-type: none"> 1) Armar a fogueira. 2) Preparar a cerimônia. 3) Organizar o programa de religião para aquela noite. 		PATRULHA DO CERIMONIAL
XI — IÇAMENTO	<p>Este só deve ser feito depois que o campo estiver em ordem. Tôda a companhia deverá estar presente e bem uniformizada.</p>		
XII — ARRIAMENTO	<p>Não é preciso que tôda a companhia esteja presente. Bastam 2 bandeirantes de uniforme completo. O arriamento deve ser feito pouco antes do pôr do sol.</p>		

3.^a ETAPA — O acampamento em marcha

I — PATRULHA DO CERIMONIAL

- 1) Ensaiar o içamento de évspera e realizá-lo.
- 2) Preparar o programa de religião para o dia todo
- 3) Organizar o fogo de conselho. idéias.

II — PATRULHA DA COZINHA

- 1) Preparar o almoço e o jantar.
- 2) Providenciar lenha.
- 3) Aperfeiçoar as instalações de cozinha e limpeza de panelas.

III — PATRULHA DA COPA

- 1) Preparar o café da manhã e lanche.
- 2) Preparar sobremesas.
- 3) Preparar lavagem de louça.
- 4) Providenciar água para a cozinha.

IV — PATRULHA DA ARRUMACÃO

- 1) LAMPEÕES {
 - a) Limpá-los.
 - b) Enchê-los de querosene.
 - c) Verificar pavios.
- 2) FOSSAS {
 - a) Queimar papéis.
 - b) Limpar o local.
 - c) Verificar se tem papel, cal, etc.
- 3) LAVATÓRIOS {
 - Providenciar para que o balde esteja sempre cheio d'água
- 4) FOSSAS DE LIXO {
 - a) Cavar uma fossa de lixo sempre que necessário.
 - b) Idem para a fossa de água.

A PATRULHA DA ARRUMACÃO deverá cada dia aperfeiçoar as instalações de campo. Este melhoramento estará a cargo da imaginação e técnica da patrulha.

PARA QUE TUDO CORRA BEM

TÓDAS AS MANHAS

- 1) Levantar-se logo que ouvir o «Sursum».
- 2) Pontualidade no horário.
- 3) Cuidados com a barraca {
 - a) arejá-la
 - b) limpá-la
 - c) arrumá-la.

TÓDAS AS NOITES

- 1) Isolar os mantimentos do chão e abrigá-los.
- 2) Apagar o fogo completamente e apagar os lampeões.
- 3) Não deixar a lenha ao relento.
- 4) Verificar os «espeques» da barraca.
- 5) Deixar as cordas da barraca um pouco frouxas.
- 6) Reunião com as monitoras.
- 7) Silêncio total.

«Em um acampamento há lugar para todos.

Só não há lugar para quem não quiser participar dos mil pequenos trabalhos que sempre aparecem».

B. P.



Vamos acantonar, Corujas?

— Quando é que vamos acantonar, hein, chefe?

— Para onde é que nós vamos? Lá tem piscina?

— Tomara que tenha cavalo! Posso dormir perto de você?

São estas as perguntas que começam a chover, quando as férias vão se aproximando. E a Coruja, como boa bandeirante que é, e amiga da vida do campo, deve dar um jeitinho para sair, ao menos uma vez por ano, com suas fadinhas.

Mas lembre-se, querida Coruja, de que sair durante 5 dias com uma turma de meninas de 6 a 10 anos, não é brincadeira! E o sucesso de seu acantonamento vai depender 100% de seu preparo. Portanto, aqui vão algumas sugestões práticas de umas corujas que já aprenderam muito com suas fadinhas ao acantonar com elas.

Logo que se decidiu acampar, deve-se imediatamente, fazer uma reunião com as mães das fadinhas, para comunicar-lhes nossa intenção. Aliás, a Coruja deve estar sempre em contato com as mães, pois elas podem se tornar grandes auxiliares. Lembre-se também que Você nunca deve forçar os pais para que deixem uma fada acantonar, por mais proveitoso que isso possa ser, tudo deve ser feito livre e espontaneamente. O apoio dos pais ao acantonamento virá com o tempo, quando tivermos ganho a confiança dos mesmos. O que podemos e o que devemos fazer é elucidá-los sobre o que é um acantonamento e quais as suas finalidades:

- 1) incentivar a vida ao ar livre.
- 2) preparar as meninas para uma vida de comunidade, vida em conjunto.
- 3) contribuir para um maior desenvolvimento físico e mental da menina.

Nesta primeira reunião, nada mais é exigido, senão esta troca de idéias entre mães e chefes. Pode-se, entretanto, convidá-las a ir conosco visitar os possíveis locais para o acantonamento.

Deixemos as mães, por hora, de lado e vamos, nós chefes, mexer-nos um pouco para preparar bem este acantonamento.

A primeira coisa a ser feita é visitar o local visado. Este deverá ser perto de uma cidade ou de um lugarejo ou então perto de um lugar

onde haja facilidade de recursos. Pois, querida Coruja, você estará a maior parte do tempo ocupada com suas fadinhas e não terá muito tempo para andar atrás de carne, ovos, leite, alimentos indispensáveis às suas crianças.

Quanto à casa, basta que seja ampla e arejada, que tenha uns dois quartos e uma boa sala. É conveniente trancar todos os móveis num dos quartos; assim estará evitando futuros dissabores. O jardim deverá ser grande e uma piscinazinha ou um rio nunca fizeram mal à ninguém.

Aprovado o local, tratemos de ver quais os possíveis meios de transporte e dêles escolher o mais prático e o mais econômico; o preço da passagem e a duração da viagem.

Passemos então ao programa. Uma boa época para sair é julho, pois sendo um mês de secas, não há o inconveniente das chuvas. Além disso é tempo frio, tempo em que as crianças se sentem mais dispostas. A duração do acantonamento não deve ser inferior a 3 dias e não deve ultrapassar 6 dias. Nunca saia de casa sem antes ter programado bem o seu acantonamento. Lembre-se, porém, de que este não deve ser rígido e que deve ser elaborado de modo que possa ser adaptado as circunstâncias. Quanto aos acantonamentos (não sei se sabem que as fadas num acantonamento se encantam todos os dias), deixe para escolher no próprio acantonamento, pois lá você terá mais material para sua imaginação. Tudo que acontece desde o momento da partida até a chegada já é programa.

A parte da manhã deverá ser reservada para os trabalhos e banho. As fadas, como as bandeirantes, devem participar dos trabalhos de campo: cozinha, copa, arrumação e jardim. Como as bandeirantes fazem, deve também haver um rodízio. Há, porém, uma pequena diferença: é que estes trabalhos devem ser os mais leves possíveis e não devem ultrapassar uns 40 minutos. Isto porque a criança até os 11 anos gosta de novidades. Além disso, ela tem pouca capacidade física, sua coordenação motora ainda é pequena, seu poder de concentração é quase nulo e tem muito pouca experiência de trabalho em conjunto. Depois dos trabalhos em conjunto e individuais (arrumação das mochilas), é chegada a hora do banho — se for de piscina ainda melhor. Após o almoço, haverá uma pequena sesta que deverá ser *rigorosamente* observada. Aquelas que não tiverem o hábito de dormir poderão ler ou você poderá contar-lhes uma história. O essencial é que fiquem quietas, em repouso, durante meia hora, mais ou menos.

A parte da tarde poderá ser dedicada a passar provas, especialidades, passeios pelos arredores, etc. A noite, após o jantar, acende-se uma fogueira em volta da qual as fadinhas cantarão e dançarão. O silêncio deverá ser dado às 21 horas, o mais tardar.

Tôdas as atividades, desde as refeições até o passar provas, serão feitas, se o tempo permitir, ao ar livre. A casa só será usada para dormir.

A chefe e a sub-chefe nunca poderão enfrentar um acantonamento sôdzinhas. Uma cozinheira e 2 auxiliares são indispensáveis. Estas pouco lidarão com as meninas. Elas serão antes encarregadas de serviços, supervisoras, etc.

O cardápio também será planejado com antecedência. Ele deverá ser simples mas bem variado.

De posse desses dados, podemos reunir novamente as mães, o que deverá ser feito no mínimo uns 15 dias antes do acantonamento, para dar-lhes tempo de preparar tudo. Nesta reunião, já devemos estar aptas a dar o endereço do local, o nome do proprietário, a quota, o meio de transporte. O programa e o cardápio serão apresentados; o dia da partida e o da volta serão marcados; serão distribuídos ainda a fôlha de permissão, atestado médico e a lista dos objetos pessoais a levar (esta poderá ser um pouco modificada, conforme as necessidades das fadas). Nesta reunião devemos dar o número para marcar as roupas e nomear uma encarregada dos avisos. Mesmo que haja um telefone no local, deve-se proibir, terminantemente, que as mães se comuniquem com suas filhas — a não ser em casos urgentes. Explicar bem que elas terão notícias diárias, pela encarregada de avisos. Avisar também que não haverá dias de visitas. Isto, querida Coruja, é somente um conselho, pois já verifiquei que, além de transformarem tôda a vida do acantonamento, trazem o problema da saudade, a vontade de voltar para casa, a tristeza e desapontamento daquelas que não receberam visitas, etc. Enfim, as visitas só contribuirão para atrapalhar o bom andamento do seu acantonamento.

Durante o acantonamento, dê às suas meninas uma noção de como viver mais confortavelmente no campo: faça com elas tripés para chapéus e canecas; arranje um lugar para colocar prato e talheres e os objetos de toilette, os pratos e os talheres devem ser postos em *sacos de pendurar*). Separe um quarto para guardar os sapatos e uniformes, estenda cordas pelo quintal para pendurar roupa lavada e toalhas.

É indispensável levar um saco de roupa suja. Deixe a mochila de suas fadinhas o mais vazia possível e verá como isto facilitará a arrumação da mesma e diminuirá também o número de objetos perdidos durante o acantonamento. Isto tudo será feito pelas chefes e auxiliares, sempre ajudadas pelas fadas.

Não esqueçamos de levar uma boa farmácia com tudo que é remédio caseiro: remédio para ouvido, nariz, dor de barriga, garganta, esparadrapo, remédio para mordeduras de insetos, etc. Os pais poderão nos ajudar muito, não só indicando os remédios, como também fornecendo-os.

Não esquecer de levar livros de história, lápis de côr, papel, bola, peteca, corda.

Insista para que as fadas tenham sempre suas coisas nos lugares e elogie o canto mais bem arrumado. Nunca deixe uma fada sair para passear ou mesmo para fazer algum trabalho, sem antes verificar se suas coisas estão arrumadas e tudo no lugar.

Agora, querida Coruja, não tenho mais nada a dizer-lhe. Só me resta desejar-lhes um bom acantonamento; e, mãos à obra!

Felicidades, Corujas!

EDELVIRA FERNANDES

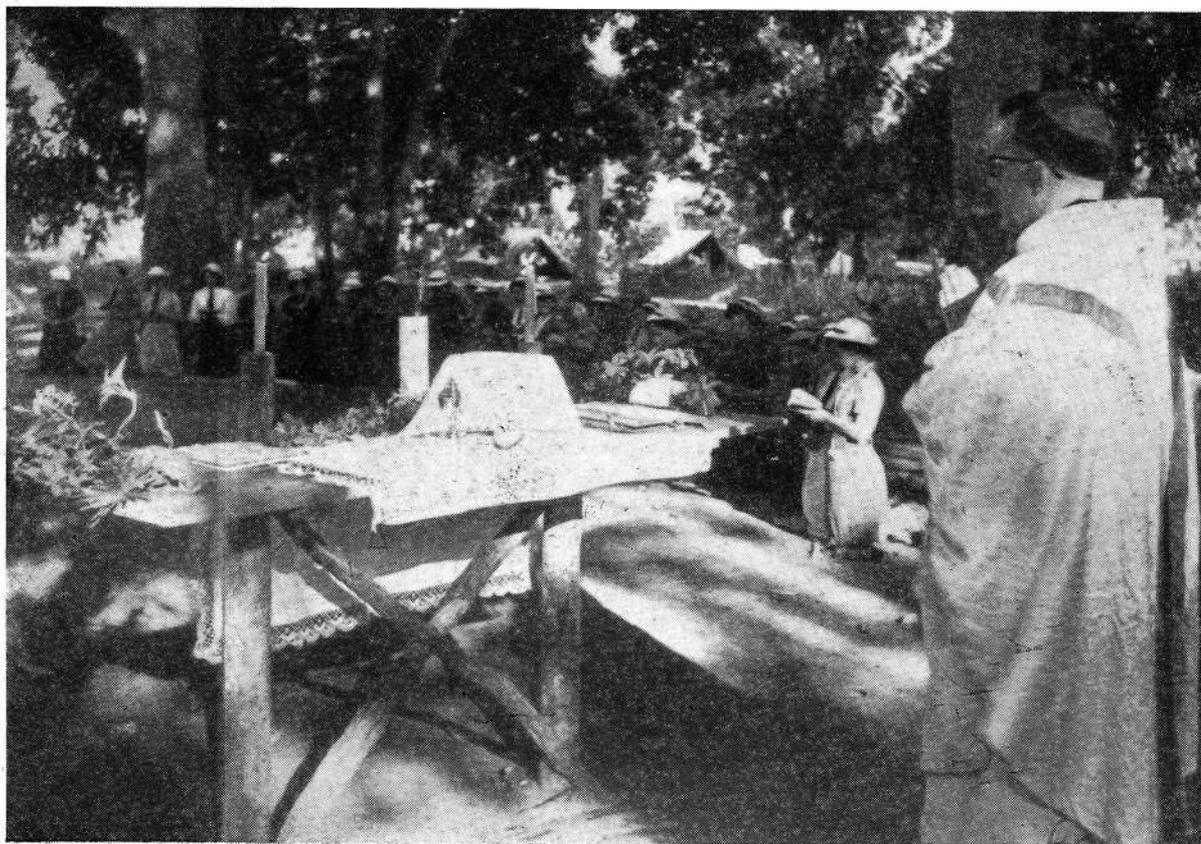


A cortesia e a delicadeza tornam agradável a convivência. Seja paciente com a novata que tudo pergunta, bem humorada nas respostas e, sobretudo tenha respeito e cuidado com a propriedade alheia. Se uma casa lhe foi cedida limpa, devolva-a mais limpa ainda.



Aceite, sem luta ou mau humor, as pequenas dificuldades de cada dia. Elas se tornarão mais leves e quasi insignificantes se encontrarem em seus lábios um sorriso de alegria confiante. Numa excursão ao morro, o caminho íngreme e chelo de pedras parece, por vêzes, interminável, mas o cansaço e o desânimo desaparecem diante da alegria do objetivo alcançado. Assim tudo na vida.

Porque a Missa



Com o intuito de dar uma melhor formação às bandeirantes no acampamento tornou-se uma norma, sempre que possível, promover a Missa diária.

O acampamento é, pode-se dizer, uma "plenitude" de vida bandeirante, já que o bandeirantismo, normalmente, é uma pequena parte da atividade da menina. Mas é inegável que, o que se pode conseguir em formação bandeirante num acampamento, vale por muitos meses de reunião. A vida em patrulha, o trabalho, a iniciativa, a técnica, a vida ao ar livre, vividos 24 horas por dia, têm um apuro, um adestramento, um ambiente que favorece ao máximo seu desenvolvimento.

Ora, a vida religiosa que desejamos inculcar nas bandeirantes também deve beneficiar-se das vantagens do acampamento. Se temos plenitude de vida Bandeirante, plenitude de vida ao ar livre, precisamos também gozar a plenitude da vida religiosa.

A Missa diária no acampamento é como uma temporada de férias no campo para proporcionar aos pulmões (alma) maior quantidade de ar puro (graça).

Poder-se-ia argumentar que a Igreja não obriga à missa diária, logo deveria também ser considerada por nós como facultativa a missa no acampamento. Quanto a isso temos a dizer que, seguindo esse raciocínio, nada no acampamento deveria ser obrigatório. É claro que não é obrigatório o próprio bandeirantismo, mas a bandeirante *obriga-se* a ir às reuniões, e comparecer às atividades programadas pela Companhia, pelo Distrito e pela Região.

Quando o Conselho de Companhia determina a realização de um acampamento, traça um programa, combina horários, distribui encargos e todas as bandeirantes aceitam, *ipso facto*, tudo que ficou estabelecido. Logo, ela não é *obrigada a aceitar*, porque ela *aceitou espontaneamente* tudo o que foi organizado para o acampamento.

Aceitar, como princípio, que uma atividade seja facultativa, implica automaticamente em considerar todas as atividades à livre escolha da menina. Ora, nessas condições, seria impossível realizar um acampamento. Afinal de contas há uma Promessa a Deus, e todas as vezes que se apresentar ocasião de melhor vivermos essa Promessa, melhor estaremos praticando o bandeirantismo.



Se algumas bandeirantes forem protestantes deve-se programar para elas, na mesma hora, uma atividade religiosa.

Sendo possível o comparecimento do Pastor, poderá ser feito o culto normal.

Não sendo possível, fazer um estudo bíblico, cânticos e orações.

Na ausência do Pastor omite-se naturalmente a bênção e a comunhão, que exigem a sua presença.

Para Fadas, no acantonamento, pode-se contar histórias bíblicas, por exemplo, a história de Dorcas (Atos dos Apóstolos) ou histórias ilustrativas dos mandamentos.

Improvisar um local para o culto. As cadeiras poderão ser pedras, ou troncos, ou páus amarrados. Improvisar também um púlpito. Num local conveniente, fincar a cruz. (Dois páus amarrados). Pode-se enfeitar com um canteiro de flores transplantadas ou com folhagens.

Se alguma bandeirante tocar acordeon, pode servir para acompanhar o hino, em lugar do órgão.

No acampamento

As chefes devem zelar para que as bandeirantes sigam *rigorosamente* as diretrizes de sua Igreja no que toca à participação a atos religiosos de outra fé.



Estime todos. Seja irmã para as outras bandeirantes, formando com elas uma turma unida, feliz de conviver, mas sempre pronta a acolher novos membros e com eles colaborar.



Ajude sempre em todas as ocasiões. Auxiliando uma companheira cansada, adivinhando pequenas solicitações, ou oferecendo-se para uma necessária substituição, você estará servindo de mil diferentes maneiras.

Preparando o Acampamento

ESCOLHA DA ÉPOCA — Escolher uma época que não prejudique o estudo das bandeirantes. Caso não seja programada a Missa diária, e o acampamento incluir um dia de Missa obrigatória, verificar onde será possível assistí-la ou providenciá-la no campo, com o Assistente Eclesiástico.

Não se deve esquecer também o fator clima. É preferível que os acampamentos não se realizem em época de chuvaradas já previstas em determinadas localidades.

TREINO PREPARATÓRIO — Se o número de bandeirantes que ainda não acamparam é bastante grande em relação àquelas que já possuem experiência de campo, seria aconselhável promover alguns passeios antes da partida, a fim de que as bandeirantes possam treinar fogueiras, amarras, instalações de campo. O máximo de acampadoras sem experiência deve ser de 50%. (Não deixe de ler as recomendações da "Licença de Chefe de Acampamento", no folheto "Chefes". Todas elas são da máxima importância).

ESCOLHA DO LOCAL — A escolha do local não deve ser feita arbitrariamente. É necessário ter em vista alguns pontos de suma importância. Vejamos alguns deles:

a) *distância* — caso façamos um acampamento de poucos dias, devemos escolher um local próximo; se o acampamento for mais longo, a escolha deverá ser feita de acordo com as possibilidades econômicas das bandeirantes que irão acampar.

b) *objetivo do acampamento* — Se o fim deste é mais o de excursões, procure-se, nesse caso, um local interessante. Se ao contrário, pretendemos fazer um campo de treinamento, é preciso que o local se preste para uma estadia mais longa, não tendo tanta importância o interesse das localidades vizinhas.

c) *condições técnicas* — observar o terreno para verificar se é apropriado para nele se armarem barracas. Não deve ser muito pedregoso, arenoso ou lamacento.

Averiguar se há água potável nas proximidades e se há lenha que possa ser apanhada pelas bandeirantes.

Verificar se o abastecimento é possível. (São essenciais leite, verduras, carne, pão, ovos e frutas).

Verificar se há possibilidade de um abrigo em caso de chuva torrencial, que impossibilite a estadia nas barracas.

O terreno não deve ser exageradamente em declive, pois o acampamento seria por demais cansativo e haveria problema para arrumação das bandeirantes dentro da barraca, pois ninguém gosta de dormir com a cabeça mais baixa do que os pés.

Deve haver alguma sombra, mas não uma mata fechada, sem sol. As barracas não devem ser armadas em baixo de árvores, pois as bandeirantes acordariam mortas de frio.

d) *segurança* — A chefe deve visitar pessoalmente o local, não se fiando em informações de terceiros. Há pessoas criteriosas, que merecem toda confiança; entretanto, por desconhecerem nossa organização e nossa técnica, não podem dar uma opinião que realmente tenha valor para a escolha do local.

Quando muito a chefe pode aceitar a opinião de outra chefe que já tenha acampado no local, nas mesmas condições.

O local deve ser situado em propriedade fechada; o campo nunca deve ser à beira da estrada, atraindo os olhares de todos os passantes; se houver um caseiro ou encarregado, só aceitar o local se for uma pessoa recomendada e de confiança dos proprietários. O acampamento deve localizar-se perto de socorro para qualquer emergência.

e) conforme o programa a ser realizado (esportivo, provas, habilidades manuais) determinar o material a ser levado.

LISTA NOMINAL PARA A CONTROLADORA

Esse encargo deve ser dado a uma senhora do Conselho de Distrito, ou à mãe de uma das bandeirantes. A chefe fornece-lhe uma lista com o nome, endereço e telefone das acampadoras, mais o local do acampamento, nome do proprietário e meios para atingí-lo. A chefe por sua vez leva consigo o endereço e telefone da controladora. Todas as notícias serão transmitidas à ela, que por sua vez as transmite às famílias. Ao voltar do acampamento a chefe deve avisar a controladora, comunicando-lhe estarem já todas em suas casas. Esse detalhe às vezes é omitido, entretanto é uma cortesia para com a controladora, que se interessou pessoalmente pelo acampamento e pelas bandeirantes e que gostará de saber que chegaram todas bem.

REUNIÃO COM AS MÃES, ANTES DO ACAMPAMENTO

DISTRIBUIR OS SERVIÇOS

20 dias antes do acampamento, reunir as mães das bandeirantes com a finalidade de conversar sobre ele.

Comunicar onde vai ser e qual a condução para o local, marcar o dia da visita, dar o nome e o telefone da controladora. Essa, se possível deve estar presente à reunião.

Esse contato pessoal é importante. As mães gostam de conhecer as chefes de suas filhas e terão muito o que perguntar sobre o acampamento.

A reunião deve ser bem preparada, com todas as informações bem precisas. Explicar as finalidades educacionais do acampamento, dar uma idéia das atividades de campo. Mostrar o que a F.B.B. exige de uma chefe para ter licença de acampadora e dar uma idéia de toda a organização de um acampamento. Comunicar a cota determinada.

A seguir ler a lista de material que a menina deve levar. Não sugerir que seja comprado logo o lagarto. Mostrar que é possível substituí-lo por dois cobertores costurados juntos e deixar à compra a critério da mãe da bandeirante, que nem sempre pode fazer a despesa no momento. Quem quiser comprar, é claro que pode fazê-lo.

Explicar que a própria bandeirante é que deve arrumar as suas coisas, não dando trabalho em casa, pois isso faz parte da sua educação.

Distribuir a autorização para acampar (modelo 94) pedindo que seja devolvida devidamente assinada, na data determinada para as inscrições.

Em seguida conversar sobre as exigências à respeito da saúde da bandeirante que vai acampar. Explicar que a vida de campo exige maior esforço da menina e portanto ela deve ser bastante resistente. Não se deve por sentimentalismo ou pena permitir a ida ao acampamento de uma menina que não tenha as condições, pois poderia ser muito prejudicial à sua saúde. Não é preciso saúde 100%. Alguns estados até podem melhorar com a vida de acampamento, à critério do médico. Outros porém só fariam piorar. Asma muito forte, úlceras de estômago que exigem dieta muito restrita, impedem uma bandeirante de colher benefícios num acampamento. Que as mães compreendam que as exigências são algo para a proteção de suas filhas, nunca meras formalidades.

As mães podem também ajudar a organizar a caixa de primeiros socorros, com a prática e experiência que tiverem. Podem também obter amostras grátis. Avisar-lhes que a caixa inclui remédios comuns. Se a bandeirante tiver necessidade de algo especial, deve levar consigo.

1) TESOUREIRA :

Será a "caixa" do acampamento. É bom que a chefe aproveite a tesoureira da companhia. Ela ficará encarregada de recolher as quotas, efetuar os pagamentos, etc., devendo apresentar, no fim do acampamento, um balanço do movimento financeiro.

Quota: deve ser estabelecida da seguinte maneira: o preço da passagem de ida e volta, mais uma diária multiplicada pelo número de dias que se vai passar no acampamento. A Federação tem adotado a diária de Cr\$ 50,00. Mas, evidentemente, isto varia, de acordo com o nível de custo da vida do lugar em que se acampa. As vezes, a quota fica muito pesada, seja por causa do preço da passagem seja pelo número de dias que se vai passar. No primeiro caso, deve-se procurar obter abatimento no preço das passagens, ou, caso não se consiga, procurar um lugar mais próximo. com passagens mais em conta. Não se deve porém, diminuir a diária nem o número de dias de acampamento, mas pode-se pedir ao distrito que ajude a Cia., caso alguma bandeirante não possa pagar a quota inteira. Esses casos devem ser resolvidos em sigilo.

2) ESCRIBA :

Providenciará os livros que devem ser levados; por ex.: livros sobre técnica de acampamento, alguns números do BANDEIRANTES que tenha material que possa ser aproveitado no acampamento, etc. Esta bandeirante ficará também incumbida do diário do acampamento, dos jogos (livros de jogos), dos cânticos (livro de canto). O fato de ela ser a encarregada não quer dizer que deva executar o serviço; ela é a responsável e poderá distribuir os serviços como achar melhor. Por ex.: cada dia uma patrulha ficará encarregada do diário do acampamento, etc.

3) FOTÓGRAFA :

Deverá possuir uma máquina e gostar de tirar fotografias.

4) ENFERMEIRA :

Providenciará a farmácia. De preferência esta bandeirante deve ter a especialidade de enfermeira. recolher os atestados e tê-los à mão para uso quando for necessário algum socorro.

SERVIÇO POR PATRULHA

1) MATERIAL :

Como o próprio nome o diz, a patrulha encarregada dêste serviço será responsável pelo material a ser transportado para o acampamento. Segue-se uma lista do material necessário para :

Cozinha

Panelas
Fritadeira
Pratos e talheres (exclusivo para o serviço da cozinha)
Leiteira (copa)
Cafeteira (copa)
Coador de café (copa)
Colher de pau
Concha
Facão e garfo grande
Peneira
Pegador de panelas
Depósitos para manteiga, banha, sal, e outros mantimentos.
Tábua de carne
Soquete
1 pedaço de filó
Lona para cobrir a lenha
Caixote para mesa e armário
Oleado para a mesa

Copa

Bacias
Pincéis para limpar os pratos
Sabão
Panos de prato
Balde de lona para carregar água
Saco de pão e faca
Depósitos para guardar manteiga, açúcar, café e outros mantimentos
Pratos e talheres (exclusivo para o serviço de copa)
1 pedaço de filó para cobrir a comida

Campo

Barracas para dormir
Tôlido para cozinha e copa
1 barraca para guardar material
Tôlido para o banheiro
(Cada barraca deve ser transportada dentro de um saco próprio)
1 lona para o chão, para cada barraca
i. é.: barracas onde se vai dormir
Macête
Machadinha
1 caixa com ferramentas
Lampeões
Pavio
Fósforos
Velas
Balde de alumínio
Bacias para lavatórios

Cal e papel higiênico

Facão
Bandeiras (devem ser levadas dentro de 1 saco)
Cabos (bastante quantidade)
1 escôva para limpar as barracas
Esparradrapo para as barracas
Bastões (são muito úteis para armar toldos)
Bandeiras de semáfora
Livros de Missa

ATENÇÃO — CONSERVAÇÃO DO MATERIAL

Deve-se fazer um inventário do material. Depois do acampamento, todos os reparos a fazer devem ser anotados, para o próximo acampamento. — Tudo que fôr de lona deve estar completamente sêco antes de ser guardado. — Os espeques limpos e secos ao sol. — Enfim, uma limpeza rigorosa em todo o material.

2) ALIMENTAÇÃO

Esta patrulha ficará incumbida de tudo quanto se refere à alimentação a ser levada para o acampamento. Segue-se uma tabela que poderá ser muito útil à moritora.

TABELA DE ALIMENTAÇÃO POR PESSOA PARA UMA REFEIÇÃO

Arroz	70 grs.
Açúcar	50 grs.
Banha	10 grs.
Batata cozida	150 grs.
Carne bife (alcatra)	200 grs.
" assada (lagarto)	110 grs.
" picadinha (chá de dentro)	100 grs.
Doce em caixeta	60 grs.
Feijão	50 grs.
Macarrão com acompanhamento	40 grs.
" prato único	100 grs.
Manteiga (café)	20 grs.
Café	25 grs.
Legumes	100 grs.

Esta lista já foi experimentada, com algum sucesso, em acampamentos. A chefe não precisa segui-la à risca. As quantidades são tôdas dadas para mais.

AINDA DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS

É preciso lembrar às chefes que o conselho de distrito constitui um órgão *vivo*. Isto quer dizer que a sua finalidade primordial, que é a de auxiliar as chefes, deve ser vivida. Convidar um membro do conselho para auxiliar a preparação de um acampamento, ou mesmo para participar integralmente dêle, acampando com a Cia., é uma medida que aliviará muito a chefe do pêso de suas responsabilidades. O que é importante é que a senhora do conselho em questão receba um cargo determinado, pois do contrário ela poderá "sobrar" no acampamento.

Existem vários serviços que se realizariam com muito mais firmeza se se tivesse uma pessoa de mais experiência para executá-lo.

Por exemplo:

1) no *serviço de tesouraria* poder-se-ia pedir a um membro de conselho que tratasse, juntamente com a tesoureira, da questão dos pedidos de abatimento de passagens, de mantimentos, etc.

2) se nenhuma bandeirante tiver a especialidade de *enfermeira* procurar dentro do

conselho de distrito, um membro capaz de ocupar este cargo durante o acampamento.

3) A *escriba* fará o seu serviço muito melhor se um membro do conselho com mais formação que ela puder se encarregar dos cantos. — Talvez algum membro do conselho se interesse muito por teatro; como poderá ajudar as patrulhas na preparação dos *fogos de conselho*!

Em resumo, a chefe deverá sempre se dirigir ao conselho de distrito a fim de interessá-lo no acampamento, e desta maneira poderá administrá-lo melhor, pois terá uma pessoa de mais experiência que partilhará com ela esta responsabilidade.

A RONDA

A ronda não é apenas uma medida de segurança. É também uma atividade de aventura que atrai e entusiasma as jovens e disciplina as bandeirantes.

Fica à critério da chefe haver ou não ronda. As bandeirantes de menos idade ficam às vezes muito cansadas e excitadas com essa atividade, si houver ronda tôdas as noites.

Por outro lado há locais perfeitamente seguros que não exigem ronda. Nesse caso fazer a ronda apenas ocasionalmente, como um jôgo.

As chefes escalam as patrulhas, distribuindo entre elas as oito horas da noite (22 às 6 horas). Cada plantão deve ser feito por *duas meninas*, durante uma hora. Na escolha do par para a ronda deve se levar em consideração que as menores e aspirantes devem estar sempre acompanhadas de uma bandeirante de maior experiência e idade.

As meninas devem estar equipadas com a lanterna elétrica, ou lampeão e com o apito; ter em mão o bastão. Ficam encarregadas de manter acesa e vigiar a fogueira.

A ronda deve percorrer permanentemente todo o local do acampamento. A qualquer anormalidade, chamar imediatamente a chefe.

A escala da ronda deve ser determinada antes que a mesma se inicie e ser dada por escrito, com a indicação da barraca e local onde se encontra cada uma, para permitir a chamada para o revezamento, sem perturbar as demais.



O respeito ao bem comum, os cuidados com o material, com a saúde, o valor exato dado ao dinheiro e ao trabalho, são maneiras de economizar.



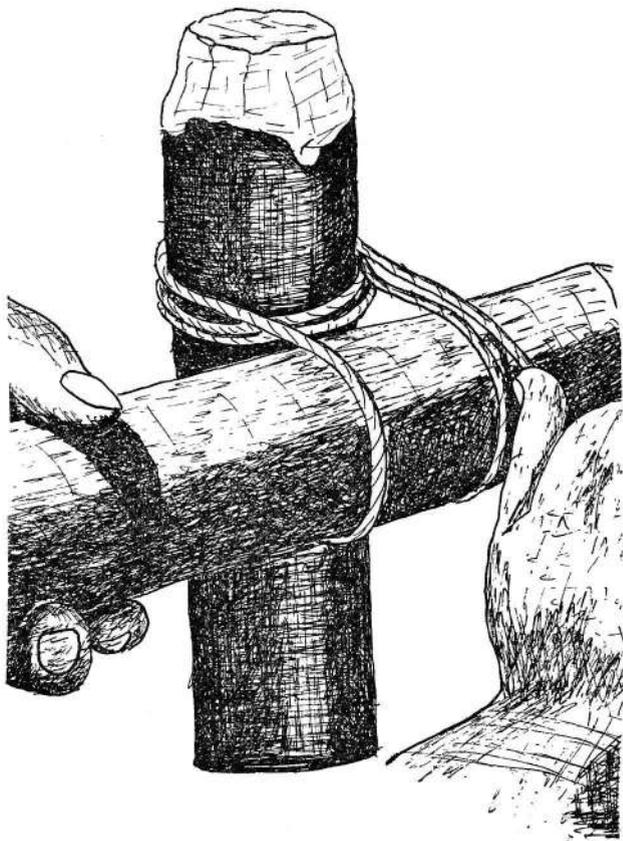
A natureza, no meio da qual você vive por uns dias, oferece vasto campo de observação e descobertas. Olhe e escute, em silêncio, atentamente, e um mundo novo se revelará aos sus olhos. No cortejo das formiguinhas trabalhadeiras, nos desenhos e matizes das borboletas, na suave sinfonia de ruídos que nascem com o sol, você irá vêr, sentir e amar a obra de Deus. Zele com amor e carinho por essa dádiva Divina, para que cresca e se multiplique num eterno canto de louvôr.

Aprenda a Amarrar

O Conforto no Acampamento — Acampar não quer dizer renunciar ao conforto, viver na desordem e na falta de higiene. Ao contrário é saber, com poucos recursos, fabricar todos os objetos necessários à ordem, ao descanso e à higiene. É criar um ambiente agradável. É sentir a alegria e a segurança das pessoas que possuem destreza e imaginação suficientes para, por si mesmas, fabricarem os objetos que necessitam, para viver em conforto, obtendo dos recursos naturais que as cercam, tudo que precisam. Uma pessoa desordenada ou desperdiçada, aprende no campo a ter ordem, a aproveitar bem os poucos recursos de que dispõe, pois a vida em comum num acampamento só é possível si houver um lugar para cada coisa e cada coisa estiver no seu lugar. E também si cada qual fizer com interesse, amor e eficiência a parte da tarefa que lhe cabe. B. P diz que há no acampamento lugar para todas, menos para quem pretende fugir ao trabalho.

Saber amarrar — Para fazer as instalações de campo (mesas, tripés, bancos, cabides, quadros de aviso, etc., etc.) é necessário saber amarrar. Com um pouco de imaginação e aproveitamento do *material que houver à mão*, a bandeirante fabrica modelos novos, inventados na hora e que correspondem à necessidades do acampamento. As gravuras fornecem muitas idéias de objetos úteis. Faça esses ou outros, no gênero, inventados por você. Mas lembre-se, devem ser *práticos*; ter a *boa aparência* decorrente de nós bem dados, com firmeza, sem que precisem de enfeites supérfluos; ser *sólidos*: pode-se confiar num banco, numa mesa, ou num tripé que uma bandeirante amarrou.

Há 4 métodos básicos de amarrar um páu no outro. Pratique-os até conseguir completa destreza. Si você souber fazer essas amarras, e souber escolher com bom senso a que convém em cada caso, fabricará com rapidez e facilidade as instalações do campo.



1) *Amarra quadrada* — Serve para amarrar um páu no outro *em ângulo reto*.

Comece fazendo a volta de fiel numa das pontas do cabo, em tórno do páu perpendicular. Passe a ponta comprida do cabo para a frente e em volta do páu horizontal, de cima para baixo.

Passe por detrás do páu perpendicular e novamente em volta do horizontal do outro lado, desta vez de baixo para cima.

Passe novamente por detrás do páu perpendicular, até o ponto de partida. Repita 3 ou 4 vezes. Para finalizar dê umas três voltas passando o cabo *entre os páus*. Arremate com o nó direito.

2) *Amarra diagonal* — Para juntar dois páus *em diagonal*.

Comece com a volta de fiel em volta de dois páus cruzados na posição que quizer. Faça de duas a quatro voltas simples bem apertadas. Faça as mesmas voltas em outra direção, de maneira a formar uma cruz.

Para arrematar, dê umas tantas voltas, passando a corda *entre os páus*. Faça o nó direito nas duas pontas.

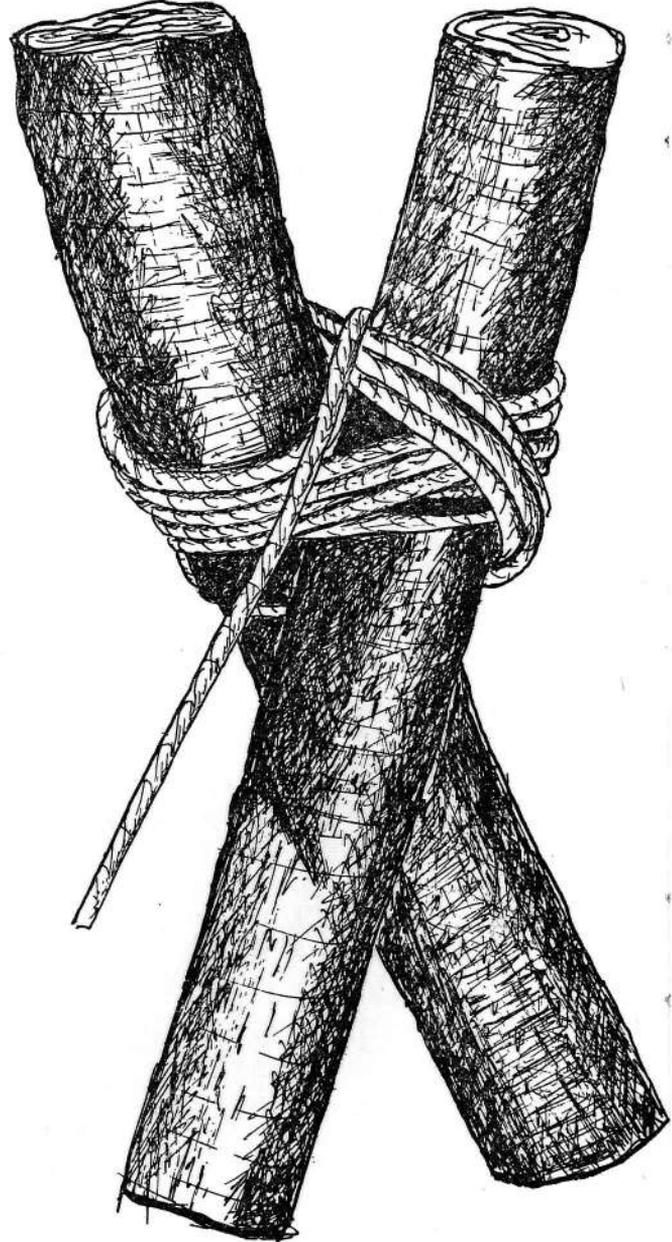
3) *Amarra redonda* — Serve para unir um páu *paralelamente* a outro.

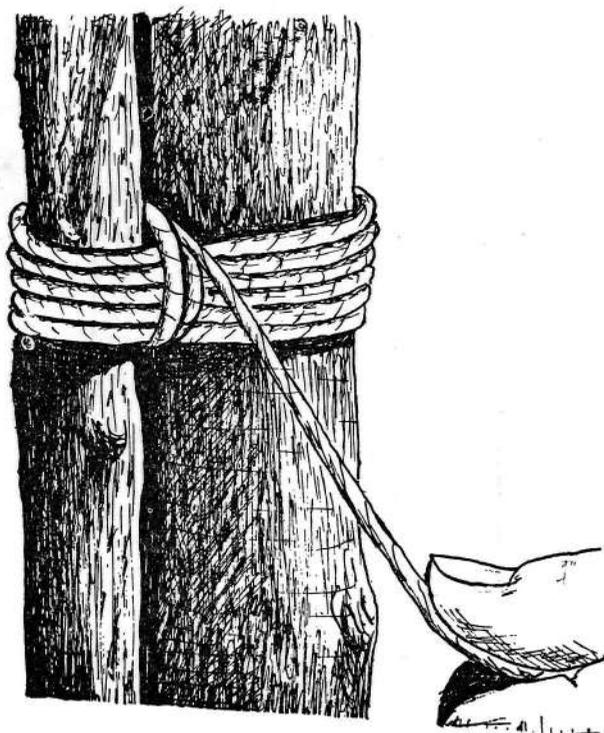
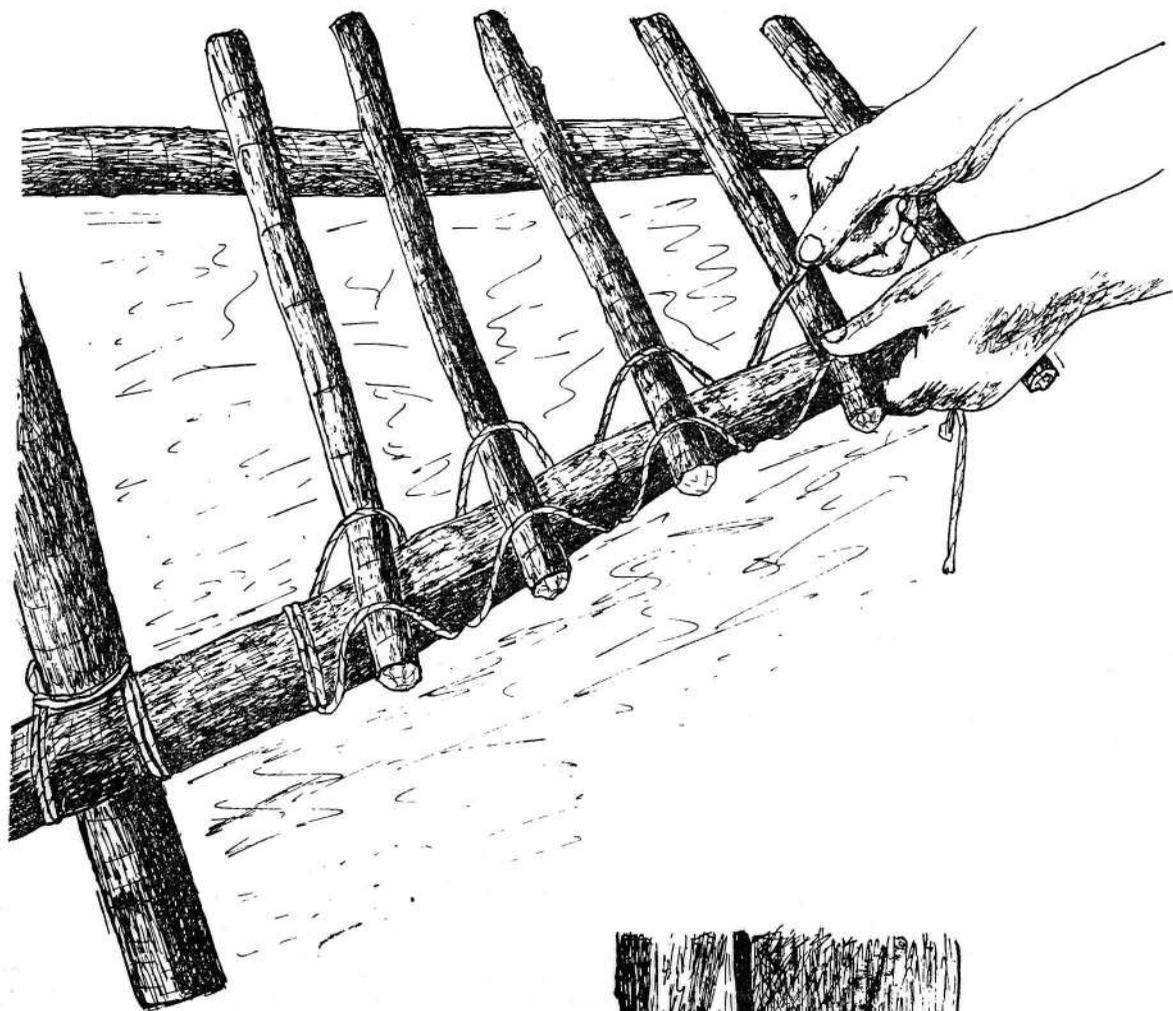
Comece com a volta de fiel em volta dos dois páus. Com a ponta comprida, vá dando voltas simples, paralelas, até ficar bem seguro.

Para arrematar dê umas voltas *entre os páus* e termine com o nó direito nas pontas.

4) *Amarra camprida* — Serve para unir vários páus curtos *em ângulo reto*, a dois longos. Faça a volta de fiel no meio da corda, em tórno de um dos páus maiores. Passe as duas pontas simultaneamente *por cima* do páu pequeno, *cruze por baixo* do páu grande e repita por *sôbre* o próximo páu pequeno. até estarem todos amarrados. Termine com uma volta simples e o nó direito.

Tripé — Para fazer um tripé comece fazendo com uma das pontas da corda, a volta de fiel, em tórno de três páus, mantendo-os paralelos, quer dizer o tripé fechado, e apertando bem o nó. Dê umas três voltas simples, também apertadas e abra o tripé. Arremate, fazendo





três voltas em oito por entre os páus e dando o nó direito nas duas pontas.

Regras gerais para se fazer boas amarras — Aperte bem o nó inicial e as voltas, não deixe folgas na corda.

Não deixe a corda se sobrepôr nas voltas paralelas, para que a amarra fique com aspecto ordenado e bem feito.

Termine sempre com o nó direito e esconda as pontas.

Ao instalar o campo, a localização dos diversos setores vai depender, é claro da disposição do terreno.

Mas observar o seguinte :

— Localize o altar de forma que fique à sombra e que o sol pela manhã não bata de frente no rosto das bandeirantes.

— As barracas devem, si possível, ser armadas em ferradura, pois ficam tôdas juntas, facilitando a supervisão da chefe. Se não puderem ficar em ferradura, localizá-las de qualquer forma próximas umas às outras. Nenhuma barraca deve ficar isolada, longe das demais.

— Entre as barracas deve haver espaço suficiente para permitir a passagem entre elas.

— A cozinha e dependências devem ficar o mais longe possível das barracas por causa da fumaça.

— Para localização das fossas e demais instalações, ver artigos especializados.

O CODIGO DO VIAJANTE

1) Passe a bagagem sempre pela janela pois dêste modo não furará os olhos nem amassará o nariz e os membros dos outros passageiros que estiverem no corredor.

2) Não aproveite em demasia o lugar que lhe foi oferecido.

3) A fim de não provocar emoções violentas nem preocupações inúteis não salte do trem em cada estação de parada.

4) Se quiser abrir a janela não esqueça de pedir licença a seu vizinho.

5) Imponha-se a obrigação de velar pelas mães, crianças e velhos que encontrar durante a viagem.

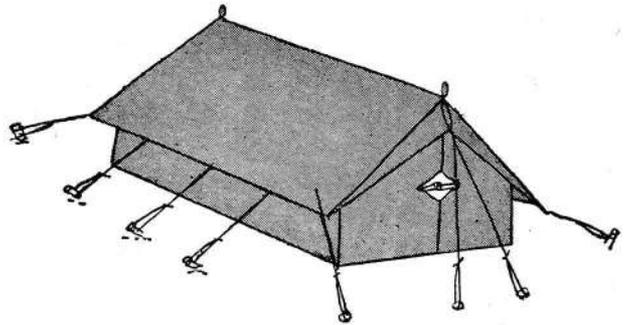
6) Você poderá encantar as suas companheiras com seu espírito alegre e com canções que conhece, mas lembre-se de que existem no vagão outras pessoas que dão muito valor ao repouso e tranqüilidade.

7) Seja cuidadoso com as instalações do vagão; lembre-se de que se trata de um bem para uso público.

8) Se bem que seja preciso comer de vez em quando, não transforme seu lugar em um anexo do carro restaurante. Faça as refeições à hora determinada, deixando em seguida o lugar com aspecto agradável.

9) Trinta minutos antes de chegar recolha o que é seu e organize a saída da bagagem, a fim de evitar que algum dos

A Barraca



A entrada da barraca deve ficar virada para o nascente.

A barraca deve ser armada *fechada*.

Para que não tenha rugas prenda os tirantes laterais de maneira que formem ângulo reto com a aba da barraca; os tirantes das extremidades devem estar presos em diagonal (ver desenho). Os dois tirantes que saem dos polos devem ficar equidistantes do centro da barraca. Se houver um só deve ficar rigorosamente no meio.

Tôdas as meninas da patrulha armam a barraca simultaneamente. Os tirantes ficarão muito mais certos se forem presos ao mesmo tempo os dois lados, verificando-se seu alinhamento.

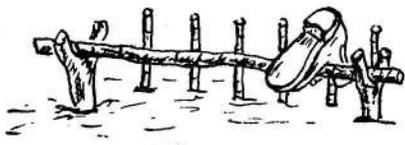
Quando as barracas estiverem tôdas armadas a chefe deve fazer uma inspeção para verificar se o trabalho foi bem executado, corrigindo o que estiver mal feito.

A vala deve ser cavada sob o ponto onde acaba a aba da barraca, quer dizer onde caem os pingos de chuva que escorrem do teto. Deve ter 10 centímetros de largura no fundo. As paredes são ligeiramente inclinadas, abrindo para cima. A profundidade também é de 10 centímetros.

Os esportes devem ser fincados no chão, inclinados na direção oposta à barraca, nunca em pé.

SAIBA VIVER NA BARRACA

Observe *rigorosamente* o seguinte: não coma na barraca e não guarde alimentos dentro dela, ainda que bem embrulhados na mochila. Não seria possível evitar lambusar os objetos e deixar cair migalhas, que atrairiam bichos, tornando o ambiente desagradável e perigoso. Ao levantar, de manhã cedo, você não tem tempo de arrumar coisa alguma, pois terá que entrar imediata-



mente em atividade. Deixe tudo como está, mas *feche a barraca*, para evitar que os animais domésticos entrem nela e também para preservar a boa aparência do acampamento.

Ao chegar a hora da arrumação do campo, ainda com a *barraca fechada*, retificar e esticar os tirantes frouxos. Levantar a saia da barraca e abrí-la.

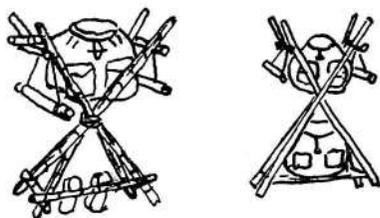
Retirar todo o material para expor ao sol. A mochila com todos os objetos arrumados dentro deve ser aberta. Abrir o lagarto e colocar sobre ele o lençol para arejar. Cada bandeirante deve reunir suas coisas num só ponto, facilitando depois encontrá-las. Expor os objetos com ordem para que o acampamento mantenha seu bom aspecto enquanto as coisas estão arejando. Se a barraca tiver fôrro, retirá-lo também, pois por baixo dêle criam-se minhocas e insetos que gostam de lugares sombrios e úmidos.

Atenção não pendurar coisa alguma nos tirantes. Ao andar em volta da barraca habituar-se a fazê-lo com cuidado para não tropeçar a tôda hora nos tirantes.

Os objetos devem arejar umas duas horas. No fim dêsse tempo guardá-los, ficando a barraca perfeitamente arrumada, com as coisas no seu lugar. Vistoriar as instalações dentro da barraca (porta-mochilas, sapateira, cabides) verificando se há nós frouxos e concertando o que fôr preciso, a fim de manter sua utilidade e seu bom aspecto.

Ao pôr do sol a barraca deve ser fechada e os *tirantes afrouxados* pois a umidade encolhe as cordas e a barraca poderia se rasgar ou os espeques saltarem do chão.

Deve-se tocar o menos possível na barraca. Especialmente em caso de chuva. A água não passa através uma barraca bem armada, mesmo que não seja impermeável. Mas se você tocar em qualquer ponto forma-se ali uma goteira.



Suportes para mochila

passageiros, que nada têm a ver com o desembarque, seja envolvido, violentamente, nessa situação.

ALGUMAS INDICAÇÕES PARA BEM DIRIGIR O ACAMPAMENTO

- É necessário planejar um bom programa que agrade e satisfaça as bandeirantes e que seja adaptado às suas necessidades e possibilidades.
- É importante que as bandeirantes estejam felizes e contentes. Se houver clima de tensão e descontentamento, analisar as causas e procurar eliminá-las a tempo, para que o acampamento não fique prejudicado e renda o que deve em matéria de resultados educacionais.
- Se as bandeirantes forem do tipo displicente, não se entusiasmando com as atividades e programas, organizar jogos e concursos entre as patrulhas, sobre técnica, instalações e cozinha. Isso conseguirá animá-las.
- Na hora do descanso (1 hora por dia) verificar que tôdas descansem. Não permitir que fique uma sacrificada, terminando algum trabalho. Não há necessidade disso, se houver ordem e método.
- A chefe durante o dia deve percorrer as patrulhas, não para inspecionar solenemente os trabalhos, mas para incentivar, orientar e ajudar no que fôr necessário. Deve estar atenta para modificar alguma ordem ou determinação que não estiver dando resultado.
- À noite é imprescindível a reunião da chefia com as monitoras. Nessa reunião, comentar o trabalho realizado, saber o que as bandeirantes estão achando, se estão felizes. A tesoureira deve ler e fechar o livro-caixa.
- Determinar o que fôr necessário para o dia seguinte. Que tôdas fiquem sabendo *com clareza* e precisão o que se espera delas. Nada pior do que ordens obscuras ou vagas. Para isso é preciso que a chefe e a subchefe tenham preparado bem, com antecedência, a reunião, do contrário pode acontecer que alguma coisa importante fique esquecida ou mal determinada.

A Higiene no Acampamento



utilizar depois. Coloque no fundo algumas pedras. Por cima paúzinhos secos, bem frouxos. Os últimos devem ficar em forma de pirâmide e atingir até quasi o alto do buraco. Encha os lados de terra, sem apertar, coloque os dois torrões de terra por cima. Entre êles, uma lata furadinha que servirá de coador para os detritos maiores. Se necessário, remover os pausinhos e queimá-los, renovando a fossa.

A fossa de gordura deve ser localizada perto da cozinha e do local da lavagem de pratos.

Valas para água dos lavatórios.

A água de sabão dos lavatórios pode ser despejada no chão, pois não atrai moscas. Despeje-a porém fora do recinto do acampamento para evitar que se forme lama. Pode-se fazer uma vala que desvie a água nela despejada para um local conveniente.. Ou faça uma fossa rasa, forrada de pedras, no meio da vala, para facilitar escoar a água.

FOSSA DE GORDURA

A água suja, cheia de detritos gordurosos, usada na lavagem de panelas e pratos, não pode ser jogada no mato sem maiores cuidados, pois isso tornaria desagradável o local, atraindo moscas e outros insetos perniciosos.

É necessário construir uma *fossa de gordura*.

Se a terra for absorvente, basta cavar um buraco e colocar no fundo algumas pedras que segurarão os detrito, enquanto a água se escôa. Coloca-se por cima uma tampa de pequenos paus e fôlhas trançadas para evitar moscas, enquanto a água vai se escoando lentamente. Se a terra fôr muito impermeável, dificultando o escoamento, faça da seguinte maneira: (observe o desenho): cave um buraco de 25 centímetros de profundidade. Os torrões da superfície, com o capim, devem ser mantidos inteiros para



Fossa de gordura

LAVAGEM DE PRATOS



É mais interessante fabricar uma mesa semelhante ao desenho, do que colocar as bacias em tripés e ter de construir mais duas mesas e acessórios para o serviço da copa. Assim fica tudo à mão.

São necessárias duas ou três bacias.

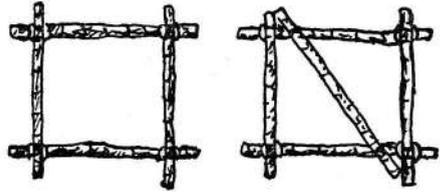
Limpar a gordura e detritos com papel ou areia, jogando tudo na fossa de lixo. Na primeira bacia colocar água quente com sabão detergente em pó. Esse sabão é mais prático e econômico. Lavar ber os pratos, utilizando uma escovinha. Ir passando os objetos lavados para a segunda bacia que contém água pura para enxaguar. Na terceira bacia deve haver água pura bem quente para enxaguar pela última vez. Proceder da mesma forma com os talheres. Não é necessário atirá-los todos de uma vez dentro da primeira bacia, sujando os cabos que talvez estejam limpos. Mergulhar apenas as lâminas das facas se fôr esse o caso, e em seguida colocá-los na bacia de água pura.

Na mesa, ao lado, colocar emborcados os pratos, juntamente com os talheres, para secar.

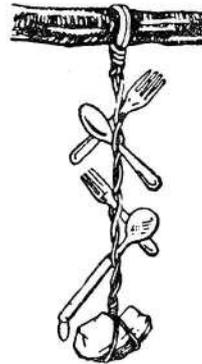
As donas devem vir buscá-los assim que estiverem secos, sem deixar para a última hora antes da próxima refeição, o que ocasionaria confusão. Cada qual guarda seu prato e talher na sacola individual que ficará no porta-sacola, na *copa*. (Nunca na barraca).

A água suja da lavagem deve ser jogada na fossa de gordura.

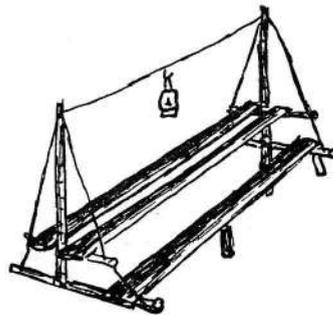
Os pratos e talheres devem brilhar no acampamento. Nada de objetos lambusados e mal lavados.



Quando armar um quadrado não se esqueça do pau em diagonal para que fique mais sólido.



Suporte para talheres da cozinha.



Mesa e banco.

NA COZINHA

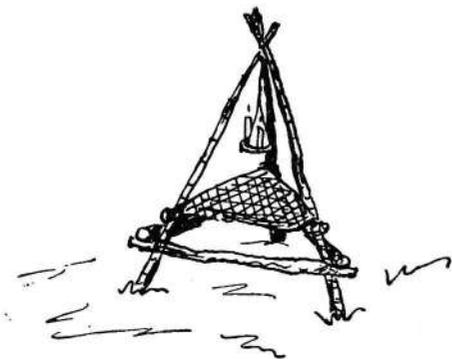
É indispensável haver um fogo suplementar na cozinha (braseiro) no qual estará sempre esquentando uma lata cheia de água limpa. Essa água servirá para os inúmeros casos em que é preciso água quente: cozinha, lavagem de pratos e panelas, higiene pessoal.

Para que as panelas não fiquem muito tismadas e sujas, passe, antes de usar, pelo lado de fora, sabão ou sebo.

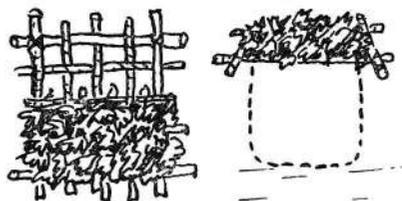
Para lavá-las proceda assim: limpe o mais possível o interior da panela, retirando os detritos que serão jogados na fossa de lixo. Inicie então à lavagem, tendo à mão uma vassourinha, bombril, sabão e baldes com água. A água suja deve ser despejada na fossa de gordura.

Para maior eficiência e comodidade, construir uma fossa especial para lavar panelas. Cavar um buraco e revestir o fundo de pedras. Fincar estacas nos cantos e por cima um trançado de madeira ou galhos, preso às estacas. Lavar a panela apoiando-a sobre o trançado. A água irá caindo na fossa. Deve ser construída perto do local onde há água para evitar carregar os baldes a grandes distância.

Se possível a última água deve ser quente. Colocar as panelas para secar ao sol, emborcadas, sobre os suportes construídos para isso. Elas devem rebrilhar, limpíssimas!



Suporte para panelas.



Trançado de paus e folhagem para servir de tampa.

FOSSA DE LIXO

Deve ser localizada perto da cozinha, distante das barracas. Observar qual a direção do vento predominante para que a fossa fique localizada de maneira a que a fumaça seja levada para fora do acampamento.

Deve ter aproximadamente 80 centímetros de profundidade e possuir uma tampa de madeira ou galhos. Ir jogando nela o lixo que deve ser queimado diariamente. Se o lixo custar a queimar pode-se jogar na fossa *um pouco* de querosene, usando tôdas as precauções contra explosões. O querosene deve ficar guardado bem longe, na barraca de material. Despejar um pouco na fossa, depois de estar absolutamente certo de que não há fogo nela, tampar a garrafa, ir guardá-la e só então acender o fósforo, jogando-o na fossa. Só a *monitora*, tendo recebido essas instruções da chefe, poderá lidar com o querosene.

Havendo pessoas morando perto e que tenham criação, deve-se guardar numa lata *tampada*, as cascas de verdura, sobras, etc., que sirvam para os animais. Cuidado para não sujar o chão ao levantar a tampa. A lata deve ser esvaziada *diariamente* e lavada, do contrário produziria mau cheiro, atraindo moscas.

As latas vazias podem ser utilizadas no acampamento para diversos fins. Devem ser guardadas, inteiramente limpas de detritos e num lugar apropriado. Nada dá pior aspecto ao campo do que latas vazias atiradas ao chão.

As latas que não se quer guardar devem ser abertas dos dois lados e colocadas numa fossa de lixo suplementar (menor) para queimar. Depois de queimados todos os detritos achatá-las bem para que não juntem água e jogá-las na fossa de lixo.

Nos acampamentos grandes, onde há muito lixo, é conveniente ter um incinerador. Para isso é necessário possuir uma cesta de arame. Fazer um fogo cruzado e colocar a cesta em cima, sustentada por pedras ou tijolos. Um fogo que forme braseiro não precisa ser alimentado a tôda a hora. Colocar o lixo na cesta. Ele irá secando e queimando. Dessa forma não é preciso usar querosene. Jogar as cinzas e objetos que não queimam completamente na fossa de lixo. Essa não precisará assim ser enorme.

O SEGREDO DA ARRUMAÇÃO DE UMA MOCHILA

A mochila deve estar sempre muito bem equilibrada. Para isso distribua os objetos pesados pelo fundo e pelos lados.

Os objetos macios serão colocados no lado das costas e os duros no exterior. Só assim você não terá as costas roxas, no fim de uma caminhada.

Uma série de saquinhos de cretone, um estojo duro, ou uma caixa, ajudarão a arrumação de certos objetos.

Os bolsos exteriores devem ser reservados para objetos frágeis.

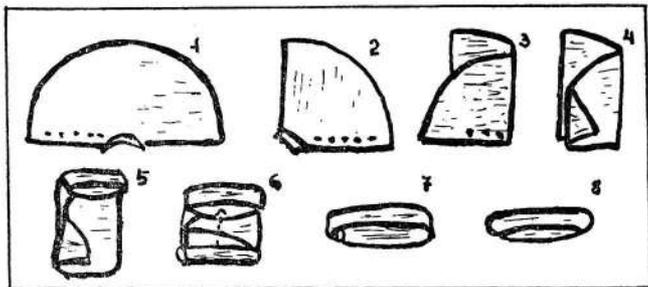
A roupa, tôda enrolada em tubos, deverá ser colocada em sentido perpendicular, dentro da mochila.

Leve tudo o que pede a lista para acampamento (modelo 94) mas deixe em casa tudo o que for supérfluo.

Ao arrumar a mochila para ir embora verifique se não esqueceu nada. Uma boa idéia, é fazer uma lista escrita de tudo o que levar para o campo. Assim é fácil verificar estar tudo completo na volta.

A ARTE DE ENROLAR PELERINE

- 1) Coloque a pelerine como indica a figura 1, pelo lado avesso, em um lugar plano.
- 2) Dobre-a ao meio.
- 3 e 4) Dobre o canto da capa como mostram os desenhos.
- 5) Dobre um pouco a extremidade.
- 6) Enrole a capa bem apertada, começando pelo pelo lado da gola.
- 7) Enfie este rôlo no bolso obtido ao dobrar a extremidade, com o movimento 5.
- 8) Você terá um pequeno rôlo muito duro e que não se desmanchará, se estiver bem feito.



Saiba Usar o Canivete, a Machadinha e o Facão

O Canivete — Há vários tipos de canivete, o mais usado pelas bandeirantes é o de várias lâminas: a) uma lâmina larga e forte para partir gravetos; b) uma chave de parafusos e um abridor de garrafas; c) um furador que serve para fazer buracos em couro, para ajudar a desfazer nós, podendo também ser usado como verruma; d) um abridor de latas.

Como abrir e fechar o canivete — Segure o canivete com as duas mãos, a unha do polegar direito na ranhura da lâmina. Abra a lâmina segurando com as duas mãos, até que esteja inteiramente aberta. Para entregar o canivete aberto, a pessoa que entrega deve fazê-lo de maneira que quem recebe segure o cabo. Assim quem entrega pode controlar o fio da lâmina.

Conservação do canivete — Azeitá-lo por meio de uma gota de azeite de máquina nas molas, abrindo e fechando várias vezes a lâmina. Limpar a lâmina com uma gota de azeite e um pedaço de papel ou pano.

Evitar deixar o canivete no chão. Não enterrar sua lâmina na terra. Não usar a lâmina amolada do canivete para cavar a terra.

Amolar o canivete — Um canivete cego é tão inútil como uma canoa sem remos ou uma máquina de retratos sem filme. A grande maioria dos talhos é feita por canivetes cegos, pois é preciso fazer muita força para que cortem algo. Coloque a pedra numa superfície nivelada, molhe-a com um pouco de água. Coloque a lâmina na pedra, levante um pouco a extremidade cega, mantendo o fio na pedra. Passe o fio na pedra, numa só direção. Vire a lâmina e repita do outro lado. Para terminar amole na sola do seu sapato.

Use o canivete bandeirantemente

Corte sempre em direção contrária a seu corpo. Conserve todos os dedos no cabo do canivete. Não use o canivete como martelo.

Conserve-o longe do fogo pois esse danifica o aço. Conserve a lâmina sempre limpa. Antes de cortar alimentos limpe-a bem ou escale-a. Nunca use a lâmina como chave de parafuso. Nunca corra com o canivete aberto. Não deixe o canivete abandonado no chão, muito menos aberto.

Ao dar a outrem faça-o de maneira correta e tradicional, ofereça o cabo.

Aprenda a amolar o canivete para tê-lo «Sempre Parata».

O facão — tenha com ele os mesmos cuidados que com o canivete usando-o com os mesmas precauções e mantendo-o afiado e dentro da capa de couro.

A machadinha

O tipo usado deve ser o de cabo curto, pois é mais transportável e suficiente para trabalhos de acampamento.

A machadinha deve ser guardada no estojo, preferivelmente de couro.

Quando se carrega a machadinha sem capa, levá-la com o fio para baixo. Quando não estiver em uso pode-se cravá-la em tronco seco, nunca em tronco vivo ou no chão. A machadinha deve estar bem presa ao cabo para evitar acidentes. Deve estar bem afiada.

Como segurar a machadinha — Segurar com firmeza o cabo pela extremidade, o polegar sobre os outros dedos. Os golpes devem ser firmes e espaçados. São mais eficientes que golpezinhos apressados e fracos.

Para amolar deve-se usar a lima e a pedra. Coloque a lâmina sobre um bloco de madeira e passe a lima numa só direção. Passe depois a lâmina na pedra para polir.

LAMPEÕES E LANTERNAS

Antes do acampamento, limpar bem os lampeões lanternas e colocar as mechas. Acondicioná-los com cuidado, pois são bastante frágeis e podem se quebrar na viagem. Devem ser transportados sem o querosene. No acampamento, limpá-los diariamente, renovando o pavio e o querosene a fim de que a luz dure o tempo necessário. Ao pôr-do-sol são distribuídos os lampeões às patrulhas e colocados nos seguintes lugares : fossa, cozinha, copa e no local das refeições. Antes de dormir a patrulha da arrumação retira e apaga os lampeões, pois pode vir um pé de vento e derrubá-los, quebrando-os e derramando o querosene. Em cada barraca deve haver uma lanterna em local determinado, que todas saibam achar no escuro. Ao lado uma caixa de fósforos. Ela será usada para ir à fossa de noite ou em qualquer caso em que a menina tenha de deixar a barraca. Antes do acampamento verificar se a pilha está carregada e a lâmpada funcionando bem. Quando fora de uso, depois do acampamento, retirar a pilha e guardá-la em separado para que não enferruje a lanterna em caso de vazamento.



JOGOS PARA TREM

Para o fichário da escriba

Avaliação do tempo : — Todos os jogadores permanecem tranquilos, em silêncio ou não, segundo a convenção. Determina-se um tempo qualquer, um minuto ou dez segundos. A chefe dá um sinal. Quando os jogadores supõem que o tempo determinado está esgotado, levantam a mão. A chefe verifica com o relógio qual a bandeirante que mais se aproxima da verdade.

Pequenas palavras em uma grande : — Escolher uma palavra grande, como por exemplo *aventura*. Cada jogador, munido de lápis e papel, se esforça para encontrar o maior número possível de palavras feitas com letras contidas nesta palavra. Cada jogador lê as palavras que conseguiu formar. Vence o jogador que tiver conseguido o maior número de palavras.

Categorias : — Preparar anteriormente uns vinte cartões, trazendo cada um o nome de uma série (ex.: — autor, província, jôgo, etc....) Escolher uma letra do alfabeto. A chefe, tomando o cartão, anuncia a série aí inscrita. O primeiro jogador enuncia a lista das palavras encontradas. Ganha aquele que conseguir achar maior número de nomes.

Bacharelado : — Determinar cinco séries (ex.: — nomes árvores, nomes de personagens históricos, nomes de músicos, etc....). Escolher uma letra do alfabeto. Cada jogador, munido de papel e lápis, procura escrever cinco nomes, começando pela letra escolhida. Todos os jogadores enunciam posteriormente os nomes escritos. Eliminam-se os nomes que se encontram nas listas dos outros jogadores. Aquêlê que, depois desta eliminação, tiver maior número de nomes vence o jôgo.

Um minuto : — Ao parar em uma estação, por exemplo, fazer um minuto de silêncio. Acabado o prazo determinado, os jogadores deverão fazer uma lista dos ruídos ouvidos durante êste tempo. *Viajantes cegos* : — Ao se parar em uma estação, todos os jogadores deverão fechar os olhos. Depois de ter partido o trem, as bandeirantes deverão fazer uma descrição do que se passou durante a parada, a partir dos sons que escutou. Aquela que fizer uma descrição mais aproximada da verdade ganhará o jôgo.

O que mudou? — Fazer as jogadoras fecharem os olhos. A chefe, auxiliada de outra bandeirante, deverá fazer pequenas modificações no ambiente. Ao sinal dado, todas as bandeirantes abrirão os olhos e escreverão em um papel o que foi modificado. Ganha aquela que notar maior número de modificações.

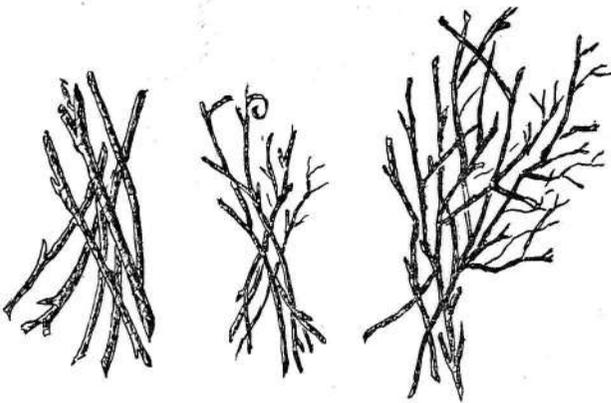


Obedecer é saber servir ao interesse de todos, é submeter, livremente sua pessoa ao bem comum. De sua obediência consciente e voluntária às regras e horários, depende, sem dúvida, o completo êxito do acampamento.

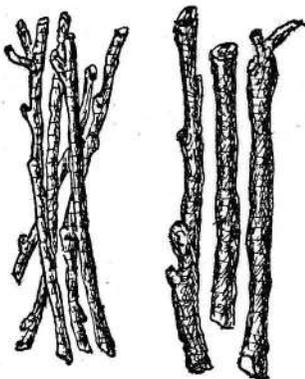
O FOGO

CLASSIFIQUE SUA LENHA

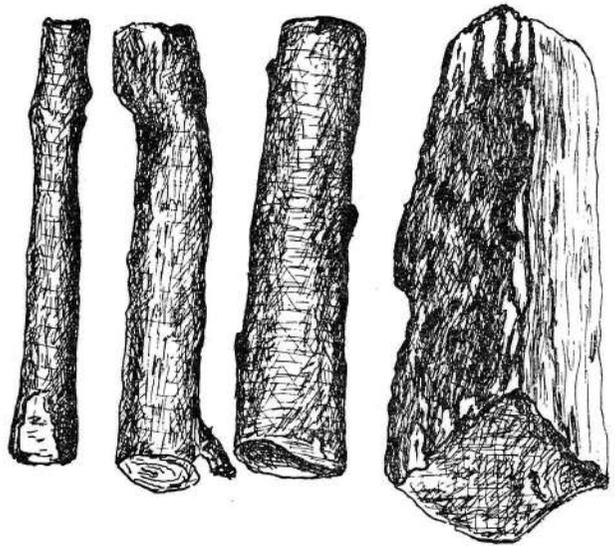
Para acender o fogo: gravetos bem secos e finos, palhas também sequíssimas, folhas secas, bolotas, matos. Se não houver gravetos no local, “descasque” com o facão ou canivete um páu bem seco, como se estivesse apontando um lápis. Obterá assim bons gravetos.



Para fazer o fogo aceso “pegar bem” Páusinhos já mais grossos, mas também bem secos.



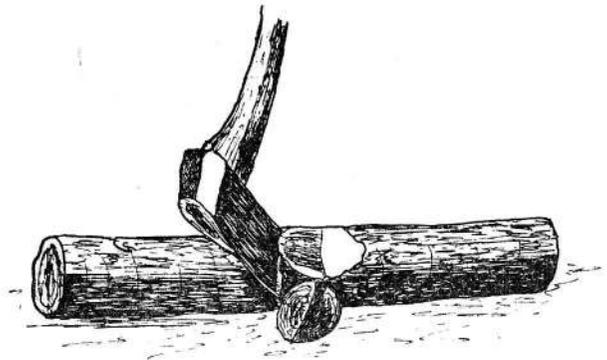
Para alimentar o fogo — Páus de várias grossuras e achas.



Ao apanhar a lenha, prefira os galhos secos das árvores e não do chão. A não ser que o tempo esteja muito seco, a lenha que está no chão não presta. Ao pegar a lenha, cuidado para não prejudicar as árvores, ferindo-as desnecessariamente. Desconfie de galhos que não quebram com um estalinho, mas apenas dobram e de achas que se esfarelam, pois estão cheias de umidade.

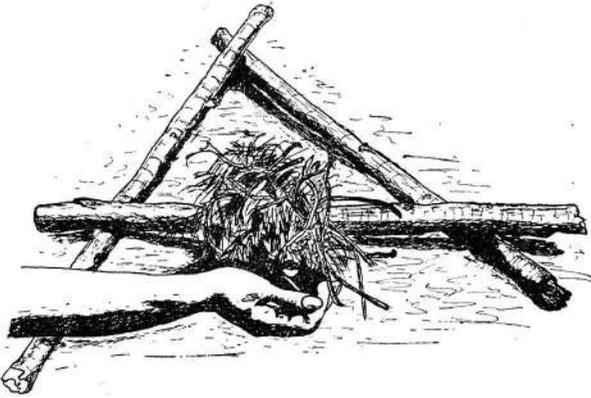
Apanhe três vezes mais lenha do que julga que vai precisar.

Ao rachar a lenha — use o machado como mostra a gravura.



ACENDA O FOGO

Esta é a base para os dois tipos mais comuns de fogo: arrume três páus médios em forma de A. Na barra do A (que fica suspensa do chão) coloque os gravetos bem secos. Acenda pelo lado donde sopra o vento, protegendo com a mão.

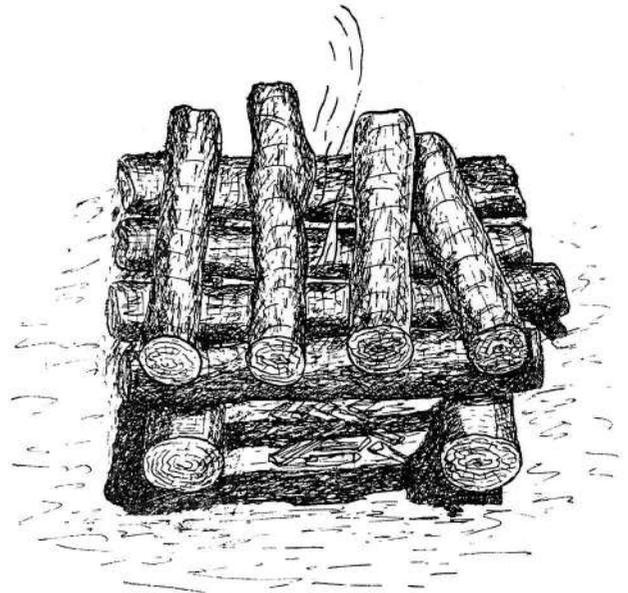


Depois de acesos os gravetos, coloque com cuidado, para não apagar o fogo, alguns pausinhos maiores.

Sobre a base acesa, arme a fogueira assim: (se quiser uma chama rápida e muito quente).



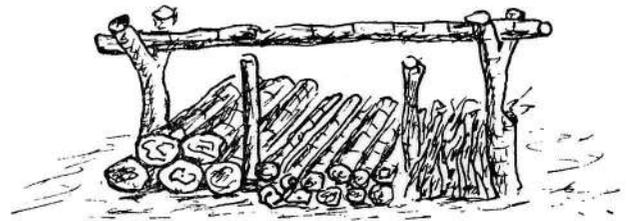
Ou assim: (se quiser um fogo lento que dure muito e faça brasa).



E lembre-se: o fogo precisa de ar. Coloque a lenha deixando intervalos entre os páus. Não desperdice lenha. Não faça um fogo maior do que necessita.

Escolha com bom senso o páu que vai utilizar: pequenos para avivar o fogo, grossos para mantê-los e formar brasas.

É mais fácil cozinhar com brasas do que com um fogaréu de palha, que esquenta muito e apaga logo, depois de ter "cozinhado" a cozinheira, em vez da comida.



— Empilhe a lenha por tamanho, num abrigo como mostra a gravura: chão forrado com alguns páus para isolar a umidade, dois páus para separar os tamanhos. Por sobre a barra coloque uma lona contra a chuva e o sereno. Arme o abrigo perto do local do fogão, mas coloque-o de maneira que o vento não leve fagulhas até êle.

OUTROS TIPOS DE FOGO

Fogo de caçador — Coloque no chão dois toros grossos verdes em V. Arme o fogo entre eles. Numa ponta deixe formar brasas, na mais estreita, faça fogo vivo para frigir. É rápido e prático.

Fogo em trincheira

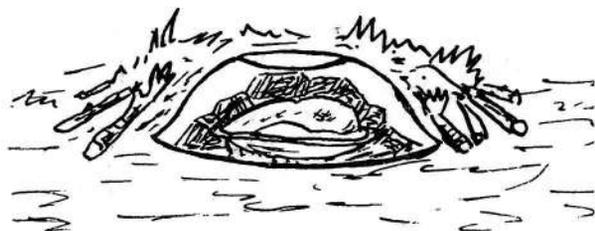
Cave uma vala de 15 centímetros de largura, em declive, tendo 25 centímetros na ponta mais profunda e subindo gradualmente até o nível do chão. Faça o fogo dentro da vala, coloque por cima páus verdes, para servir de grelha. Coloque a lenha pelo lado mais razo. É prático em dias ventosos ou muito quentes.

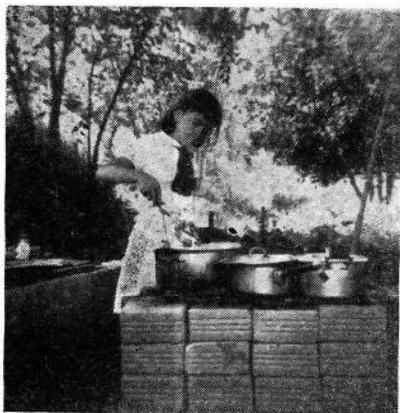
Fogo enterrado — Faça um buraco redondo maior que o caldeirão que vai utilizar. Arme por cima um grande fogo de achas cruzadas e deixe queimar umas duas horas, alimentando-o sempre. No fim dêesse tempo o buraco deve estar cheio de brasas. Retire com uma pá a camada de cima das brasas e coloque a panela bem tapada sôbre as brasas que forram o fundo. Torne a colocar as brasas que retirou de maneira a encher o buraco e cobrir a panela. Coloque por cima uma lona grossa *molhada* e cubra tudo com terra. Vá passear. No fim de quatro horas desenterre a panela e estará pronto seu feijão ou ensopado. Prático quando se quer excursionar, voltando ao acampamento na hora do almoço.

Fôrno

Faça um fogo cruzado e quando tiver formado brasas e o chão estiver bem quente, afaste-as e coloque no ponto mais quente, no chão, a vasilha com o alimento que se vai assar. Por cima emborque uma bacia de metal (não esmaltada). Empilhe as brasas à volta da bacia e vá colocando mais lenha. Não coloque fogo por cima. Dê 30 minutos para cada quilo de carne. Depois de 15 minutos pode levantar cuidadosamente, com um páu, a bacia, para observar o assado.

PROTEJA AS MATAS — Nunca deixe um fogo queimando sozinho sem vigilância, a não ser o enterrado. Quando não precisar mais do fogo, apague-o bem, jogue terra por cima, ou água. Certifique-se de que está realmente apagado e que não ficaram brasas por baixo das cinzas.





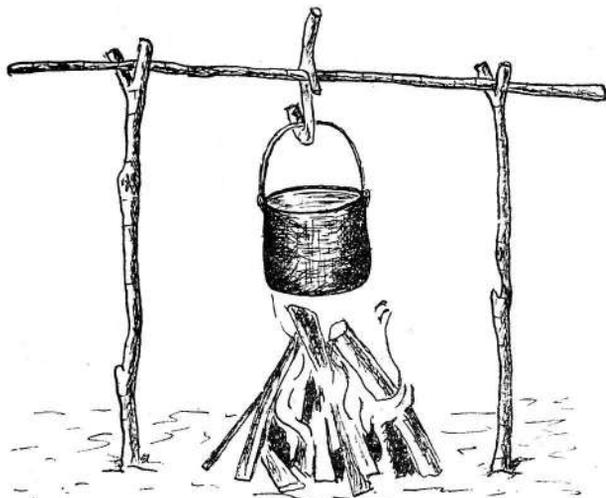
FAÇA O FOGÃO

Se o acampamento vai durar dias, vale a pena fazer um bom fogão, onde acender o fogo como foi explicado.

Faça uma base alta e arme o fogo sôbre ela. A base pode ser de pedras, tijolos, madeira recoberta de barro ou qualquer outro material que exista no local e que sua iniciativa bandeirante saberá aproveitar.

Ao construir a parte de cima do fogão, que irá servir de suporte para a grelha ou para as panelas, deixe dois lados abertos para a tiragem do ar. Se as refeições que vai preparar forem ligeiras, arme o fogo mesmo no chão. Capine um espaço razoável para impedir que o fogo se propague pelo mato. Coloque dos lados tijolos ou pedras para servir de suporte para as panelas. Pode fazer por cima uma grelha de páus verdes. Se a panela fôr ficar mais de duas horas no fogo, os páus queimariam. Portanto pode utilizar uma grelha de ferro, pequena, fácil de transportar, ou uma fôlha de zinco.

Ou então faça essa armação. Mas cuidado para que fique tudo bem sólido ou adeus almoço.



A Saude no Acampamento

Os atestados exigidos para uma bandeirante acampar, não sendo apenas uma formalidade, mas medidas de segurança e proteção para a própria menina, devem corresponder fielmente à realidade.

A chefe deve estudá-los com cuidado, tendo em vista o esforço que vai exigir das bandeirantes, o clima para onde vão e a duração do acampamento.

Ao escolher o local a chefe certificou-se de que há socorro médico perto. Não deixar de pedir êsse socorro em caso de ferimento maior. É indispensável nesses casos, consultar o médico sôbre a necessidade do soro anti-tetânico.

É sempre melhor entretanto prevenir do que remediar. Observar as seguintes precauções no acampamento :

1) certificar-se de que as bandeirantes sabem utilizar-se do facão, canivete e machadinha, observando as devidas precauções, a fim de não se ferirem.

2) se houver frutas no local, chamar atenção para que não se abuse delas comendo-as verdes, ou passadas ou em quantidades exageradas.

3) cuidados com a água. Não permitir que as bandeirantes bebam qualquer água, sem conhecer-lhes a proveniência. Não permitir banho de rio ou lagoa sem se certificar de que não estão contaminados.

4) cuidado com as queimaduras de sol que podem prejudicar sèriamente a bandeirante. Providenciar óleo contra queimaduras para as que tiverem pele sensível ou não estiverem habituadas ao sol. Não programar os banhos a hora que o sol estiver a pino. O sol de manhã é muito mais saudável, pois contém raios ultra-violeta. Depois das 11 horas predominam os raios infra-vermelhos que queimam sem beneficiar.

5) durante o banho, se a chefe notar que alguma bandeirante está tremendo de frio, mandar que saia imediatamente d'água.

6) deve sempre ficar à margem, *sem se banhar*, a pessoa encarregada do salvamento. Ela deve realmente observar as bandeirantes, chamando a atenção das que se afastarem além dos limites previstos e socorrendo a tempo as que estiverem em dificuldades.

7) não permitir que as bandeirantes mergulhem sem conhecer o fundo e os acidentes submersos das margens. Delimitar a zona onde é permitido se banhar, não tolerando reconhecimentos além dessa zona. Frases como: "Vamos até aquela pedra" ou "Vamos até a cachoeira" podem encerrar um perigo sério.

8) levar uma caixa de primeiros socorros bem pensada, mas que não seja grande demais. Lembrar-se que a sua finalidade é realmente o socorro de emergência, não tratamentos prolongados.

Não esquecer a pinça, a tesoura, a seringa de injeções. Incluir o soro anti-oftídico (há um soro de vários venenos misturados que serve para qualquer mordedura). Levar remédios especiais, por motivo de alergia, devem levá-los consigo, não esperando encontrá-los na farmácia de campo.

9) é importante o funcionamento diário dos intestinos. A chefe deve certificar-se de que tôdas estejam seguindo êsse preceito.

Fogo de Conselho



O objetivo de um fogo de conselho é :

- 1) comunicar a alegria da vida bandeirante.
- 2) provar competência no domínio da expressão (ou desenvolver).
- 3) dar consciência da beleza e por ela alcançar Deus.

A função do fogo é iluminar, aquecer e purificar. É um símbolo da vida cristã.

No Antigo Testamento Deus manifestou-se pelo fogo em diversas ocasiões : a sarça ardente, a coluna de fogo que guiava os hebreus, o carro de fogo que arrebatou Elias aos céus.

A força educativa de um fogo de conselho provém desse sentido que se deve dar à cerimônia.

Na nova liturgia da Igreja, a grande vigília é a noite do Sábado Santo. A noite de Páscoa, noite que lava todos os pecados, que purifica o mundo. A primeira cerimônia litúrgica dessa noite é, precisamente, a benção do fogo. E os albores da Páscoa são cantados no "Exultet" cuja luz é representada pelo círio iluminado pelo fogo bento.

Para uma boa realização de um fogo de conselho é necessário :

- 1) escolher um lugar que tenha beleza,
- 2) escolher os números a representar,
- 3) projetar um desenvolvimento da cerimônia que seja alegre mas que conduza a calma.

Local : além da beleza, deve-se também planejar o ambiente em que se desenrolará a cena. É sempre preferível acender 2 fogos de modo a iluminar melhor a cena.

Fogo : a chefe deve preparar com as monitoras a chegada do fogo. Seria interessante fazer uma tradição da chegada do grupo ao local. Prever a alimentação do fogo por um grupo especialmente designado para esse fim e, se possível, que as guardas do fogo tenham uma vestimenta especial, algo que as distinga do grupo. A maneira de alimentar o fogo deve ser também prevista, para que não seja deslegrado. É bom manter uma atitude digna no gesto de colocar a lenha na fogueira. Evitar posições feias, como por exemplo, a bandeirante ficar de quatro no chão, o que tornaria ridícula a cena. Para acender o fogo de preferência deve-se usar uma tocha, pois isso dá um caráter mais nobre ao gesto. As guardas do fogo devem saber bem como se desenrolará o programa para poderem atizar o fogo nas ocasiões em que for necessário mais luz, e diminuí-lo quando houver cantos ou cenas que peçam, a penumbra. A medida que o programa se apresenta, as guardas devem diminuir a alimentação do fogo para que ao fim restem apenas brasas. É preciso ter sempre à mão os meios de apagar o fogo, caso ele se propague excessivamente e haja perigo de incêndio. Terminado o fogo de

conselho ficarão apenas as brasas, e, enquanto os convidados e as próprias bandeirantes não se retirarem, as guardas não devem apagar as brasas. Se assim o fizessem seria como apagar as luzes da casa antes que as visitas se retirassem. As brasas devem ser completamente extintas, para evitar que o vento reavive o fogo.

Programa : Convém que a chefe escolha um tema central para o fogo de conselho. Deve haver uma seqüência encadeada que leve até o objetivo final. Dentro dêsse tema as patrulhas preparam os números. A chefe deve verificar com antecedência o que vai ser feito pelas patrulhas, para evitar desvios do tema e orientar a representação sempre no sentido educativo. Isso não quer dizer que os números sejam todos sérios, não; podem e devem, mesmo, ser alegres. Mas o fim do fogo de conselho se encaminhará sempre para um ambiente de calma e de paz. Isso se conseguirá através de cânticos mais elevados, e de representações que caracterizam aspectos espirituais. Com o tema central não é difícil realizar um programa que alcance êsse objetivo. Como ilustração podemos citar um fogo de conselho realizado dentro de um tema central e onde se encontram números os mais variados como cantos, folclore, sketches, etc., etc.

Tema : A união bandeirante na Associação Mundial :

Chegada : dos quatro lados do local :

Programa : a chefe chama, com um grito característico, dois países membros da Associação Mundial. "Olá Brasil — Olá França!" De cada lado surgem correndo as representantes dos dois países que se juntam à chefe. Juntas chamam as três: "Olá Argentina!" Do lado oposto vem correndo a Argentina que se coloca na ponta da ferradura, formada por todo o grupo, à medida que fôr chamado. A representante da Argentina chama outro país, as duas juntas um terceiro, as três um quarto, etc. E assim

vão chegando ao local tôdas as componentes do grupo, representando seus países (ou um país). A partir dêsse momento uma das bandeirantes (ou duas) vai contando a história que faz a união do tema. E uma a uma, cada representante do país é chamada a fazer alguma coisa tipicamente de sua terra com o grupo. No caso (que foi uma Tarde Internacional realizada durante a Conferência Interamericana de Bandeirantes-Chefes — Lima, agosto 1956) a França promoveu uma dança em que diversas bandeirantes presentes tomaram parte; o Brasil ensinou um canto: Viva o sol, também aprendido por tôdas; uma patrulha fêz um sketch sobre acampamento: Perú apresentou uma dança; a Guatemala, idem. Assim todos os países fizeram qualquer coisa simbolizando a sua terra. A história, a essa altura, dizia que tôdas aquelas moças estavam vivendo em seus países mas sem nada que as unisse. Simultaneamente todos os grupos cantam, dançam, falam, ao mesmo tempo. Confusão geral, é claro. Entra então uma bandeirante com uma chama (tocha) na mão simbolizando o ideal bandeirante. Olha assombrada para aquele pandemonio. Com a tocha procura, uma a uma, tôdas as representantes dos países e acende a chama bandeirante. Logo que a chama é acesa naquele país, a representante volta à ferradura e fica em silêncio. Antes, porém, acende no país vizinho (da ferradura) a tocha. Assim o fogo vai se transmitindo e ao mesmo tempo reina a ordem no grupo. Quando tôdas voltam à formatura, canta-se a canção mundial.

Nesse programa pode-se notar a idéia central, o desenvolvimento do tema de forma variada, a progressão para o ideal a focalizar, a alegria reinante, a seriedade do assunto dentro de um programa perfeitamente simples.

Não decalquem êsse fogo de conselho, é apenas um exemplo de realização dentro das idéias expostas no artigo.



Em ser leal e sincera se baseia tôda a ação no acampamento. Responda sempre francamente, observe as regras dos jogos, paute, enfim, a sua conduta pelo padrão da verdade.

A Alimentação no Acampamento

O café da manhã deve ser bem "reforçado", pois vai haver grande espaço até o almoço e as bandeirantes trabalham muito pela manhã, necessitando pois de alimento.

Por isso recomenda-se bebidas maltadas com leite; ou mingá de aveia com leite, fruta, pão com manteiga, um ovo quente, queijo, mel de abelhas ou geléia.

Talvez no princípio as bandeirantes estranhem, pois infelizmente muitas delas têm o hábito prejudicial de pouco comer pela manhã. Mas insista que isso lhes dará melhor disposição e energia para o trabalho, beneficiando sua saúde.

No *almôço*, um prato de carne, legumes, macarrão e um doce.

No *jantar*, sopa e mais um prato leve de carne ou massa. Um legume e doce.

A *merenda* entre o almoço e jantar deve ser leve. Refresco com biscoito, por exemplo.

Procure sempre variar os menus; com um pouco de esperteza pode-se fazer sobre a mesma base grande variação de pratos.

Não abuse de alimentos enlatados, que devem servir mais para atender a uma emergência do que de base para alimentação.



Garrafa presa à árvore.

CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS

Todos os alimentos devem ficar guardados em lugar alto, inacessível aos animais. Construir prateleiras e guarda-comidas. Esses últimos podem ser protegidos por filô grosso, que é barato e fácil de carregar. Nêles devem ficar os doces, queijo, etc. Os guarda-comidas içados em galhos de árvore são práticos.

É fácil também construir uma geladeira do seguinte modo: cavar um buraco de 60 a 80 centímetros de profundidade, em lugar fresco e sombrio. Forrar com uma tábua ou lona grossa. Colocar dentro os alimentos (manteiga, leite, etc.). Cobrir com um trançado de madeira e sobre êle colocar bem molhada uma lona grossa ou saco, tornando a umidecê-lo, duas ou três vêzes por dia. Para que os animais não descubram a geladeira, roubando a comida, colocar nos cantos 4 espeques. Prender cabos nos cantos da lona e amarrá-los aos espeques.

Se houver água corrente, colocar pedras desviando a água de um pequeno espaço. Cavar um pouco o nesse local fresco assim obtido, guardar os tomates, alfaces, manteiga. Cobrir de folhagens.

As sobras não devem ficar guardadas dentro de latas, uma vez abertas, pois o alimento se estragaria, produzindo envenenamento. Se o conteúdo da lata não foi todo comido guardar as sobras em tigelas ou alguidar.

Os cereais devem ficar em sacos grossos ou latas grandes, tampadas, se houver. O açúcar também em sacos, nunca no envólucro de papel.

Os legumes em alguidar de barro, ao ar livre. A banha em lata tampada, longe do calor do fogo.

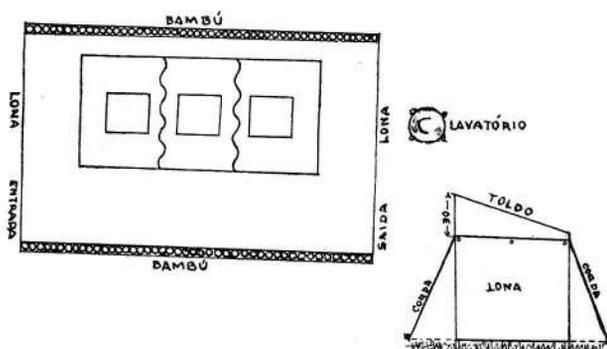


Guarda-comida.

HIGIENE PESSOAL

FOSSA

Deve ser localizada nas proximidades das barracas, porém não perto de mais. Se houver nascente de água ou poço, protegê-la contra a contaminação, localizando a fossa nunca a menos de 15 metros de distância, abaixo de qualquer água corrente ou do poço.



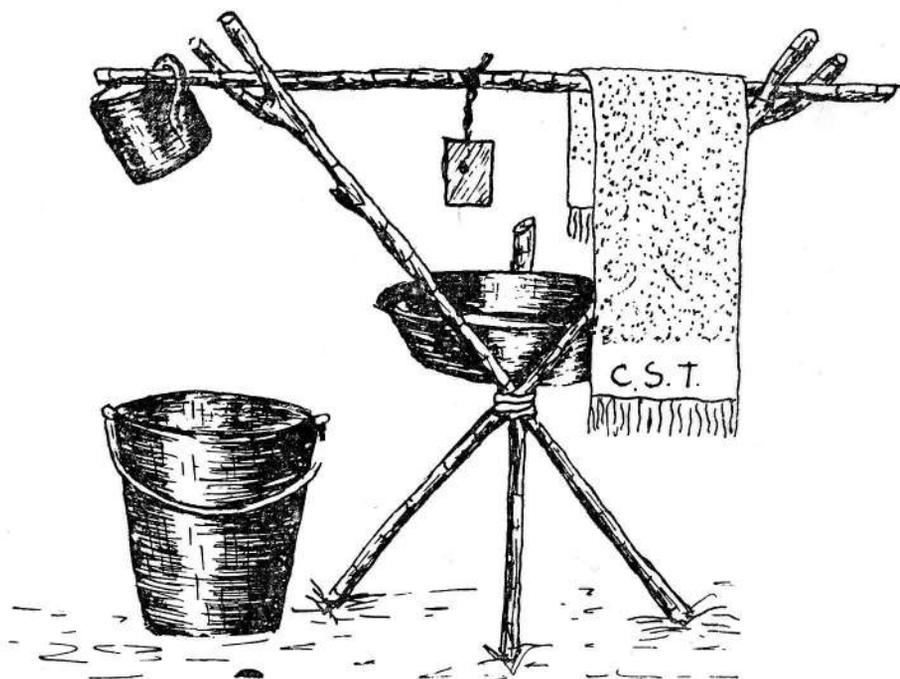
Cavar a fossa no local escolhido. Ela deve ter 1 metro de profundidade pelo menos; se o número de acampadas for de mais de 20 e a duração do acampamento de mais de 6 dias, deve-se cavar uma fossa mais profunda e maior, com capacidade para dois caixotes. Também pode ser fechada a primeira fossa, quando a sua capacidade estiver esgotada, e aberta uma nova.

O caixote serve para formar o assento. Colocá-lo emborcado sobre a fossa. O caixote deve ser maior que a boca da fossa, de maneira que essa fique inteiramente coberta por êle. Abre-se um buraco no fundo do caixote, que fica para cima, formando-se o assento. Pode-se dar ao assento a forma arredondada ou quadrada. Deve-se providenciar uma tampa, de galhos trançados ou de madeira, para quando a fossa não estiver em uso. Deve haver ainda um caixote com cal virgem e uma pãzinha ou tampa de lata que sirva para apanhar a cal sem tocá-la e jogá-la dentro da fossa. Basta cobrir ligeiramente as fezes não sendo necessário encher demasiado a fossa com a cal. O papel deve ser jogado dentro da fossa. As toalhas higiênicas são colocadas em sacos de papel e depositadas num caixote especial para serem queimadas diariamente. Instalar ainda um suporte para o papel higiênico, que deve ser protegido contra a chuva e o orvalho.

A porta da fossa, do lado de fora deve-se instalar um tripé, com uma bacia, sabão e um balde de água, a fim de que as bandeirantes lavem sempre as mãos ao deixar a fossa.

Deve-se providenciar um cartão tendo de um lado a palavra *livre* e do outro *ocupada*. Esse aviso ficará à porta da fossa, as bandeirantes ao sair e entrar devem colocá-lo na posição adequada.

A fossa deve ser instalada procurando-se aproveitar qualquer abrigo natural que o local ofereça. (Arbustos, mata, barranco).



Pode-se fazer anteparos de bambú, enterados bem junto um do outro, na frente e atrás da fossa. Dos lados coloque lona, numa das pontas, para formar a porta. Ou rodeie tôda a fossa com lona, amarrando-a à estacas,

Por cima de tudo coloque um tóldo de lona, mas tenha cuidado para que fique um espaço de uns 30 centímetros entre as paredes e o tóldo para permitir a ventilação.

Si a fossa fôr para dois ou três caixotes, separá-los com pequenas cortinas de algodãozinho ou saco, para maior confôrto das ocupantes

CHUVEIROS

Localizá-los num terreno que seja bastante absorvente para impedir que se forme muita lama. Devem se armadas junto a uma árvore que tenha um galho da dimensão e altura convenientes para prender o regador cheio d'água. O local não deve ser úmido para que o chuveiro seque rapidamente; e o mais perto possível da fonte de água.

Começar fazendo um tapêto trançado de madeira ou bambú (80 x 40 cm.). Prender a cortina de lona em volta da árvore, não havendo necessidade de tóldo. Atenção: usar cabos para prender a lona, *nunca pregar pregos em árvores*. Deixar um pedaço solto para servir de porta. No galho da árvore passar uma corda bastante forte para sustentar o regador cheio d'água e imaginar um dispositivo para prender a corda uma vez içado o regador mantendo-o no alto. No cano do regador amarrar uma corda que servirá para incliná-lo ao puxá-la. Pode-se também amarrar a corda na *alça lateral* do regador, passá-la por sobre um galho mais alto e deixá-la solta ao alcance da mão para prestar o mesmo serviço.

Instale cabides para a roupa e para a toalha e suporte para o sabão, tudo por detrás do cano do regador para que os objetos não fiquem molhados.

Se a terra fôr muito impermeável, cavar uma vala ao redor do chuveiro, de maneira a que leve a água para um local conveniente.

LAVAGEM DE ROUPA

Deve haver no campo um local determinado para servir de lavanderia. É claro que deve ser o mais retirado possível. Ninguém vai localizá-lo a entrada do acampamento.

Tôda a bandeirante deve ter sua bacia individual. É uma exigência que não pode ser dispensada.

Cada qual lava a roupa na sua bacia ou no riacho, se houver.

Deve-se fazer uma vala que leve a água nela despejada para local conveniente. Não é necessário fossa de gordura, pois a água de sabão não atrai moscas. É apenas necessário evitar a lama.

É necessário instalar cordas para secar a roupa, pois essa nunca deve ser posta para secar no chão ou sobre arbustos, em qualquer canto. As peças acabariam se perdendo ou ficando esquecidas quando fôsse necessário recolher a roupa depressa, em caso de chuva. As toalhas especialmente não devem ser colocadas no chão, pois poderiam apanhar ciscos ou terra, prejudiciais se levados aos olhos.

Pendurar, pois, tôda a roupa num só local, escolhido para isso, incluindo os maillots. *Nunca pendurar coisa alguma nos tirantes das barracas.*

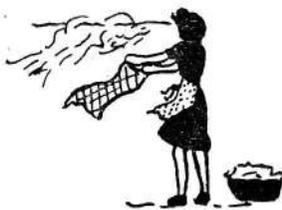
Com um pouco de geito pode-se fabricar pregadores de roupa com 2 pausinhos e um arame, ou cabo.

As meias e as calças devem ser lavadas diariamente. Lavar também aventais, guardanapos, etc., sempre que necessário.

A lavagem deve ser feita pela manhã, a fim de que a tarde possa tôda a roupa ser recolhida bem seca. Não deixar roupa estendida à noite.

Ao sair do campo à passeio, recolher a roupa.

A chefe deve prevêr, no programa, tempo para essas atividades individuais.



Execute, conscienciosamente, o trabalho que lhe foi confiado. Se a mesa cair por causa de um nó imperfeito, se a barraca ficar alagada devido a uma vala mal feita, não será isso faltar à

Levantando o Acampamento

Deve haver um planejamento minucioso na reunião da véspera do dia de levantar o acampamento. Atribuir à cada patrulha, conforme o rodízio de serviço a responsabilidade de desmanchar as diversas instalações.

Conforme a hora da partida planejar o levantar do campo para depois do café ou do almoço. As patrulhas encarregadas do material na vinda, devem ficar encarregadas do mesmo material, na volta. O material para embalagem, caixotes, sacos etc. deve ter sido cuidadosamente guardado. Todo o material deve ser conferido no momento da partida, pois todo êle deve ter sido arrolado antes da ida para o acampamento. Nada deve ficar esquecido.

Na hora da arrumação, cada bandeirante, individualmente, deve também conferir seus objetos de uso pessoal e arrumar a mochila, deixando apenas de fora o uniforme que vai mudar à última hora. Não lavar roupa no dia da partida.

As mochilas ficam em ordem, juntamente com os lagartos enrolados, em local protegido, separados por patrulha.

Cada grupo é encarregado de desarmar a barraca onde dormiu.

A patrulha encarregada de fechar as fossas deve procurar tanto quanto possível apagar qualquer vestígio dessas instalações. Tudo deve ficar limpo e arrumado, como se ninguém por ali tivesse passado.

A patrulha da copa deve preparar uma merenda para a viagem, caso seja mais prolongada ou haja algum atraso.

Se a partida fôr antes do almoço, antes de partir, merendar, pois o trabalho de desarmar o acampamento provoca fome.

Quando tudo estiver dado por pronto e arrumado, a chefe deve fazer uma última inspeção, verificando si alguma coisa ficou esquecida.

Não deixar nada no local a não ser agradecimentos!

RELATÓRIO DO ACAMPAMENTO

Chefe, não deixe de fazer, bem feito, simples e verdadeiro, sem literatice o relatório do acampamento (modelo 98) para o Conselho de Distrito. As informações contidas nêle terão valor para a organização de futuros acampamentos. Não deixe de consultar o arquivo do Distrito ao planejar um novo acampamento. Você encontrará nêle boas informações e sugestões, quanto à programas, locais, etc.



Na vida sadia e alegre do acampamento todos os seus pensamentos e ações devem refletir claridade. Essa claridade é a renúncia a si própria, o dom de si aos outros — É a presença de Deus.

